



VENCEDOR DO PRÊMIO
INTERNACIONAL WATTYS,
NO WATTPAD.

O ACUSADO

SEUS SEGREDOS PODEM MOLDAR O PRESENTE

SÉRIE **LEIS DA ATRAÇÃO**
LIVRO 2



LOLA SALGADO



LOLA SALGADO

O ACUSADO

SÉRIE LEIS DA ATRAÇÃO

livro 2

Copyright © 2016 Lola Salgado.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n° 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa: Camille Etwas

Imagem: © Shutterstock

Diagramação Digital: Camille Etwas

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ÍNDICE

[FELIPE — FANTASMAS](#)

[MADU — CULPA](#)

[FELIPE — BOA LEMBRANÇA](#)

[MADU — LÁGRIMAS](#)

[FELIPE — RECAÍDA](#)

[MADU — O PASSADO](#)

[MADU — HORA DE ACORDAR](#)

[MADU — INCORRIGÍVEL](#)

[MADU — COMPANHIA](#)

[MADU — AZARADA](#)

[MADU — SEXTO SENTIDO](#)

[FELIPE — ESPERANÇA](#)

[FELIPE — SALVAÇÃO](#)

[MADU — RETRATOS](#)

[MADU — FOGO](#)

[MADU — UMA LIGAÇÃO](#)

[MADU — PENNE AO PESTO](#)

[MADU — MENSAGEM](#)

[MADU — JARDIM BOTÂNICO](#)

[MADU — MACCHIATO DE CARAMELO](#)

[MADU — CRUEL](#)

[MADU — JANTAR](#)

[MADU — EMERGÊNCIA](#)

[FELIPE — SAPÉ](#)

[MADU — VULCÃO](#)

[MADU — BIANCA](#)

[MADU — PIQUENIQUE](#)

[MADU — TERRAÇO](#)

[MADU — QUEBRA DE CICLO](#)

[MADU — BRIGADEIRO](#)

[MADU — CHOQUE DE REALIDADE](#)

[MADU — JOGO BAIXO](#)

[MADU — VIAGEM](#)

[MADU — COZINHA](#)

[MADU — UMA VISITA](#)

[MADU — O IMINENTE](#)

[MADU — TERROR](#)

[FELIPE — CÓLERA](#)

[MADU — MODO AUTOMÁTICO](#)

[MADU — PONTO FINAL](#)

[MADU — CEMITÉRIO](#)

[MADU — RECOMEÇO](#)

[FELIPE — DECISÃO](#)

[MADU — ANIVERSÁRIO](#)

[MADU — FELICIDADE](#)

[MADU — PRESENTE](#)

[FELIPE — EPÍLOGO](#)

[NOTAS DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)



FANTASMAS

Tomo dois comprimidos de *Dramin* de uma só vez, com um longo gole de *Whisky*. De olhos fechados, tento acalmar essa confusão de pensamentos. Eu só quero dormir, é a única maneira de esquecer.

Seria melhor para o meu orgulho dizer nunca mais ter voltado ao apartamento da Madu depois daquela noite, sobretudo depois ter dito a ela para não se arrepender de suas escolhas. Seria uma mentira lavada, no entanto. Não consigo mais me ver sem ela.

Mulheres por vezes são difíceis de entender, ainda mais tão novas. Eu sei o quanto ela também está envolvida. Mas isso não a impediu de afirmar sermos diferentes demais e, conseqüentemente, não termos chances de dar certo. Depois de todas as palavras ditas, de todas as vezes que percorri o seu corpo com as minhas mãos ou então vi seu rosto entregue para mim, com os olhos azuis enormes me encarando cheia de expectativa... eu simplesmente não esperava.

Quero dizer, eu tinha os meus motivos para ficar irritado, não? Desde o começo a respeitei, da mesma maneira como gostaria de ser respeitado. Cansei de alertar não ser um homem de

brincadeiras. O amor para mim é uma coisa séria.

Na minha profissão, estou cansado de ver cinismo e jogos de ironia. É preciso pisar em ovos quando se trata de acreditar em palavras jogadas ao ar. Trata-se de um imenso jogo de quem sabe blefar melhor.

Por isso, no que diz respeito à vida pessoal, sempre tento descomplicar tudo. O passado já foi complicado demais, assim como o cotidiano continua sendo. Então por que arrumar mais problemas para uma cabeça já fodida?

Como disse, o amor para mim é uma coisa séria! Eu não o estava procurando, mas, uma vez que o encontrei, por que complicar? Madu apareceu na minha vida quando eu menos imaginava, em uma foto sorridente no currículo para a vaga de assistente pessoal. Apesar de não ter nenhuma qualificação para o cargo, algo no seu jeito espontâneo, alegre e falante me fisgou. Por algum motivo eu a queria por perto, embora pudesse usar a desculpa de ser apenas profissionalmente. E, mesmo tentando me esquivar do interesse aparente dela, não percebi o quanto já tinha me envolvido logo de cara.

Não se pode controlar os sentimentos, disse eu sei muito bem. Seria mais fácil não precisar de três tipos de remédios diferentes, caso contrário fosse. A vida nem sempre é fácil, mas não me queixo. Tenho motivos de sobra para agradecer, apesar de ter muitos para lamentar.

Por isso, depois de nos entregarmos... depois de abrir a merda de nossos corações, qual o propósito de complicar? Eu a amo tanto que dói! Odeio o quanto me sinto vulnerável admitindo isso, mas qual a vantagem em mentir para mim mesmo? Ela era a luz nos meus dias escuros, no entanto se foi, deixando-me quebrado.

Agora, depois de tantos dias refletindo, começo a ver muito mais sentido na versão da história dela. Pelos sete infernos, Renato está sendo processado por assédio, como eu pude dar ouvidos a ele?

Para mim, é difícil confiar nas pessoas, em primeiro lugar. Eu não confio em ninguém. Nem mesmo nela, embora seja doloroso admitir isso. Afinal, é impossível confiar em outrem quando não se confia em si mesmo. Renato pode mesmo tê-la infortunado, realmente faz o estilo dele. Porém, o pensamento insistindo em permanecer na minha mente já turbulenta é: por que ela precisou mentir?

Não sei ao certo quanto tempo faz desde o nosso último encontro. Só consigo me lembrar do quanto estava linda e segura de si mesma com os cabelos novos, parecendo até mesmo anos mais velha. Aparentava estar tão bem... É egoísmo remoer isso, eu sei. Às vezes acho ser melhor deixá-la ir, pelo bem dela. Eu sou um problema. Um problema sem solução. E ela é muito nova para eu estragar a sua vida.

Voltei com as bebidas desde aquela noite. Não sou um alcoólatra, na verdade está bem

longe disso. Mas, quando estou prestes a encher um novo copo com Whisky, lembro-me dos inúmeros psiquiatras com os quais já estive ao longo dos anos. Todos me alertando sobre o quanto a bebida pode piorar o quadro do Transtorno Bipolar. “*Procurar alívio nas drogas faz parte do problema, não da solução*”, eles diriam se me vissem agora. Foda-se! Se eles precisassem lidar com metade do que carrego aqui dentro da cabeça, fariam companhia para mim, tenho certeza.

É mais fácil lidar com as lembranças assim. Não muito responsável de minha parte, e, com certeza, egocêntrico; mas, de toda forma, chega um ponto em que se cansa de tanta merda. Olho ao redor... a vida confortável, os pais amorosos, o sucesso profissional... ironicamente, nada capaz de cobrir esse vazio terrível. Nada capaz de apagar os fantasmas teimando em me perseguir, ou todo o terror de lembranças passadas. Como se eu já não me castigasse o suficiente...

Encaro o celular, passando o polegar sobre o visor. Então me lembro do dia em que Madu me mandou uma mensagem, pouco antes de viajarmos para São Paulo, perguntando se podia levar o biquíni para horas vagas... O pensamento me arranca um sorriso fraco. Sempre tão provocativa, tão cheia de vida!

O problema está no fato de Madu não ser a única a perturbar a minha mente, Deus sabe que não. Nos últimos dias, minha irmã, Amanda, voltou a protagonizar os meus pesadelos, impedindo-me de dormir. Cada maldita vez em que fecho os olhos ela aparece, com as íris azuis elétricas e os cabelos loiros como os meus, e o terror volta a me assombrar. Depois choro por horas a fio, como uma criança assustada, tentando me agarrar a esperança de que algum dia todo esse tormento me abandonará, algum dia conseguirei ser plenamente feliz. Eu já não sei se essa ilusão me convence minimamente.

Respiro fundo, alcançando o décimo comprimido de *Dramin* dessa noite e o jogo garganta adentro com outra longa golada de *Whisky*, constatando já quase não sentir o sabor descer ardendo. Preciso dormir para fugir dos pensamentos traiçoeiros, esse é o meu único desejo. Normalmente, um ou dois comprimidos cuidam do trabalho, mas não hoje. Estou aceso como uma lâmpada fluorescente, os pensamentos a mil. Precisarei carregar esse carma eternamente. Até quando minha cabeça continuará sendo o meu pior inimigo? Estou cansado!

Deixo as unhas rasparem contra a barba por fazer, piscando os olhos lentamente. Olho ao redor e percebo tudo rodando sem parar, enquanto o coração começa a palpitar com uma cadência cada vez mais alarmante. Tem algo errado! O mundo virou um borrão confuso, sinto-me como se estivesse em uma montanha-russa.

O mal estar me pega de surpresa. Tento afrouxar a gravata me sufocando. Minhas mãos começam a suar frio e percebo, atônito, a respiração cada vez mais curta e rápida, como se o oxigênio estivesse escasso dentro deste quarto. Levanto da cama e me arrependo

instantaneamente. Escoro-me nas paredes a fim de segurar a tontura me dominando e luto para chegar até Leonor.

Alcanço o corredor com dificuldade, começando a acreditar ter me metido em uma enrascada. “*Porra, que merda eu fui fazer?*”, penso irritado tão logo o entendimento ganha a minha consciência. Foram muitos remédios, no fim das contas... Já até posso imaginar o olhar triste dos meus pais, de Leonor, ou até mesmo da Madu... São tantas pessoas para decepcionar, eu sou o campeão nisso.

Minhas pernas ficaram pesadas como chumbo, por isso é difícil continuar. Escoro-me na parede deste maldito corredor interminável, odiando o fato do quarto de Leonor estar tão longe. Meu peso está insuportável, eu simplesmente não vou conseguir.

Conformado com o final patético para uma vida igualmente patética, deixo o corpo escorregar até o chão, provocando um baque abafado. A sonolência está me tomando em uma velocidade alarmante, então fecho os olhos. Na escuridão da minha mente, Amanda volta, trazendo a culpa com ela. As lágrimas banham o meu rosto, quando percebo talvez ser melhor simplesmente ceder e acabar com tudo de uma vez. A quem estou enganando? Não desejo essa vida fodida nem para o meu pior inimigo.

Então Bia, com o seu sorriso maravilhoso e a pele negra de tirar o fôlego, aparece por fim, terminando de me arrastar para o fundo do poço. Mal consigo respirar, tamanha é a intensidade com a qual choro. Todas as malditas memórias se entrelaçam, confundindo-me a respeito do que é ou não real.

Tombo no chão, captando o som de passos cheios de urgência vindo em direção a mim, depois de algum tempo. Oscilo entre consciente e inconsciente, tentando, com todas as forças, abrir os olhos.

— Felipe! — ouço um grito, parece ser a voz de Leonor.

Meu corpo é chacoalhado, provocando uma nova onda de náusea. Quero alegar estar tudo bem, dizer não haver motivos para preocupação, porém só consigo murmurar algo ininteligível. Leonor continua a gritar o meu nome, mas sua voz se torna cada vez mais distante, a medida em que a escuridão avança sobre mim, finalmente apagando a dor.



MADU — CULPA

Estou quase cochilando quando o ônibus chega em Curitiba. Passei as últimas oito horas com os olhos bem abertos, sem conseguir acalmar a profusão de pensamentos me bombardeando. A viagem aparentou ter durado, no mínimo, uma semana.

Não me lembro de alguma vez na vida ter me sentido tão angustiada quanto agora. Desde que Vitória me ligou, horas atrás, com a notícia, a minha cabeça parou de processar novas informações. Mamãe precisou encerrar a ligação, enquanto eu corria para arrumar as minhas malas, sem pensar em nada mais além de Felipe e se ele estava bem.

Meus pais pareceram tão aflitos quanto eu quando tentei explicar por cima a situação. Papai se ofereceu para me trazer de carro até Curitiba, mas eu jamais poderia aceitar causar tanto trabalho para ele. Imagine só viajar quinhentos quilômetros para me deixar aqui e depois fazer o caminho de volta... Preciso enfrentar isso sozinha!

Por sorte, conseguimos a passagem neste ônibus onde me encontro agora, apesar dele estar apinhado de pessoas. Combinei com os pais de Felipe o horário previsto para a chegada, depois

de eles insistirem tanto em me buscar na rodoviária. A verdade é que eu estou com medo de encontrá-los porque, dentro de mim, sinto uma culpa enorme por todos os acontecimentos recentes.

Mil perguntas pululam simultaneamente na minha mente. Se eu o tivesse procurado antes, ele teria tentado tirar a própria vida? Não sei se quero descobrir a resposta. Tratando-se dos sentimentos de Felipe, é complicado afirmar alguma coisa com confiança. A minha única certeza é de ele estar sem tomar seus remédios há muito tempo, ou jamais teria tentado algo assim... Santo Deus, só de imaginar o que poderia ter acontecido, as lágrimas voltam a saltar dos meus olhos.

A senhora ao lado deve estar preocupada com a quantidade de choro derramada por mim ao longo da viagem. Mas como posso evitar? A cada segundo imagino Felipe tentando fazer algo contra si mesmo, então uma dor avassaladora me domina. Ao tentar imaginar como seria a vida se o pior tivesse ocorrido, perco uma batida do coração. Droga, como isso foi acontecer?

Pela janela do ônibus, constato termos chegado à rodoviária. Sem me importar com o quanto devo parecer maluca para os demais passageiros, levanto em um pulo e corro pelo corredor. Quero sair daqui o mais rápido possível. Esse ambiente claustrofóbico me lembra, a todo o momento, do quão atadas as minhas mãos se encontram, eu odeio demais não poder fazer nada. Quanto antes chegar até Felipe, melhor. É tudo o que me importa agora. O resto eu penso depois.

Tão logo o veículo estaciona e a porta é aberta, avanço como um raio para fora, desesperada para pegar a minha mala e me encontrar com os pais de Felipe. Enquanto espero o motorista encontrá-la, sinto um toque cuidadoso no ombro direito, quase me provocando um enfarto.

Giro os calcanhares, encontrando Isaque com os olhos inchados e uma expressão cansada tomando as feições. A semelhança entre ele e Felipe é gritante, eles são a cópia exata um do outro. Ele me envolve com os braços, em um abraço cheio de significado. Nem mil palavras diriam tanto. É neste momento que finalmente cai a ficha. Até então, era como se tudo tivesse acontecendo com outra pessoa e eu apenas testemunhasse, sem experimentar as emoções com a intensidade merecida. Céus, Felipe quase morreu!

Aperto Isaque com toda a força permitida pelos meus braços esguios, não me importando com as outras pessoas nos olhando cheias de curiosidade. Minha nossa, esse é, sem dúvidas, o pior dia da minha vida. Eu só espero que Felipe não me odeie a esta altura do campeonato.

— Vai ficar tudo bem, querida — ele sussurra, desvencilhando-se do abraço em seguida.

Isaque passa o braço pelos meus ombros, insistindo em levar a mala para mim no caminho até o estacionamento. É possível ver em seus olhos o quanto se encontra abatido, parece ter perdido o chão, e entendo muito bem.

Alcançamos, então, o seu carro: uma *Range Rover Evoque* marrom, a qual teria me

impressionado em outra ocasião. O Batel não fica longe da rodoviária — além do mais, são cinco da manhã — por isso, cerca de vinte minutos depois, paramos em frente à mansão de Felipe. Suspiro aliviada, agradecendo aos céus por ele já ter recebido alta e estar em casa.

Apesar de a minha vontade ser correr até o quarto dele, acompanho os passos tranquilos de Isaque.

— Ele recebeu alta quando? — pergunto com a voz vacilando.

— Pouco depois de te ligarmos... Mas quase não ficou acordado, desde então. Ainda deve estar dormindo, caso contrário Vitória teria telefonado.

Assinto para ele, incapaz de prolongar as poucas palavras trocadas entre nós desde a rodoviária. Subimos os lances de escada até o terceiro andar, onde fica o quarto de Felipe. Antes de o alcançarmos, Vitória e Leonor saem pela porta, os mesmos olhares cansados e terrivelmente abatidos de Isaque.

Leonor vem até mim primeiro, com o seu jeito protetor de sempre. Os olhos estão apagados, assim como os de Vitória, afinal, ela é como uma segunda mãe para Felipe, ele mesmo me disse isso. Eu a abraço um pouco em choque, novamente anestesiada. Embora tenha tentado me preparar para esse momento ao longo da viagem, percebo não poder me encontrar mais longe disso.

Porém, é ao abraçar Vitória que toda a culpa reprimida me alcança, como a onda de um tsunami. Meu Deus, vou desabar aqui mesmo! Com a cabeça rodando, aumento a força do abraço como se dependesse disso para viver, permitindo-me chorar como uma criancinha. De repente, não me parece claro o motivo para ter me afastado de Felipe. Droga, por que precisei ser tão cabeça dura?

— Já está tudo bem! — ela profere carinhosamente.

— Não está, não! — murmuro, em meio a soluços intermináveis. — É tudo culpa minha! — as palavras são jorradas, externando aquilo que venho tentando negar desde quando a notícia penetrara os meus tímpanos.

Os braços de Vitória me apertam com força e sou embalada em seu perfume intensamente doce.

— Não é culpa sua, querida!

— Nós brigamos por um motivo idiota... Ele estava sem os remédios e eu sabia disso, mas fiquei tão confusa! Eu sinto muito!

— Não é culpa sua, Madu! — ela repete, com a voz falhando no final da frase.

Como não tenho reação alguma, Vitória se afasta ligeiramente de mim, segurando o meu queixo com a mão e me forçando a encará-la nos olhos.

— Não é a primeira vez a acontecer.

Talvez o choque no meu rosto seja visível, tendo em vista o fato de ela continuar:

— Você não sabe?

— O quê?

Olho para os lados, buscando Isaque ou Leonor, no entanto percebo atônita não estarem mais ali. Somos só nós duas. Tão logo volto a encará-la, ela sorri tristemente, balançando a cabeça em negativa.

— O Felipe carrega traumas profundos.

— O que aconteceu? — indago em um sussurro, inconformada por estar completamente alheia a situação.

O silêncio perdura por alguns minutos, antes dela responder com uma expressão vazia.

— Sinto muito você não saber sobre nada disso ainda... — Vitória suspira, secando as lágrimas com as costas das mãos. — Logo ele estará melhor e vocês poderão conversar. São assuntos que mechem muito com ele, querida, eu jamais seria capaz de contar em seu lugar. — Ela olha em direção ao quarto e aperta o meu ombro esquerdo com suavidade. — Vou descer para tomar uma água...

— Calma! Como... como ele tentou...?

— Tomou uma cartela inteira de *Dramin*... — Sorri com amargura, uma nova lágrima escorre pela bochecha, formando um rastro brilhante. — Precisou fazer uma lavagem gástrica de urgência. O médico disse que mais um pouco e não teria aguentado... Temos sorte por Leonor tê-lo encontrado a tempo.

Suas palavras permanecem no ar enquanto a observo se afastar, deixando-me sozinha. Em passos lentos, caminho até o quarto onde passei tantas noites emaranhada nos braços fortes de Felipe. Então, prendendo a respiração, empurro a porta, com um misto de sensações à flor da pele.



FELIPE — BOA LEMBRANÇA

Não me lembro de muitas coisas após ter perdido a consciência no chão de casa. As memórias vêm em flashes confusos e imagens parecendo extraídas de um sonho do qual já me fugiram alguns detalhes.

Recordo da sirene da ambulância e do som de choro — com certeza tinha um constante choro histérico — e não preciso pensar muito para deduzir ser a minha mãe. Depois existem alguns borrões sobre os médicos tentando descobrir o que eu havia ingerido. Não sei dizer qual foi a minha resposta, mas, dado o fato de continuar vivo, imagino ter conseguido falar alguma coisa relevante, apesar de ainda não ter decidido se estou feliz ou não com isso.

Então os lapsos vão se tornando cada vez mais escassos... um cano entrando desconfortavelmente pelo nariz, eu vomitando as minhas tripas por horas a fio, conversas aos sussurros sobre o estado crítico alcançado por mim. Se existia um jeito de piorar toda a merda da minha vida, executei com maestria!

Depois disso, lembro-me somente do percurso silencioso até o meu lar. Eu sentado no banco

traseiro como um maldito adolescente, tentando parecer arrependido por ter perdido o controle. É tão nostálgico... sinto vontade de rir dessa grande piada de mau gosto. Como pode ser tão burro?

Não troco palavra alguma com o meu pai, com a minha mãe, ou até mesmo Leonor. Em parte porque não tenho como explicar os acontecimentos recentes, mas, principalmente, por imaginar a conclusão de todos. Tudo bem, as evidências estão contra mim e o passado também. Pareço com a merda de um suicida e prevejo a dor de cabeça interminável que essa fatídica noite me trará.

Sentindo-me exausto, mergulho em um sono profundo e inquieto. Acordo eventualmente, encontrando sempre pares de olhos diferentes me acompanhando. Minha mãe é quem permanece mais tempo. Mal posso exprimir o quanto lamento por isso.

Eu devo uma justificativa para os meus pais, em primeiro lugar. Eles merecem um motivo. O meu medo é precisar encarar as pessoas que mais me amam no mundo e explicar porque fodi com tudo mais uma vez. No fim das contas, é isso que eu faço de melhor: estrago tudo.

No entanto, aproveito enquanto ainda posso adiar este momento, perambulando entre a consciência e a falta dela. Na escuridão da minha mente, encontro as duas pessoas responsáveis por me assombrar todos os dias da minha vida fodida.



Sou desperto com o clique da porta se fechando suavemente, porém permaneço de olhos fechados. A queimação no estômago está pior do que nunca. “Ótimo, consegui foder um pouco mais comigo”, penso amargurado, soltando um longo suspiro.

Perdi a noção do tempo. Pode ter passado horas ou anos, para mim seria exatamente da mesma maneira. Abro os olhos com cautela, tentando descobrir, sem ser notado, quem é a companhia de agora, contudo sou surpreendido ao descobrir estar sozinho. É a primeira vez desde que cheguei aqui.

Uma onda de alívio me invade, como se finalmente pudesse respirar. Ter sempre alguém no quarto é um sinal de amor, muitos diriam. Mas não para mim. Quero dizer, quando se tem uma doença com índice tão alto de suicídios e um histórico como o meu, a permanência constante de alguém em sua companhia soa mais como vigília.

Quero aproveitar essa sutil liberdade, mesmo por segundos, porém ainda possuo *Dramin* correndo pelas veias. O sono é implacável. Muito embora a lavagem gástrica tenha impedido o pior, passei um tempo considerável absorvendo os dez comprimidos do remédio. O suficiente para derrubar um urso, imagine então eu.

Por isso, mesmo a contragosto, vou, aos poucos, apagando novamente, zozado, enjoado e

deprimido. Desta vez, porém, vez não é Amanda nem Bianca quem encontro nos meus sonhos, mas sim Madu. Depois de semanas de pesadelos intermináveis, uma trégua parece quase com o paraíso.

Nele, ela tem os cabelos loiros presos em um coque no alto da cabeça e veste uma das minhas camisetas, a qual, ocasionalmente, sobe, revelando a calcinha rendada branca que adoro vê-la usando.

Aproximo-me dela, sem saber ser um sonho, sem saber que não a tenho mais, sem saber da merda que se tornou a minha vida desde que Madu parou de fazer parte dela.

Ela se encontra apoiada contra a ilha central da cozinha, comendo distraidamente uma goiaba. De onde estou, tenho uma visão privilegiada de suas curvas, ou da forma como está empinando a bunda neste momento, mesmo sem a intenção. Ela não me vê — e isso torna tudo ainda mais interessante.

Uma rajada de vento entra pelas janelas amplas, trazendo o perfume doce dela até as minhas narinas. “*Esse cheiro...*”, penso, inspirando profundamente para tentar memorizá-lo. Parecia esquecido em alguma parte do cérebro, mas agora se faz intenso a ponto de me deixar desorientado.

Percorro a distância entre nós, envolvendo-a em um abraço por trás. Madu dá uma risada gostosa ao perceber que estou duro, soltando o restante da fruta sobre a superfície da bancada e girando o corpo para ficar de frente para mim.

— Já acordou animado? — pergunta, com o sorriso de menina travessa responsável por ter me deixado louco por ela.

— Você está muito cheirosa! — murmuro, enterrando o rosto no pescoço dela e trazendo-a para mais perto de mim. — Não tenho culpa, você faz isso comigo.

— Isso o quê?

— Me deixa louco!

— Hum... — com um impulso, ela se senta sobre a bancada. O olhar provocativo é impagável. — E se eu fizer isso? — diz, abrindo as pernas. — O que acontece?

A gargalhada escapa dos meus lábios antes que eu possa fazer algo a respeito.

— Não vou me responsabilizar por perder o controle... — respondo, segurando o seu rosto entre as mãos, pronto para provar o seu sabor.

Então o clique da porta me busca deste momento delicioso, trazendo a realidade que não quero encarar. Aos poucos, retomo a consciência, sem nunca deleitar o que estava por vir no sonho.

Ouçõ passos se aproximando da cama e, por isso, permaneço de olhos fechados. Ocasionalmente precisarei encarar a realidade, eu sei, no entanto este ainda não é o momento

adequado. Mereço mais algumas horas de calma antes de outra tempestade.

O sonho foi demasiadamente real. É possível até mesmo sentir o perfume da Madu no ar — ou isso ou talvez esteja mesmo enlouquecendo, com certeza existe a possibilidade. Eu só queria voltar para lá, se aquele é o único lugar onde ainda a tenho para mim.

Madu pode ser teimosa de uma maneira irritante, ou até mesmo mimada em alguns momentos, talvez um pouco imprevisível e absolutamente esfomeada, também. Contudo, foram exatamente detalhes assim a me deixarem louco por ela. Ela é autêntica. É possível ver exatamente como está se sentindo ao fitar os seus olhos translúcidos, e isso é o que mais gosto em Madu. *“Então por que foi tão difícil acreditar nela?”*, minha consciência me cobra uma resposta, embora eu não tenha uma.

Os minutos passam e a sonolência volta a me embalar, como em uma dança. Sou seduzido pela ideia de encontrá-la novamente nos meus sonhos, por isso não resisto.

Estou quase cochilando quando sinto um leve roçar nos meus lábios, imaginando ser a ponta dos dedos dela, percorrendo suavemente o desenho da minha boca. *“Essa é uma boa lembrança”*, penso, incapaz de dominar o sorriso. Foi a última vez que Madu dormiu aqui comigo. Acordou-me com os dedos passeando nos meus lábios... Parece há muito tempo, quem sabe até em outra vida.

— Você sempre acorda as pessoas assim? — repito em um sussurro a pergunta feita por mim no dia em questão, sem me importar com quem quer que esteja me vigiando neste momento.

Foda-se, apenas estou com saudades!

— Só você!

As palavras penetram os meus tímpanos, deixando-me momentaneamente sobressaltado. Abro os olhos de uma só vez, ponderando a possibilidade de a minha mente estar me traindo exatamente agora. Porque, de frente para mim, vejo as íris esverdeadas, o nariz empinado e os lábios carnudos pelos quais estive doente de saudade.



MADU — LÁGRIMAS

Os olhos de Felipe se abrem, revelando uma imensidão azul. Santo Deus, como ele está abatido... nunca o vi dessa maneira antes!

Assombro toma seus traços perfeitos por segundos, os quais uso juntando a coragem necessária para me inclinar sobre ele, tocando os seus lábios agora com a boca.

O tempo parece parar. Sinto a respiração morna dele ricochetear contra o rosto, de maneira mansa e até mesmo um pouco preguiçosa. O toque macio e úmido de seus lábios está vívido na memória, apesar de contar um bom tempo desde que o beijei pela última vez. Felipe não reage e por isso me afasto, na tentativa de ler os seus pensamentos.

Seus lábios se separam, ele está claramente surpreso. Depois dos acontecimentos recentes, imagino ser a última pessoa a quem ele esperava ver agora. Suas íris azuis me estudam com atenção. É quase como se ele tentasse convencer a si mesmo de que estou aqui.

Percebo o quanto permaneço inclinada sobre ele, ficando ligeiramente constrangida com isso. Ele acabou de passar por momentos difíceis. Precisa de espaço para se recuperar, e aqui estou eu

sendo inconveniente. Respiro fundo, repreendendo-me por tê-lo beijado agora. Por que preciso ser tão impulsiva?

Quando ameaço me afastar da cama, porém, Felipe finalmente esboça uma reação. Primeiro os lábios se torcem sutilmente em um sorrisinho — quase imperceptível, mas suficiente para roubar o ar dos meus pulmões. Suas mãos grandes vêm de encontro ao meu rosto, segurando-o dos dois lados e me forçando a percorrer novamente a distância entre os nossos rostos.

A colisão de nossos lábios é um pouco dolorida dessa vez. Apesar de visivelmente sonolento, Felipe parece determinado em corresponder ao desejo. Sua língua busca passagem entre os meus lábios com certo desespero, o qual me lembra do começo de nossa relação, quando mal podíamos suportar a vontade um pelo outro. Pelo jeito nada mudou neste sentido.

Nossas línguas se enroscam em uma dança agitada e um pouco violenta. Só então me lembro de ainda permanecer com a respiração presa e, por isso, busco por ar com um pouco de urgência. Os dedos dele se perdem entre os fios do meu cabelo, deixando-me arrepiada. Droga, como senti saudade do cheiro dele, ou do seu contato autoritário e protetor...

Levo as mãos ao rosto de Felipe, imitando o seu gesto. Instantaneamente, as lágrimas começam a pular dos meus olhos. A dor preenchendo o meu coração está a ponto de esmagar. Sou grata pelo pior não ter acontecido, mas, a todo momento, pego-me pensando na possibilidade de nunca mais ter a chance de beijá-lo como faço agora, então estremeço, apavorada somente com a perspectiva.

As lágrimas lavam o meu rosto em uma velocidade surpreendente, de forma que Felipe percebe o choro, encerrando o nosso beijo com uma sucessão interminável de beijinhos ligeiros. Sorrio um pouco sem vontade, feliz por ele continuar o mesmo, apesar de tudo. Uma mistura perfeita de carinhoso e brincalhão pela qual sou apaixonada.

Permanecemos mais alguns segundos com os lábios unidos, olhos fechados e mãos segurando um ao outro. Felipe roça a boca na minha suavemente, em um movimento de vai e vem. Apesar da saudade esmagadora dentro de mim, é quase como se tivéssemos nos visto ainda ontem pela última vez. Nada mudou.

Afasto o rosto dele, com o choro cada vez mais sentido. Abro os olhos e o encontro olhando para mim, a expressão de carência pela qual sou apaixonada, apesar das olheiras causadas por tantas horas de sono, somada à expressão abatida.

Tento encontrar palavras para quebrar o silêncio, mas pareço ter perdido a habilidade da fala. Não consigo mover um único músculo, encarando as íris azuis profundas de frente para mim. Deixo os dedos percorrerem os cabelos dourados de Felipe, vendo-os refletirem a luz natural vinda da janela. O dia lá fora é pálido e deprimente, tal como a minha alma se encontra neste

momento.

Uma de suas mãos percorre as minhas bochechas, limpando as lágrimas insistindo em cair sem trégua. O contato me conforta e, com ele, uno a força necessária para quebrar o silêncio entre nós. Respiro fundo, preparando-me para um monólogo.

— Por favor, *me desculpa!* — minha voz falha. Retomo a coragem e continuo. — Eu fui uma idiota, *me desculpa!* Estava tão confusa, não pensei direito, eu nunca quis escond...

Seus lábios voltam a se unir aos meus, detendo-me. Sinto seus polegares acariciarem as minhas bochechas com ternura e me permito aproveitar o momento. Felipe é sempre tão intenso, mesmo agora, recuperando-se de uma noite traumática, continua vivo em sua essência. Relutante, torno a me afastar, olhando-o cheia de cumplicidade. Quando abro a boca para falar, ele me interrompe. A voz está arrastada e rouca, mas, ainda assim, rouba-me uma batida do coração.

— Eu te amo! Amo demais, Maria Eduarda! Nunca mais vou te deixar sair de perto de mim, está entendendo? — Felipe percorre o contorno dos meus lábios com o polegar direito, tal como eu fizera com ele há pouco. — Você não pode nem imaginar o quanto senti a sua falta... no fim das contas, somos teimosos na mesma medida. — Seus lábios retorcem em um sorriso amargo. — Não tem razão para se sentir culpada pelo que aconteceu, tudo bem?

— Mas se eu tivesse te procurad... — começo, porém ele me interrompe novamente, repousando o indicador sobre os meus lábios.

— Shhh! Você está aqui, algo mais importa?

Seus braços protetores me envolvem, buscando-me para perto de si. Inclino-me novamente sobre o seu corpo, recebendo o abraço sem hesitar. Fecho os olhos, sorvendo o perfume de shampoo vindo dos seus cabelos. Céus, meu coração se encontra em frangalhos. Como se alguém o tivesse colocado em um moedor de carne para depois tentar unir os minúsculos pedaços.

Finalmente consigo me livrar do peso esmagador pairando nos meus ombros desde que recebi a ligação de Vitória. Quase como se tivesse feito tudo no modo automático, sinto-me despertando de um longo pesadelo. Eu apenas quero que tudo isso termine e voltemos a ser apenas Felipe e eu, sem todo esse melodrama nos rondando.

Todavia, muito embora o peso tenha se aliviado, ainda existe tanto me afligindo... Uno as sobrancelhas, sentindo as mãos pesadas de Felipe subirem e descerem nas minhas costas. O que aconteceu com ele? Quais são os fantasmas responsáveis por fazê-lo odiar a própria vida? Sem perceber, volto a chorar, molhando o algodão de sua camiseta. Droga, meus sentimentos estão à flor da pele! Eu preciso colocar pra fora as palavras ensaiadas por longas oito horas de viagem. Talvez existam momentos melhores, eu sei, mas a culpa está me sufocando.

Ainda segura em seus braços fortes, decido ser o melhor momento para falar, assim, pelo

menos, não precisarei enfrentar os olhos fundos, emoldurados por olheiras arroxeadas. Não, isso tornaria tudo muito pior. Munindo-me novamente de uma nova dose de coragem, começo a sussurrar contra o seu ouvido, preparada para não permiti-lo me interromper outra vez.

— Eu sinto muito. Por tudo. Eu te amo *tanto*! Desde o começo você não quis se envolver, mas existe algo em você que mexe comigo... eu soube, desde quando nos conhecemos, que o queria pra mim. E não me importa, sabe? Você pode ter os seus traumas e talvez ainda não esteja preparado para lidar com eles... eu só quero estar aqui quando este momento chegar, porque vai chegar e eu sei disso.

A força nos braços de Felipe aumenta, deixando-me ligeiramente esmagada.

— Eu nunca brinquei com você! Apenas tive medo... Renato estava me cercando e era um cliente muito importante para a sua carreira. Só que, mesmo se não fosse, era a minha palavra contra a dele. Em quem você acreditaria? — suspiro, roçando os lábios no lóbulo de sua orelha. — Eu achei que podia lidar com isso sozinha, você parecia ter problemas demais. Agora eu vejo o tamanho do meu erro e sinto muito, Fê.

Ele me solta e elevo o tronco, encarando-o de cima. O sorriso torto em seu rosto faz as palmas das minhas mãos soarem frio. Sua mão direita prende uma mexa de cabelo atrás da orelha, sem interromper o contato visual entre nós dois, no entanto.

— Adoro quando me chama assim!

As palavras pairam pelo ar, cobertas de sonolência. Lembro-me dele me dizendo isso em outras ocasiões e, por isso, uma risada baixa escapa dos meus lábios. Noto suas pálpebras fechando com uma frequência cada vez maior e constato, com amargura, o fato de precisar descansar. Há muito para conversamos, mas o tempo está ao nosso lado desta vez.



FELIPE — RECAÍDA

Acordo sobressaltado, levando alguns segundos para me lembrar de onde estou. Olho ao redor, piscando vezes o suficiente para os olhos se acostumem com o escuro, então começo a reconhecer os detalhes do quarto. Meu peito sobe e desce em uma respiração curta e a pele toda cintila com gotículas de suor, apesar de estarmos no auge do inverno.

Não consigo recordar detalhes do pesadelo, mas tive um, estou certo disso pela maneira como o coração batuca contra o peito. Subitamente, percebo o quanto me encontro acordado, digo, *realmente* acordado. Desde que caí como um abacate no corredor, nunca estive tão lúcido como me encontro agora.

Estico o braço, alcançando o interruptor na parede e o acendo sem hesitar. Minha visão instantaneamente percorre toda a extensão do quarto, a procura da companhia da vez. Encontro meu pai dormindo em sono profundo na chaise estrategicamente posicionada no segundo ambiente.

Esfrego o rosto, varrendo para longe qualquer vestígio de sonolência. Dormi nestes dois dias o suficiente para a semana inteira, não quero voltar para a cama tão cedo.

Giro o corpo para fora, recebendo de bom grado a liberdade em finalmente escapar dessa prisão. Passo silenciosamente pelo meu pai, decidindo tomar um banho em outro banheiro, para não ser pego no flagra. Tudo o que preciso neste momento é desfrutar um pouco da clareza da minha mente, sem precisar encarar o inevitável.

Tomo uma chuveirada sem pressa, deleitando-me com o jato relaxante de água ricocheteando contra as minhas costas. Acordei de bom humor depois de hibernar quase o final de semana inteiro, a ironia da situação como um todo me causa asco. De toda forma, não vou choramingar pelo leite derramado. Não há nada a se fazer a respeito de uma má decisão além de encarar as consequências. Eu apenas preciso ser forte o bastante para mostrar o meu lado da história.

Caminho pela casa como uma barata tonta, parando, por fim, na área de lazer da cobertura — lugar que me oferece uma boa visão da propriedade. Uma brisa gélida lambe a minha face, despenteando-me os cabelos. Estou com a mente inquieta, os pensamentos correndo a mil por hora dentro da cabeça. Essa é a pior sensação, no fim das contas: a de não conseguir acompanhar a própria mente. São nesses momentos que o Transtorno Bipolar me pega desprevenido, por isso preciso estar alerta.

Deixo os dedos percorrerem o vidro temperado da sacada, permitindo-me um sorriso. Ao refletir sobre o meu estilo de vida, assim como as conquistas acumuladas ao longo destes anos, o único pensamento que me surge é o de ter chegado longe demais para simplesmente jogar tudo fora.

Eu apenas não consigo entender a razão de ser tão difícil focar nos momentos bons quando mais preciso fazer isso. Agora me sinto bem, talvez até demais. O problema é, na verdade, quando a tristeza pega. Funciona quase como um trem vindo ao longe: primeiro ouvimos o som suave, depois sentimos um leve tremor se aproximando, entretanto, no momento em que menos esperamos, ele irrompe o ambiente de maneira agressiva. A tristeza não tem piedade. Vem de uma vez só, impossibilitando-me de reagir.

Como agora, por exemplo. Consigo definir a presença dela por meio de pequenos detalhes — o aperto no coração, o nó na garganta e o vazio crescendo dentro de mim. Por que é tão complicado seguir em frente? Mesmo com essa casa cheia de pessoas preocupadas comigo, sinto-me como se fosse o último ser humano do planeta. É angustiante.

O brilho pálido da lua é refletido na piscina, pequenos feixes brancos em meio a uma imensidão negra. Tal como a minha existência — pequenos momentos de alegria ofuscados por um mar de horrores.

Fecho os olhos, tentando me controlar. *“Vamos lá, Felipe. Você é dono de sua mente e não o*

contrário”, meu subconsciente incentivava. Porém, assim como um trem, as lembranças penetram a cabeça de supetão. Amanda aparece com as bochechas rosadas pelo calor e a inteligência acima da média para uma criança de dois anos. Estremeço com a memória de senti-la segura em meus braços, os pés gordos como bisnaguinhas, a pele macia... Inferno, não posso ter uma recaída novamente! Não agora, depois de a última ter me rendido uma madrugada no hospital em estado crítico.

Inclino o corpo para frente, apoiando-me nos cotovelos. As lágrimas começam a se formar nos olhos, o vazio e a inércia me dominam. Os sons do dia fatídico estão tão nítidos nos meus tímpanos que é quase como se tudo estivesse acontecendo agora mesmo — os gritos histéricos de mamãe, o choro silencioso do meu pai, a sirene da viatura. Estou desabando. Caindo em uma velocidade surpreendente para o fundo do poço. A culpa crescendo e me dominando. Ódio de mim mesmo. *“Por que não acabo logo com isso?”*, pergunto-me. Essa questão me acompanhou a vida inteira. A morte parece, de fato, convidativa vendo por essa perspectiva. *“Por que continuar no limbo, afinal?”*

Sou abruptamente arrancando do buraco negro por um toque suave no braço esquerdo. Giro a cabeça por cima do ombro e encontro Madu, com os cabelos presos em um coque, como no meu sonho, mas, ao contrário dele, veste uma camisola de cetim realmente sexy.

Respiro fundo, sentindo o ar penetrar os pulmões. Tão linda... merece alguém melhor, tenho certeza disso. Alguém menos fodido que não corra o risco de eventualmente estragar tudo. Foda-se, sou egoísta o suficiente para nunca mais permiti-la sair de perto de mim.

— Você está bem? — pergunta ela, com uma expressão preocupada no rosto.

Busco-a para perto de mim com os braços, colando nossos corpos.

— Eu nunca estou bem. — Sorrio, deixando as mãos correrem pela sua cintura.

Madu me encara por alguns segundos, como se juntasse coragem para encontrar as palavras certas. Pego-me contemplando detalhes do seu rosto que tanto senti falta, como as leves sardas salpicadas pelo nariz ou os longos cílios emoldurando os olhos enormes.

— Algum dia você vai me contar quais são os seus fantasmas?

Fito-a, cheio de empatia, sentindo a garganta secar no mesmo instante. Eu entendo sua posição, não deve ser fácil ser mantida fora do círculo. Todos sabendo exatamente o que está acontecendo e a mantendo alheia a situação. Eu realmente gostaria de que fosse fácil colocar para fora, mas não é. Não quando externar em palavras signifique revelar o monstro dentro de mim, é demais para nós dois aguentarmos.

Deposito um beijo em sua testa, afastando-me em seguida.

— Eu mereço saber o que aconteceu para você se culpar tanto!

— Não sei se consigo encarar as lembranças... — Encolho os ombros. — E nem você.

Madu respira fundo, parecendo chateada. Vejo-a girar o corpo para frente, desviando o olhar. Ela morde o lábio inferior uma ou duas vezes antes de falar:

— Eu não vou te julgar. Você já deveria saber disso! Eu apenas quero... quero entender você.

— Não é fácil, meu amor.

— Você precisa enfrentar todas essas lembranças, ou elas continuarão eternamente aí dentro. Se você não se perdoar, jamais será feliz, Fê!

Esfrego o rosto, apavorado somente com a perspectiva de precisar encarar o passado novamente.

— Por favor... não só por mim, mas principalmente por você.

Volto a apoiar os cotovelos no vidro, abaixando a cabeça entre os braços. As palavras ditas por ela não são diferentes das ouvidas ao longo de anos, dentro de consultórios psiquiátricos diversificados. “Você precisa querer se curar”, eles diziam. É tão fácil na teoria. Faz parecer que sou um garoto mimado precisando de atenção. Porém, estou cansado de magoar as pessoas a quem amo. Madu merece mais de mim, ela precisa saber com o que está lidando. Além do mais, não quero perdê-la novamente.

Levanto a cabeça, procurando seus olhos.

— Tudo bem, eu conto.



MADU — O PASSADO

Meu coração acelera ao ouvir essas quatro palavras.

“*Tudo bem, eu conto*” pode parecer inocente para qualquer outra pessoa, no entanto, para mim, significa a quebra de uma extensa muralha entre nós dois. Quero dizer, essa é a primeira vez em que descobrirei algo sobre o passado de Felipe. Não sobre sua carreira, ou suas conquistas como advogado, mas sim algo que o torna frágil e humano, tal como eu.

Ele tem uma doença séria e ela o está dominando. Nesta tarde, Vitória conversou comigo sobre o quanto é difícil lidar com Felipe em suas crises. Não só pelos acessos de raiva, os momentos de euforia ou a depressão — sintomas característicos do Transtorno Bipolar — mas, principalmente, pela recusa em admitir precisar de ajuda. A recusa em aceitar o tratamento e entender o fato de, no fim das coisas, não existir outro caminho.

Tenho a esperança de ajudá-lo na medida do possível. Talvez isso não represente tanto assim, porém quero ter certeza de que lutarei com as armas ao meu alcance. Afinal, o Felipe a quem conheci não se odeia — ou, ao menos, não parecia se odiar.

Droga, é tudo muito difícil! Amanhã já é segunda-feira e eu não faço a menor ideia de como as coisas serão daqui para frente. Se, para mim, essa situação já está trazendo um turbilhão de emoções, nem posso mensurar para a sua família — e, principalmente, para ele. Porém, posso tentar entender e por isso estou aqui. Nada feito por ele pode ser tão grave quanto ele faz parecer. Basta olhar para Felipe, sua essência é nítida em seus olhos azuis. Eu não tenho dúvidas quanto a isso.

Coloco uma mão sobre a sua, percebendo a forma como ele já se afastou consideravelmente de mim. Embora estejamos assim tão próximos fisicamente, Felipe é sempre bem-sucedido quando se trata de se fechar em seu próprio mundo sombrio. Respiro fundo, decidida a dar a ele todo o tempo necessário para juntar a coragem.

Observo-o desviar a atenção de mim para a piscina lá embaixo. Suas feições se contorcem uma ou duas vezes, no que parece ser ele tentando criar forças para conseguir externar o que, definitivamente, é tão claro em sua cabeça. Ele passou muitos anos guardando dentro de si esses fantasmas. Agora que precisa encará-los, não consegue fazer jus a proporção tomada por eles.

Em um rompante, a voz dele penetra meus tímpanos, sobressaltando-me por uma fração de segundo.

— Eu tinha 12 anos quando descobri que minha mãe estava grávida — suas palavras pairam sóbrias pelo ar. Felipe leva o punho fechado em frente à boca. — Fiquei um pouco assustado no começo... na época nem imaginava, mas estava morrendo de ciúmes... Sabe como é, depois de tantos anos alguém ia tomar o meu pódio! Deus sabe o quanto isso me deixou perplexo.

Uma lágrima escapa do seu olho direito, rolando pela bochecha. Aumento a força na mão sobre a dele, mordiscando a parte de dentro da bochecha nervosamente. O ar se torna mais rarefeito, conforme novas palavras saem da sua boca.

— Aos poucos, a casa foi ganhando a presença de Amanda, antes mesmo de ela ter nascido. Eu torcia o nariz sempre que me perguntavam sobre a nova integrante da família. Minha mãe foi internada no final do sétimo mês de gestação para uma cesárea de urgência. Fiquei apavorado. Mas quando fui até a enfermaria e vi aquele bebezinho na incubadora... foi só então que dei por mim...

Ele para de falar subitamente, imerso em pensamentos muito longes daqui. Felipe teve uma irmãzinha? Caramba, meu coração está tão acelerado que talvez eu não sobreviva até o final para descobrir o resto da história! Tantas perguntas brotam em minha mente... preciso usar de muita força para não despejá-las sobre ele, quebrando o momento.

— Ela era tão feinha... eu ficava me perguntando se alguma coisa tinha dado errado. — Felipe ri e mais lágrimas escorrem pelo rosto. — Na noite em que ela foi para casa, passei a

madrugada inteira acordado, bobo com o quanto era pequeninha, frágil... Ela agarrou o meu dedo com a mãozinha inteira, por isso apenas permaneci ali, maravilhado. Naquela noite eu percebi o quanto a amava. Era mais do que a mim mesmo. E isso nunca mudou... mesmo hoje, o amor e a saudade permanecem iguais.

Estremeço, estudando seu perfil banhado pela luz do luar. Este é um daqueles momentos nos quais Felipe aparenta ser anos mais velho. As sobrancelhas unidas, assim como os lábios crispados, evidenciam as linhas de expressão no rosto dele. Respiro fundo, sentindo o ar gelado penetrar meus pulmões. A atmosfera se tornou demasiadamente pesada, mal consigo raciocinar direito. Felipe, por outro lado, mantém-se bem focado no passado, sabendo exatamente o que está por vir. As lágrimas brotando de seus olhos são ininterruptas.

Ouçõ o vento soprar de maneira melancólica e, ao longe, um cachorro uiva tristemente. De repente, todos os sons noturnos me soam como uma melodia sombria. Os pios solitários de uma coruja, o farfalhar das folhas nas árvores, o canto em uníssono das cigarras... Talvez o problema esteja em mim, no fim das contas. Finalmente começo a experimentar um pouco do peso carregado por Felipe por tantos anos.

— Então, num dia como outro qualquer, minha mãe começou a passar muito mal — sussurra, com a voz falhando. — Era uma tarde chuvosa e cinzenta, bem típica de Curitiba... meu pai precisou levá-la para o hospital e eu fiquei com Amanda. Ela tinha dois anos na época.

Ele afasta a mão da minha, passando-a pelos cabelos em um gesto nervoso. Quanto mais fundo chegamos em suas memórias, mais ele perde o controle que tenta tecer ao seu redor. A calma vai se dissipando e o terror ficando mais evidente em cada centímetro de sua face.

— Não era a primeira vez que eu cuidava dela, mas naquele dia eu estava tão cansado...

Os minutos correm com suas palavras pairando no ar. Para mim é evidente que ele perdeu a coragem. É cabível, de toda forma. Afinal de contas, finalmente paramos à beira do precipício, aguardando para dar o último salto.

— O que houve? — pergunto, tentando encorajá-lo.

Felipe parece acordar de um transe e se lembrar de mim. Ele gira o rosto em minha direção, fazendo nossos olhares se encontrarem. Suas íris obscurecidas deixam todos os pelos do meu corpo eriçados enquanto o coração se comprime de supetão. Céus, talvez ele tivesse razão, não sei se estou preparada para lidar com isso. É evidente que aconteceu alguma tragédia pela qual ele se culpa. No entanto, a questão não é essa, e sim o fato de, ao encarar estes fantasmas de frente, Felipe reacenderá uma nova onda de ódio dentro de si mesmo. Não sei se foi uma boa ideia, porém já é tarde para voltar atrás.

Vejo-o balançar a cabeça em negativa e mordo o lábio inferior com força. “*Não importa se*

estou ou não preparada, isso não é sobre mim e sim sobre ele", meu subconsciente me lembra. E é por isso que, em um ímpeto de coragem, tomo o seu rosto com as mãos, deixando um beijo rápido em sua boca.

— Isso não mudará o que eu sinto por você.

— Você diz isso agora! — Ele sorri tristonho.

— Bem, você precisará correr esse risco. — Encolho os ombros, arrancando dele uma risada quase inaudível.

Felipe raspa as unhas na barba, concordando com a cabeça. Encara-me por mais alguns segundos, nos quais perco o fôlego, tamanha é a intensidade contida em suas íris. Então se vira novamente para frente, focando a atenção em algum ponto no horizonte.

— Eu dormi, Madu. *Isso aconteceu!* — Noto uma nesga de ira transparecer por sua voz. — Tinha acompanhado o meu pai em uma viagem... nós havíamos acabado de voltar quando minha mãe passou mal. O voo teve muita turbulência e eu não consegui pregar os olhos nem por um segundo, por medo. Liguei o *Cartoon Network* para Amanda e eu assistirmos juntos... lembro certinho, estava passando Dois Cachorros Bobos...

A cada palavra proferida, a entonação se torna um pouco mais baixa. Observo-o fechar os punhos com força, deixando os nós dos dedos esbranquiçados. E, mesmo sem perceber, deixo de respirar.

— Ela estava tão quietinha comigo que acabei dormindo. Quando acordei a vida já estava de ponta cabeça. Já faz vinte e um anos e, desde então, as sensações nunca me abandonaram. O medo ao ser acordado pelos meus pais ainda é palpável, o susto por não ter Amanda ao lado... Minha mãe perguntando se eu a tinha colocado para dormir...

As lágrimas agora são constantes. Felipe está tão frágil neste momento, tão fragmentado. Tento resgatar na memória a época em que o considerava sólido e inquebrável, mas falho miseravelmente. Todo este tempo ele apenas construiu um castelo de aparências, tentando suprir o vazio constante com as conquistas profissionais. Eu o admiro por chegar tão longe apesar de toda a dor. Mostra o quanto é forte em lutar contra a doença. Um verdadeiro paradoxo.

— Depois disso, restam apenas fragmentos. Minha mente tentou dissipar a memória para evitar o sofrimento. Não foi muito eficiente, no entanto. — Ele limpa as lágrimas com as costas da mão. — Recordo dos sons como se estivessem acontecendo agora mesmo... lembro do coração palpitando desenfreadamente, lembro do terror percorrendo cada centímetro do corpo e lembro do exato momento em que vi o corpinho inerte no chão da cozinha.

É somente ao perceber o meu rosto molhado que me dou conta de também estar chorando. Ele volta a me encarar, antes de sussurrar com a voz rouca:

— Amanda encontrou uma garrafa pet no armário da cozinha... mas... mas era... — Ele pigarreia, juntando forças para me entregar suas últimas palavras. — Era Soda Cáustica.



MADU — HORA DE ACORDAR

Respiro fundo, sentindo o peso de muitas horas passadas em branco recair sobre o corpo. Todas as minhas juntas protestam, assim como a cabeça, que começou a doer de maneira alarmante. Os primeiros raios de sol começam a rasgar o horizonte, colorindo a palidez presente no céu até então. Pelo canto dos olhos, tento medir a reação de Felipe e descubro, surpresa, encontrar-se adormecido.

Ainda não consegui digerir todas as lembranças amargas compartilhadas por ele nesta madrugada. Quero dizer, embora eu seja filha única, não é difícil imaginar o tamanho do seu sofrimento. De todas as dores existentes, a culpa é a pior delas. Afinal, só é possível seguir em frente quando finalmente nos perdoamos.

Levanto da cadeira, parando na frente dele. Meus olhos percorrem os detalhes já tão conhecidos: os cabelos dourados, a barba por fazer, o charmoso nariz fino e lábios bem delineados. Minha mente divaga para longe e, sem perceber o tempo passar, pego-me imaginando Amanda nos dias de hoje, caso ainda estivesse viva. Céus, ela teria a minha idade! Quem sabe as

infinitas possibilidades que poderia ter traçado...talvez tivesse seguido os passos dos homens da família, tornando-se uma advogada respeitada? Ela possivelmente seria maravilhosa também, não tenho dúvidas disso.

Essa deve ser a parte mais complicada, enfim. Pensar em quem *poderia* ter sido caso essa fatalidade não houvesse ocorrido. Sim, porque evidentemente não foi culpa de ninguém. Para mim, soa mais como uma peça de mau gosto pregada pelo destino.

Levo os dedos até os cabelos finos de Felipe, é incrível como não consigo ficar perto dele sem tocá-lo, sem tê-lo para mim. Jamais entenderei o que esse homem fez comigo, a forma como conseguiu me deixar louca por ele sem o menor esforço.

— Madu! — A voz de Isaque me faz pular de susto. — Graças a Deus vocês estão aqui... — Ele suspira, deixando-me subitamente sem graça.

Sorrio sem vontade. Não sei exatamente o que é esperado de mim em uma situação como essa, então simplesmente o observo se aproximar de nós dois, até se sentar na cadeira de vime posicionada logo ao lado de onde Felipe dorme em um sono calmo. Isaque cruza os braços sobre o peito, acenando com a cabeça.

— Temi que... você sabe... Acordar sem o Felipe na cama, nestas circunstâncias, é um pouco alarmante.

Ele sorri, encolhendo os ombros como se estivesse se desculpando por pensar no pior.

— Não consegui pregar os olhos essa noite de novo — explico.

O silêncio nos acolhe confortavelmente. Meus dedos estão doendo, tamanho é o frio. Meus únicos pensamentos agora são sobre o quanto me encontro exausta e com muita fome. Minha barriga ronca, protestando pelas inúmeras horas de negligência. Mas, por Deus, como posso pensar em comer com a vida de ponta cabeça?

De pensar que há algumas semanas os únicos problemas eram relacionados ao fato de Renato ser um babaca, sinto saudade de quando a relação com Felipe era mais amena. O problema de passar por uma longa tempestade é que, por vezes, esquecemo-nos de como os dias ensolarados são.

— Ele me contou — Ouço as palavras pairarem pelo ar, sem a minha permissão.

Isaque busca o meu olhar, com uma expressão confusa tomando os traços tão semelhantes aos de Felipe. Por isso, sou obrigada a completar:

— Sobre... hum... sobre a Amanda.

Vejo-o franzir o cenho e perco o fôlego. Droga, devia ter ficado quieta! Já não bastava cutucar a ferida de um integrante da família? Desvio os olhos, encarando o horizonte. Já estou me preparando para pedir desculpa quando sou surpreendida por Isaque, com a voz ligeiramente

embargada.

— Não existe nada pior do que a dor de perder um filho, Madu. Sobretudo em circunstâncias tão... — A voz dele morre no ar, deixando a mensagem subtendida. — Levamos a vida adiante, no entanto. Um dia após o outro nos ensinou que não é fácil pra ninguém... todos sofrem! E, embora Vitória e eu nos culpemos tanto quanto Felipe, a pior parte é vê-lo tentando se destruir, desde então.

Assinto com a cabeça, emudecida. Observá-los lado a lado é desconcertante, tamanhas são as semelhanças. Jogo o peso do corpo para uma única perna, esperando-o dar sequência ao desabafo. Vim a calhar como ouvinte para esta família fragmentada, no fim das contas. Ao me lembrar da noite em que conheci os pais de Felipe, um gosto amargo me toma a boca. Estávamos todos tão felizes...

— Ele é o filho que eu sempre quis ter e poderia passar horas listando mil bons motivos para eu ser um pai abençoado. E por isso é tão doloroso, entende? Nós seguimos em frente. Veja bem, isso não significa termos esquecido ou deixado de sentir falta de Amanda. Mas Felipe... ele machuca isso diariamente. Tentou se matar a primeira vez logo depois do enterro. — Isaque respira fundo, parecendo pensativo. — Perder *um* filho é doloroso o suficiente. Eu não sei se aguentaria perdê-lo também. Ele não percebe isso. Vê-lo assim novamente depois de tanto tempo com a doença sob controle... não é fácil!

— Eu não fazia ideia de nada disso — murmuro. — Ele parece muito sólido.

Um sorriso rasga os lábios de Isaque ligeiramente e, então, ele se levanta de supetão, parando de frente para mim.

— O médico não queria liberá-lo. Precisei perder as estribeiras para Felipe não ser internado em um hospital psiquiátrico. A carreira dele iria por água abaixo... tantos anos de luta... — Balança a cabeça em negativa. — De toda forma, se ele não colaborar com o tratamento, não me restarão alternativas.

Fisgo o lábio inferior, o coração perdendo uma batida. Minha nossa, as notícias só pioram por aqui! Talvez eu tenha estampado o desespero no rosto, pois Isaque me lança uma expressão de dó, antes de segurar meu ombro delicadamente, tal como Felipe faz com os clientes eventualmente.

— Você é muito nova, Madu... sabe onde está se metendo?

— Perdão? — pergunto, piscando os olhos confusa.

Isaque balança a cabeça outra vez, como um meio sorriso no rosto.

— Sinto muito, me expressei mal. Acredito que Felipe tenha visto em você uma motivação para seguir em frente... Eu apenas temo que o fardo seja pesado demais.

— Eu aguento! — Arquejo de maneira infantil. — Talvez não seja tão fácil, eu sei, mas estou disposta a tentar.

— É claro. — Ele meneia a cabeça. — E é esse o motivo da pergunta inicial. Sabe onde está se metendo, querida?

Encolho os ombros, lançando-o um olhar de súplica. Por que ele acha que não vou aguentar? Pareço assim tão frágil?

— Não, eu não sei — respondo. — Mas não importa... se for preciso vencer essa tempestade, ainda que ela se torne intimidante, quero estar ao lado dele, segurando o guarda-chuva.

Sou surpreendida por uma risada baixa de Isaque. Não é de deboche, porém. Parece mais como se estivesse satisfeito com a resposta.

— Felipe teve sorte em te encontrar. Nunca perca esse jeitinho Madu de ser! — sorrio para ele, agradecendo silenciosamente. — Vou passar um café... você deveria dormir. Está bem pálida, se é que tinha como... — Pisca para mim, deixando-me para trás com um sorriso enorme no rosto. Bem, agora sei de quem o Felipe herdou o jeito brincalhão.

Observo Isaque abandonar a área de lazer tranquilamente, meus olhos recaem para seu filho logo em seguida. Inspiro o ar, sentindo-o preencher os pulmões. Percorro a distância até a cadeira, ajoelhando-me ao lado dela.

Levo as costas das mãos até a bochecha direita de Felipe, acariciando-a com leveza. Suas pálpebras se mechem suavemente, porém não passa disso. Um novo sorriso rasga o meu rosto quando roço o polegar pelo contorno dos lábios dele. Esse virou o *nosso lance*, no fim das contas.

Felipe pestaneja por alguns segundos, lutando para organizar a mente. Logo em seguida um sorriso torto rasga seus lábios finos, acendendo uma sensação aconchegante dentro de mim. Foi por esse sorriso que me apaixonei! Quero vê-lo mais vezes em seu rosto, no lugar das habituais lágrimas.

— Você já dormiu demais! — digo, cruzando os braços sobre o peito dele. Nossos narizes quase se tocam. — Chegou a hora de acordar!

Minhas palavras pairam pelo ar por segundos a fio. Embora eu esteja falando especificamente sobre esse final de semana, elas também se aplicam a todos estes anos nos quais ele apenas escondeu uma alma quebrada por trás da carreira bem-sucedida.

Ele percorre suas íris translúcidas pelo meu rosto, demorando o olhar em um ponto que acho ser a boca. Observo-o umedecer os lábios e me adianto, roubando um beijo. O tempo em que estivemos afastados só serviu para aumentar o desejo aqui dentro. Se eu puder, deixarei nossos lábios unidos o máximo de tempo possível. Afasto-me dele tão logo sou tomada por um sentimento

avassalador. Um calor gostoso subindo pelas entranhas, aquecendo-me de maneira agradável.

Sem dizer palavra alguma, levanto da cadeira, agarrando sua mão e puxando-o para repetir os meus movimentos. Ele levanta sem protestar e, embora ainda muito melancólico, percebo a leve melhora em relação à outrora. Começo a rumar em direção ao quarto, com ele em minha cola. Abro a porta e libero a entrada, dando espaço para ele passar. Felipe me encara com o olhar maravilhoso de cachorro sem dono, sem entender o meu comportamento. No entanto, é somente ao fechar a porta que ele quebra o silêncio entre nós.

— O que está fazendo?

— Te mostrando as coisas boas da vida! — sussurro, colando os nossos corpos enquanto minhas mãos sobem sua camiseta delicadamente.



MADU — INCORRIGÍVEL

Sem pensar muito se é a hora certa para isso, arranco o tecido cinza mescla para fora do tronco de Felipe, revelando o abdômen malhado. Percorro os dedos pelos músculos definidos da sua barriga, experimentando o contato morno da pele.

Sinto o peso do seu olhar sobre mim, porém ele não me interrompe. Continuo subindo as mãos, passando pelo peitoral e estacionando nos ombros. Senti tanta falta dele... mas agora que estamos frente a frente, o aperto no peito parece ainda maior. Quão contraditórios são os sentimentos!

Uno novamente nossos lábios, enroscando os braços ao redor do seu pescoço. Felipe me envolve pela cintura, apertando nossos corpos. Ouço sua respiração ruidosa e sou envolta pelo calor emanando dele. Deixo as unhas rasparem seus braços, escorregando eventualmente até as costas e voltando para a barriga. Quero sentir cada centímetro. Preciso matar a saudade. Preciso me lembrar de como me sinto quando somos só nós dois, e nada mais no mundo importa.

Forço o corpo contra o dele, guiando-o em direção à cama. Felipe esboça um sorriso com os

lábios ainda nos meus e, no mesmo instante, minhas pernas perdem a força. É incrível o quanto ele consegue me abalar com tão pouco. Santo Deus, não há a menor chance de eu me separar dele outra vez! Essa confusão dentro de mim é só mais uma prova de como damos certo juntos. Não existe nada do mundo que me cause sensações semelhantes.

Tão logo as pernas dele se chocam contra a cama, empurro-o para trás com a ponta dos dedos, fazendo-o se sentar.

— O que exatamente são essas coisas boas? — Ele me provoca, umedecendo os lábios.

— Ah, você vai ver! — Brinco, deslizando uma das alças da camisola pelo ombro.

Felipe acena negativamente, com o sorrisinho torto iluminando o rosto enquanto cruza os braços sobre o peito.

— Você não toma jeito, não?

— Algumas coisas são incorrigíveis — segredo, arrastando a outra alça e sentindo o cetim da camisola escorregar pelo corpo.

No mesmo instante, meu coração dá uma forte guinada. Percorro minhas próprias curvas com as mãos, notando o fato de seus olhos não desgrudarem de mim. Observo seu peito subindo e descendo um pouco mais rápido do que minutos atrás e não posso dominar um sorriso. É lisonjeador saber que também o afeto desta maneira.

Felipe inclina a cabeça ligeiramente para o lado, como se esperasse uma reação. Giro nos calcanhares, ficando de costas para ele ao deslizar a calcinha pelas coxas. Solto o cabelo, olhando-o por cima do ombro antes de trancar a porta do quarto.

Ao me virar novamente de frente, a intensidade do seu olhar provoca um arrepio que percorre todos os meus membros. Avanço em passos lentos — em parte porque a situação como um todo é muito sexy, mas, principalmente, por, depois de tantas semanas, finalmente tê-lo para mim. Quero prolongar o quanto puder.

Alcanço a cama e apoio as mãos em seus ombros, ao passo em que monto nele, colocando uma perna de cada lado do seu colo. Sinto a ereção contra as minhas coxas, sendo o tecido da calça de moletom a única barreira existente. Então seguro seu rosto com as duas mãos, imitando a maneira como ele faz comigo, e uno nossas bocas. As mãos de Felipe me apertam na cintura para me segurarem. Procuro espaço por entre seus lábios, deixando escapar em meus atos uma nesga de desespero.

Nossas línguas se entrelaçam e sinto seus dedos se enterrarem nos meus cabelos. Sugo seu lábio inferior, incapaz de reprimir um gemidinho quando ele enlaça meus cabelos, depositando força além do necessário. Raspo as unhas no pescoço dele, sem me importar muito com o fato de, muito provavelmente, ter ardido. Ele mordisca o meu lábio inferior de maneira lenta e erótica.

“Céus...”, mentalizo atônita, com os pensamentos se tornando, a cada segundo, mais nebulosos. É impossível pensar em qualquer outra coisa com Felipe. Ele tem a força motriz responsável por me arrebatara.

— Me deixa te mostrar o tamanho do meu amor! — sussurro contra a boca dele.

Felipe solta um gemido baixo, arfando pesadamente em seguida. Afasto o rosto alguns centímetros, a fim de medir sua expressão. Ele permanece de olhos fechados, o teso transparecendo na feição. Uma de suas mãos desce em direção aos meus seios, massageando-os em uma cadência suave.

— Sou todo seu! — responde com a voz rouca. — Faça o que quiser comigo.

Estremeço tão logo suas palavras penetram os meus tímpanos. Caramba, o que esse homem provoca em mim é surreal! Dada a minha falta de reação, Felipe usa a mão prendendo os meus cabelos para puxar a minha cabeça para cima, deixando o pescoço em evidência. Sinto-o roçar o próprio rosto ali, raspando-me com a barba por fazer.

A esta altura, ofego de maneira descompassada. Ele funga contra a minha pele, sorvendo o meu cheiro e me deixando completamente extasiada.

— Eu quero te dar motivos para sorrir... — ronrono.

— Você já deu.

Rebolo com suavidade contra o seu colo, fazendo-o depositar mais força nas duas mãos. Afasto-me novamente, lutando contra a vontade de me entregar logo de cara. Mais uma vez, forço o corpo contra o seu, fazendo-o tombar na cama.

Felipe torna a abrir os olhos, fitando-me com uma intensidade tangível. Mordo o lábio inferior enquanto saio do colo dele, preparando-me para despi-lo completamente. Arrasto o moletom azul-marinho por suas pernas, deliciando-me com cada centímetro de pele descoberto. Então, ao terminar o trabalho, engatinho sobre ele, depositando uma sucessão interminável de beijinhos pelo caminho.

Suas mãos grandes me puxam para cima, de encontro ao seu rosto. Felipe brinca com nossos lábios, fazendo deliciosos movimentos provocativos. A cada nova tentativa de unir nossas línguas, ele afasta ligeiramente o rosto, piscando um dos olhos. “É tão sexy que chega a ser obsceno...”, penso comigo mesma.

Participo do jogo até simplesmente ser vencida pela vontade ardente. Quando isso acontece, lanço o corpo para frente, deixando um beijinho no canto da boca dele.

— Senti muito a sua falta! — digo, alcançando sua ereção.

— Eu também, Madu. Você nem imagina o quanto...

Agito a mão em um compasso suave. Sinto-o pulsante, tamanha é a sua excitação. Só então

me dou por vencida e o encaixo entre as pernas. Desço os quadris e o sinto me preencher lentamente. Já contava um tempo considerável desde a última vez em que o tive dentro de mim. De toda forma, minha memória não fazia jus à explosão de sensações experimentadas sempre que estamos entregues à paixão.

As mãos de Felipe passeiam pelo meu corpo ao passo em que me movimento ao redor dele. Rebolo e me contorço copiosamente, sentindo-o em pontos diferentes e tomando suas reações como estímulos. Repouso as mãos sobre o seu peito, subindo e descendo o corpo com um ritmo comedido. Embora estejamos lutando para não fazer barulho, vez ou outra nossos sons baixos se unem, formando um arranjo sensual.

Inclino-me para frente, apoiando-me nos braços. Encosto a testa suada na dele, fechando os olhos. O coração batuca descompassadamente dentro da caixa torácica e a respiração se torna a cada segundo mais agitada.

Felipe inclina o rosto, falando contra os meus lábios.

— Sou incompleto sem você!

— Fê... — graso, rouca de desejo.

Engulo um gemido dele, responsável por fazer meu corpo vibrar inteiro. Cravando as unhas nas minhas coxas, ele sussurra.

— Fala de novo!

— Fê... — chamo-o, sentindo os músculos do ventre se contraindo.

Abandonando a passividade, Felipe me segura pela cintura, dominando os movimentos. O ritmo se torna mais agressivo e as estocadas são fortes e ritmadas. Preciso morder a parte de dentro das bochechas para não gritar como uma louca aqui dentro. *“Pai amado, isso é muito gostoso!”*.

Perdendo a força dos músculos, preparo-me para a crescente onda de espasmos se espalhando pelo corpo todo. Os gemidos que eventualmente deixo escapar estão se tornando cada vez mais altos e, por isso, ele repousa a mão sobre minha boca, abafando os sons.

Mais algumas investidas e eu me contorço inteira sobre o corpo dele, sentindo-o latejar dentro de mim. Seus olhos se espremem com força e seus traços se contorcem em uma careta de prazer alucinante. Eu poderia gozar de novo só por vê-lo assim...

Tiro-o de dentro de mim, caindo sobre o seu corpo em seguida. Os únicos sons são os de nossas respirações agitadas. Os braços de Felipe me envolvem, apertando-me com uma força que poderia esmagar os meus ossos. Deixo algumas mordidinhas no seu ombro, seguindo o caminho da clavícula e terminando no pescoço. Seus dedos passeiam suavemente pela minha pele em movimentos de vai-e-vem.

Dentro deste quarto, o relógio parece ter parado de contar novas batidas. É quase como se aqui estivéssemos protegidos da dor de outrora. Uma trégua em todo o sofrimento. Eu tenho certeza de quão grande é o meu amor. E, é com essa certeza que compreendo: posso enfrentar o mundo inteiro se for preciso, desde que Felipe esteja comigo.



MADU — COMPANHIA

Acordo sobressaltada, sem me lembrar de quando dormi. Meus olhos percorrem as conhecidas paredes do quarto de Felipe, para, em seguida, encontrarem o outro lado da cama vazio.

Espreguço-me, notando pela janela já ser finalzinho de tarde, começando a anoitecer. Respiro fundo, esfregando o rosto em uma tentativa de varrer o sono para longe. A última vez em que dormi nesta cama foi no último dia trabalhando para Felipe.

Está tão gostoso dentro destas cobertas que eu não queria sair daqui... Com um ímpeto de coragem, afasto as camadas de edredons. “*Estou dormindo desde cedo...*”, constato o óbvio, ao encontrar a camisola ainda jogada ao chão. Também pudera, depois de me privar do sono por duas noites, faz sentido eu ter hibernado.

Alcanço a camisola, vestindo-a sem muita pressa e estremecendo com o contato gelado do cetim. Ao sair pelo corredor, deparo-me com o vazio — quase como se estivesse sozinha neste casarão. Um arrepio percorre a minha espinha, eriçando os cabelos da nuca. Não sei se

conseguiria viver sozinha em um lugar tão grande assim, é um pouco sombrio.

Jogo um pé atrás do outro, em direção ao quarto de hóspedes onde está a minha enorme mala verde-água. Desde o dia que cheguei não fui para casa. Vasculho as roupas em busca de uma blusa bem quentinha e visto-a logo sem seguida.

Sinto a barriga doer de tanta fome e, por isso, giro nos calcanhares, decidida a procurar por algo para comer. Ando descalça pelo piso frio de madeira corrida, porém, ao alcançar a escada, uma voz exasperada vem do andar de baixo, fazendo-me saltar de susto.

Estreito os olhos, percebendo um zumbido baixinho, de pessoas conversando. Aliás, não conversando... parecem discutir! Respiro fundo, preparando-me para a iminente turbulência.

Desço os degraus de dois em dois, segurando-me no corrimão para não cair. Conforme me aproximo da cozinha, os sons vão se tornando mais e mais altos. Não consigo discernir as palavras, no entanto, tamanho é o meu nervosismo.

Adentro o aposento, encontrando Felipe e a família. Vitória segura uma taça com algo que parece ser vinho, os braços cruzados e um olhar vazio, sem focar em nenhum ponto específico. Leonor já está em seu pijama de flanela, acuada em uma extremidade da cozinha, o coque espesso permanece firme no topo da cabeça.

Isaque e Felipe parecem leões raivosos se enfrentando. Usando a ilha central feita em mármore como barreira, cada um está posicionado de um lado, com rostos vermelhos de raiva e olhares intimidantes — alguns dos quais Felipe já dirigiu a mim em outras ocasiões.

— Foi um *acidente*, eu já falei! — Urra Felipe, batendo na superfície com o punho fechado e provocando um baque surdo. — Dane-se o que *parece*! Estou dizendo que não tentei me matar e você deveria ouvir! Vocês dois, aliás! — complementa, apontando para a mãe.

— Você não percebe o quanto está doente, querido! Isso faz parte da doença! — Repousando a taça sobre o balcão, Vitória grasna, e noto estar se segurando para não chorar.

Recosto-me contra a parede, aliviada pelo fato de a minha presença ter passado despercebida. Felipe passa as mãos pelos cabelos nervosamente, como se estivesse prestes a enlouquecer. Engulo em seco, apertando as unhas nas palmas com força. Quando esse pesadelo terminará?

— Não! — ele acena negativamente. — Não estou doente. Tenho tudo sob controle! Apenas triste e, quem sabe, bebendo demais, mas não doente.

Céus, como Felipe pode afirmar que está tudo bem? Isaque ri incrédulo, aparentando cansaço em sua expressão desolada. Encontra-se irado, nem parece o mesmo homem calmo com quem conversei nesta madrugada.

— Tudo bem, filho. Vá em frente e destrua a própria vida enquanto sua mãe e eu o

assistimos de mãos atadas!

— Eu... não... estou... destruindo... a merda da minha vida! — ele sussurra entredentes, jogando a taça de Vitória contra a parede e servindo como gatilho para o choro dela finalmente vir à tona. — Foda-se, não quero mais vocês aqui! Estão tornando tudo pior!

Leonor encolhe os ombros, parecendo igualmente abatida, para então abandonar a cozinha, como alguém que admite ser uma batalha perdida.

— Filho...

— Não preciso de ninguém tomando conta de mim. Eu sou um adulto, caso ainda não tenham notado!

“*Parece que Felipe ogro está de volta...*”, penso, resgatando na memória ele sendo grosseiro comigo no trabalho, depois de nossa discussão sobre as flores de Renato. Os pais dele têm razão, ele está péssimo e não admite. Não sei o que fazer, porém preciso ajudar, afinal, hoje de manhã ele parecia melhor! Foi tão carinhoso, tão apaixonado... Merda, estou quase chorando de novo!

— Não estamos tentando *cuidar* de você, meu amor! — sua mãe geme, os olhos de safira estão apagados. — Nós te amamos, apenas queremos o seu bem. Quem te fará companhia se formos embora?

Adianto-me um passo e, sem raciocinar direito, ouço minhas palavras preencherem o ambiente, ganhando a atenção dos três.

— Eu posso fazer! Quero dizer, se for ajudar, posso ficar aqui com você! — miro nos olhos cristalinos de Felipe, suplicando silenciosamente para não ser rude comigo.

— Por quê? — Ele me desafia, arqueando uma sobrancelha e girando o corpo para ficar de frente para mim.

Caramba, até o seu olhar está diferente! Aparenta ser outra pessoa aqui de frente para mim. “*Fica calma, vai dar tudo certo*”, meu subconsciente segreda, em uma tentativa de me encorajar a seguir em frente.

— Pra você não se sentir sozinho. Pra quando a tristeza bater ter alguém com quem desabafar. E porque sozinhos não vamos muito longe. Mas, principalmente — dou de ombros. —, porque eu quero!

— Você não sabe o que está falando! — insiste ele, dando um passo à frente.

— Sei sim! Mas que droga! Você quer que te ouçam, mas não se dá ao trabalho de ouvir os outros? Quero ficar! Se você não quiser, tudo bem, vou entender. Só pense a respeito primeiro!

Os pais dele permanecem emudecidos em surpresa. Meu sangue ferve e meus dedos estão formigando. Percebendo tê-lo deixado sem reação também, complemento:

— Não para sempre... apenas o tempo necessário.

Ele fisga os lábios, concordando com a cabeça. Percebo com satisfação tê-lo desarmado. Toda a camada de ironia desapareceu, revelando o homem a quem amo. Em um segundo está tudo um caos e então, no seguinte, Felipe retorna das sombras, como em um verdadeiro paradoxo.

— Nos deem um momento, por favor! — pede educadamente para os pais, olhando por cima do ombro. E, de pensar que há alguns minutos estava berrando e jogando taças contra a parede, sinto até um nó na boca do estômago.

Sua mão direita repousa sobre minha lombar, fazendo o meu coração ir para a boca. Um gesto tão pequeno, porém tão significativo... Aos poucos, nergas de sua essência verdadeira vão surgindo, sem a densidade do transtorno bipolar.

Caminhamos em silêncio até o hall de entrada, onde ele me puxa contra o próprio corpo, unindo as nossas bocas com um pouco de urgência. Correspondo ao ato com igual paixão, esquecendo-me por alguns segundos da cena na cozinha. Seus polegares acariciam minhas bochechas de maneira terna.

— Obrigado... — geme contra os meus lábios. — Obrigado por estar aqui!

— Isso é um sim?

— Precisa pegar suas coisas, receio — Ele se afasta, franzindo o cenho em uma careta pensativa.

Embora tenha fugido da resposta em si, suas palavras deixam as minhas pernas como gelatina e, por um momento, preciso me concentrar para não despencar no chão. Ah, meu Deus! Vou morar com Felipe! Tudo bem, é apenas até ele melhorar, mas, mesmo assim... só de me imaginar na presença dele a cada segundo do dia já sinto o mundo girar depressa.

— Pre-preciso — gaguejo.

Ele sorri, caminhando até o elegante aparador de madeira de demolição, posicionado ao lado da enorme porta principal, onde alcança um molho de chaves. Está vestindo somente uma calça de moletom cinza, por isso me demoro observando as deliciosas entradas da sua barriga. “*Minha nossa...*”, penso, distraída.

Felipe estaca a poucos centímetros de distância, entregando-me as chaves do carro. Olho para a palma da minha mão, engolindo em seco.

— O que é isso?

— Você pode ir lá sozinha, enquanto converso com os meus pais?

Caramba, é impressão minha ou o ar ficou rarefeito por aqui?

Como é?

Ele quer que eu dirija a Mercedes dele?

— Você está louco? — graso, acenando negativamente. — Não posso!

Felipe inclina sutilmente a cabeça para a direita, parecendo confuso.

— Pensei que tivesse habilitação!

— Eu tenho! Mas nesses 4 anos devo ter dirigido, sei lá, umas vinte vezes? E, qual é, olha pro seu carro! — Deixo escapar uma risadinha nervosa, sentindo o rosto pegar fogo. — Sem chances de eu conseguir chegar até ao meu apartamento e voltar com ele intacto!

— Tudo bem... Estou mesmo querendo trocar de carro. Ao menos terei um bom motivo — pisca um dos olhos, sorrindo torto antes de me deixar sozinha com as pernas bambas.

Santo Cristo, Felipe ainda me matará. Tenho certeza disso! Como chegarei à minha casa sabendo que estou conduzindo um veículo cujo valor deixaria uma pessoa desavisada de cabelos em pé?



MADU — AZARADA

Deslizo a trama fina da meia-calça preta pelas minhas pernas, para me proteger do frio lá de fora. Fecho a mala com um pouco de dificuldade, calçando o par de sapatilhas em seguida. Alcanço a bolsa jogada de qualquer jeito sobre a cama impecavelmente arrumada, conferindo se a minha habilitação está na carteira com os demais documentos. *“Falta pouco para ela vencer...”*, constato, percorrendo o polegar pelo plástico que a envolve.

Com todos os meus pertences em mãos, sigo em direção à saída, o coração batucando só com a ideia do que está por vir. Santo Deus, espero não bater o carro! Tudo bem, sou muito desastrada, eu sei, porém isso seria demais até para mim.

Desço a escadaria com cuidado, levando em conta o fato de a mala ter quase o meu peso — e isto dificulta bastante a empreitada. Estou prestes a entrar na cozinha quando percebo o fato de Felipe e a família estarem falando muito baixo lá dentro. Um contraste gritante perto de minutos atrás.

Aproximo-me da porta cuidadosamente, atenta às palavras ditas.

— ...preocupada com ela, querido. É tão nova e não s...

Vitória praticamente sussurra, por isso não consigo compreender todas as palavras. Dou mais um passo, chegando ao limite de onde ainda não posso ser vista. Apuro os ouvidos, tendo consciência de ser a pauta deles.

— Idade não importa. Não para mim.

— Não é isso, meu bem. É evidente o quanto ela gosta de você... mas já faz tanto tempo desde de que Bia...

Isaque tosse, impedindo-me de ouvir o restante da frase. Fisgo o lábio inferior, perguntando-me quem diabos é Bia. Então uma onda de frustração me toma de uma vez. *“Pensei que ele tivesse me contado tudo...”*, suspiro, balançando a cabeça em negativa.

— Eu nunca quis isso. Acha que não percebo o tamanho da minha responsabilidade com ela? Apenas aconteceu...

Com o coração do tamanho de uma ervilha, aperto a alça da mala entre os dedos, avançando cozinha adentro como se tivesse acabado de chegar.

— É... Hum... — sorrio amarelo ao notar a expressão desconfortável dos três. — Não devo demorar. Querem alguma coisa da rua? — encolho os ombros, desejando sair daqui desesperadamente.

— Não se incomode, querida. — Vitória acena com a mão e Isaque se limita apenas a sorrir, desviando o olhar.

— Eu te acompanho — Felipe diz sério, para, logo em seguida, adiantar-se até mim, alcançando a minha mala.

Caminhamos em silêncio até o carro, onde ele guarda meus pertences no porta-malas com agilidade — quase como se quisesse me despachar logo para conversar com os pais tranquilamente. Não posso julgá-lo por isso. Querendo ou não, sou uma intrusa aqui. Eles merecem esse momento, afinal de contas não tiveram a chance de conversar desde o incidente.

Felipe abre a porta, mas, ao me preparar para entrar no veículo, sou refreada por um singelo toque no ombro. Sua mão desliza pelo meu braço até alcançar o pulso, onde seus dedos se fecham, prendendo-me. Ergo os olhos, encontrando-o me encarando de volta, cheio de hesitação.

— Você tem certeza disto?

Coço a nuca um pouco sem jeito e, temendo o rumo de nossa conversa, resolvo me fazer de desentendida.

— Dirigir esse carro? — pergunto. — Nem em mil anos... mas posso lidar com o desafio.

Ele sorri, meneando a cabeça e cruzando os braços sobre o peito. Seus bíceps se contraem de maneira deliciosa.

— Muito perspicaz em desviar do assunto! No entanto, já te disse, é péssima em mentir.

Solto o ar dos pulmões pesadamente. Eu nem havia percebido ter prendido a respiração por tanto tempo.

— Eu tenho. E você também parecia ter há poucos minutos... alguma coisa mudou nesse intervalo de tempo?

Sua mão vem de encontro a uma mecha de cabelo. Em um movimento lento, ele a ajeita atrás da minha orelha.

— Nada mudou. Quero você comigo! Mas a minha consciência não está colaborando...

— E por que não? Fui eu que me ofereci! Estou vindo por conta e risco!

— Eu sei. Mas há tantos problemas implícitos...

Reviro os olhos, lançando-o um olhar indignado no segundo seguinte. Sem me dar a chance de protestar a respeito, ele continua:

— Seus pais. Eles não vão gostar muito da notícia, receio. — Ele umedece os lábios, raspando o polegar pelo ossinho da minha mandíbula com delicadeza.

— Eles não precisam saber, precisam? É só por um tempo, Fê. Só até essa maré ruim passar.

— E eles ficarão pagando o aluguel do apartamento à toa?

— O que foi, hein? — pergunto, elevando o tom de voz. — Se você não quer, então me fale de uma vez! Só estou tentando ajudar!

— Shhhh, fica calma! — Ele sorri, avançando um passo e repousando sua pesada mão sobre o meu pescoço.

Encaro-o frustrada. Minhas sobrancelhas estão unidas e imagino estar com uma careta emburrada estampando minhas feições. Essa é a menor das preocupações, porém.

— Eu quero, já falei. É o que mais quero... — ele se aproxima um pouco mais. — Desde quando você parou de iluminar os meus dias com a sua personalidade elétrica... não sabe o quanto a desejei aqui só pra mim. Madu, eu quero ter certeza de que você fará parte de cada segundo da minha vida... mas não que se sacrifique por isso, entende?

“Oh. Meu. Deus”, mentalizo, lutando para organizar os pensamentos caóticos causados por suas palavras. Como ele pode me derreter com tão pouco?

— Não estou sacrificando nada... a minha vida só é completa com você. Não foi isso que me disse? — pergunto, com lágrimas brotando nos olhos enquanto o encho de beijinhos. — Você é a pessoa mais confusa de Curitiba inteira, sabia?

— Ossos e ofícios em ser Bipolar! — Felipe pisca de maneira brincalhona. — Agora, você tem uma hora para estar de volta!

— Ou então? — provoco.

— Bom... você sabe o que penso sobre atrasos... e também o que faço com garotas más!

Deixo a gargalhada escapar dos lábios e o observo sumir porta adentro. Ainda trêmula, lembro-me do que estou prestes a fazer ao encarar a Mercedes branca de Felipe, reluzindo ao lado de maneira imponente. Sinto as mãos soarem frio diante da expectativa. Caramba, são muitas emoções para um dia só e eu estou passando mal de fome. Espero encontrar algo bom lá em casa, afinal, marcar bobeira com esse carro é a última coisa que pretendo.

Sento-me no banco de couro sintético, fechando a porta com um clique suave. O perfume forte e delicioso de Felipe está impregnado em cada centímetro deste automóvel, é quase como se ele estivesse sentado aqui comigo. Limpo as palmas no vestido, deixando o olhar percorrer o bonito painel de madeira. *“Jesus, me ajude a não bater esse carro!”*, penso, ajustando o banco pelos botões digitais posicionados na porta. Prendo o cinto de segurança, passando os polegares pelos botões do volante em seguida. Ok, é agora ou nunca! Preciso me agilizar para não ficar tão tarde.

Respiro fundo, digitando o endereço no GPS. Embora o Centro Cívico seja a poucos minutos daqui, não quero aumentar as chances de algo dar errado. Tremendo como uma vara verde, abro o portão elétrico e giro a chave na ignição, procurando o freio de mão para soltar em seguida. Chocada, percebo não existir um, e demoro um tempo até encontrar o botão correspondente a ele. Minhas bochechas queimam a ponto de incomodarem e, além disso, as minhas mãos deslizam pelo volante, tamanha é a intensidade com a qual estou suando frio. É bom o Felipe estar preparado quando eu voltar, porque vou matá-lo por fazer isso comigo!

O percurso até a minha casa leva o dobro de tempo do que o esperado, em decorrência da velocidade — pouco mais de quarenta por hora. Chegar e voltar com o carro intacto já é uma vitória e tanto e, acredite, não estou exagerando. As coisas costumam dar errado para mim... acabei me acostumando com esta condição.

É somente ao estacionar em frente ao prédio que consigo voltar a respirar. Demoro alguns minutos para me recuperar do nervoso. Gostaria de entender o motivo para ter tanto medo de dirigir... talvez seja o longo período sem pegar em um volante, mas o fato é: mais um pouco e eu teria desmaiado. *“Droga, quero só ver para voltar”*.

Alcanço a bolsa no banco de trás e pego, com um pouco de dificuldade, a mala no porta-malas. Tranco o carro de Felipe e limpo o suor da testa. Apesar de estar um frio do cão, por dentro estou fervendo. Adentro as portas de vidro do hall de entrada do edifício, encontrando um porteiro até então desconhecido. É um rapaz espinhento aparentando ter a minha idade, cujos braços delgados se encontram cobertos por uma espessa blusa de lã vermelha.

— Boa noite! — diz ele, com um sotaque arrastado.

— Noite!

— Meu nome é Guilherme, sou o novo porteiro — explica nervosamente. — Na verdade não tão novo, já vai fazer três semanas que trabalho aqui.

Mordo a parte de dentro da bochecha pra não rir. Ele está tentando puxar assunto comigo!

— Pois é, eu fiquei sumida um tempo. — Sorrio. — É um prazer, Guilherme, pode me chamar de Madu. — Aceno com a cabeça, preparando-me para retomar a caminhada.

— Ah, só um minuto, por favor. Qual é o seu apartamento?

— Novecentos e oito.

— Novecentos e... — sua voz morre no ar, enquanto ele confere as correspondências. Penso na profusão de contas me esperando e estremeço.

Guilherme coloca sobre o balcão alguns envelopes e, logo ao lado, uma caixa retangular de tamanho modesto. Crispo os lábios, aproximando-me um passo do balcão de madeira. “Ah, não! Ah, não, por favor, não seja o que estou pensando!”.

— Você assina aqui?

Ele indica a lista de correspondências, onde assino com a mão trêmula ao mesmo tempo em que ouço o meu estômago roncar novamente. Preciso comer ou desfalecerei.

— Obrigada! — graso, agarrando tudo na medida do possível e saindo como um raio em direção ao elevador.

Tenho a sensação de ter sido um pouco mal educada, mas, neste momento, existem prioridades maiores do que ser gentil com pessoas que acabei de conhecer.

Tão logo piso em casa, sou recebida com o cheiro de ar parado, poeira e mofo. Deixo a mala no meio da sala, jogo a bolsa no sofá e, antes de qualquer outra coisa, procuro entre as cartas a confirmação das minhas suspeitas. Encontro-a em um envelope branco e discreto, endereçado apenas com “Maria Eduarda Albuquerque, apartamento 908”.

“Ele veio aqui de novo...”, meu subconsciente indica, temeroso.

Abro o envelope, com os dedos frouxos. Tem tanto acontecendo... Não preciso de mais! Céus, por que precisa ser tudo tão difícil?

Arrasto o papel para fora, encontrando a elegante caligrafia já conhecida de Renato:

Eu raramente desisto do que quero, Madu. Estou disposto a te mostrar isso... Agora que não está mais vinculada ao Antunes, que tal aquele nosso jantar? Aguardo sua resposta.

Ps.: Estou ansioso para vê-la neste vestido e mais ainda para vê-la sem.

Abraços,

R.



MADU — SEXTO SENTIDO

Meu queixo cai, tamanha é a incredulidade. Santo Deus, como Renato teve a audácia de falar assim comigo? Arfante, esfrego o rosto, para me acalmar. Leio o bilhete mais algumas vezes, na tentativa de absorver as palavras quando o cérebro parece ter parado de processar novas informações. Então um arrepio percorre a espinha e sou dominada por um medo horrível. “Esse cara é louco!”, penso, atônita. Qual o maldito problema com ele? Qual foi o exato momento em que virei uma presa?

Caramba, fui muito idiota por achar que ele tinha me deixado em paz. Foi fácil demais para ser verdade! Num impulso de frenesi, busco o celular na bolsa, pronta para ligar para o Felipe, mas, ao pegá-lo, mudo de ideia. É melhor contar pessoalmente, afinal ele e seus pais estão conversando agora.

Sentindo o mundo girar, cedo ao peso das pernas, jogando-me contra o sofá.

“Ótimo, tudo o que eu precisava agora era que a pressão caísse”.

Sinto os membros do corpo formigarem e, por isso, apenas permaneço esparramada no sofá

como um peso morto, o tempo necessário para o mal-estar me abandonar.

Preciso contar para Felipe, eu sei, até porque, não quero repetir o mesmo erro de outrora. No entanto, somente imaginar as possíveis reações me deixam com um nó enorme na garganta. Ele está imprevisível sem os remédios, uma verdadeira bomba-relógio prestes a explodir a qualquer momento. Renato não pode nos prejudicar outra vez... Droga, realmente acreditei que, depois de ter se vingado de mim contando uma mentira para Felipe, seguiria em frente.

Ledo engano!

Levanto-me com dificuldade e caminho até o armário, vasculhando-o em busca de algo para forrar o estômago depois de tantas horas de descaso. Não encontro nada para me saciar rápido, apenas coisas que necessitam ser preparadas — um pacote pela metade de arroz, feijão-preto e macarrão parafuso. Suspiro, um pouco frustrada.

A cozinha está girando! Tento resgatar na memória há quanto tempo fiquei sem comer na loucura que se tornou a minha vida, mas não recordo exatamente. Não vou conseguir arrumar nada nesse estado...

Sinto o estômago revirar de uma só vez e o gosto ácido do refluxo invade a boca. Renato é o responsável por eu ter ficado assim, tão nervosa. A cada segundo me lembro de suas palavras, lembro-me de suas atitudes, pego-me pensando no fato de ele continuar vindo para Curitiba apenas para me desestabilizar. Por que precisa ser assim? Por Deus, qual o motivo para ele ter ficado tão obcecado em mim?

Sem pensar muito, alcanço o celular novamente, discando o número de Felipe no modo automático. A ligação chama apenas uma vez antes dele atender — quase como se já estivesse com o aparelho em mãos.

— Já se passaram quarenta minutos... — enuncia com a voz rouca, deixando-me momentaneamente desorientada com o quanto consegue ser arrebatador.

Demoro-me buscando as palavras certas e, como elas não chegam, o silêncio na linha apenas se estende. Felipe percebe o meu comportamento estranho, pois logo pergunta:

— Você está bem?

Engasgo antes de conseguir responder e, sem mais nem menos, caio no choro. Esse final de semana foi tão turbulento, quero dizer, nem dá para acreditar que só se completaram dois dias desde a minha chegada! O susto por quase perder Felipe ainda não se dissipou completamente, porém eu nem ao menos tenho chance de me recuperar quando mil coisas estão acontecendo simultaneamente.

A cada passo dado, regredimos dois logo depois. Preciso ajudar Felipe a se reerguer e isso já é intenso o suficiente. Porém, agora também tem o Renato e suas palavras invasivas,

responsáveis por me deixarem perplexa. A todo o momento recordo o final do bilhete “*Estou ansioso para vê-la neste vestido e mais ainda para vê-la sem*”, e uma nova onda de náusea me domina. Ele não passa de um nojento!

— Madu? — Felipe pergunta, mudando completamente o tom de voz. A preocupação é notável.

Limpo as lágrimas com as costas das mãos, mas é como se um gato houvesse comido a minha língua. Não consigo colocar para fora a angústia me assolando.

— Foi o carro? Porque, se foi, não tem problema! Sério! Você se machucou? Só me fale onde está para eu te encontrar, tudo bem?

Sua preocupação me arranca um sorriso e, com isso, consigo encontrar a lucidez novamente. Santo Deus, ele pensa que bati o carro e, ainda assim, está mais preocupado *comigo*? O que faço com esse homem maravilhoso?

— Não... — pigarreio, limpando a garganta. — Não é isso. Desculpa, estou em casa, você pode vir aqui, por favor? Não estou me sentindo bem.

Ouço-o soltar um suspiro de alívio antes de responder.

— Logo chego aí.

Aproveitando o fato de me encontrar na cozinha, interfono na recepção e informo ao Guilherme que estou esperando visita. Ignoro a nesga de decepção escapando em suas palavras, destrancando a porta em seguida, para quando Felipe chegar.

Atiro-me no sofá, com o corpo doendo como se tivesse levado uma pancada. Abraço o tronco e, sem perceber, acabo cochilando novamente.



— Invertemos os papéis? — a voz grossa de Felipe penetra os meus tímpanos, despertando-me de uma vez. — Agora você é a dorminhoca?

Pisco os olhos algumas vezes, encontrando-o sentado na beirada do sofá. Pela primeira vez destes últimos dias não está vestindo um de seus moletons com os quais treina. Inclino o pescoço, estudando-o. Encontra-se com um jeans de lavagem escura, justo ao corpo, e um blazer azul marinho por cima de uma camiseta cinza mescla.

— Como você está bonito! — gemo, ajustando-me.

— Diga algo que não sei. — Ele pisca um dos olhos, lançando-me um sorriso de canto irresistível. — Está se sentindo melhor? — pergunta, enterrando os dedos nos meus cabelos de maneira afável.

— Não muito... Parece que levei uma surra. Preciso comer um hambúrguer bem gorduroso com batatas fritas e muito refrigerante!

Ele acena negativamente com a cabeça, rindo de mim.

— Faz quanto tempo que não come?

— Eu não sei... Desde ontem a tarde, acho.

Felipe endurece a expressão, suas íris se tornando obscurecidas por uma fração de segundo e, de alguma forma, sei que está atribuindo a culpa a si mesmo.

— Estava pensando em *Burger King*, mas pode ser *McDonald's*, também! — falo, tentando distraí-lo de pensamentos perigosos.

Ele se inclina, deixando um beijo rápido nos meus lábios.

— Vamos, então. Depois voltamos aqui para você arrumar as suas coisas...

Sem conseguir dominar um sorriso, assinto com a cabeça e me apoio nos cotovelos para levantar. Meus olhos recaem sobre a caixa retangular na extremidade oposta do sofá e engulo em seco, olhando de Felipe para a embalagem copiosamente.

Ele inclina a cabeça para o lado e seus olhos se estreitam ao irem de encontro ao objeto aparentemente inofensivo. Eu nem ao menos o abri — e nem quero.

— O que foi? — ele me pergunta, repousando a mão na minha coxa.

Estico o braço, buscando o bilhete responsável por me deixar atordoada e o entrego em seguida. Há situações nas quais não existe maneira melhor de explicar além de ir direto ao ponto. Por isso, apenas mantenho os olhos fixos em seu rosto, a fim de medir suas reações.

Felipe permanece com a expressão séria e concentrada que o vejo adotar na companhia dos clientes. Suas sobrancelhas loiras se unem, enquanto os olhos percorrem as poucas palavras escritas. Pela demora dele, imagino estar lendo mais de uma vez, tal como eu mesma fiz.

Ele respira fundo, esfregando o rosto com as duas mãos por tempo além do necessário.

— Ele dará trabalho... — murmura para si mesmo. Quando seus olhos azuis encontram os meus, tremo com a intensidade contida neles. — Talvez seja melhor para *nós dois* que você esteja morando comigo.

— Como assim?

Felipe encolhe os ombros, oferecendo-me um sorriso desanimado.

— Monteiro está sendo processado por assédio sexual, Madu. Receber uma recusa não é exatamente seu esporte favorito. Aliás, como ele sabe o seu endereço?

Mordo o lábio inferior, tornando a ficar zozza.

— Ele me disse que conseguiu com você...

— Claro que falou! — Felipe revira os olhos, impaciência dominando-o. Com o corpo rígido

como se estivesse em estado de alerta, ele confere as horas no relógio preso ao pulso.

— Esqueça isso, tudo bem? — diz, forçando um sorriso. — Vamos jantar e depois voltamos para pegar as suas coisas.

— Certo. — Concordo com a cabeça, ouvindo o meu sexto sentido chegar de mansinho, avisando para me preparar para mais problemas.



FELIPE — ESPERANÇA

Observo Madu abocanhar o sanduíche com certo desespero e não posso dominar um sorriso. Olhando-me de soslaio, ela limpa os lábios com as costas da mão antes de alcançar um punhado de batatas e levar boca adentro.

Balanço a cabeça em negativa, já acostumado com o fato de namorar a deusa da gula. Mas, também pudera, ela estava sem comer desde ontem... Respiro fundo, decidido a não ceder ao desânimo. É isso o que causo nas pessoas ao redor, no fim das contas — preocupação e sofrimento.

Embora ela permaneça firme ao meu lado, com o jeito teimoso de levar a vida à sua maneira; temo, aos poucos, consumir sua energia vital. Ao me lembrar dos meus pais indo embora ainda há pouco, com os rostos abatidos e olhares cansados, sinto um gosto amargo na boca. No entanto, mantê-los comigo só pioraria tudo. Preciso mostrar a todos — sobretudo a mim mesmo — que posso seguir em frente. E vou.

— Alguma notícia sobre a greve da UFPR? — pergunto, de modo a evitar os meus

pensamentos traiçoeiros.

— Não sei... — ela diz com a boca cheia. — Minha mãe comentou algo sobre uma assembleia para tentar acordo. Preciso me informar.

Assinto, raspando as unhas na barba.

— Imagino que esteja cogitando procurar um novo emprego?

— Não *agora*, tão cedo — responde ela, encarand0-me perplexa. —, mas, eventualmente, sim.

— E não existe a possibilidade de voltar a trabalhar comigo?

— Felipe... — Suspira, desviando a atenção. — Não sei se é uma boa ideia.

— Ainda está chateada — afirmo.

— Não! Não é isso! É que... bem... eu não consigo mais misturar as coisas. Agir profissionalmente é uma droga! Não sei esconder os meus sentimentos, você sabe disso!

Aquiesço, cruzando os braços sobre o peito. Permito meus olhos passearem pela menina-mulher de frente para mim. Os cabelos loiros estão presos em um rabo no topo da cabeça, de onde alguns fios pendem de maneira desordenada e incrivelmente sexy. As bochechas e o nariz estão rosados pelo frio e, apesar de emoldurados por olheiras, os enormes olhos esverdeados se encontram mais vibrantes do que nunca.

Fisgo o lábio inferior, debruçando-me nos cotovelos sobre a mesa, sentindo-me incapaz de desviar os olhos dela. Não compreendo exatamente a razão para merecê-la, mas o fato é: não vou colocar tudo a perder, como sempre faço. Não mesmo.

Madu percebe o peso de meu olhar e o retribui, visivelmente encabulada.

— Pode ficar só até eu encontrar outra secretária? — indago, lançando a minha melhor expressão de inocência.

Um sorriso brota nos meus lábios enquanto minha mão percorre sua perna, massageando-a até bem perto da virilha — o mais longe que consigo alcançar de onde estou. Ela arfa em surpresa para depois olhar em todas as direções, procurando algum possível espectador.

— Outra secretária?

Minha risada paira entre nós, fazendo suas bochechas ficarem ainda mais avermelhadas.

— Algum problema? — pergunto, enterrando os dedos na parte interna da sua coxa.

— Precisa ser necessariamente do sexo feminino?

— Isso a incomoda? — dou de ombros, para provocá-la. Algo sobre vê-la irritada está me deixando louco.

Arranho suas pernas, sentindo a meia-fina desfiar sob as minhas unhas. Madu fecha os olhos ligeiramente, com uma expressão de quem está lutando para se controlar. Avanço com a mão

novamente, notando sua respiração se alterar a cada segundo.

— Não vai comer?

Ela aponta para meu o sanduíche esquecido na bandeja, deixando transparecer uma nesga de tesão em sua voz. Está tentando mudar de assunto, eu sei, porém não permitirei isso. Não quando quero vê-la gritando para mim o mais breve possível.

— Vou — sussurro e, de maneira inconsciente, ela inclina o tronco para frente, a fim de ouvir melhor. — Mas, definitivamente, não isso.

Sua boca se abre, formando um “o” de surpresa tão logo o entendimento a alcança. Rio satisfeito pelo trabalho de tê-la deixado desconcertada, ela fica adorável com os desejos à flor da pele.

— Ah, não? Vai comer o quê? — pergunta, com uma expressão atrevida tomando suas feições.

“Provocativa, como sempre...”, constato, deliciado.

— Eu te mostro assim que sairmos daqui!

Madu assente, puxando minhas batatas fritas para si mesma, com o sorriso cismando em permanecer nos lábios.



Dirigir se torna uma tarefa muito difícil ao passo em que Madu resolve jogar comigo. Minha visão está turva de desejo, enquanto a mão dela aperta o meu pau, esfregando-me sem pudor para cima e para baixo. Chegando ao prédio dela, freio o carro bruscamente, em uma notável demonstração da minha perda de controle. Pelos sete infernos, o que ela provoca em mim é mais alucinógeno que uma droga!

Arquejo, soltando o cinto de segurança e avançando sobre ela, como um animal selvagem indo em direção à presa. Invado sua boca com a língua, puxando os seus cabelos para vê-la se arrepiar inteira para mim.

— Você é uma safada, sabia? — sussurro, mordendo o lóbulo de sua orelha e arrancando um gemido delicioso.

Escorrego a mão para dentro do vestido e, depois, da calcinha. Encontro-a encharcada e não posso reprimir um novo gemido. Penetro-a com o dedo médio, observando sua expressão mudar completamente em uma fração de segundo. Esfrego seu clitóris com o polegar e, como resposta, Madu libera um som gutural, inclinando o quadril para cima, em um movimento puramente involuntário.

Tiro o dedo de dentro dela, levando-o até a sua boca e, nela, imitando o mesmo movimento de vai-e-vem que estivera fazendo lá em baixo.

— Vamos subir — profiro, engolindo em seco.

Ela concorda, puxando a mão de dentro da minha calça. Então, depois de se recompor, salta para fora. Abotoo o jeans, sem me importar com o quanto minha ereção está visível. Saio com tranquilidade, querendo provocá-la um pouco mais. Pigarreio, trancando o carro e percorrendo a distância entre nós com uma paciência exagerada. Ao alcançá-la, toco com suavidade o vão de suas costas. Madu estremece, mordiscando o lábio inferior demoradamente.

Adentramos o hall, imersos em um silêncio repleto de tensão sexual. Ela meneia a cabeça para o porteiro, cumprimentando-o silenciosamente. Noto os olhos dele nos acompanharem até sairmos do seu campo de visão e constato o fato de claramente estar interessado nela. O pensamento me arranca um sorriso, exatamente quando entramos no elevador.

Tão logo a porta metálica se fecha atrás de mim, minha visão percorre o cubículo, sem encontrar nenhuma câmera. É cabível, afinal de contas esse prédio deve ter, no mínimo, uns cinquenta anos. Confiro rapidamente as horas no relógio em meu pulso, descobrindo faltar pouco para a meia-noite. Madu está alheia à ideia me seduzindo neste momento e, por isso, salta de surpresa quando aperto o botão de emergência com um pouco de brutalidade, fazendo o elevador parar com um baque.

— O que vo... — começa a perguntar, no entanto o som é abafado com a colisão de nossas bocas.

Abro o zíper, liberando meu membro rijo para fora. Arrasto suas meias até as coxas pouco antes de erguê-la pelas pernas, apoiando-a contra o espelho.

— Felipe! — Tenta se desprender, parecendo preocupada em ser pega.

Eu adoraria aproveitar a deixa para colocar a cabeça no lugar, mas Deus sabe o quanto sou viciado na adrenalina causada pela perspectiva de poder ser descoberto a qualquer segundo. Foda-se, será aqui mesmo e será agora!

Encaixo-me entre suas pernas, penetrando-a lentamente. Sinto-a úmida e quente ao meu redor e fecho os olhos, encostando nossos testas.

— Não... — Ronrona. — É muito arriscado!

— Você não quer? — pergunto com a voz rouca, saindo de dentro dela. — Me fala que não quer e eu paro! — provoco, estocando de uma vez até o talo.

Ela solta um gritinho, o qual tento abafar com uma das mãos. Deixo escapar uma risada, completamente louco por essa menina enroscada em mim.

— Hein? — desafio-a.

Madu contorce o rosto, com a minha expressão favorita no mundo — pálpebras semicerradas, sobrancelhas formando uma única linha, a boca aberta ao máximo. Cravando os dedos em toda a extensão de suas pernas, roço meus lábios nos seus, eventualmente alternando com mordidas.

No momento em que a sinto se apertando ao redor do meu corpo, o elevador começa a descer com um solavanco. Com o coração batucando contra a caixa torácica, desvencilho-me dela, correndo contra o tempo para me reordenar antes de chegarmos ao andar para onde estamos sendo levados.

Cruzo os braços sobre o peito, recostando-me despretensiosamente sobre o espelho. Pelo canto dos olhos, noto minha menina ofegar, já com o vestido e meia nos lugares exatos. A porta é aberta para uma desconfiada idosa entrar, estudando-nos com uma expressão de denúncia tomando os traços vincados pelo tempo. Preciso me segurar para não rir do pânico evidente no rosto de Madu, o qual só é aliviado quando a senhora pula para fora do cubículo. Ela desfere um leve soco contra o meu peito, vermelha como um pimentão.

— Céus, Felipe! Isso não se faz!

— Quem disse que eu acabei com você? — indago, enlaçando-a pela cintura e a trazendo contra mim.

Saímos do elevador com os corpos emaranhados e o trajeto até o apartamento dela se torna um verdadeiro desafio. Madu abre a porta com as mãos trêmulas, entrando como um raio. Sigo-a até a sala, onde aproveito para despi-la com a urgência acumulada desde a lanchonete.

Passeio minhas mãos por suas curvas, apalpando, beliscando e explorando seu corpo delicioso.

— Também quero te ver... — diz ela, adiantando-se em tirar o meu blazer. Seguro seu pulso, negando com a cabeça.

— Hoje só eu serei o privilegiado. É o seu castigo...

— E por que estou sendo castigada?

— Por ser uma gostosa! — falo já contra sua boca, guiando-a com o corpo até a sacada.

Madu morde o lábio, apoiando-se nos cotovelos e olhando para fora com expectativa. Devido à hora, não existe nenhuma alma viva na rua, além do mais, a falta de iluminação colabora conosco.

Ela me surpreende ao me encarar por cima do ombro e lançar uma piscadinha, quase como se perguntasse silenciosamente “você não vem?”. Gemo cheio de tesão, foram gestos audaciosos como este responsáveis por me arrebataram... eu amo a brasa ardente que Madu tem dentro de si. É alucinante!

Desfiro um tapa em sua bunda, segurando-a pelos cabelos para forçá-la a permanecer empinada para mim. Com a mão livre, cubro sua boca — embora seus gritos me sirvam como combustível, já estamos abusando da sorte.

Inclino-me sobre ela, apoiando o queixo no seu ombro. Gemendo contra o seu ouvido, retomo as investidas, ouvindo nossas respirações agitadas se fundirem aos sons de nossos corpos colidindo.

— Ahhhh, que gostoso... — As palavras são abafadas pela minha mão. — Me castiga mais!

“*Putá merda*”, meu subconsciente profere, atônito. Puxo seus cabelos um pouco mais, obrigando-a a deixar o pescoço em evidência. Deslizo a mão pelo seu corpo até o meio de suas pernas, onde retomo a atenção ao clitóris. Estou chegando ao clímax e quero levá-la comigo.

— Você me faz perder a razão... — sussurro contra sua pele, aumentando o ritmo das investidas enquanto brinco com o polegar, traçando movimentos circulares. — Goza pra mim, Madu!

Seus gemidos se tornam crescentes, mas, desta vez, não dou a mínima se algum vizinho porventura ouvir. Fecho os olhos, sorvendo o aroma de seus cabelos ao enterrar o rosto neles. Ela começa a movimentar os quadris seguindo o compasso das estocadas, servindo como estopim para o meu corpo se manifestar.

Em uma alucinante explosão de espasmos, preencho-a com o meu gozo, sentindo-a tremelicar descomedidamente, seu último gemido morrendo no ar. Saio de dentro dela, percebendo a calma dentro da minha cabeça. É irônico que a paz venha depois de uma profusão de sensações, porém não me queixarei. Afinal, ultimamente são poucos os momentos em que minha mente é silenciada.

Madu vira de frente para mim e, com um braço de cada lado dela, seguro a grade descascada da sacada, beijando-a com todo o ardor guardado aqui dentro. Seus braços circundam o meu pescoço e percebo estar arrepiada de frio. Trago-a para dentro novamente, sentindo-me afortunado enquanto percorro os dedos pelo seu corpo nu.

Desde que Maria Eduarda apareceu na minha vida, eu comecei, de fato, a viver. Talvez realmente exista uma esperança para mim, no fim das contas.



FELIPE — SALVAÇÃO

Abro a gaveta de gravatas do closet, encontrando uma sucessão interminável. Deslizo os dedos por elas, sentindo a textura de uma, a qual acabo escolhendo para usar hoje.

Desde a fatídica quinta-feira em que quase tirei a minha própria vida, só se passaram 4 dias, mas, ainda assim, parece-me com uma eternidade. Trajar novamente um terno e observar a imagem refletida no espelho causa um estranhamento, como se eu houvesse passado anos a fio sem exercer a minha profissão.

Respiro fundo, passando a gravata ao redor do colarinho, meus dedos realizando o nó italiano no modo automático. Tinha cerca de dez anos quando o aprendi. Via meu pai metido num terno a todo o momento e, por isso, queria ser como ele. Recordo da luta para aprender, mas, depois disso, jamais esqueci. Ao acordar, a primeira coisa a fazer era escolher uma gravata dele para passar o dia.

A memória me arranca um sorriso fraco. Confiro as horas no relógio — não passa das seis. É muito cedo para estar pronto, eu sei, porém não consegui dormir direito nesta noite. Era só fechar

os olhos para os traumas voltarem à tona. Suspiro desanimado. Quero seguir em frente, no entanto minha consciência não colabora.

Além disso, agora tenho mais uma preocupação — Renato Monteiro. Esfrego o rosto, recordando as palavras dele no bilhete enviado para Madu. Sinto uma onda de adrenalina percorrer as minhas veias me fazendo estremecer. Eu já conhecia a fama dele, sempre metido em intermináveis escândalos... somente nunca imaginei a possibilidade dele ficar tão obcecado por uma mulher. Acho que, no fim das contas, a recusa dela o instiga a continuar, afinal, o prêmio é um atrativo e tanto — massagear o próprio ego.

Crispo os lábios, aflito. Deus sabe o quão longe a dignidade abalada pode levar uma pessoa e é esse o motivo me preocupando em toda a história. Isso e o fato dele ter sido processado por assédio — a razão de nosso laço, no fim das contas. Agora vejo, Madu fui honesta desde o princípio sobre as abordagens dele. Meu rosto queima em arrependimento pelas semanas passadas longe um do outro.

Pesco o One Million na prateleira. Madu já comentou comigo em algumas ocasiões o quanto gosta do meu perfume e, por isso, é inevitável não deixar o pensamento ser levado até ela sempre que o espirro contra a pele. Encaro a imagem refletida no espelho uma última vez e, apesar da confusão na qual me encontro, assumo a impenetrável imagem adotada por anos a fio, a fim de esconder todos os meus problemas.

Antes de descer para a cozinha, sigo até o quarto, seduzido pela ideia de vê-la dormindo novamente. Recosto-me contra o batente da porta, socando as mãos nos bolsos da calça. Madu se encontra deitada de bruços, braços e pernas espalhados por toda a cama. A respiração suave é o indicativo do quanto está tranquila em seus sonhos. Sorrio, fechando a porta com um clique suave e, em seguida, dirigindo-me aos andares de baixo.

Já ao pé da escada, sou recebido pelo delicioso aroma de pão sendo assado. Meu peito se comprime ao encontrar Leonor em seu uniforme branco, ocupada em preparar o desjejum.

— Que final de semana, hein? — comento casualmente, deixando um beijo demorado na bochecha dela.

— Pois é, menino. Você deu um susto e tanto na gente.

— Eu não tinha a intenção... — enuncio, pelo que parece ser a vigésima vez.

— Eu sei que não, meu bem. Mas, ainda assim, foi irresponsável... tomar tantos comprimidos e misturar com bebida... ai, ai, ai, Felipe. Olha só para você! Um homem tão bonito, saudável, com tanta gente que te ama... só toma cuidado! Da próxima vez pode não ter tanta sorte.

— Você tem razão. Chegou a hora de tentar encarar a vida com outros olhos — digo, colocando uma capsula na cafeteira.

— Tá tomando os seus remédios?

Encolho os ombros, olhando-a de soslaio.

— Não preciso deles. Tenho tudo sob controle.

— Felipe...

— Por favor, Leonor. Não quero brigar com você também! Sei que está do meu lado.

— Infelizmente, sim, querido. Tenho você como um filho, apoio duas decisões mesmo não concordando com elas. Mas acho que você tá prolongando o sofrimento sem os remédios...

Raspo a unha na barba, anotando mentalmente que preciso fazê-la o quanto antes. Apanho a xícara fumegante com o café, e, apoiando-me nos cotovelos, elevo o corpo, sentando sobre a ilha central. Leonor balança a cabeça negativamente, com um sorriso no rosto. Decido por mudar o rumo do assunto.

— Estou te devendo um final de semana, não? — pergunto com o rosto afundado na xícara.

— Claro que não, menino. Foi uma fatalidade! — Ela acena com a mão. — Deixa de besteira.

— Vou te compensar... pago esses dias como horas extras!

Ela estaca no caminho, encarando-me significativamente com seus olhos de jabuticaba.

— Dinheiro não é tudo.

— É grande parte, no entanto.

— Felipe... — ela lamenta tristonha. — Cedo ou tarde vai perceber que não devemos dar tanta importância ao dinheiro... pode nos custar caro, querido.



○ barulho de saltos ganha a minha atenção e, por isso, desvio os olhos da tela do notebook, exatamente quando Madu entra na sala.

A visão dela me deixa ligeiramente desconcertado. É a sua primeira vez usando saltos para trabalhar — os que eu dei a ela de presente — e um vestido preto de mangas compridas contornando o corpo esguio de maneira provocativa. O cabelo está solto em ondas loiras e, por um segundo, pego-me mordiscando a ponta metálica da minha caneta, sem me dar conta.

Pelos sete infernos, onde está a minha menina e o que essa mulher fatal fez com ela?

Madu caminha sem hesitar ao peso do meu olhar e, apoiando as mãos no tampo da mesa, oferece um sorriso.

— Bom dia!

— Está melhor agora. — Sorrio, enfeitiçado pelo seu magnetismo.

— Você levantou a que horas?

— Cedo. Não consegui dormir direito, então acabei desistindo de tentar... — Encolho os ombros. — Não quis te acordar, parecia sonhar com algo bom.

— Hum... sobre não ter dormido bem... queria mesmo falar com você sobre isso.

— Algum problema?

Ela une as sobrancelhas, parecendo desconfortável em levar a conversa adiante. Noto os vincos em sua testa até que ela finalmente toma coragem para prosseguir.

— Eu também não dormi direito... porque você, hum... você estava chamando uma tal de Bia. Sem parar — balbucia.

— Eu o quê? — pergunto, sentindo o sangue se esvaír do rosto.

— Acho que deve ter tido um pesadelo, mas, de toda forma, não consegui te acordar. Estava em sono profundo, se mexendo bastante...

— Madu...

— Não! Não tem problema. — Ela se empertiga, desviando o olhar para as próprias mãos. — Eu sei que ela também faz parte do seu passado. Ouvi um pedaço da conversa com os seus pais ontem à noite.

Levo as mãos ao rosto, sem reação. De fato, Bia faz parte do passado. No entanto, assim como Amanda, insiste em me acompanhar no decorrer dos dias, sem uma trégua.

— Olha, eu não vou mentir, fiquei um pouco decepcionada... depois de tudo o que me contou sobre... sua... — Ela respira fundo, pigarreando em seguida. — Eu só quero ajudar! Eu... eu... não sei o que preciso fazer para você começar a confiar em mim. Estou dando o máximo, Felipe, mas você insiste em colocar essa barreira entre nós.

Engulo em seco, incapaz de encontrar palavras capazes de aliviar os seus sentimentos intensos. Como eu gostaria que lidar com feridas tão antigas fosse mais fácil, porém não é. Embora deem a sensação de terem se amenizado depois de tantos anos intocadas, feridas abertas sempre serão feridas, a dor permanece lá, esperando para nos atingir de supetão. É isso o que ninguém entende! A dor não é deles, a dor é minha, ela mora aqui dentro. Apenas eu preciso lidar com ela, e isso torna o peso quase insuportável.

Respiro fundo, percorrendo meus cabelos com as mãos e encontrando íris esverdeadas me encarando com uma cobrança a qual não consigo compreender. *“Por que isso a chateia tanto? Ela não percebe o fato de eu estar tentando?”*

— É mais difícil do que parece, meu amor! — sussurro, e as palavras soam nostálgicas de uma maneira irônica.

Então, quase como se tivesse acabado de ser atingido por um raio, um flash invade minha

mente já perturbada, trazendo uma vívida Bia.

O cabelo crespo se encontra solto e volumoso da maneira como mais adoro; na boca, um batom roxo que prende meus olhos nos lábios carnudos. Tão linda... porém tão perturbada.

Observo as lágrimas escorrerem pelos olhos de ônix dela copiosamente, e tomo sua tristeza como minha. Precisa ser assim? Ela não entende o quanto é angustiante querer ajudar e não conseguir?

Aproximo-me, tomando suas mãos nas minhas, incapaz de raciocinar direito. Meus olhos recaem instantaneamente para os braços flagelados, pincelados com um vermelho mórbido e sinto o coração se comprimir dentro do peito, ficando do tamanho de uma semente de mostarda.

Com um nó enorme na garganta, sufocando-me mais a cada segundo, traço um dos finos cortes com o polegar, levemente. Por Deus, ela está pior do que nunca...

— Não faz isso comigo, Bia, por favor.

— É mais difícil do que parece, loirinho.

— Eu sei. Mas vamos conseguir passar por isso juntos, não foi o que combinamos?

Sou desperto dos meus devaneios pelo toque suave da minha menina. Seus dedos avançam pelos meus, em um gesto que faz o estômago revirar.

— Não precisa se esconder de mim! Só queria que soubesse disso. — Ela repuxa os lábios num sorriso amargo. — Não posso mensurar o tamanho da sua dor, mas posso tentar compreender. E isso só será possível se você parar de agir na defensiva. Me deixa te ajudar, Fê...

Apesar do desejo imenso de confortá-la, prometendo me esforçar para melhorar, emudeço. Afinal de contas, como posso assegurar algo que foge do controle? Como posso oferecer uma mentira lavada?

Madu permanece me fitando com o olhar cheio de expectativa e eu, por alguma razão, esquivo-me. Deslocando o olhar para o computador, afasto minhas mãos do toque cuidadoso das suas.

— Não é a hora e nem o local adequado — falo, um pouco mais seco do que gostaria.

Pelo canto dos olhos, vejo-a acenar com a cabeça, decepcionada. Tamborilando as unhas no tampo da mesa de uma maneira um pouco agressiva, profere com a voz embargada.

— Eu não posso te ajudar se você não quer a salvação, Felipe. Ninguém pode.

E então, sem vacilar, marcha em seus scarpins Valentino para fora da sala.



MADU — RETRATOS

Alguns diriam ser egoísmo, porém, na verdade, é muito difícil não se deixar dominar por pensamentos traiçoeiros ao ver uma pessoa querida encontrando mil motivos para tentar se afundar um pouco mais. Não digo isso por ter passado o dia remoendo a atitude e as palavras frias de Felipe, mas sim por, somente agora, conseguir compreender a forma agressiva como o pai dele lida com a situação toda.

Quando conheci esse advogado chamado de imbatível, jamais poderia imaginar a ruína na qual se encontra. Quem poderia, afinal? Escondido por trás de uma carreira sólida e uma vida de luxos, a solidão passa quase despercebida. Já me perguntei, no entanto, o porquê de um homem como ele não ser casado e possuir uma família. Só nunca imaginei a complexidade de seus problemas.

No momento, estou com um misto de raiva e frustração. Apesar de me culpar por me sentir assim, não chegarei a lugar algum enganando a mim mesma. Estou aqui por ele — na sua casa e no emprego responsável por unir nossos caminhos — mas ele está aqui por mim? Quero dizer, ele

realmente está tentando?

Depois de todo um expediente sendo evitada e, por vezes, tratada de maneira ácida, tornou-se um pouco inevitável não alimentar o rancor. Em momentos como este, o Felipe que adoro se apaga da minha lembrança, deixando em evidência o que não gosto tanto assim.

Desligo o computador, saindo para trancar o portão de acesso ao escritório. Inspiro o máximo de ar, na tentativa de oxigenar o cérebro e afastar essa nuvem de amargura. Deixando-me levar pelos pensamentos, perco a noção de tempo, enquanto observo as pessoas da vizinhança retornando aos seus lares depois de um longo dia de trabalho. Quando dou por mim, já quase anoiteceu e, a constatação de que ninguém deu por minha falta faz o estômago revirar.

Melancólica, percorro o caminho ladeado por irregulares pedras brancas, trancando as imponentes portas atrás de mim. Pesco o celular na gaveta da escrivaninha, encontrando uma mensagem de Vanessa nele.

“Ainda tenho uma melhor amiga?”

Sorrio, sentindo uma onda de remorso me dominar. Eu nem ao menos a avisei sobre minha chegada! Coitada!

“Precisamos colocar o papo em dia...”, digito e, logo em seguida, complemento: *“Alguma notícia sobre a greve?”*.

Em passos arrastados, percorro a enorme casa de Felipe, estremecendo com a quietude. É estranho, mas embora em um primeiro momento ela tenha me impressionado, agora só me causa temor. Eu jamais conseguiria viver aqui sozinha, como ele viveu por tanto tempo. Além de tudo é um exagero.

Como se as paredes pudessem me espionar, subo até o quarto de Felipe o mais depressa possível, porém não o encontro lá. Sentindo os pés protestarem após tantas horas no salto, aproveito a deixa para arrancá-los e, sentada na enorme cama, um pensamento intrigante invade a mente.

Não existe nenhum porta-retratos nesta casa... Na sala, no quarto, ou em qualquer lugar; apenas não existem registros. Nenhuma foto. Nada.

O celular vibra e, por isso, confiro-o, deparando-me com a resposta de Nessa. Céus, eu já havia me esquecido dela! *“Sua louca, as aulas voltam nessa quinta!”*. Apesar da saudade da minha amiga, estou tomada por um desejo irreversível e não posso ignorá-lo.

Observo os criados-mudos ao redor da cama com um interesse crescente e decido por começar com o móvel ao lado de onde ele dorme. Abro a gaveta com um pouco de urgência, revirando os papéis em busca de algo que nem ao menos sei o que é. No fundo estou apenas desesperada por respostas.

Desordenando uma profusão de papéis sem significado nenhum, parto para a gaveta de baixo, sem encontrar nada, da mesma forma. Respiro fundo, com o coração bombeando mais rapidamente o sangue pelo corpo. A adrenalina é pulsante e meus dedos se encontram trêmulos. “*Senhor, que loucura estou fazendo?*”, pergunto-me, contornando a cama para alcançar o outro criado-mudo.

Suando frio, continuo a busca até, finalmente, ter um estalo. Meu sexto sentido sussurra para eu ir ao closet e, como ele nunca falha, obedeço-o. Desço os degraus de dois em dois, sem me preocupar com o paradeiro de Felipe — sem me lembrar da sua existência, para ser honesta.

Entro no cômodo, sendo acolhida pelo sentimento melancólico que, hoje em especial, parece tomar cada centímetro desta casa. Vejo o meu reflexo no grande espelho, sem deixar escapar o quanto minhas olheiras se encontram proeminentes. Com isso, tento me convencer de ser minimamente aceitável a invasão de privacidade — eu não conseguirei descansar enquanto não desvendar este homem enigmático pelo qual meu coração pulsa mais forte. Dane-se, preciso acabar com a angústia. Não ficarei sentada vendo-o agir com tamanha inércia em relação à própria vida.

Meus olhos fazem uma varredura pelas elegantes divisórias construídas em imbuia, lotadas de ternos em cores e cortes variados. “*Onde diabos ele poderia guardar algo de que queira se lembrar?*”.

Arrisco alguns passos desnorteados, até finalmente focar nas gavetas ao fundo do quarto, posicionadas de maneira simétrica entre os dois corredores existentes aqui dentro. Abrindo uma por uma, vou revelando os conteúdos escondidos — gravatas, meias, lenços... — até finalmente chegar à última. Deslizo-a sem muita expectativa e, por essa razão, não posso reprimir um grunhido de surpresa ao achar exatamente o que queria. “*Ai. Meu. Deus!*”, penso atônita, ficando tonta de expectativa.

Ajoelho-me em frente a ela, um pouco decepcionada por não ter a quantidade enorme de recordações que esperava encontrar, mas sim um número escasso delas.

Qual não é a minha surpresa ao descobrir ter uma foto 3x4 minha ali dentro! Mordo o lábio com força, tomando-a com os dedos em pinça. O coração vem à garganta e toda a tristeza se dissipa em um passe de mágica. Meu Deus, essa foto... eu a entreguei junto com os meus documentos quando fui contratada! É a mesma do currículo... Ele a guardou desde então?

Nem ao menos percebo o sorriso idiota nos meus lábios, limito-me a encará-la por minutos a fio, dominada por uma inexplicável felicidade. A contragosto, coloco-a de lado, vasculhando uma faceta desconhecida de Felipe — a sentimental. A cada nova descoberta, mais o meu coração se agita de maneira descompassada. Uma foto na formatura, tão mais jovem; outra vestindo um

elegante terno azul-marinho, ao lado de Isaque, ambos com sorrisos enormes no rosto. Droga, estou chorando! Isso é idiotice, eu sei, mas, por outro lado, é emocionante conhecer o lado humano do homem que tanto amo.

A próxima foto me rouba o fôlego. Nela, ele ainda é adolescente, porém os traços são inconfundíveis — olhos azuis intensos, cabelos dourados e o eterno sorriso torto nos lábios. Em seus braços, um bebê trajando um pomposo vestido cor-de-rosa e, seguro em suas mãos gordinhas, um mordedor em formato de pé. Amanda! Crispo os lábios, subjugada à dor. Ela era tão linda! As bochechas rosadas, os enormes olhos de safira...

Então, por uma fração de segundo, meus olhos são atraídos para dentro da gaveta. Solto a foto de Amanda e Felipe sem perceber, hipnotizada com a mulher sorrindo para mim do último retrato da gaveta.

Engulo em seco, notando, ao pegá-la, que está presa a um pedaço de papel com um clipe. “Seria essa a Bia?”, pergunto-me, deixando os olhos percorrerem os seus traços — olhos amendoados, sobrancelhas espessas e um sorriso de tirar o fôlego emoldurado por grossos lábios pintados de vermelho. Ela é linda!

Meus dedos deslizam o clipe, soltando a foto do papel e descobrindo, atônita, tratar-se de uma carta. Com a mão trêmula, desdobro o bilhete amarelado pelo tempo. O coração martela com veemência e todos os poros do corpo resolvem suar ao mesmo tempo. Apesar do frio, queimo por dentro.

Então, ignorando o fato de estar literalmente bisbilhotando o passado de Felipe, começo a absorver cada uma das poucas palavras eternizadas naquele singelo pedaço de papel.

Meu amor,

Sei que você não vai me perdoar por isso tão cedo e sinto muito que precise ser assim. Eu juro que tentei, lutei com toda a força para melhorar e ser a pessoa que você merecia. Lutei para ser seu alicerce, assim como você é o meu. Lutei para viver o nosso “felizes para sempre”, mas é impossível. Não suporto mais um dia sequer, essa angústia dentro de mim está devastando tudo o que existia de bom. Não existe mais luz, apenas trevas.

Jamais, nem por um único segundo, pense que a culpa foi sua! Talvez o amor suma com o tempo, talvez você até mesmo me odeie em determinado momento, mas eu estou indo feliz. Lembre-se sempre disso. Não há mais dor, há apenas paz. O martírio acabou e você está livre para procurar a sua paz também.

E, por favor, em nome do seu amor por mim, não desista como eu. Você tem um caminho brilhante pela frente, o qual assistirei de onde quer que esteja. Seja feliz. Liberte-se do passado,

sobretudo de mim.

Sempre te amei e sempre te amarei, meu loirinho.

Da sua pretinha,

Bia.

Levo a mão à boca, chocada. Meus pensamentos são uma desordem alucinante. “*Minha nossa, minha nossa...*”, meu subconsciente repete sem parar.

Antes de sequer digerir o conteúdo da carta, pulo de surpresa ao ouvir um barulho atrás de mim. Estupefata, giro o corpo encontrando Felipe a alguns passos de onde permaneço. Está apenas com uma calça de moletom branca, o abdômen nu brilha de suor, fazendo-me constatar o óbvio — estava na academia particular.

Observo o seu peito subir e descer descompassado. Os punhos fechados e o maxilar trancado são indicativos alarmantes de seu estado de espírito. Caramba, nunca o vi desta maneira antes!

— Que. Merda. Você. Está. Fazendo? — pergunta entredentes, a sobrancelha formando uma única linha no rosto contorcido pela ira.

— Felipe... eu... — balbucio. — Não queria... descu...

— Saia daqui! — urra ele, suas íris brilhando além do normal. — Agora!

Levanto-me com as pernas bambas, quase como se começassem a derreter. Encontro-me tão assustada que nem ao menos consigo controlar o corpo aturdido. Encaro-o com o terror transparecendo nos meus olhos. Em seus quase dois metros de altura, Felipe está assustador como um urso. Basta a forma mordaz como me olha para um arrepio percorrer o corpo inteiro. Nem parece a mesma pessoa.

— Felipe... — minha voz morre tão logo ele avança um passo, fechando os olhos.

Seu punho direito vai em frente à boca, a respiração dele parecendo a cada segundo mais desenfreada. Como se ele travasse uma batalha interna entre a sanidade e o descontrole.

— Saia daqui antes que eu fale algo que me arrependa! — sussurra, com a voz rouca.

— Não! — surpreendo-me ao ouvir minha voz pairando pelo ar. — Vamos lá, me fale!

— Maria Eduarda... por favor!

— Coloca pra fora! Não guarde esse veneno aí dentro! Eu aguento!

Vejo-o colocar as mãos na cabeça, taciturno.

— Não complique tudo... — praticamente implora.

— Eu estava fuçando nas suas coisas, Felipe! Deliberadamente! — graso, avançando um passo em sua direção. — Conhecendo o seu passado que você insiste em manter trancado de mim.

Eu estav... — emudeço quando ele elimina a distância entre nós como um raio, segurando o meu rosto com as mãos e me calando com seus lábios desesperados.



MADU — FOGO

Este beijo é diferente de todos os outros. Felipe me consome com sua fúria transformada em um ato de paixão. Encontra-se em chamas e, por isso, o contato é ardente, quase queima. Sua respiração ricocheteia contra minha pele, em lufadas rápidas e curtas. Os dedos seguram o meu rosto com força, como se para me impedir de sair daqui.

Ele me prensa contra a superfície de madeira às minhas costas, unindo nossos corpos de maneira incisiva, quase como se quisesse ocupar o mesmo espaço que eu. É possível notar a revolta da sua alma na forma agressiva como ele enrosca nossas línguas, ou no quanto me traga, deixando-me sem ar nos pulmões.

Ao ameaçar explorar seu corpo, no entanto, ele me impede com as suas mãos, segurando os meus pulsos em frente ao ventre. Arfo em surpresa, com o coração quase saindo pela boca.

Meus membros reagem ao beijo apaixonado de maneira inusitada — pareço estar em brasa. Cada centímetro de pele servindo como um fio condutor da eletricidade correndo de um corpo para o outro. Suas mãos grandes e pesadas voltam ao meu rosto, aprisionando-me de corpo

e alma nesta entrega alucinante.

Semelhante a se estivesse em queda livre, todos os meus músculos formigam. É perigosamente alucinante. Estou sem fôlego no momento em que ele afasta um pouco o rosto, com os lábios inchados e avermelhados. Seus olhos cristalinos são como raios-X, penetrando a minha alma e me lendo com tamanha facilidade. Através deles, é possível ver a batalha sendo travada dentro de si. Suas íris me estudam com atenção enquanto ele tenta abrandar a respiração descontrolada.

Ele estreita os olhos, engolindo em seco e então, quando acho que me libertará, seus braços me levantam do chão com facilidade. Sua boca busca a minha novamente, com a mesma fome de antes, ele quer me devorar.

Girando o tronco e se inclinando para frente, Felipe me deita no chão, ficando sobre mim. Arrasta o vestido com facilidade para fora do meu corpo e depois se apoia nos cotovelos, deslocando os beijos para a orelha, pescoço, ombro e clavícula, onde deixa algumas mordidas. Tão logo arrisco colocar as mãos nele, a recusa anterior se repete e, balançando a cabeça em negativa, ele segura meus pulsos com uma só mão, acima da cabeça.

Sustento o olhar penetrante, estremecendo com a intensidade dele. Felipe tem a testa cheia de vincos, em uma expressão de angústia.

— Felip...

— Shhhh! — Ele volta a fechar as pálpebras.

Comovida pelo sofrimento aparente no seu rosto perfeito, limito-me a percorrer cada um de seus traços com meus olhos sedentos. O maxilar anguloso, o nariz fino e comprido, os lábios bem delineados... é muito viril, muito convidativo aos olhos. Cada pedacinho de mim clama por Felipe como uma viciada clama por droga, estou constantemente em abstinência, tratando-se dele.

— Você me tira do sério — murmura desconcertado. — Isso que faz comigo... é covardia.

— O que eu faço com você? — sussurro.

— Coloca o meu mundo de cabeça pra baixo. Devasta o autocontrole que lutei tantos anos para ter... — Ele respira fundo, deitando a cabeça sobre o meu tronco, para a minha surpresa. Seus braços musculosos me abraçam pela cintura. — Você me deixa louco, Maria Eduarda. Estou louco por você!

Perco o rumo ao perceber a umidade na minha barriga. *“Ele está chorando!”*, constato o óbvio, mortificada. Sem saber o que fazer, passo os dedos pelos seus cabelos dourados, enquanto seus ombros balançam sutilmente. Permito-o chorar pelo tempo necessário — ultimamente parece ser a única coisa feita por nós dois. De toda forma, não posso me queixar disso, afinal, toda dor precisa ser sentida, não há outra maneira de colocar um fim. Por isso, apenas fecho os olhos, atormentada por não conseguir compreender Felipe da maneira como eu gostaria.

O tempo caminha sem pressa dentro deste quarto. Perco a noção e fisgo os lábios, melancólica. Ontem mesmo estávamos fazendo amor no elevador. Céus, essa oscilação de melhora e recaída é um veneno para as nossas almas.

Sua voz quebra o silêncio desconcertante num rompante, sobressaltando-me por um momento.

— Estive anestesiado todos esses anos... tanto para os sentimentos bons quanto para os ruins — fala entre arfadas e o sopro de suas palavras vem de encontro a barriga, causando calafrios.
— Você apareceu e mudou tudo, minha menina.

Estremeço ao ouvi-lo me chamar assim. Existe algo de protetor implícito nestas ingênuas palavras, responsável por me deixar alucinada. Por Deus, sou a menina *dele*. Algo mais importa?

— Você está trazendo vida onde só existia devastação... mas o preço é muito caro.

— Mas, Fê, ele só é pago uma vez! Você precisa encarar essas feridas se quiser curá-las! Do contrário, ficarão aí pra sempre. Não entende isso?

— É mais fácil na teoria, Madu!

— E qual a outra escolha? — pergunto, frustrada. — Desistir? É isso?

Ele se inclina, de modo a encontrar o meu olhar com suas íris impetuosas. Arqueio as sobrancelhas, desafiando-o. Num leve balançar de cabeça, ele me mostra a fúria voltando a dominá-lo. Nossos rostos estão tão próximos que as pontas dos narizes se tocam suavemente.

— Não faça isso...

— O quê?

— Não me provoque — ele sussurra, com a voz rouca. — Não quero perder o controle com você.

“Pois eu quero que perca”, penso, sem quebrar nosso contato visual. Passar tantos anos anestesiado, como ele falou, não me parece realmente uma maneira boa de se viver. Se o que torna a existência especial são os sentimentos efervescendo dentro de cada pessoa, então por que evitá-los?

— A única coisa que você pode fazer para me machucar é continuar se afundando por conta própria — falo. — e isso você já está fazendo.

Minhas palavras servem de estopim. Felipe torna a avançar sobre mim, cobrindo meus lábios com os seus. Antes que perceba, estou novamente com as mãos para cima do corpo, sendo proibida, mesmo de maneira implícita, de tocar sua pele morna, de acariciá-lo como estou tentada a fazer.

Ele está pegando fogo e cada gesto é o suficiente para me deixar ardendo. Sua mão livre percorre o meu corpo de maneira violenta, apertando-me com avidez, transparecendo a fúria em sua alma revolta. Felipe, o homem contido e fechado, cada vez se abre mais para mim, e são esses

momentos os responsáveis por me enfeitiçarem ainda mais. A alma selvagem, a maneira insana de amar, de se entregar, de romper com o passado sombrio... é como fazer um mergulho sem volta nas ferozes ondas do seu coração.

Seus lábios descem pelo meu colo, causando uma corrente elétrica onde tocam. Meu corpo corresponde ao menor dos gestos, arrepiando-se inteiro e estremecendo ao desesperado contato dominante. Felipe abaixa com dificuldade a própria calça, usando apenas uma mão, a outra permanece me imobilizando. Eu sei, essa é a sua forma de me mostrar a própria insanidade, mas o fato é que estou inflamada de tesão. Molhada de desejo e suando frio com a ânsia pelo corpo dele.

Seus olhos intensos me perfuram, emoldurados pelas sobrancelhas unidas. O rosto tão rígido quanto concreto alastra todo o paradoxo carregado dentro de si — controle e renúncia; raiva e paixão.

Com o joelho, Felipe abre as minhas pernas, sua respiração entrecortada é o único som dentro deste closet. Jogando o peso do corpo sobre o meu, ele se apoia no cotovelo livre e então afasta a calcinha para o lado antes de me preencher.

Um gemido baixo escapa de seus lábios ligeiramente separados e me deixa com as pernas fracas. Seus olhos obscurecem, sem nunca desviarem dos meus, porém. A linha do nosso contato visual é quase palpável e isso é novidade para mim. Ele se movimenta para dentro e para fora do meu corpo com a mesma ferocidade com a qual me beijara há poucos minutos. Meus grunhidos em resposta ao prazer invadem o ambiente a medida que ele me possui, com apetência.

Então, ele apruma o tronco de supetão, encarando-me de cima com a mesma expressão lasciva. Meu coração batuca, meus músculos se contraem e as palmas das mãos suam frio. Tudo formiga, tudo queima, tudo é uma deleitosa explosão de sensações.

— Ah, Madu... — grasna, resignado. — Minha menina...

Felipe agarra um dos meus joelhos, dobrando-o contra minha barriga e me deixando mais exposta. Arrisco fechar os olhos, mas a intensidade em suas íris me impede de ir adiante. *“Pai amado, esse homem é um furacão”*.

Sem me controlar, meus gemidos se tornam cada vez mais altos. Sinto-me como se fosse uma panela de pressão sem uma válvula de escape, podendo explodir a qualquer segundo. No entanto, sempre quando está perto de acontecer, Felipe diminui a cadência das investidas consideravelmente, deixando-me cega de excitação.

— Você acaba comigo... — a voz rouca de tesão penetra os meus tímpanos.

— E você comigo.

Ele umedece os lábios e sinto uma vontade louca de tê-los aos meus, para beijar, morder,

sugar... Tento inclinar o tronco para cima, mas o fato de ter as minhas mãos presas me impede. Percebendo o meu anseio, um sorrisinho torto rasga seu rosto, os olhos ganhando uma nova chama.

— Fê... — chamo-o em um suspiro. — Por favor...

— Por favor? — ele provoca. — Por favor o quê?

— Não aguento mais... — tremo inteira, um calafrio percorrendo o corpo.

— Sinto muito... — diz com malícia. — Essa noite eu vou te enlouquecer também.

E, tão logo suas palavras pairam pelo ar, ele volta a se inclinar sobre mim, diminuindo o ritmo das investidas de uma forma que me alucina. Raspando os lábios nos meus impiedosamente, a respiração ruidosa vem contra o meu rosto. A força segurando meus pulsos um no outro aumenta, numa silenciosa demonstração de quem manda nas coisas hoje.

A minha garganta arranha e, num ímpeto de determinação, inclino-me na medida do possível, mordendo sua boca com desejo. Ele geme, finalmente fechando os olhos e dando a batalha por perdida. O descontrole o tomou, assim como a mim.

Beijando-me alucinadamente, Felipe retoma os movimentos voluptuosos e então, de uma só vez, a vista fica turva e todo o corpo vibra em espasmos. Vou ao delírio, girando os olhos nas órbitas e lutando para recuperar o fôlego dos pulmões. Sinto-o pulsar dentro de mim e seus dedos afrouxam, liberando as minhas mãos.

Levo-as direto ao seu rosto, segurando-o com ternura enquanto nos entregamos a um beijo sereno e, ironicamente, tranquilo. Com isso, percebo ter se dissipado toda a fúria aprisionada em seu corpo. Aquele homem prestes a entrar em colapso não está mais aqui, mas sim o Felipe que conheço e amo.

Ele encosta a testa suada na minha.

— Nunca mais faça isso!

— O qu... — começo, mas sou interrompida por seu indicador sobre meus lábios. Ele o mantém por uma fração de segundo e depois direciona a mão para uma mecha do meu cabelo, colocando-a atrás da orelha.

— Não brinque com fogo, Madu. Nem sempre dá pra sair ileso.



MADU — UMA LIGAÇÃO

O ônibus sacoleja, despertando-me do transe momentâneo. Desde quando li a carta de Bia para Felipe, não consigo tirá-la da cabeça. Meus pensamentos vagueiam para a tristeza contida em suas palavras e me pergunto o que de fato aconteceu com aquela linda mulher. Quero dizer, apesar de já ter unido os pontos e possuir uma vaga ideia do ocorrido, seria ótimo entender, de uma vez por todas, o passado conturbado de Felipe.

Ajeito a mochila de couro no colo, espiando o caminho passar janela afora. É estranho estar aqui, retomando a rotina repetida ao longo dos últimos três anos, depois de todos estes meses longe da faculdade. Sinto um inexplicável frio na barriga causado pela expectativa de voltar. Observo o campus onde o Setor de Ciências Biológicas da UFPR está localizado se aproximar cada vez mais, até o veículo finalmente parar com uma sucessão de pequenos solavancos.

Com o estômago revirando, praguejo o motorista em pensamentos enquanto pulo para fora. Lembrei o motivo para odiar tanto vir de ônibus... eu sempre passo mal! Respiro fundo, caminhando em direção ao prédio com as pernas trêmulas. Atravesso o amplo jardim verdejante do campus,

permitindo-me admirar as flores multicoloridas espalhadas pelo caminho.

Uma brisa gélida vem de encontro a mim, fazendo a pele do rosto arder. Soco as mãos nos bolsos da jaqueta de couro, apertando o passo para chegar logo na área coberta. “*Não vejo a hora deste inverno repugnante acabar*”, penso irritada, ao me lembrar da minha quantidade enorme de vestidos no guarda-roupa esperando ansiosamente para serem usados.

Meus olhos percorrem a bonita fachada feita em panos de vidro, por onde é possível observar a movimentação de alunos indo e vindo do lado de dentro, concedendo vida ao prédio. Estar aqui é reconfortante, no fim das contas. Não só por ser o curso que tanto amo, mas por poder refrescar os pensamentos e tirá-los da cúpula de amargura a qual se tornou a minha rotina.

Encolho-me quando, mais uma vez, sou atingida por uma nova corrente de ar frio e, no momento em que estou para atravessar a entrada, ouço uma conhecida voz estridente se sobressair aos demais sons.

— Madu! Me espera! — Giro nos calcanhares, tão logo as palavras penetram os meus tímpanos. Vanessa vem ao meu encontro saltitando, com um enorme sorriso.

Sem nos importarmos com as pessoas ao redor, abraçamo-nos como se não nos víssemos há anos, rindo como bobas. Minha amiga está com o cabelo solto, caindo em camadas sedosas e negras até o meio da cintura. Os olhos castanhos se encontram destacados com algumas camadas de rímel e, nos lábios, um batom fúcsia confere alguma cor ao rosto. “*Céus, é tão linda que dá raiva*”, mentalizo, retomando os passos e sendo acompanhada por ela.

— Tá gata, hein... — Vanessa comenta, estudando-me com os olhos curiosos. — Seu brilho está ofuscando todo mundo, amiga. A viagem te fez muito bem. Ou isso, ou... — Ela para de rompante, encarando-me com uma nesga de acusação nas íris escuras. — Madu! Você voltou com o *advogado*?

Fisgo os lábios, sentindo as bochechas queimarem. As palavras somem da boca e, por isso, apenas continuo caminhando. O silêncio é tomado como uma resposta e o riso de Vanessa é histérico.

— Caramba, você não perde tempo!

— Cala a boca, sua tonta. — Empurro-a levemente com o ombro, ao adentrarmos a nossa sala de aula.

Aceno com a cabeça para os rostos conhecidos, dirigindo-me em passos lentos ao meu habitual lugar — a primeira carteira na fileira ladeando as amplas janelas. Como de costume, Vanessa se senta ao lado, torcendo o cabelo em um coque no alto da cabeça.

— Você vai me contar tudo! Ah, se vai! — ameaça ela, mas, neste momento, meus olhos estão fixos em um rapaz a duas fileiras de distância. Na verdade, mais especificamente para coxinha em

suas mãos.

Vanessa acompanha o meu olhar, arqueando as sobrancelhas em seguida.

— Não jantou?

— Jantei! — Dou de ombros, procurando a carteira dentro da mochila. — Mas deu vontade... Até parece que não me conhece!

A risada dela vem ao meu encontro, contagiando-me.

— Você não muda, né?

— Acredite, você não é a única a me falar isso! — pisco um olho, sentindo uma onda de calor percorrer o corpo ao me lembrar de Felipe. “O que ele está fazendo a uma hora dessas?”, meu subconsciente pergunta, enquanto fico em pé com um pouco de pressa. — Vamos lá? Se a gente der uma corridinha, conseguimos voltar antes do professor chegar!

— Ai, Madu... — ela revira os olhos, levantando-se em seguida. — Você só me dá trabalho, amiga!

— Sei... Você está é morrendo de saudades!

Nossas risadas chamam a atenção de todos com os quais cruzamos no corredor. De fato, o que eu mais precisava agora era distrair a cabeça.



A aula de Fisiologia Vegetal I está enfadonha a ponto de causar sonolência. O professor Thiago, um atarracado homem na casa dos quarenta, fala com a voz de garça sem nem ao menos parar para respirar. Tento me concentrar em suas palavras arrastadas sobre a estrutura e função das células, porém dou-me por vencida ao perceber estar pestanejando além do normal.

Olho ao redor e flagro um punhado de inconfundíveis rostos entediados, com olhares vazios e vincos na testa. “*Parece que não sou a única*”, penso, pulando ao sentir o celular vibrar dentro do bolso. Enrijeço-me, ponderando se saio da sala ou não para atendê-lo. Pesco-o com a ponta dos dedos e, ao reconhecer o código da ligação piscando no visor, engulo em seco. É de São Paulo! E só conheço uma pessoa de lá.

Crispando os lábios, faço um sinal com a mão para o professor no momento em que ele mira os olhos caídos em minha direção, pedindo silenciosamente para sair da sala. Ele concorda com a cabeça, sem interromper a interminável sabatina, porém.

Vanessa me lança um olhar curioso, mas nem ao menos esboço uma reação, tamanho é o meu atordoamento. Corro para fora, atendendo a chamada tão logo passo pela porta.

— Boa noite — A conhecida voz de Renato me deixa de boca seca. É grossa e tem

suavidade. Estremeço.

— O que você quer, Renato? — atiro, sem me importar com a agressividade contida nas palavras.

— Sempre espirituosa, não? — seu tom tem um quê de cinismo. Não gosto.

— Um bom jeito de se esquivar da pergunta...

— Achei que fosse bem óbvio o que quero, Madu. Você, é claro!

Pigarreio, desconcertada. Paro ao lado do bebedor de água, grata pelo fato de o corredor se encontrar vazio. Recosto-me na parede, fechando os olhos em sinal do cansaço pesando em meus músculos.

— Eu já disse, não estou interessada!

“Santo Deus, qual o problema deste homem?”.

— E eu já disse que não desisto fácil! — uma risadinha mordaz vem do outro lado da linha, arrepiando-me inteira.

Esfrego as têmporas com a mão livre, sem saber a melhor maneira de lidar com a situação. Ignorando o meu aparente estarrecimento, ele assume um tom despreocupado ao fazer o próximo comentário.

— Seus olhos verdes não saem da minha cabeça, Madu... Suas pernas torneadas... Cristo, você é irresistível!

— Renato, eu...

— Gostou do último presente? — ele me interrompe.

Fisgo o lábio inferior, recordando-me das palavras que ficaram martelando no cérebro mesmo depois de horas: “*Estou ansioso para vê-la neste vestido e mais ainda para vê-la sem*”.

Eu nem ao menos cheguei a conferir o “presente”. Para mim, errar uma vez foi o bastante para aprender a lição. De Renato eu apenas desejo distância — a maior possível.

Com o coração batucando descompassadamente, faço a pergunta entalada há muito tempo na garganta.

— Por que, Renato? — balbucio. — Por que está fazendo isso comigo?

— Fazendo o que, docinho?

— Me encurralando, persistindo... ignorando o que eu te falo.

— Ora, Madu, você já deveria saber... a dificuldade torna qualquer situação mais interessante.

— Isso não é um jogo! — bufo, incrédula.

— Se você está dizendo... — ele faz pouco caso e seu tom de voz sugere estar sorrindo do outro lado da linha. — Mas, da minha parte, não somente é um jogo, como está apenas

começando.

— O qu... — minha voz morre no ar.

— Bem, preciso desligar. Prometo não tirá-la dos pensamentos, Madu. Espero não sair dos seus também... — Solta uma risadinha maliciosa. — Até breve.

E então desliga, deixando-me com suas palavras ecoando em meus tímpanos. “*Até breve, até breve, até breve...*”. Ele tinha razão, no fim das contas: será impossível afastá-lo da cabeça depois disso.



MADU — PENNE AO PESTO

Quando o ônibus para em frente ao ponto, a Mercedes branca de Felipe já está estacionada na esquina, como havíamos combinado. Temi que ele acabasse esquecendo, mas, como sempre, sua pontualidade é inquestionável.

Aperto o passo, tentando me esquivar do frio. O silêncio cortante da rua confere uma atmosfera sombria, a qual é intensificada pelo fato de não existir uma única alma viva por aqui — também pudera, já passa da meia-noite. O céu de veludo não tem uma única estrela quebrando todo o negrume e, mesmo com a fraca luz emanando dos postes na rua, a escuridão parece predominar.

Dou três batidinhas com os nós do dedo no vidro do lado do passageiro ao notar o fato de as portas se encontram trancadas. Felipe está recostado no banco com os braços cruzados sobre o peito e os olhos fechados, quase como se estivesse em um sono calmo e profundo. Ao me ouvir, porém, empertiga-se de supetão, destravando o carro no segundo seguinte.

Tão logo entro, sendo acolhida pelo calor reconfortante, a certeza do péssimo estado de

espírito dele vem de encontro a mim como um bloco de concreto, deixando-me desorientada. Sei disso pela maneira como suas íris de safira estão obscurecidas, a força com a qual trava o maxilar e também pelo cenho franzido.

Inclino o corpo para frente, deixando um beijinho em seus lábios mornos, mas Felipe mal parece perceber. Sua mente está muito longe daqui. Ele dá partida e, somente alguns quarteirões depois, já em frente à sua mansão, realmente nota a minha presença. Lançando-me um meio sorriso, repousa a pesada mão na minha coxa carinhosamente antes de me prestigiar com a voz grossa:

— Como foi sua aula?

O coração dá uma guinada no peito. Eu mal me lembro dela, afinal, o único som ricocheteando nas paredes do crânio são as palavras incisivas e desprovidas de bom-senso de Renato. Engulo em seco, ponderando se agora é a melhor hora de tocar no assunto. Sua expressão é de poucos amigos, não quero piorar. Felipe me conhece mais do que eu imagino, no entanto, pois me encara com atenção logo depois de estacionar o carro suavemente.

— *Ele voltou a te incomodar?* — pergunta com uma expressão irreconhecível tomando os traços perfeitos. Distraio-me o admirando e, por isso, levo tempo além do necessário para responder.

— Sim — falo simplesmente, mas não é o suficiente para ele, pois continua me estudando com os olhos intensos. Esparramo-me no banco, desviando o rosto para a janela. — Me ligou no meio da aula, falou um monte de porcaria e... — Suspiro profundamente. — Deixa pra lá. Não quero falar sobre ele, não aguento mais o Renato na minha vida. E, fora isso, estou exausta. Desacostumei com o ritmo de trabalhar e estudar.

Felipe assente com a cabeça, respeitando a minha vontade, porém sem falar mais palavra alguma. Descemos do carro e só então percebo o quanto está suado, apesar do frio cortante. Sigo seus passos determinados, entrando no casarão logo depois dele.

— Estava malhando? — indago, querendo puxar assunto.

Felipe dá de ombros, concordando com a cabeça. Tranco a porta atrás de mim e, ao girar os calcanhares na direção em que ele estava há poucos segundos, encontro o vazio. “*Ótimo, está se afastando mais uma vez*”, penso, seguindo para a cozinha, onde uma luz acaba de ser acesa.

Encontro-o com uma garrafa de Whisky na mão, servindo-se de uma quantidade generosa da bebida. Sem pensar duas vezes, leva o copo aos lábios, esvaziando o conteúdo em poucos goles. Tiro a mochila dos ombros, colocando-a sobre a bancada enquanto percorro a distância até ele, tomando o copo de sua mão tão logo se serve pela segunda vez.

Felipe estreita os olhos, parecendo um pouco contrariado. Apesar de ter odiado o sabor do

Whisky na única vez em que o tomei na vida, prendo a respiração e o deixo deslizar garganta adentro.

— Você não bebia tanto quando te conheci — atiro, com o rosto escondido atrás do copo. O forte gosto de madeira é puro fel e preciso resistir ao desejo de cuspi-lo fora.

— De fato... — murmura, perfurando-me com os olhos injetados. — Não era preciso.

— E agora é?

— Sim.

Ele não quer conversar, isso é nítido. Porém nós dois sabemos o quanto posso ser obstinada quando quero.

— Por quê? — insisto, notando a impaciência estampada em seus traços perfeitos. Felipe alcança o copo novamente, despejando um pouco mais da bebida castanha dentro dele.

— As lembranças... elas voltaram com tudo. A cada segundo do dia, ininterruptamente. O rosto *delas* está em toda parte... — beberica o Whisky, crispando os lábios em seguida. — Eu só quero que sumam. Não é pedir demais.

Emudecida, sustento o olhar e percebo toda sua angustia. Meu único desejo é poder confortá-lo e dar um fim ao sofrimento o acompanhando há tantos anos.

Um sonoro ronco de fome vem da minha barriga, quebrando o clima pesado, ao menos por segundos. Felipe suaviza a expressão, abandonando o copo sobre a bancada de mármore e segurando o meu rosto com as duas mãos. Instantaneamente minhas pernas amolecem e me sinto uma boba. O menor dos gestos vindos dele são o suficiente para as minhas mãos soarem frio, o coração acelerar e o ar sumir dos pulmões. Céus, esse homem ainda acabará me matando, estou certa disso!

— Você não comeu nada na faculdade? — a preocupação implícita em suas palavras me arranca um sorriso. Ele pode ser extraordinariamente complicado e estar muito instável sem os remédios, mas nunca deixará de ter essa essência protetora que tanto amo.

— Uma coxinha de frango no começo da aula, um salgado de presunto e queijo no intervalo e, enquanto estava no ônibus, um pacote de bolacha que levei na mochila.

— Meu Deus! — Felipe arqueia as sobrancelhas surpreso, antes de uma risada baixa escapar. — O que faço com você, hein?

— No momento, apenas me alimente! — pisco um olho de maneira sugestiva, arrancando outra risada dele.

Ele me segura pela cintura e, com os braços fortes, facilmente eleva o meu corpo, colocando-me como uma boneca sobre a ilha central da cozinha. Enlaço seu pescoço com os braços, aprisionando-o para mim. Ele roça a ponta do nariz no meu, fechando as pálpebras e deixando os

cílios dourados em evidência. Caramba, eu poderia passar horas engolindo-o com os olhos e jamais enjoaria, é um deus grego.

— Machuca te ver assim — suspiro, por fim. — Quero meu Felipe de novo.

— Ele voltará. É só uma maré ruim...

Sua respiração tenra me embala e o tempo me escapa pelos dedos, como areia fina. Sentindo o coração transbordar, apenas aproveito a ruptura da sua grossa camada de proteção, sem saber até quando ela durará.

Depois do que parece uma eternidade, Felipe se desvencilha de mim, beijando o topo da minha cabeça. Tento protestar, porém a sombra de um sorriso torto rasgando seus lábios me refreia. Amo essa expressão, amo a forma como ele consegue ser tão sedutor de maneira despretensiosa.

— O que acha de um *Penne ao Pesto*?

Arqueio as sobrancelhas, incrédula com as palavras que acabei de ouvir. Embora tenham sido jogadas ao ar de maneira inocente, deixam-me com o queixo caído.

— Ahn?

— Não está com fome? — Ele inclina a cabeça ligeiramente para o lado, sem entender o meu atordoamento.

— Você vai cozinhar?

Felipe sorri genuinamente, mas os olhos não acompanham. Permanecem obscurecidos e, eu sei, apesar de estar se esforçando para aparentar o contrário, por dentro continua péssimo.

— Ah, é esse o problema? — pergunta, inclinando-se para pegar uma panela no armário sob a pia. — Está com medo de morrer envenenada ou passar mal, não?

Gargalho, fisgando os lábios.

— Talvez...

— Bem, não vou negar que você corre esse risco... — ele encolhe os ombros, erguendo as duas mãos em sinal de rendição. Rimos feito duas crianças enquanto o observo alcançar os ingredientes necessários.

Felipe é uma caixinha de surpresas, no fim das contas, e não me canso de descobrir suas facetas ocultas — mesmo as obscuras — afinal, a cada dia o conheço um pouco mais. Ele é simplesmente irresistível.

Aproveitando o clima restaurado entre nós, faço o que sei fazer de melhor — falo demais e sem pensar na melhor maneira para isso.

— Ainda está sem os seus remédios? — indago, balançando as pernas no ar.

Ele se apruma, de costas para mim. O movimento é tão sutil que eu mal teria percebido caso

não o estivesse secando descaradamente.

— Sim.

— Fê... — chamo-o e, no mesmo instante, ele gira o corpo ficando de frente para mim. Eu mexo com ele chamando-o desta maneira, sei disso pela energia emanando de suas íris cristalinas. — Fê, eu... — titubeio. — Você não acha... não acha que as coisas estariam mais fáceis com eles?

Ele passa as mãos nos cabelos com uma expressão indecifrável. Parece ser alguns anos mais velho. Mordisco o lado de dentro da bochecha nervosamente, temendo despertar o vulcão dentro de Felipe.

— Antes você não sofria tanto e... — as palavras jorram da boca. *“Droga, Madu, fique quieta antes que esse homem enlouqueça”*, meu subconsciente ordena, temeroso.

— É só uma fase difícil, meu amor. Eu já disse, vai ficar tudo bem. Apenas confie em mim — diz e me dá as costas novamente, concentrado em lavar as folhas de manjerição.

— Você me pediu isso quando resolveu abandonar o tratamento, mas olha só no que deu. — Deixo escapar e fico mortificada, esperando um terremoto dentro da cozinha.

Estremeço ao vê-lo se inclinar para frente, com as mãos espalmadas sobre o mármore com o qual a pia é feita. Sua cabeça cai para frente, Felipe aparenta usar todas as suas forças para não estourar.

— Madu... — ele geme, ainda sem olhar para mim. — Não quer tomar um banho enquanto preparo o macarrão? Pode ser que demore um pouco aqui.

Assinto com a cabeça, fiscando o lábio inferior. Convenço-me de já ter abusado da sorte e, por isso, apenas pulo para o chão e caminho até Felipe, deixando um beijo no seu pescoço.

— Tudo bem, eu já volto — digo em um sussurro.

Então abandono a cozinha, perguntando-me quando poderemos conversar abertamente sobre isso e quando ele perceberá que seus pensamentos estão nublados pela doença.



MADU — MENSAGEM

Reviro-me na cama pela décima vez só na última hora, com os pensamentos a mil. Apesar do cansaço tomando cada centímetro do corpo, estou acesa como um farol, para o meu desgosto. Alcanço o celular no criado-mudo, conferindo as horas e descobrindo passar das três da manhã. Ainda não consegui pregar os olhos, pelo contrário, a ansiedade aumenta a cada nova batida do relógio.

Respiro fundo, dando-me por vencida. Estendo o braço, alcançando o interruptor acima da cabeceira da cama e apertando o botão para ligar apenas a suave iluminação de led embutida ao gesso. Esfrego o rosto, completamente desanimada com a perspectiva de, em poucas horas, precisar acordar para trabalhar.

Felipe dorme tranquilamente, sua respiração suave faz o peito subir e descer em uma cadência moderada. Meus olhos percorrem seus traços perfeitos e preciso me segurar para não tocá-lo, o que é realmente difícil, pois seus lábios são convidativos ao extremo... Santo Deus, ele me atrai como um ímã! Encará-lo sem poder fazer nada é quase como espiar o paraíso pela

fechadura — provocativo de uma maneira torturante. Acabarei enlouquecendo se ficar aqui por mais tempo!

Giro o corpo para fora da cama e, ao tirar as camadas de cobertores de cima de mim, sou recebida impiedosamente pelo frio. Encolho-me inteira, mas, tão logo a ideia de vaguear pelos corredores sombrios desta mansão até o closet invade a minha cabeça, descarto-a sem hesitar. Uma blusa não vale o sacrifício. A verdade é que quanto mais os dias passam, menos eu gosto daqui. Esta casa pode ser luxuosa e imponente a ponto de tirar o fôlego, porém, para mim, causa apenas arrepios. É como se anos de sofrimento estivessem aprisionados aqui, afinal, foi onde Felipe se escondeu por tanto tempo, rumando sem uma direção.

Caminho até o segundo ambiente do quarto, onde uma *chaise off-white* de pernas palito está posicionada na diagonal, conferindo um charme extra ao espaço. Meu notebook jaz esquecido sobre ela e decido ser uma boa ideia para passar o tempo, até eventualmente encontrar o sono.

Coloco-o sobre o colo e me acomodo da melhor maneira possível, tentando ignorar os pelos do corpo eriçando de frio. Enquanto aguardo o computador ligar, minha mente vagueia para horas atrás. O *Penne ao Pesto* preparado por Felipe estava surpreendentemente delicioso. Quem poderia imaginar que, dentre todas as qualidades excepcionais dele, a culinária era uma delas?

No entanto, embora eu tenha apreciado tanto a comida quanto o fato de ele ter tido um gesto cuidadoso e preocupado, o sentimento bom é ofuscado pelo gosto amargo ao me lembrar da sua recusa insistente em admitir estar doente. Crescendo como um câncer dentro de mim, tudo o que consigo sentir é amargura por me encontrar com as mãos atadas nesta situação desgastante.

É por isso que, ao repousar os olhos na tela do notebook, meus dedos digitam no modo automático na busca do navegador “transtorno bipolar de personalidade”. Apesar de eu já entender um bocado, se comparando ao que eu sabia antes de conhecer Felipe, ainda é muito pouco. Preciso de mais. Do contrário, jamais poderei ajudá-lo a sair desse buraco.

Perco a noção do tempo vagueando de um site para o outro, em busca de respostas. Abro fóruns, sites especializados, leio depoimentos de portadores da doença, assim como de pessoas próximas aos bipolares e, aos poucos, consigo clarear ainda mais os pensamentos.

Em meio a infindável pesquisa, encontro dois artigos que acalmam os meus nervos neste momento delicado da minha vida. O primeiro vem de um discreto site sobre doenças psicológicas, cujas letras minúsculas complicam a tarefa de ler para o meu cérebro cansado.

A gangorra de sentimentos

Caracterizado por variações bruscas de humor, o Transtorno Bipolar faz com que o portador se

sinta como se estivesse em uma gangorra, oscilando entre a ansiedade e a falta de interesse, a alegria e a tristeza, a hiperatividade e o desdém.

Apesar de todas as pessoas terem, ocasionalmente, variações de humor acarretadas por situações do cotidiano, a pessoa bipolar apresenta mudanças de humor sem um motivo aparente e de maneira demasiadamente intensa e repentina.

Além do mais, as pessoas com transtorno bipolar são, por vezes, incapazes de compreender o próprio estado e, por isso, recusam o tratamento, acreditando estarem perfeitamente saudáveis.

Engulo em seco, vendo um pouquinho de Felipe em cada linha. Como na forma como ele afirma com veemência ter tudo sob controle e também o fato de acreditar cegamente que, em algum momento de um futuro próximo, ficará tudo bem.

Como lidar com uma pessoa bipolar

Os sintomas do Transtorno Bipolar de Personalidade não afetam somente o portador, como também as pessoas de sua convivência. Saber como lidar com um bipolar é importante para que as relações interpessoais não se desgastem, mantendo assim, o alicerce necessário para a sua recuperação.

Antes de mais nada, é essencial lembrar que cada caso é único e nem todos os conselhos valem para todos.

Procure por especialistas: Não existe cura para o TBT, no entanto ele pode ser controlado e o portador levar uma vida normal. Por isso, é de suma importância procurar tratamento, caso contrário é impossível dominar as crises. Mas não o obrigue. A melhor maneira de lidar com a situação é conversando e aconselhando.

Pesquise: Ter conhecimento sobre a doença e os possíveis surtos te deixa preparado. Além disso, procurar um especialista é aconselhável para saber a melhor maneira de agir e as decisões a serem tomadas até o portador da doença aceitar o tratamento.

Tire um tempo para si: Leve em conta as suas próprias necessidades, tendo em mente o fato de ser impossível ajudar outrem quando nós mesmos nos encontramos abalados.

Tenha paciência: Evite as discussões, tente relevar coisas insignificantes. Saiba se controlar, pois o bipolar não sabe.

Seja amoroso: Para um bipolar, todos estão contra ele. Por isso, é imprescindível demonstrar carinho e mostrar o quanto se importa. Tente ser sempre positivo, mesmo que a pessoa com TBT esteva depressiva, e não a culpabilize de maneira alguma. Lembre-se: ela é quem mais sofre.

Mantenha o diálogo: Uma boa comunicação é necessária em qualquer relacionamento. Fale com calma e pergunte o que ela precisa.

Seja firme: Ela precisará disso. Tanto nos períodos de depressão quanto nos de euforia, não a ajude a ser uma vítima e nem facilite tudo. Acompanhe-a, ampare-a, mas não se esqueça: é ela quem precisa agir.

Saia da rotina: Ao menos nos fins de semana, tente quebrar o ciclo, marcando programas diferentes.

Por fim, aceite o transtorno e desfrute dos bons momentos com o portador de TBT, afinal, nem tudo precisa ser mau.

Terminei de ler com os olhos marejados. Santo Deus, Felipe precisa se medicar! É a única maneira de realmente se libertar de toda a tormenta.

Eu quis me convencer de que somente a força do nosso amor bastaria para a sua recuperação, no entanto agora vejo o quanto fui ingênua e infantil. Não é disso que ele precisa — não só disso. É certo que o amor é importante, mas não para curá-lo, e sim para iluminar o caminho obscurecido por sua cabeça atormentada.

Escondo o rosto nas mãos, com o coração do tamanho de uma ervilha. Já são quase cinco da manhã e eu precisarei acordar dentro de duas horas, porém como dormir com essa profusão de sensações turbulentas dentro de mim?

Meus olhos vão até Felipe e, num ímpeto de coragem, fecho o notebook, caminhando até o criado-mudo e agarrando o celular com determinação. Sem pensar realmente nos meus atos — mas certa de ser uma ideia sensata — deixo os dedos digitarem furiosamente a mensagem, a qual envio antes que mude de ideia: “Vitória, podemos nos encontrar amanhã para conversar? Espero que sim. Preciso entender o que está acontecendo. Beijos, Madu”.



MADU — JARDIM BOTÂNICO

Desperto com o peso do braço de Felipe sobre a minha cintura e não levo mais que segundos para me situar. Ronro com o aperto do seu abraço e o ouço suspirar contra a minha nuca, arrepiando-me inteira.

— Bom dia! — sussurra com a voz ainda rouca de sono.

— Ótimo dia!

Felipe deixa um beijo demorado na curva do meu pescoço antes de se levantar para o banho matinal. Espreguicho-me sem pressa, esfregando os olhos na tentativa de varrer a sonolência para longe. Estou quebrada... a sensação é a mesma de ter sido atropelada por um trator na noite passada, no mínimo umas quatro vezes. Não quero nem ver as minhas olheiras...

Em um movimento involuntário, tateio o criado-mudo, alcançando o celular. Ao ver a notificação de Vitória, sinto o sangue gelar. Céus, eu mandei uma mensagem para ela!

“Bom dia, querida! Apenas me diga o horário e o local onde devo te encontrar, será um prazer”.

Sou tomada por uma onda de adrenalina e não posso conter a vontade de sorrir. Ai, meu Deus! Ela aceitou! Isso é ótimo! Depois de dias de tempestade, finalmente vejo um raio de esperança atravessar as nuvens corpulentas pairando sobre a minha vida.

Com os dedos trêmulos, digito a resposta e envio logo em seguida: “*Faz três anos que moro aqui e ainda não conheço o Jardim Botânico... que tal por volta das duas e meia?*”. Quase como se estivesse com o celular na mão, a mensagem dela chega: “*Nos vemos lá*”.

A perspectiva de ter tomado uma atitude — ainda que mínima — funciona como uma injeção de ânimos e, com isso, quase não posso me lembrar de ter dormido pouco mais de duas horas esta noite. Nada pode abalar o meu bom humor hoje.

Saltitante, vou até o closet onde deixei as minhas coisas em um pequeno espaço cedido por Felipe. Gostaria de ter o bom-senso de me sentir uma intrusa em sua vida, mas é muito pelo contrário. Ver pequenas partes de mim em meio a uma vastidão de coisas dele me faz pensar como se, aos poucos, estivéssemos nos unindo de maneira permanente. “*Senhor, estou mesmo otimista hoje!*”, penso, rindo sozinha.

Depois de escolher um vestido cinza de *tweed* e um casaco com estampa *Pied Poule*, dirijo-me ao quarto dele novamente. Não é como se não existissem outros banheiros nesta casa enorme — porque de fato existem muitos — no entanto, qual seria a vantagem em morar junto com Felipe se não for para ter a presença dele em cada parte do dia?

Entro no banheiro sem bater na porta e o encontro já com uma toalha enrolada na cintura enquanto faz a barba concentrado. Ela está baixa o suficiente para se tornar um pecado não secar suas entradas. Além disso, gotículas de água percorrem seu abdômen, traçando o caminho o qual eu gostaria de fazer com a minha língua neste exato momento.

— Droga, demorei demais!! — lamento, soltando um suspiro.

Felipe ri gostosamente, espalhando gel pós-barba em suas mãos grandes para depois aplicar no rosto.

— Vejo que alguém acordou animada. — Sorri, piscando um dos olhos com o maldito sorriso safado nos lábios.

Demoro-me alguns segundos o observando. Não me lembro de já tê-lo visto completamente sem barba. Fica igualmente bonito, embora eu prefira com ela. No modo automático, seus dedos percorrem os cabelos dourados, arrumando-os no habitual estilo despojado.

— É o seu efeito em mim!

Tão logo ouve as minhas palavras, Felipe para o que está fazendo, encarando-me através do espelho. Minhas pernas perdem a força e eu engulo em seco. Caramba, como ele consegue me deixar com calor em pleno inverno?

Confiro brevemente as horas no celular para descartar, logo sem seguida, a ideia de puxar a toalha dele para fora do corpo, pois infelizmente não temos tempo o suficiente. Ainda com o celular preso aos dedos, recordo-me do encontro com Vitória e hesito alguns segundos, tentando decidir se devo ou não contar. Fisgo o lábio, com um frio na barriga enorme ao decidir, por enquanto, não contar. Bem, não *completamente*. Estou fazendo isso pelo bem dele e, de toda forma, tenho esse direito.

— Fê... — chamo e sinto um calor gostoso quando ele se vira no mesmo instante, encarando-me com os olhos elétricos. — Tudo bem se eu adiantar tudo no escritório agora pela manhã? Queria tirar a tarde livre.

Ele raspa as unhas no pescoço, formando sutis vergões rosados. Unindo a sobrancelha, dirige-me uma expressão repleta de curiosidade.

— Claro. Precisa de algo?

— Hum, na verdade não. Sua mãe vai me levar para conhecer o Jardim Botânico. Confesso que estou bem animada... todo esse tempo morando aqui e ainda não conheço o cartão postal de Curitiba! — forço um tom teatral, fazendo rir baixinho.

— Eu posso te levar...

— Não, tudo bem! Nós precisamos disso para nos conhecermos melhor. É a minha sogra, afinal — enuncio a palavra com certo deleite. É estranho me dirigir à Vitória assim, mas preciso me acostumar com isso.

— Acho que vocês estão tramando contra mim!

— E se estivermos? — provoco.

— Alguém será castigada... — ele estreita os olhos e suas mãos pesadas deslizam as alças da minha camisola pelos ombros, fazendo-a escorregar pelo meu corpo em uma fração de segundo.

Suas íris de safira fazem uma varredura pelas minhas curvas e, instantaneamente, fico em chamas. “*Putá. Que. Pariu.*”, penso, com a respiração já ofegante. Felipe umedece os lábios e deixa um beijo rápido na minha boca, sorrindo de canto antes de me deixar para trás atordoada.



Pulo para fora do ônibus em uma parada tubular a poucos metros do Jardim Botânico. Arrumo a alça da bolsa no ombro e me encaminho até a entrada, onde combinei de me encontrar com Vitória.

A brisa cortante me faz praguejar em pensamentos por não ter colocado uma meia calça

mais grossa. Não demoro a encontrá-la elegante como sempre, usando um conjunto de alfaiataria preto sobre uma camisa de cetim *off white*. Os cabelos soltos voando ao vento me fazem constatar a nossa terrível falta de sorte — o tempo está fechando em uma velocidade surpreendente.

Vitória me cumprimenta com um sorriso genuíno tomando as feições e depois acena em direção ao céu.

— Precisaremos ser rápidas... — diz, encolhendo os ombros como alguém que se desculpa pelo inevitável.

Marchando em uma velocidade moderada, anoto mentalmente que preciso voltar aqui no verão para aproveitar melhor o passeio. É simplesmente maravilhoso! O caminho central do amplo jardim francês é ladeado de maneira simétrica por cercas vivas bem podadas, por onde uma porção de alamedas formam desenhos geométricos. Ao fundo, a icônica estufa de ferro e vidro nos observa de volta, com três grandes abóbadas, seguindo o inconfundível estilo *Art Nouveau*.

Notando a maneira como eu mal consigo desviar os olhos da construção à nossa frente, Vitória diz despreocupadamente.

— A estufa foi inspirada no Palácio de Cristal de Londres. Linda, não?

— E como! — arfo, recordando em um rompante o motivo para estarmos aqui. Pigarreio desconfortavelmente, porém antes de encontrar as palavras adequadas, ela quebra novamente o silêncio.

— Conheceu o lado difícil do Lipe? — indaga com um sorriso triste.

“Direta ao ponto!”, penso surpresa, “melhor assim”.

Empertigo-me no lugar, lutando para encontrar a voz presa na garganta.

— Ao menos o estou conhecendo... — falo e nós duas rimos. — Levou muito tempo para chegarmos aqui, então, acredite em mim, isso é uma vitória e tanto!

— Sabe, Madu, Isaque e eu não tínhamos mais esperanças de que ele fosse encontrar alguém. Havíamos nos conformado com a ideia de Felipe seguir a vida solitário, então qual não foi a nossa surpresa quando ele nos avisou que conheceríamos a sua namorada! — Ela sorri apertando o meu ombro suavemente e sinto borboletas no estômago somente por recordar dessa noite. — Ainda mais uma garota tão adorável... Somos muito afortunados por tê-la em nossa família!

Enrubesco e tenho a sensação de estar parecendo um tomate neste exato momento. Encaro-a significativamente, agradecendo em silêncio pelas palavras. Vitória parece entender, pois meneia a cabeça e pisca um dos olhos.

Ficamos em silêncio enquanto adentramos a estufa climatizada e é possível sentir a diferença de temperatura tão logo passamos pelo portal de entrada. Demoro-me observando as inúmeras

espécies de plantas ao redor, esquecendo-me por tempo considerável a razão para estarmos aqui.

Sou desperta dos meus devaneios somente quando Vitória torna a tocar o meu ombro com suavidade, agora indicando o céu que ficou enegrecido subitamente.

— Sinto muito, querida. Precisamos ir ou acabaremos ensopadas!

Concordo com a cabeça, emudecida. *“Droga! Precisava chover agora?”*, meu subconsciente protesta. Notando a decepção em meu rosto, ela complementa:

— Não precisamos ir embora. O que acha de um café?

— Parece ótimo!



MADU — MACCHIATO DE CARAMELO

Apertamos o passo em direção ao carro de Vitória e me surpreendo ao não encontrar a Range Rover de Isaque, mas sim uma reluzente BMW X1 vermelha. Fisgo os lábios, ficando bem consciente da nossa gritante diferença social.

Acolho-me do vento desordenado ao entrar no carro, sentando-me encolhida depois de colocar a bolsa no banco de trás. Vitória passa o cinto de segurança pelo tronco, ligando o veículo em seguida. Aproveito o momento, em um ímpeto de coragem, para retomar a nossa conversa.

— Por que você e Isaque achavam... que... — balbucio. — O Felipe ia viver sozinho para sempre?

Ela me estuda pelo canto dos olhos e noto os nós dos seus dedos esbranquiçarem ao apertarem o volante com força.

— Tem a ver com a Bia? — insisto. — Eu entendo que você respeita o Felipe a ponto de preferir que ele me conte sobre os próprios traumas... e também entendo que vocês todos já sofreram demais, mas ele não me falará tão cedo sobre isso. Conforme os dias passam, mais

recluso ele se torna e eu vejo a constante batalha travada dentro de si mesmo... — as palavras se atropelam, tamanha é a rapidez com a qual as cuspo. — Eu quero ajudá-lo, Vitória! Eu realmente quero, porque o conheci na fase boa e me dói muito vê-lo assim. Mas antes eu preciso entender.

— Ah, Madu... — ela suspira, resignada. — Sinto muito. Você é tão nova e tão cheia de vida, Isaque e eu nos preocupamos muito com os danos q...

— Não — peço, interrompendo-a. — Por favor, não diga isso. Eu não sou tão frágil assim. Eu amo o Felipe, mesmo ele sendo um turrão e estando doente, apenas me ajude, ok? Torne as coisas mais fáceis pra mim! Eu preciso compreender. Mereço isso!

Noto uma lágrima escapar de seu olho, porém Vitória rapidamente a limpa com as costas da mão. Engulo em seco, desviando a atenção para a janela e sendo surpreendida ao me deparar com a chuva torrencial — eu nem ao menos notei quando começou.

— De-depois da... — sua voz trôpega me faz pular de susto. — *Catástrofe* que aconteceu com a nossa família, Felipe ficou completamente perdido. Ele sempre acreditou ser culpa dele, apesar de nos culparmos tanto quanto. É uma situação muito difícil. — Ela dá um toque na buzina tão logo o carro da frente nos fecha. — Mas tinha algo errado, ele estava muito diferente... não só triste. Eu devia ter percebido, no entanto já estava cega pela dor. Logo depois do velório ele tentou se matar.

Sua voz falha no final da frase, fazendo-me perceber que o assunto ainda a machuca muito, mesmo depois de tantos anos.

— Eu fiquei com muito medo. Perder dois filhos de uma vez só seria um castigo muito grande. Nós ainda não sabíamos sobre o transtorno, então acreditávamos ser apenas sua forma de luto. Mas, aos poucos, aquele menino brincalhão foi desaparecendo e restou apenas uma confusão de sentimentos. As oscilações começaram e, pior, ele começou a se odiar.

Vitória estaciona o carro, trazendo-me para a realidade novamente. Ao lado de fora, percebo a bonita fachada de um café seguindo estilo europeu.

— Precisaremos esperar a chuva diminuir... — comenta com um sorriso que não acompanha os olhos. — Bom, resumindo a história consideravelmente, notamos certos comportamentos diferentes e, por isso, resolvemos levá-lo a alguns psiquiatras. Foi unânime: ele estava doente e precisava de tratamento. Felipe já tinha predisposição e o trauma acabou despertando o Transtorno, nos explicaram. Ele aceitou os remédios e a terapia facilmente, mas, quando começaram os efeitos colaterais, já não estava tão animado... Mesmo assim, aos trancos e barrancos, começamos a ver o resultado. Meu Lipe voltava e finalmente poderíamos suspirar aliviados.

— Mas então ele piorou — concluo o óbvio.

— Sim, piorou. Aos dezessete precisamos interná-lo contra a vontade.

— Ah, meu Deus! — grasno, sentindo o sangue se esvaír do rosto. — Ele... ele não...?

— Não tentou, porém estava perto e sentíamos isso. Jamais esquecerei o olhar de ódio de Felipe quando chegamos ao Hospital Psiquiátrico. Chorei por horas, mas o que poderia fazer? Ele precisava de ajuda!

Levo a mão à boca, sentindo-me indisposta. De repente, minha única vontade é sair correndo. Eu me precipitei, no fim das contas. Ainda não estou preparada para saber mais.

— Foi onde encontrou a Bianca e, com ela, um motivo para lutar — Vitória hesita por um momento, testando a minha reação. — Ele voltou para casa bem antes do previsto, pois sua melhora foi significativa. Para a nossa surpresa, ele estava completamente motivado a levar o tratamento a sério. Continuamos visitando Bianca até ela ser liberada e depois foi natural os dois namorarem. Isaque e eu estávamos felizes porque um poderia ajudar o outro, afinal eles se entendiam. Mas, veja bem, ela não estava lá tirando férias... — capto a nesga de ironia em suas palavras. — Tinha depressão depois de ser abusada durante toda a infância pelo tio e, se era possível, estava ainda mais atormentada que o Lipe. Ah, vamos aproveitar agora? — pergunta, espiando o lado de fora.

— Ah, que bom, uma trégua! Estou mesmo com fome! — suspiro, alcançando a bolsa. No fundo, sinto-me grata por ter um tempo para clarear a mente.

Somos acolhidas por uma aconchegante iluminação amarelada ao adentrarmos o estabelecimento e o cheiro de pão assando me deixa momentaneamente desnorteada. Caminhamos até uma mesinha redonda escondida ao fundo do estabelecimento, com duas charmosas banquetas de madeira a circundando. Sobre a toalha de trama xadrez, um cardápio com a capa feita em juta me arranca um sorriso. Que lugar lindo!

Quando a atendente vem nos receber, peço um *Croissant* de presento e queijo e um *Macchiato* de caramelo. Vitória se contenta apenas com um *Latte*. Esfrego as mãos uma na outra a fim de recobrar a sensibilidade dos dedos congelados. Tão logo ficamos novamente sozinhas, ela não hesita em prosseguir a sabatina.

— Os anos foram passando e, apesar das frequentes recaídas de Bia, as coisas pareciam estar nos eixos. Os dois começaram a fazer faculdade com apenas um semestre de diferença. Para a nossa família e a dela, já era certo de que se casariam eventualmente. Mas, por ironia do destino, ela parecia piorar ao passo que ele melhorava... — Pigarreia, passando a mão nos rostos em um movimento que já vi Felipe imitar várias vezes. — Se mutilava cada vez mais, abandonou o curso, não saía da cama, até que...

— Ela...?

— Sim. Ela se enforcou no banheiro da própria casa, que Deus tenha piedade! — Vitória

arfa, seus olhos enchendo de lágrimas. — Uma menina linda, inteligente... se já foi horrível para nós, imagine a tristeza para a família! Achamos que Felipe iria piorar, mas, incrivelmente, ele permaneceu firme. Ele se focou nos estudos, construiu a carreira e, quando pôde, saiu da nossa casa.

— Ele nunca mais piorou como agora?

— Algumas recaídas, sim. Nada tão grave, no entanto. — Encolhe os ombros. — Mas, além disso, nunca mais teve um relacionamento com mulher alguma. Felipe, por algum motivo, se culpa por todas as fatalidades que já aconteceram em sua vida. Na cabeça dele, merece sofrer eternamente... como se já não tivesse sofrido o bastante. Vive em constante acusação.

Mesmo depois de minutos de suas palavras serem jogadas ao ar, a única coisa que pareço ter ouvido é o final. “*Vive em constante acusação*”.



MADU — CRUEL

Minha cabeça permanece zunindo com a profusão de informações adquiridas nesta tarde. Talvez o fato de ter dormido tão pouco tenha ajudado consideravelmente nisso. Santo Deus, estou com os pensamentos confusos e o corpo inteiro clamando por um descanso adequado.

É somente ao sentir uma gota cair no topo da minha testa que percebo já contarem alguns bons minutos desde quando Vitória me deixou aqui em frente à casa de Felipe. Respiro fundo, tateando os bolsos em busca da minha cópia das chaves.

Minhas entranhas se contorcem enquanto me encaminho com um pouco de pressa para dentro. Agora eu realmente o conheço. Não um dos advogados criminalistas mais bem-sucedidos do país, mas sim Felipe Antunes. O pacote completo. Seus traumas, sua história, suas limitações. E então, mesmo para a minha mente cansada, muitos aspectos da sua personalidade reclusa começam a fazer sentido. Como o fato de ele sempre afirmar destruir as coisas ao redor, ou de não se julgar o homem certo para mim na noite do nosso primeiro beijo.

É como se depois de tanto tempo tentando unir as peças de um quebra-cabeça, eu

finalmente pudesse contemplá-lo de cima, observando o todo. O engraçado é que, apesar de ter conhecido todas as facetas as quais ele lutou tanto tempo para esconder, não estou assustada. Pelo contrário, eu o amo ainda mais. Ele se enxerga como um ser errante; eu, como uma pessoa forte. Afinal, mesmo lidando com perdas importantes somadas a uma doença difícil, seguiu em frente e conseguiu conquistar muito.

O silêncio com o qual me deparo aqui dentro é desconcertante. Um arrepio percorre a espinha como um raio, eriçando todos os pelos. Dirijo-me à cozinha, de onde vem um suave tilintar, porém não encontro Felipe, e sim Leonor. Vestindo uma camisola florida, ela engole o jantar tranquilamente. Cumprimento-a, sentando na banquetta ao lado.

— Servida? — pergunta, indicando o próprio prato com um gesto ligeiro.

— Não se incomode comigo! Preciso só de banho e cama! — falo e nós duas rimos.

— Acha, menina! Não vai pra aula hoje?

— Não — digo desanimada. — Estou destruída... preciso me acostumar com o ritmo de novo.

— Tá com umas olheiras enormes, mesmo, Madu — fala com o rosto enterrado atrás do copo de suco. — E por onde andou hoje?

— Fui conhecer o Jardim Botânico com a Vitória. Mas não tivemos muita sorte... só choveu!

— Ah, que pena! É tão lindo!

— É mesmo! — suspiro, apoiando o rosto na mão. — Espero voltar no verão para olhar com mais calma.

Minhas palavras morrem no ar e o silêncio nos acompanha ao passo em que Leonor termina o prato de comida. Traço linhas imaginárias no mármore da ilha central com o indicador, os pensamentos me levando para bem longe daqui. Por isso, quando ela fala comigo novamente, pulo no lugar, sobressaltada.

— Ele é uma boa pessoa... só sofreu demais! — diz, assumindo um tom sábio e maternal.

Endireito a postura, encarando-a com confusão estampando cada centímetro do rosto.

— O quê?

— Depois que te conheceu, ele mudou. Pra melhor. E ainda está mudando, sem nem ao menos se dar conta disso.

Ela se levanta, levando a louça até a pia para lavar em seguida. Paralisada, observo-a sem ousar abrir a boca e quebrar o momento. É a primeira vez que temos uma conversa assim.

— Só não fica desanimada... pode ser difícil, eu sei. Também precisei lidar com a fera por muitos anos! — uma risadinha escapa dos seus lábios. — Mas você está se saindo muito bem e, quando menos esperar, terá o domado.

Fito seus olhos de jabuticaba significativamente. “*Tomara que sim*”, penso comigo, sem

conseguir colocar para fora. Ao invés disso, concordo com a cabeça, lançando um sorriso desanimado em sua direção.

— Obrigada — falo, levantando-me. — Vou dormir um pouco antes que acabe desfalecendo! Nos vemos amanhã!

Leonor repuxa os lábios em um novo sorriso, observando-me arrastar as pernas para fora da cozinha. Antes de eu atravessar a porta, no entanto, ela me chama novamente, com um tom completamente diferente.

— Ele não está legal essa noite... — Encolhe os ombros.

— Posso lidar com isso — tento convencer a nós duas antes de girar os calcanhares, abandonando finalmente a cozinha.

Subo os degraus sentindo como se os meus ossos fossem feitos de chumbo. Faço uma parada no closet, onde pego o meu pijama de flanela bem quentinho. Pode até não ser o mais bonito do mundo, mas levando em consideração o frio severo, não dou a mínima.

Procuro por Felipe no nosso quarto, contudo não o encontro lá. Encaminho-me até a varanda onde ele me contou sobre a Amanda, também sem sucesso em achá-lo. Pondero sobre a possibilidade de ainda estar em sua academia, entretanto ela é descartada tão logo ouço sons vindos da sala de televisão, localizada também no terceiro andar. São tantos cômodos, até me perco aqui dentro...

A sala de televisão mais se parece com um cinema particular. Posicionado de frente para a televisão de oitenta polegadas, um enorme sofá *futon* na cor chumbo foi posicionado diretamente no chão, conferindo um clima informal e moderno para o ambiente. Ele se encontra forrado de almofadas indo do branco ao preto, em diversos tons de cinza diferentes. Apesar de já ter estado aqui em outras ocasiões, é impossível não me impressionar. Esse é o problema, no fim das contas — quando estou com Felipe, esqueço-me do quão diferentes nós somos. Quero dizer, olhe para essa mansão! Céus, nunca, em toda a minha vida, estive em um lugar tão luxuoso!

Felipe permanece ainda em seu terno azul-marinho, sem o blazer, e com as mangas da camisa listrada dobradas até a altura dos cotovelos. Os braços cruzados sobre o peito apertam o algodão egípcio, evidenciando os bíceps definidos. “*Mais bonito impossível*”, meu subconsciente segreda. Consigo sentir o seu cheiro delicioso daqui da porta. Inspiro profundamente, revirando os olhos enquanto sorvo o perfume já conhecido. Aproximando-me de Felipe, noto o filme a que assiste tão concentrado — *Pulp Fiction*, do Tarantino. Um sorriso rasga os meus lábios, eu amo os filmes dele!

Meus olhos recaem para o copo com a inconfundível bebida castanha, o qual jaz no chão ao lado da garrafa de Whisky. Engulo em seco e me sento ao lado de Felipe, tentando afastar a

sensação ruim se espalhando pelas minhas veias na velocidade da luz.

— Estou atrapalhando? — indago.

Ele me encara e, mesmo no escuro, seus olhos azuis brilham intensos em direção a mim, o sorriso torto estampando o rosto. Meu coração dá uma guinada com o simples gesto. Santo Deus, Felipe acaba com o meu psicológico...

Notando a distância considerável entre nós dois, ele estende o braço esquerdo, enlaçando-me pela cintura e me puxando contra si. Sua boca vem de encontro a minha orelha e, quando sussurra, arrepio-me com suas palavras ricocheteando contra a pele.

— Você nunca me atrapalha.

Arfo, sentindo toda a angústia se dissipar, ao menos por enquanto. Cristo... Embora a caminhada do nosso relacionamento seja difícil, momentos assim fazem tudo valer a pena. Tê-lo para mim é a maior das recompensas.

— Como foi sua tarde? — pergunta, ainda contra o meu ouvido e, no mesmo instante, uma onda irrefreável de tesão me atinge. É preciso muito autocontrole para não soltar um gemido.

— Hum?

— O passeio com a minha mãe... o que vocês aprontaram?

Umedeço os lábios, concentrando-me nas palavras e não na forma enlouquecedora como ele as está jogando ao ar.

A mão dele avança carinhosamente sobre a minha coxa, apertando-me com suavidade. “*Já vi uma vez onde esse jogo leva...*”, penso, deliciada.

— O Jardim Botânico é lindo — ofego, com a visão borrada. — Mas tivemos pouco tempo antes da chuva começar. Você precisa me levar no verão para eu ver com calma!

— Levo! Está com fome?

— Não. Nós paramos para comer.

Felipe segura o meu queixo e inclina o meu rosto em sua direção. Tão logo nossos olhares se encontram, meus músculos todos amolecem. Amo a sensação de ser cuidada por ele, amo suas mãos pesadas me tocando, amo o seu perfume marcante e viril impregnado nas minhas narinas...

Percorrendo a distância entre nós, roça os lábios contra os meus, invadindo a minha boca com a língua. Guiando o beijo com experiência e carinho, ele me eleva às nuvens. Os pensamentos somem da cabeça, os sons do filme silenciam e, no mundo inteiro, é como se só existíssemos nós dois.

Sinto o gosto amadeirado do Whisky em sua saliva, entretanto não me incomodo. Pelo contrário, esse gosto me lembra do nosso primeiro beijo. O frio na barriga aumenta a medida em que seus dedos afundam contra a minha pele, queimando e despertando um desejo incontável. Eu o desejo ardentemente... preciso dele como o dia precisa da noite para continuar existindo.

Minha nossa, como o amo!

Encerro o beijo e me afasto na tentativa de recuperar o fôlego, percorrendo seus traços perfeitos com os olhos. Como que para me provocar, Felipe assume a icônica expressão carente responsável por fazer o meu sangue ferver.

— Você me tira do sério... — arquejo.

— Essa fala é minha! — Sorri, deixando uma mordidinha na minha clavícula antes de soltar o meu rosto, ajeitando-se novamente para ver o filme.

— Como foi a sua tarde? Deve ter sido bem chata sem a minha companhia!

Felipe gargalha, alcançando o copo para beber um demorado gole dele.

— Não há como negar.

— A Leonor comentou comigo sobre você não estar legal...

— Apenas estressado com o trabalho — ele responde, um pouco menos caloroso que segundos atrás.

— Sei... e é por causa do trabalho que está escondido aqui bebendo? — tão logo as palavras escapam, enrijeço-me no lugar. *“Merda, Madu! Você e a sua mania de falar muito!”*.

Arqueando as sobrancelhas, ele me encara, surpresa estampada em seu rosto.

— É pecado querer um tempo sozinho? — seu tom é suave, eu diria até... *divertido*.

— Me desculpa, estou um pouco irritada. Dormi muito pouco.

— Falei dormindo de novo?

— Não — admito. — Não foi culpa sua. Eu fiquei acordada pesquisando sobre Transtorno Bipolar e não vi o tempo passar.

— Ah. — Ele se apruma, desviando o olhar.

— E conversei sobre isso com a sua mãe...

Felipe pigarreia, alcançando o controle para pausar o filme em seguida. O silêncio subsequente recai sobre nós, trazendo desconforto. *“Parabéns, Madu!”*, penso comigo mesma, *“está indo muito bem na parte de não provocá-lo!”*.

— Claro que conversou! — fala, por fim. A frieza de suas palavras gela meus ossos. Uma mudança súbita e esperada. Eu sabia ser um terreno perigoso e mesmo assim persisti.

É irônico pensar no fato de hoje mesmo, ao acordar, acreditei que nada seria capaz de abalar o meu bom humor. Agora já nem parece possível enxergar a alegria com a qual comecei o dia.

— Felip...

— Shhhh — pede, apertando o indicador contra os meus lábios delicadamente. Perco o fôlego com o gesto. — Por que apenas não aproveitamos o nosso tempo juntos? Exatamente como

estávamos fazendo até agora?

— Não consigo. Não dá pra fingir estar tudo bem, quando não poderia ser o mais longe disso.

Suas sobrancelhas douradas se unem, a testa formando inúmeros vincos. As mãos vão até a gravata, afrouxando o nó e abrindo o primeiro botão da camisa logo depois, quase como se já se preparasse para o iminente. Apoiando os cotovelos sobre os joelhos, ele cruza as mãos e inclina o tronco para frente.

— Vamos lá, coloque para fora! — pede e estremeço ao constatar ter adotado a postura profissional e impassível. — Já está arrependida?

— Arrependida? Não! Não é isso!

— É o que, então?

— Estou preocupada com você! — atiro as palavras, elevando o tom de voz sem nem ao menos perceber. — Quando nos conhecemos você não mudava de humor três vezes ao dia, não bebia para fugir dos problemas e passava mais tempo rindo do que chorando!

— Você... eu... o *quê*? — pergunta perplexo enquanto suas mãos percorrem os cabelos. — *Fugir* dos problemas? É isso mesmo?

Tomada por um ímpeto de coragem, movo o corpo, ficando de frente para ele. Uma fúria febril se alastra pelos meus membros, subindo como uma chama crepitante.

— Sim, fugindo! Você não vê que a droga dessa doença está te controlando? Você precisa de tratamento! Precisa dos seus remédios, mesmo negando até a morte!

Noto a maneira como ele tranca o maxilar. Eu deveria tomar isso como um bom indicativo para parar por aqui, mas tenho o defeito de sempre querer levar uma decisão até o fim, independente das consequências. Por isso, apesar de o meu sexto sentido berrar para não continuar provocando Felipe, ignoro-o. “*Saiba se controlar, pois o bipolar não sabe*”, foi o que li nesta madrugada, porém aqui estou eu, fazendo justamente o contrário.

— Sabe o que mais? Todos estamos sofrendo em te ver assim! — cuspo, sem me importar com o quão infantil e egoísta soou falando isso. — Você não pode nem imaginar o quanto é frustrante amar tanto uma pessoa, querer ajudá-la, mas não poder, porque ela simplesmente é inacessível! E, embora você faça tudo o que pode, ela continua te evitando e se escondendo eternamente!

Levantando-se num rompante, Felipe me perfura com seus olhos injetados. Penso ter atingido um ponto fraco, pois seu peito sobe e desce descompassadamente. Fechando um punho em frente a boca, esconde a outra mão no bolso da calça de corte impecável, em um gesto nervoso. Está perdendo o controle, sinto isso.

— O que você sabe sobre problemas, Madu? — desafia com um sorriso mordaz nos lábios.

— O que você sabe sobre a vida?

— Eu...

— Não! — diz categoricamente, estreitando as pálpebras. — Você atirou tudo o que queria para cima de mim, agora é a minha vez de falar!

Mordo o lado de dentro da boca para não interrompê-lo. Ele merece isso, no fim das contas.

Assinto, sem desviar a atenção de seus olhos cristalinos.

— Você se considera muito sagaz, não é? Acha que pode vir aqui me chamar de covarde e me dizer o que devo ou não fazer. Mas, novamente pergunto, o que você sabe sobre viver, Maria Eduarda? — apesar de praticamente sussurrar, suas palavras doem tanto quanto uma sucessão interminável de tapas. — Qual foi o seu maior sofrimento? Seus pais atrasarem a mesada? Você já conquistou algo nessa sua vidinha ordinária sem ser de mão beijada?

Engasgo, atônita, cobrindo a boca com as duas mãos. Suas palavras permanecem pairando no ar, reverberando contra os meus tímpanos. No mesmo segundo, lágrimas pululam dos meus olhos, embaçando a visão. Muitas delas.

Felipe demonstra ter notado a forma como foi cruel, pois seu rosto suaviza consideravelmente. Vejo arrependimento em seus traços. Todavia, quando ele ameaça dar um passo em minha direção para me tomar em seus braços, afasto-me sem hesitar.

— Você tem razão — afirmo. —, talvez eu esteja mesmo me arrependendo!

Giro nos calcanhares logo em seguida, em busca de um lugar onde possa colocar todas as lágrimas para fora em paz.



MADU — JANTAR

Limpo o suor da testa com as costas das mãos, repousando o rodo na parede do banheiro. Céus, neste tempo abandonado, o meu apartamento conseguiu acumular uma boa camada de poeira e, por isso, devo ter levado o dobro de tempo que o usual para limpá-lo. Respiro fundo, satisfeita por ter concluído a faxina, no entanto ainda tomada por um péssimo humor que sempre me domina em situações como essa. Eu sei, soa péssimo odiar limpar a própria casa, mas o que posso fazer se realmente detesto?

Seco o suor das mãos nos meus shorts enquanto caminho até a sala, pescando o celular sobre o sofá. Nenhuma mensagem. Nada. Suspiro fundo, lutando para afastar o rancor se alastrando pelas entranhas. Algumas horas atrás, quando falei com mamãe e papai ao telefone, foi preciso engolir a culpa ao contar as novidades sem mencionar o fato de ter me mudado temporariamente para a casa do Felipe. Mentir para eles não é exatamente o meu esporte favorito, mas eu poderia relevar se a razão para isso estivesse colaborando um pouco comigo. *“Felipe é complicado...”*, penso, com um gosto amargo na boca.

Momentos assim dificultam a tentativa de convencer a mim mesma ser essa a coisa certa a se fazer. Quero dizer, eu realmente o provoquei ontem, mesmo sabendo não ser uma boa ideia. Não contava 24h que eu havia feito uma pesquisa enorme sobre o transtorno, li artigos auxiliando sobre como não agir e, mesmo assim, fui lá e falei demais. Mesmo depois de a Leonor ter me avisado sobre o estado de espírito dele. Eu sei, agindo assim não tinha como esperar outra reação. Porém, dizer que entendo e fingir que não me machucou são duas coisas completamente distintas.

Quando fecho os olhos, as únicas palavras ecoando dentro da cabeça são “*Você já conquistou algo nessa sua vidinha ordinária sem ser de mão beijada?*”, e, bem, a resposta é não. Tudo o que tenho foi com a ajuda dos meus pais, a minha única conquista foi entrar para a universidade onde estudo. Tirando isso, nenhum feito relevante, nada excepcional. Então preciso segurar o choro, esforçando-me para enfiar na cabeça o fato de ele ter feito isso justamente para me afastar. Esse é o seu mecanismo de defesa e, embora continue machucando, uma vozinha no fundo da consciência me recorda: “*Saiba se controlar, pois o bipolar não sabe*”.

Cristo, se eu soubesse como o amor pode ser dolorido...

Depois da nossa discussão ontem à noite, recolhi os meus pertences e dormi em outro quarto. Talvez não tenha sido a atitude mais madura para se tomar, porém eu não conseguiria agir diferente, ainda mais com uma profusão interminável de lágrimas insistindo em escorrer dos olhos. Ainda tenho amor-próprio, mesmo que uma nesga dele. Chorei até pegar no sono e, ao acordar, as únicas palavras trocadas com Felipe foram para avisar que eu precisava vir ao meu apartamento para dar uma atenção a ele e refazer a minha mala. Sem me encarar, Felipe se ofereceu para me trazer e, assim, deixou-me em frente ao prédio no mais absoluto silêncio.

Meus olhos recaem para a enorme mala verde-água e a sombra de um sorriso toma os meus lábios ao constatar o quanto ela virou uma companheira inseparável nos últimos meses. Seguro-a com dificuldade e caminho até o quarto, pronta para a segunda coisa que mais odeio na vida depois de limpar a casa — fazer a bagagem.

Abro o zíper e despejo as roupas em cima da cama, sentindo-me igualmente vazia. O cheiro de lavanda do produto usado no chão penetra as minhas narinas, trazendo uma saudade enorme da casa dos meus pais. Há três anos, quando me mudei para Curitiba, eu me considerava tão adulta, tão madura por conseguir sobreviver sem eles. Contudo, agora estou me sentindo tão perdida... como uma garotinha assustada incapaz de tomar as decisões corretas.

A campainha toca, sobressaltando-me. Com o coração na boca, levo alguns segundos para processar a informação de que existe alguém me esperando do lado de fora. Corro na ponta dos pés em direção à sala, adiantando-me até a porta em seguida. Ao espiar no olho mágico, não posso deixar de sorrir com a pessoa que encontro.

Em questão de segundos, esqueço-me de que estive remoendo a nossa briga a tarde inteira e escancaro a porta, derretida com a expressão de cachorro sem dono tomando seus traços. Felipe veste um blazer cáqui sobreposto a uma camisa preta; nas pernas, um jeans de lavagem escura puxando também para o preto. Mordo os lábios, deliciada com a imagem... Santo Deus, devia ser pecado existir homens com capacidade para desestabilizar uma mulher apenas existindo... Felipe não precisa do menor esforço para arrancar suspiros!

Dou um passo para o lado, abrindo espaço para ele passar. Ele marcha em passos tranquilos, deixando um rastro do irresistível perfume no caminho. Inspiro profundamente e só reparo no tecido preso em suas mãos quando ele estaca no meio da sala.

Encaro-o com curiosidade e percebo um sorrisinho cismando em aparecer na boca que tanto adoro. Droga, era para eu estar morrendo de raiva desse imbecil, mas estou aqui com as pernas bambas diante da intensidade com a qual me examina.

Surpreendendo-me, Felipe se adianta de maneira decidida em minha direção. Dou um passo para trás, porém suas mãos me enlaçam pela cintura, prendendo-me contra o corpo dele. Archejo, incapaz de desviar a atenção da imensidão azul me enfeitiçando. Felipe vence a distância entre nossos rostos, cobrindo meus lábios com os seus. O contato morno e delicado me deixa com a cabeça nas nuvens e, por isso, apenas me entrego, admitindo para mim mesma que, ao longo do dia, o sentimento a me dominar foi puramente saudade.

Afastando-se de mim com beijinhos em posições diferentes da minha boca, ele assume o sorriso torto capaz de me deixar desorientada.

— Preciso da sua opinião — sussurra de maneira cínica e, mesmo sem saber o que está prestes a dizer, sorrio. — Comprei esse vestido para uma pessoa, mas não sei se ela vai gostar...

Tão logo termina a frase, Felipe estende a peça de roupa, de frente para mim. É um vestido sereia preto, terminado um pouco abaixo do joelho, com um vasto decote em V, além de transparências em renda, distribuídas em pontos estratégicos. Prendo a respiração, olhando dele para Felipe sem parar.

— É maravilhoso! — arfo, estupefata. — Mas... por quê?

— Porque vamos jantar no restaurante de uma Chef brasileira reconhecida mundialmente. Devo salientar, inclusive, que foi necessário mexer uns pauzinhos para conseguir uma reserva tão em cima da hora... Aliás, se não quisermos nos atrasar, você precisa começar a se arrumar! — Ele sorri, contornando o meu maxilar e depois a boca com o polegar. — Não que precise de muito esforço... agora mesmo já está linda.

Rio com o elogio, sentindo as bochechas queimarem. Devo estar realmente magnífica com o cabelo suado e despenteado depois de uma faxina enorme. Então caio em mim, notando o

absurdo da situação como um todo.

— Felipe... — começo, no entanto ele me silencia com outro beijo.

Quando nossos lábios se separam, estou com o corpo inteiro trêmulo. Minha nossa, como ele consegue fazer isso? Suspiro profundamente, dando um tapinha contra o seu peito.

— Seu idiota...

— Não vou negar ser um. — Sorri largamente, puxando-me para um abraço. Então sua boca vem até o meu ouvido e me arrepio ao sentir o sopro de suas palavras. — Eu falei coisas que não devia e estou disposto a conquistar o seu perdão essa noite. Por isso, apenas me deixe te mimar um pouco... por favor.

— Meu Deus, não precisa de nada disso! — grasno, rindo baixinho enquanto tento ignorar o fato de todos os pelos do corpo se encontrarem erigidos. — Só o fato de ter reconhecido que foi um ogro já é o suficiente.

— Não estou perguntando se é ou não preciso. Estou dizendo que quero te levar para jantar, e vou!

Suas mãos grandes avançam pelos meus cabelos, roubando o ar dos meus pulmões. Deslizando os lábios recém-umedecidos pelo meu pescoço, ele arranca de mim um som gutural, quase um engasgo. Deixando mordidinhas enlouquecedoras perto da orelha, Felipe consegue me conquistar facilmente.

— Então seja boazinha e coloque esse vestido antes que eu mesmo coloque.

— Humm — gemo, seduzida com a imagem formada em minha imaginação pra lá de fértil.
— Não seria má ideia!



MADU — EMERGÊNCIA

Felipe serve as duas taças de champanhe tranquilamente, ignorando a maneira como os meus membros se encontram trêmulos com a experiência exorbitante.

— Isso é loucura! — arfo, tocando as bochechas com as pontas dos dedos para constatar o quanto estão gelados.

Ele apenas sorri, tomando uma taça para si e a erguendo no ar, sugerindo um brinde. Imito o movimento, ainda sem acreditar no que está acontecendo. Deixo meus olhos examinarem o perímetro e, instantaneamente, o ar se torna rarefeito aqui dentro. Cruzei, estamos mesmo em um jatinho particular? Quero dizer, quando, em toda a minha vida pacata, fantasiei vivenciar algo parecido? Não posso nem imaginar o valor obscuro desembolsado por ele para estarmos aqui.

— Um brinde aos olhos verdes que me dão razões para levantar da cama dia após dia, mesmo quando a minha vontade é justamente o oposto!

Meu sorriso vai de orelha a orelha e, por alguns segundos, a minha atenção abandona o luxo com o qual estamos viajando e foca em nós dois. Apesar de intimidada, percebo o quanto

ainda se trata apenas de Felipe e eu. No fim das contas, é sempre isso. Sempre que estamos juntos, não existem diferenças, existem apenas os nossos sentimentos, e deles não tenho dúvidas.

Beberico o espumante, julgando ser um bom aliado para vencer essa rigidez me dominando. Pela janelinha circular, observo as luzes da cidade, tão pequeninas vistas daqui de cima. Parecem um interminável pisca-pisca de natal, é simplesmente lindo. Suspiro, sem palavras. Percebendo o meu estado catatônico, Felipe se inclina sobre mim e apoia os cotovelos sobre os meus joelhos, estudando-me com as safiras intensas.

— O que foi?

— Você sempre faz isso? — a curiosidade me vence e eu simplesmente pergunto, sentindo as bochechas queimarem.

— Só em emergências. — Encolhe os ombros, piscando um dos olhos.

— Nosso encontro se encaixa em uma emergência?

— Certamente! A mulher da minha vida estava chateada comigo, com toda razão. Se isso não é uma emergência, não sei o que é.

Felipe leva as duas mãos ao ar, como se dizendo silenciosamente “você precisa concordar comigo”. Minha gargalhada preenche o espaço entre nós. “*Cristo, tem como ficar chateada com esse homem?*”, meu subconsciente indaga, porém, no momento, as únicas palavras absorvidas pelo meu cérebro entorpecido foram “mulher” e “da minha vida”.

— Você está se sentindo desconfortável — ele conclui, colocando uma onda loira atrás da minha orelha.

— Só não estou acostumada com... isso. — Inclino a cabeça para o lado, indicando o avião com o olhar. — Eu teria adorado ir à padaria perto da sua casa se fosse com você...

— Eu sei! Mas quero cuidar de você como merece. Será que pode ser menos teimosa, só por essa noite?

— Vou tentar — respondo, tomando outro gole do champanhe.

— E é bom conseguir, ou teremos uma conversa séria em casa!

Rimos por segundos a fio, e preciso concordar, existem vantagens em uma viagem onde não existe ninguém mais além dos pilotos. É quase como se estivéssemos em um refúgio particular nas nuvens, apenas Felipe e eu. Tem como ficar melhor?

— Fazendo esse tipo de ameaça, fica difícil considerar ser uma boa menina — sussurro para só ele ouvir e me delicio com a expressão safada em seus traços perfeitos.



Como eu já deveria ter adivinhado, Felipe deixou uma Mercedes alugada, esperando por nós na estrutura aeroportuária da companhia aérea particular. Decidida a ignorar a palavra “dinheiro”, assim como tudo relacionado a ela, consigo me sentir muito melhor e começo a, de fato, aproveitar a noite. Afinal de contas, o que pode ser um valor exorbitante para mim, não necessariamente é para Felipe. E se ele planejou esse encontro para nós dois, quem sou eu para ficar cheia de caraminholas na cabeça?

Ele repousa a mão enorme na minha coxa, causando um arrepio gostoso. Procuro seus olhos e os encontro com um irresistível brilho faiscante, de alguém que acabou de descobrir que o natal será mais cedo este ano. “*Céus, Felipe, assim você destrói o meu psicológico!*”, penso, incapaz de desviar a atenção dele.

— Depois da nossa briga de ontem, a sua primeira ideia de reconciliação foi me trazer para jantar? — indago de maneira brincalhona.

— Conhecendo a namorada esfomeada que tenho, não poderia ser de outra maneira.

Arquejo, fingindo um ar ofendido, mas depois caio na gargalhada, sendo acompanhada por ele.

— É assim tão óbvio que eu sou facilmente manipulada pela barriga?

— Só para quem já te conhece bem. O que levaria pouco mais de... eu não sei, meia hora?

— pergunta, piscando e causando mais uma explosão de risadas.

Desfiro uma sucessão de tapinhas contra o seu braço forte, com a dignidade abalada.

— Felipe, seu ridículo, você não era assim antigamente!

— Assim como? Completamente apaixonado por você? — pergunta com a voz grossa, deixando-me desnorteada. “*Nossa senhora, alguém precisa prender esse homem porque ele claramente está apelando!*”, mentalizo, mordendo o lábio inferior.

— Vou aceitar essa resposta por enquanto, mesmo sendo um golpe baixo! — falo, arqueando as sobrancelhas e fazendo-o rir como uma criança. — Mas você está muito enganado se pensa que deixarei barato, Senhor Antunes!

Felipe aproveita o fato de termos parado em um semáforo para avançar em direção a mim, segurando os meus cabelos com uma das mãos e os afastando para o lado, de modo a deixar a orelha descoberta. Ao sentir sua respiração ricochetear contra a pele delicada da região, uso de toda a concentração para não demonstrar o quanto já estou cega de tesão.

— Ah, minha menina insolente... você me deixa maluco com essas provocações! Desse jeito a minha janta será aqui no carro mesmo.

Contenho um gemido, fechando os meus olhos para manter os pensamentos no lugar. Felipe é como um furacão: com simples palavras, vem e abala tudo. Engolindo em seco, inspiro uma porção

de ar, na tentativa de oxigenar o cérebro e clarear a mente.

Ele se ajeita antes de dar partida, tão logo o semáforo fica verde. Sentindo a mudança drástica na atmosfera entre nós, resolvo mudar o rumo da conversa antes que estejamos, de fato, embrenhados no banco traseiro.

— Quero saber mais sobre o restaurante para onde está me levando! — peço manhosa. Ele pigarreja e depois responde com a voz rouca, tão sexy que chega a ser revoltante.

— Vamos ver... ele acumula uma porção de prêmios importantes, além de uma estrela no Guia Michelin.

— *Uma* estrela? E isso é bom?

— No Brasil, apenas dois restaurantes têm. Os dois ficam aqui em São Paulo.

— Uau, estou impressionada! — comento, enquanto entramos em uma ruela aparentemente pacata. — Esse é um daqueles lugares onde comemos coisas diferentes em porções minúsculas? Igual em filmes?

Felipe ri com a pergunta, dando seta para parar em frente a um estabelecimento de fachada discreta, cujo único detalhe é uma placa de madeira laminada. Nela, a palavra Sapé fora talhada em uma elegante caligrafia minimalista.

— Receio não existir definição melhor que essa. — Ele pula para fora e, em passos ligeiros, circunda o veículo para abrir a minha porta.

Entregando a chave para o manobrista, recosta a mão na minha lombar, cuidadosamente. Meu estômago revira com o contato. É bobo, eu sei, no entanto inevitável. Felipe causa isso em mim, no fim das contas. Deixa o meu mundo de ponta cabeça — de um jeito bom, como no *looping* de uma montanha russa. Com direito ao friozinho na barriga, até.

Uma das *hostess* nos acompanha até a nossa mesa, localizada na área externa, onde uma charmosa estrutura construída com vigas de madeira serve de moldura para o maravilhoso céu estrelado. Ele afasta a cadeira para mim, deixando-me com um sorriso idiota estampado na cara. Santo Deus, ele pode ser uma confusão, mas é meu! E eu simplesmente amo a forma como cuida de mim, amo a maneira como faz com que eu me sinta a única pessoa presente aqui dentro. É quase como se a existência dos demais fosse meramente decorativa. Felipe faz com que eu me sinta especial.

— É lindo! — suspiro, olhando o redor.

— Eu também acho — comenta, segurando o meu queixo para erguer o meu rosto. Quando nossos olhares se encontram, tenho certeza: ele não está se referindo ao restaurante.



FELIPE — SAPÉ

Madu tem os olhos fechados e uma expressão deliciosa no rosto, responsável por uma irrefreável vontade de arrancar o seu vestido aqui mesmo.

— Meu Deus! — ela grasna, abrindo as pálpebras e revelando as enormes íris esverdeadas.
— Com certeza devem servir isso aqui no Céu!

Rindo do seu entusiasmo, levo uma garfada do purê de taioba à boca, deixando-o derreter suavemente na língua. De fato, é delicioso! No entanto, nem se compara com o quanto a companhia dela me deixa satisfeito. O brilho nos seus olhos, ou as bochechas rosadas pelo vinho... Não existe lugar no mundo que eu quisesse estar além de aqui, junto ela.

— Pelo jeito gostou... — brinco, alcançando o guardanapo para limpar o molho em sua bochecha. Sinto-a estremecer com o contato e sorrio.

— Não. *Gostar* é muito pouco. Eu não sei como consegui viver tanto tempo sem isso aqui!

Pelos sete infernos, não consigo tirar o sorriso estúpido do rosto! Mas como poderia se cada pequena reação dela ocasiona um turbilhão de sensações? Madu desperta o melhor de mim, e isso

é visível para qualquer um.

— E eu não sei como consegui viver tanto tempo sem você — sussurro.

Acho graça na forma como o seu rosto fica vermelho como um tomate maduro. Então, tomado por um calor inundando todos os membros do corpo, aproveito a deixa para falar o que passei a madrugada ensaiando. Desde o momento em que a ataquei com um punhado de palavras severas, não tenho pensado em outra coisa, além disso. Só a possibilidade de perdê-la novamente já me deixa com um gosto amargo na boca.

Tomo sua delicada mão esquerda entre as minhas, fazendo um sanduíche. Maria Eduarda me encara com o olhar curioso, concentrada em saborear a comida em sua boca. Meu sorriso se alarga — é muito fácil de amá-la. Ela consegue conquistar as pessoas ao redor sem esforço algum.

— Eu te trouxe aqui para pedir desculpa por ontem, como sabe.

— Fê... — Porra, é uma covardia sem tamanho a forma como ela me tem nas mãos quando me chama assim! Deus sabe como faria qualquer coisa pedida depois de um “Fê” desses... — Eu já esqueci isso.

— Mas eu não.

— É sério, não precisa dizer nada. Nossa noite está perfeita.

— Preciso discordar e, como um bom advogado, tenho meus argumentos — assumo, de maneira teatral, um tom sério.

Madu gargalha, alcançando o vinho em seguida. Sem quebrar o contato visual, ela diz com o rosto escondido dentro da taça:

— Sou toda ouvidos, então.

— Em primeiro lugar, eu não consigo entender o que fiz de tão bom para merecê-la. Deve ter sido algo notável porque você, sem sombra de dúvidas, é o que tenho de mais bonito! Poderia dizer que você é muito importante na minha vida, Madu, mas não seria honesto. Você é a minha vida! — limpo a garganta, retomando a coragem para prosseguir. — Eu não consigo tirá-la da cabeça nem por um único segundo... pequenos detalhes do dia passaram a ter um novo significado depois que você apareceu.

— Ah, meu Deus, Felipe! Se você me fizer borrar a maquiagem nesse lugar chiquérrimo, eu juro que te mato! — Madu atira e noto sua retina brilhando além do normal. Não consigo dominar a risada ao vê-la sendo sempre tão espontânea.

— Que tipo de pessoa interrompe um discurso ensaiado por toda uma madrugada, desse jeito?

— Minha boca veio sem o zíper, desculpa! Pode continuar com a sua defesa!

— Não serei tão compassivo na próxima!

Ela concorda com a cabeça, um sorriso provocativo pincelando os lábios cheios. Respiro fundo, retomando os pensamentos. Desvio a atenção para as nossas mãos, tempo suficiente para reunir a determinação outra vez, afinal, falar de sentimentos não é exatamente o que faço de melhor.

— Eu queria ter o controle dessa minha cabeça fodida, pra poder te prometer que as coisas deixarão de ser tão turbulentas o quanto antes... Eu não posso nem cogitar uma vida sem você, Maria Eduarda. Embora você esteja morando comigo há pouco tempo, para mim já se tornou difícil me lembrar de como era antes. Porque, por Deus, é tão certo estarmos juntos! Desde então, não posso nem mensurar o quanto adoro acordar com você em meus braços, sorvendo o perfume dos seus cabelos, sentindo sua respiração calma... — esfrego o rosto nervosamente. — Não me recordo a última vez que estive tão feliz como me sinto agora. Talvez eu nunca realmente tenha experimentado essa sensação de leveza...

Sou refreado pela lágrima que percorre a bochecha dela, deixando um rastro brilhante. Madu tem os olhos redondos como burquinhas e estes brilham a ponto de parecerem duas gemas azul-esverdeadas. Seguro o rosto dela com as duas mãos, buscando-o para perto do meu.

— Você é a razão para eu continuar, minha menina. Não posso prever se estarei bem ou não na próxima semana, ou mesmo nas próximas horas. No entanto, posso assegurar que não deixarei novamente de te tratar da única maneira como você merece. Assim.

E então a beijo ternamente, sem saber a melhor maneira de expressar os sentimentos. Preciso fazer um esforço sobre-humano para me desvencilhar dela, tendo em vista o fato de estarmos em um restaurante apinhado de pessoas. Sorrio para ela, afundando os dedos nas madeixas loiras em um gesto afetuoso.

— Bem... esses são ótimos argumentos — Madu balbucia, limpando os olhos com as costas das mãos.

— Achei que fosse me matar por estragar sua maquiagem... — provoco e, ao notar a maneira como suas pupilas não desgrudam dos meus lábios, umedeço-os, louco para vê-la da mesma maneira como estou: descontrolado de desejo.

— Espere só sairmos daqui! — ameaça, piscando para mim.



○ garçom traz a conta dentro de uma pasta de couro, entregando-me antes de abandonar a mesa. Tateio os bolsos a procura da carteira ao passo em que meus olhos captam a expressão

exasperada no rosto de Madu.

— Tudo bem? — indago, observando-a com atenção.

— Eu jamais serei a mesma depois desse *flan* de chocolate! — diz, raspando o indicador no potinho de vidro, a fim de alcançar o restante da sobremesa. — Não dá, Felipe, agora que você me mostrou o paraíso, nada mais será tão bom! Olha essa consistência!

— Podemos voltar sempre quando quiser!

— Como a Chef se chama, mesmo?

— Letícia Porto — respondo despreocupadamente.

— Quero idolatrá-la! — Madu suspira. — Você trabalhou pra ela? Por isso conseguiu uma reserva em cima da hora?

— Não para ela... o dono do restaurante é um dos meus clientes. Já jantei aqui outras vezes, mas não a conheço pessoalmente.

Deslizo o dinheiro para dentro da pasta, procurando o garçom com os olhos para chamá-lo, porém, antes que consiga encontrá-lo, Madu arfa como se houvesse acabado de ter uma ideia fantástica.

— Ah, Felipe, tem um filme de romance que eu adoro, a protagonista é Chef... chama Sem Reversas, eu acho. Os clientes a chamam da cozinha para agradecer pelo jantar! Eu quero fazer isso também!!

Empertigo-me no lugar e a encaro perplexo.

— Fazer o quê? — pergunto, apenas para confirmar se ouvi direito. — Chamar a Chef para... agradecer?

— E dizer que ela cozinha muito bem!

— Eu receio que ela já saiba disso, Madu.

— Por favoor! — choraminga, pestanejando inocentemente.

Deslizo a mão pela coxa dela por baixo da mesa, apertando-a com suavidade para ganhar sua atenção.

— Não podemos, sinto muito! Vamos atrapalhar o trabalho dela... — explico, sem desviar os olhos de Madu. — No entanto, acabou de me passar pela cabeça que essa é uma boa noite para tirarmos a nossa primeira foto juntos... o que você acha?

Assim que as palavras pairam pelo ar, os lábios dela se separam por uma fração de segundo.

— É... preciso concordar, essa é uma ideia bem mais convidativa! — afirma, pulando para a cadeira ao lado em um piscar de olhos.

Pesco o celular dentro do bolso, entregando-o para ela. Passo um braço ao redor da sua

cintura e a puxo para mais perto de mim. Enquanto Madu estende o braço à nossa frente, pronta para tirar uma *selfie*, repouso a cabeça em seu ombro, embalado pelo inebriante perfume doce penetrando as minhas narinas.

Então direciono a atenção para o visor do celular, a tempo de registrar na memória os nossos sorrisos largos e a maneira arrebatadora como ela faz, sem ao menos se dar conta disso, eu me sentir vivo e completo. Enfeitiçado pelo momento, deixo de lado o bom-senso e faço um sinal para chamar o garçom. Dane-se, eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para fazê-la sorrir com a mesma intensidade de agora. Trata-se de um sorriso radiante, exprimindo a forma exata como me sinto: afortunado. Não me importa a mínima se vamos ou não atrapalhar a cozinha, eu poderia fazer loucuras por Maria Eduarda. Ela me tira do sério, nos melhores sentidos possíveis.

O jovem rapaz de pele oliva chega rapidamente. Ao estender a pasta de couro para ele, aproveito o momento e peço para cumprimentar a Chef. Ele franze o cenho, assumindo uma expressão hesitante, como se eu tivesse acabado de solicitar que se despisse no meio do salão.

— Senhor, ela não possa sair de lá agora... são muitos pedidos! A cozinha está uma loucura!

Pelo canto dos olhos, noto a expectativa no rosto de Madu, assim como a surpresa por eu ter mudado de ideia. Pelos sete infernos, qual a chance de eu desistir quando ela está com essa carinha linda? Respiro fundo, voltando a tatear os bolsos em busca da carteira, de onde tiro um cartão pessoal e o entrego. Realmente odeio usar a minha posição vantajosa para conseguir alguma coisa, mas há momentos — e este com certeza é um destes — em que não restam alternativas.

— Sou amigo do Castelli... Veja o que pode fazer por mim, pode ser? Não temos pressa, esperamos o tempo necessário.

O rapaz joga o peso do corpo para a outra perna, a testa permanece vincada, em preocupação. Ele olha por cima do ombro, estuda o restante do salão e assente com a cabeça.

— Tudo bem, senhor. Só um momento, por favor. Vou falar com ela.

Tão logo ficamos sozinhos novamente, Madu explode em uma risada nervosa, porém satisfeita.

— Caramba! Você realmente acabou de usar uma versão educada de “sabe com quem está falando?”, ou é só impressão minha?

— Isso é o que você faz comigo. Pega a minha razão, picota e depois joga no lixo. — Encolho os ombros, fazendo-a rir com vontade.

— Obrigada! — Sorri ela, contornando o meu pescoço com o braço esquerdo e unindo nossos lábios.

Estamos no meio de um beijo delicioso quando ouço um pigarrear nervoso, de alguém

desconfortável o bastante com a situação. Desvencilho-me de Madu, encontrando o garçom com um sorriso amarelo.

— A Chef Letícia me pediu para acompanhá-los até a cozinha!

— Sério? — ela arqueja, visivelmente empolgada.

Um riso baixo me escapa, ao constatar o quão pouco é necessário para impressioná-la. A caminhada é rápida e logo estamos em frente a uma porta vai-e-vem, empurrada com força pelo garçom. Ele a segura, ainda do lado de fora, fazendo um gesto com a mão para entrarmos. Agradeço com um aceno da cabeça, desviando a atenção para a cozinha industrial impressionante logo à frente.

É difícil acompanhar exatamente tudo o que está acontecendo, tendo em vista o fato de ter, a todo momento, muitas pessoas se movendo, em todas as direções, segurando painéis flamejantes, facas de tamanhos e formatos diferentes e utensílios que nem ao menos sei como se chamam. As bancadas de inox se encontram repletas de toda a sorte de objetos, além de ingredientes intermináveis. Ademais, a confusão de instruções vindas de todas as direções me deixa atordoado. Por Cristo, eu não duraria um único dia em um ambiente como esse!

Busco a mão de Madu, entrelaçando os nossos dedos para ter certeza de que ainda está processando novas informações. O sorriso enorme nos lábios comprova o seu estado de espírito e agradeço por não ter perdido a oportunidade de vivenciar esse momento único.

Vinda do meio da confusão, uma mulher na casa dos trinta caminha, com passos decididos, em nossa direção, limpando nervosamente as mãos no avental. Seus cabelos escuros encontram-se contidos por um turbante azul que a confere certo charme. Os traços harmoniosos estão endurecidos por uma expressão que, embora tente parecer educada, entrega a impaciência. É uma mulher muito bonita e a constatação me deixa surpreso. Por algum motivo, não imaginava uma Chef assim.

— Boa noite! — diz e sorri, olhando de um para o outro. — Sinto muito não ter conseguido ir até a mesa de vocês... como podem ver, as coisas estão caóticas por aqui!

— Nós é que precisamos pedir desculpas por te atrapalhar! — Madu me surpreende ao tomar as rédeas da conversa naturalmente. — Eu me chamo Maria Eduarda, e esse é o meu namorado, Felipe. Ele insistiu para não fazermos isso, mas acredite, se eu pudesse te colocaria num pedestal e passaria o resto da vida fazendo oferendas! Minha nossa, jamais serei a mesma depois dessa noite!

Finalmente a rigidez contida de Letícia se esvai, em uma gargalhada descontraída.

— Eu não acharia ruim, para ser honesta! Mas — Ela gira os calcanhares, apontando para a cozinha. —, não seria justo com eles. Somos como uma engrenagem... uma única peça faltando

pode comprometer todo o resto.

Letícia nos explica por cima a função de cada um, assim como a importância que têm para o andamento da cozinha. Noto a maneira ansiosa com a qual esfrega as mãos uma na outra e constato: embora esteja dando o máximo para nos oferecer uma experiência agradável, não consegue tirar o foco do trabalho, ou do fato de permanecer ausente.

Por isso, lanço uma piscadela para Madu e depois toco com o indicador no relógio em meu pulso. Ela entende o recado. Agradecemos não uma, nem duas, mas várias vezes pela atenção e pelo ótimo jantar e, logo em seguida, partimos.

Contorno a cintura de Madu com os dois braços, ficando por trás dela enquanto caminhamos para fora do Sapé. Apoio o queixo no seu ombro para sussurrar contra sua orelha um “obrigado”. Sinto-a estremecer antes de me perguntar com a voz rouca:

— Pelo quê?

— Por ser minha!



MADU — VULCÃO

Uma vez que estamos no jatinho novamente, a caminho de Curitiba, Felipe volta a nos servir o mesmo Champanhe com o qual iniciamos essa noite maravilhosa. Embora eu já esteja consideravelmente alegre depois de tantas taças de vinho no jantar, desperdiçar a oportunidade de um desfecho a altura de todo o encontro soa como uma ofensa.

A lembrança de que, nesta mesma tarde, eu estivera triste com ele pela maneira como falou comigo na noite passada parece tão distante quanto uma porção de lapsos desfocados de um pesadelo tido a muito tempo. Também pudera, quem em sã consciência ficaria remoendo um detalhe tão pequeno levando em consideração a forma como Felipe se esforçou para conseguir a retratação? Santo Deus, ele me surpreende sempre mais!

Como se lendo os meus pensamentos, ele inclina o tronco até o meu pescoço, inspirando profundamente e depois percorrendo toda a extensão com uma sucessão de beijos deliciosos. Todos os pelos do meu corpo se eriçam de uma só vez. Dou um gole da bebida, fechando os olhos para aproveitar da melhor maneira o seu gesto enlouquecedor. Com uma das mãos, ele afasta os

meus cabelos e seus lábios deslizam em direção à nuca. Arfo de desejo, deixando a minha mão resvalar pela sua coxa.

Então abro os olhos, mirando a cabine onde os dois pilotos se encontram. Diferente de um avião convencional, ela não fica completamente isolada, de forma que seria uma loucura me render ao desejo aqui dentro. *“Mas isso não me impede de retribuir a maneira como Felipe fez eu me sentir singular hoje”*, penso, seduzida por uma ideia irresistível e, no mesmo momento, abro o zíper da calça dele e escorrego a mão para dentro, alcançando sua ereção. Ele geme baixinho contra a minha orelha e, ao simples som, meu corpo inteiro reage com um arrepio intenso.

Seus dedos sobem de encontro aos meus seios, apertando-os com desejo e sem se importar com o fato de não estarmos sozinhos. Bem, para falar a verdade, eu também não me importo. Ele tem esse poder sobre mim, de me deixar completamente entregue. E a sensação é maravilhosa.

Sinto-o pulsar conforme o esfrego em ritmo a princípio lento, mas que fica cada vez mais rápido. Felipe se esparrama na poltrona, apalpando-me em pontos diferentes, como se quisesse sentir cada pedacinho de mim. Os lábios úmidos permanecem passeando em lugares onde sabe que me deixará cega de tesão. Alternando com mordidinhas não tão leves, ele é o único culpado pela minha respiração se tornar um pouco mais ofegante a cada segundo.

Com os olhos fixos na cabine, para o caso de sermos pegos no flagra, dou um pulinho de susto ao sentir seus dedos avançarem por baixo do vestido, puxando a calcinha para o lado e me encontrando encharcada de desejo. Mordo o lábio inferior com força, lutando para não permitir que um gemido escape. Mas isso é tão difícil quando Felipe pressiona o polegar contra o meu clitóris, friccionando-o em movimentos circulares responsáveis por fazer os músculos do ventre se contraírem de prazer. *“Minha nossa...”*, meu subconsciente grasna, tão atônito quanto eu.

Aumento a força nos dedos, tentando copiar a cadência com a qual ele me eleva às alturas — ainda que, ironicamente, já estejamos no céu. Giro o rosto para a direita, em busca de sua boca. Beijamo-nos apaixonadamente, como se houvéssemos passado anos sem nos ver e finalmente estivéssemos nos encontrando novamente. O sabor do beijo tem gosto de champanhe e isso, de alguma maneira, deixa-me ainda mais excitada. Rebolo os quadris tão logo ele me penetra com um dedo, fazendo o movimento de “vem cá” dentro de mim.

Engolindo os seus gemidos baixos, sinto as pernas tremerem enquanto as extremidades do meu corpo começam a formigar. Estou quase lá, mas o quero comigo, por isso, começo a subir e descer freneticamente a mão em seu comprimento. Posso sentir o membro rijo latejando e, num gesto completamente sem juízo, inclino-me em direção ao seu colo, deslizando os lábios por sua ereção.

O seu sabor chega em espasmos dentro da boca ao mesmo tempo em que eu chego ao

ápice. Com a respiração curta e rápida, voltamos a nos beijar, extasiados pelo prazer e pela loucura do ato como um todo. As mãos dele se ocupam em fechar a própria calça antes de virem até o meu rosto, protetoramente.

— Você me deixa louco... — sussurra contra a minha boca. — Deliciosa e irreversivelmente desajuizado.

— Isso é bom. Não existe graça na sanidade. Assim como a minha vida não tem graça sem você!

— Eu amo você, Madu. Sempre mais.

— Eu também, Felipe Antunes. Te amo deliciosa e irreversivelmente — imito suas palavras, arrancando um sorriso torto dele.



Quando pisamos na casa de Felipe, já passa da meia noite. Encontrar os imponentes cômodos escuros e silenciosos me desperta um calafrio desconfortável. Enquanto subimos as escadas de mãos dadas, acabo soltando o que há muito vem me incomodando:

— Eu odeio essa casa — admito e surpreendo a nós dois com as palavras. — É muito grande para uma pessoa só, com cômodos demais e, além do mais, me causa arrepios!

— Nossa, isso foi inusitado!

— Eu sei, sinto muito por falar agora, eu não aguentei.

Julguei que ele tivesse ficado ligeiramente ofendido com o comentário e, por essa razão, sua risada me deixa perplexa. Felipe ri gostosamente, segurando-me pela cintura ao passo em que caminhamos trôpegos em direção ao quarto.

— O que foi?

— Você é muito espontânea. Adoro isso em você.

Ele se despe do blazer, atirando-o na chaise sem desviar os olhos de mim. Minhas bochechas queimam com a intensidade do seu olhar. Acho que, no fim das contas, estou bêbada. Sei disso pelo torpor me dominando de pouquinho em pouquinho.

— Mas é a mais pura verdade! Já deixei de fazer coisas por *medo* de andar sozinha nos corredores.

— E por que agora?

Dou de ombros, virando de costas e lançando um olhar para ele, por cima do ombro. É o suficiente para Felipe percorrer a distância entre nós, arrastando o zíper do meu vestido lentamente — como se para me provocar um pouco mais.

— Eu não sei. Aconteceu. Você se escondeu aqui por tantos anos, lidando com toda a sua dor. É como se a melancolia tivesse impregnada nas paredes... não consigo explicar. Apenas não me sinto confortável aqui. Não quando você não está por perto.

Ele deixa um beijo na minha testa, desabotoando a camisa tão rapidamente que paro para observá-lo. Logo sou presenteada com a visão irresistível do seu corpo definido e não me envergonho de engolir Felipe com os olhos. Droga, ele é muito bonito! É impossível não ficar boquiaberta.

— Se continuar me olhando assim, vou precisar terminar o que começamos no avião...

— Não há como evitar. — Sorrio pra ele. — Sou viciada em você.

— Venha, vou te dar um banho. — Felipe me segura no colo, caminhando comigo em direção ao banheiro.

Tão logo ele me solta sentada sobre a pia, sou traída pela boca e ouço a minha voz ricocheteando contra as paredes.

— Fê, depois do que aconteceu com a Bia, você... você nunca mais se envolveu com ninguém?

“Droga, Madu!”, ralho comigo mesma por estragar o momento. Depois de uma noite maravilhosa, o que eu menos quero é outra discussão como a de ontem. No entanto, a conversa com Vitória não abandonou os meus pensamentos desde então. Eu acabaria enlouquecendo se não perguntasse, cedo ou tarde. Afinal, ainda existe um período da vida dele desconhecido para mim, compreendendo desde a morte de Bia até o dia em que o conheci. Preciso saber disso e só então descansarei.

Porém, ao olhar para seu o maxilar travado e o vinco entre as sobrancelhas, constato não ter sido uma boa ideia e, inconscientemente, preparo-me para o vulcão que é Felipe prestes a entrar em erupção.



MADU — BIANCA

Felipe esfrega o rosto com as duas mãos, parecendo subitamente cansado. Então o impensável acontece: ele se aproxima em passos lentos até a bancada onde me encontro sentada, apoiando os braços sobre as minhas coxas.

— Tem certeza de que quer conversar sobre isso agora? — pergunta com uma nesga de desânimo traindo a voz, deixando uma das mãos passear para dentro dos meus cabelos.

Sua reação me deixa perplexa. Depois da nossa discussão na sala de televisão, eu esperava algo mais explosivo em se tratando de cutucar feridas. Mas, pelo jeito, ele estava sendo honesto quando garantiu jamais voltar a me tratar daquela maneira novamente. Posso ver em seu corpo rígido e nas íris ardentes o quanto está se esforçando para isso e a constatação libera uma corrente elétrica para o resto do corpo, anestesiando-me. Emudecida, apenas assinto com a cabeça. No fim das contas, este é exatamente o meu desejo. Quanto antes colocarmos os pingos nos *Is*, melhor.

— O que minha mãe te contou? — pergunta.

— Não fique bravo com ela por isso, eu insisti muito para saber! Estava ficando louca. Ainda estou, na verdade, por iss...

— Shhh! — Ele me cala com beijo. — Eu te devo isso.

Respiro fundo, ignorando a velocidade alarmante com a qual o meu coração bombeia sangue para o resto do corpo. Finalmente os segredos entre nós acabarão! A perspectiva me rouba a força das pernas.

— Ela me disse sobre você ter ficado muito doente a ponto de precisar ser internado... então conheceu a Bianca lá. E, hum... — titubeio, limpando a garganta antes de continuar. — Bem, ela contou o que precisava ser contado.

— Certo.

Ele meneia a cabeça, parecendo buscar uma boa dose de coragem para encarar, mais uma vez, o passado. Sustentamos o olhar pelo que parecem horas antes dele percorrer os dedos pelos próprios cabelos, fazendo-os cintilar com um brilho dourado. Fisgo os lábios, sem fôlego com a sua beleza imponente. Eu jamais vou me acostumar com ela. É impossível não se deixar abalar.

— Bianca era como um reflexo de mim mesmo. Ela entendia a minha dor, conhecia o meu sofrimento. Era a única que verdadeiramente me compreendia. As demais pessoas... apenas tentavam. Quando nos conhecemos, em uma terapia em grupo, eu não demorei mais que segundos para me encantar com o jeitinho doce dela, ou com o sorriso enorme que surgia eventualmente. Antes mesmo de voltar para casa eu já a amava. Aquilo era novidade para mim, porque, como deve saber, passei a adolescência ocupado em odiar a mim mesmo e pular de médico em médico.

Felipe umedece os lábios e suas íris de safira estudam as minhas reações. As mãos enormes me seguram carinhosamente pela cintura e, eu entendo, essa é a sua maneira de me mostrar que está aqui comigo. Pode parecer um gesto pequeno, no entanto, depois de meses lidando com um Felipe constantemente tentando se fechar no próprio mundinho e me proibindo de entrar, esse simples ato me deixa atônita. Ele não está se afastando, pelo contrário, está mais presente que nunca. No mesmo instante, sinto os olhos encherem de lágrimas e pestanejo além do normal para conter o choro. Não quero quebrar esse momento importante.

— Eu realmente acreditei que conseguiríamos nos ajudar de maneira mútua. Para mim fazia sentido, mas hoje vejo que as duas almas estavam quebradas e esse era o agravante. Como poderíamos curar um ao outro quando não podíamos lidar com nós mesmos? — Felipe arqueia as sobrancelhas ligeiramente. — Eu não via assim na época. Acreditava poder consertá-la. A cada recaída dela, pensava ser minha culpa não conseguir tirá-la do fundo do poço. Era difícil assimilar a ironia da situação. Eu me sentia vivo e feliz com ela, realmente acreditava que éramos capazes de passar por cima dos problemas. Ao menos eu estava disposto a tentar o quanto fosse preciso...

Mas ela não. Conforme os dias passavam, Bianca se afundava mais... em um lugar onde eu não podia alcançá-la. Ninguém podia.

Com um pesado suspiro, ele desvia o olhar para baixo. Suas mãos permanecem firmes na minha cintura, porém.

— Você se via com ela para sempre — não soa como uma pergunta, mas sim uma constatação.

— Sim. — Ele crispa os lábios, erguendo o rosto para me perfurar com os intensos olhos azuis. — Sim, eu me via. Ainda éramos muito novos, mas eu enxergava um mundo de possibilidades. Todas com Bia. E, por isso, quando... quando aconteceu, eu a odiei. Com todas as minhas forças. — Felipe se empertiga e percebo que o seu corpo o está traindo. Em toda a sua rigidez é possível ver o quanto o assunto ainda mexe com ele. — Não é muito nobre da minha parte, eu sei. Porém, a única pergunta martelando na minha cabeça, na época, era: por quê? Por que ela fora tão egoísta a ponto de me deixar sozinho, mesmo com toda a dor, toda a culpa? Para não enlouquecer, eu foquei todas as energias na faculdade e, depois, na carreira profissional. Com o tempo, o ódio se esvaiu, restando apenas a ferida aberta e impossível de cicatrizar.

— Você ainda guarda rancor pelo que ela fez?

— Não. Tantos anos vivendo no limbo me trouxeram empatia... ninguém decide tirar a vida a toa, Madu. Eu não conhecia o tamanho do sofrimento dela. Ninguém jamais soube além dela mesma.

Concordo com a cabeça, mordendo o lábio inferior com força. Eu não posso nem mensurar a dificuldade da situação, como um todo. Deve ser difícil perder alguém a que amamos tanto e, agora eu compreendo, é natural atribuir a culpa a si mesmo. Novamente, Felipe é o acusado. E o pior: por ele mesmo.

— E, com isso, voltamos a pergunta inicial... — Sorrio, tentando amaciar a rigidez entre nós. — Nunca mais se envolveu com ninguém antes de mim?

— Depende do que você considera se envolver.

— Não entendi.

— Se por envolver você quer dizer namorar, então não.

— Mas teve outras mulheres — sussurro e, por alguma razão, meu coração se comprime.

— Não sou de ferro... — diz ele, segurando o meu queixo com uma das mãos e me forçando a encará-lo. — Depois de ter passado o luto, eu tentei desesperadamente me livrar de todo esse veneno — Ele alcança a minha mão e a posiciona sobre o próprio peito. —, e pensei, equivocadamente, que o encontraria dessa maneira. Não me orgulho em dizer que me aproveitei muito do *status* trazido com o sucesso profissional para levar toda a sorte de mulheres para a

cama.

— O quê? — Meus lábios se separam em surpresa. — Não acredito!

— Por que não? — ele pergunta suavemente.

Balanço a cabeça em negativa, submersa em uma profusão de confusas sensações. Ele aproveita a deixa para continuar.

— Estive com uma mulher diferente a cada noite, por tempo o suficiente para perceber que eu apenas patinava sem realmente ir para lugar algum. Não era o que queria para mim. Além disso, era inútil tentar me enganar. Eu não estava me libertando do passado. Então, quando entendi isso, aceitei de bom grado a solidão.

— Quando nos conhecemos... fazia quanto tempo?

— Anos. Nunca parei para contar quantos, na verdade. — Ele pisca e vejo a sombra de um sorriso nos seus lábios. No entanto, nem isso consegue afastar o gosto amargo da boca.

— E porque foi diferente comigo?

— Honestamente? Não sei. Você apareceu e eu compreendi que não tinha mais volta... — explica, encolhendo os ombros. — Apenas... aconteceu. Como foi com você.

Inclino o tronco para frente, envolvendo-o em um abraço apertado. Encaixo o rosto na curva do seu pescoço, sorvendo o perfume delicioso de Felipe. Então percebo que o peso nos ombros dobrou o tamanho. Essa conversa sugou as minhas energias. Quero dizer, é péssimo admitir isso, mas eu simplesmente não consigo lidar com a ideia de ele já ter amado tanto alguém. É por isso que, apesar de me sentir patética, não posso evitar a pergunta subsequente.

— Se você pudesse mudar o passado e... de alguma forma... — balbucio. — De alguma forma tê-la de volta, faria isso?

— Bia está morta — diz de maneira enfática. — Apesar de ter experimentado uma vida dura, essa foi uma decisão unicamente dela e não há como alterar as coisas. Você apareceu, no entanto, trazendo luz onde só existia escuridão. Eu podia amá-la naquela época, mas agora é você quem amo.

Encolho os ombros, sem encontrar uma palavra adequada para oferecer como resposta. Felipe me estuda por alguns segundos e então suas mãos vêm de encontro ao meu rosto, segurando-o com ternura, para se fazer entender.

— Eu sei que está se perguntando se eu estaria com ela agora, caso nada disso tivesse acontecido, mas é justamente essa a questão, Madu! Ela não está! É você quem está aqui. Eu estava fadado a amá-la e depois perdê-la. É somente com você que quero ficar e mais ninguém. Então não, eu jamais mudaria nada.



MADU — PIQUENIQUE

Com a cabeça recostada na janela do ônibus e os pensamentos longe daqui, dou um pulo quando a melodia do meu celular começa a tocar, despertando-me dos devaneios. Tateio a mochila em busca do aparelho e ganho alguns olhares curiosos com a música quebrando o silêncio daqui de dentro. Depois de um longo dia, todos estão cansados demais até mesmo para conversar e desejam, mais do que tudo, chegar ao conforto de seus lares. E isso me inclui, é claro. Depois de uma longa greve, os professores estão desesperados para colocar o conteúdo em dia usando na metade do tempo, por isso as aulas ficaram ainda mais puxadas.

Confiro o identificador e descubro ser mamãe quem está me ligando. Com um sorriso nascendo no rosto, atendo a chamada.

— Madu! Que saudade!

— Oi, mamãe. Eu também! Como vocês estão?

— Morrendo de frio... Acabamos de jantar sopa de lentilha e nos lembramos de você.

Suspiro, constatando que nada poderia ser melhor para uma noite fria como esta. Então, de

repente, percebo estar morrendo de saudade deles. Nem parece fazer tão pouco tempo que estive lá, para ser honesta. Aconteceram tantas coisas... a viagem aparenta ser uma memória distante. A minha sensação é de contarem meses desde que os vi pela última vez. Então, estalando de um transe, empertigo-me no banco e respondo com o máximo de animação que consigo para o momento:

— Que delícia! Eu também quero, pode tratar de mandar para mim!

— Quando você vier de novo eu faço!

— Isso não é justo... sopa de lentilha só é gostosa no inverno.

— Ninguém mandou morar longe — ela brinca e posso jurar ter um sorriso em seu rosto. —

Mas, me diga, como você está? As provas já começaram? E o Felipe?

Estremeço com o bombardeio de perguntas. Apesar de eu não passar uma semana sem conversar com a minha família ao menos uma vez, a culpa é sempre corrosiva pelo fato de eles não saberem sobre a mudança temporária para casa do Felipe. Eu tento ser o mais honesta possível com todos os outros detalhes da minha rotina, para compensar essa omissão que, embora seja por uma boa causa, só deixaria as coisas mais complicadas se eles soubessem agora.

— Estou bem! Sofrendo muito para retomar o ritmo de trabalhar e estudar. Um pouquinho que eu fiquei fora da rotina e já está uma luta para conciliar os dois... As provas começam semana que vem, mas estou cheia de trabalhos... Jesus, deveria ser proibido todos os professores resolverem passar atividades de uma vez só! — A risada dela ressoa do outro lado da linha e me pego sorrindo feito uma idiota, enquanto vejo a cidade passar janela afora. — O Felipe está melhorando... a cada dia ele fica um pouco melhor. Jamais ficará realmente bem sem os remédios, mas estamos trabalhando nisso — admito.

— E não está sendo estranho trabalhar com ele de novo, filha? — ela pergunta pela quinta vez desde que lhe dei a notícia.

— Um pouco, na verdade. Não consigo misturar as coisas muito bem... Eu só estou esperando ele encontrar outra pessoa. Depois vou tentar achar um estágio na minha área.

— É a melhor coisa, Madu. Amor é amor, trabalho é trabalho — fala categoricamente. — Agora nós precisamos conhecê-lo, né? Quero saber quais são as intensões desse Felipe co...

— Mãe! — repreendo e nós duas caímos na risada.

Embora ela estivesse só brincando comigo, a ideia de apresentar Felipe aos meus pais é convidativa ao ponto de me arrancar um sorriso. “*Quem sabe mais para frente?*”, penso comigo mesma, deliciada com a imagem se formando na cabeça.

Ao longo do caminho, mamãe e eu continuamos conversando animadamente pelo telefone. Descubro que meus pais adotaram um cachorrinho de rua e deram o nome de Beethoven. Mas,

apesar dos meus protestos para o fato de este ser deveras clichê, ela argumenta que ele tem cara de Beethoven e nenhum outro nome daria tão certo.

Papai também fala comigo antes de eu desligar. Eu adoro os nossos assuntos, porque são sempre mais descontraídos e espontâneos. Ele me pergunta sobre o que eu aprendi hoje e me pede para tentar explicar (porque só assim saberá se eu realmente aprendi). Passo minutos a fio falando a respeito de Zoologia dos Cordados quando percebo estar quase chegando ao ponto em que preciso descer. Por isso, despeço-me com uma sucessão interminável de “amo vocês” e “estou com saudade”, desligando o celular em seguida.

Pulo para fora do ônibus me sentindo um pouco melancólica e não me surpreendo ao me deparar com a Mercedes branca me esperando. Percorro a distância até o veículo e, tão logo sou recebida pelo calor confortável do lado de dentro, cujo perfume delicioso do Felipe está impregnado em cada centímetro, encontro-o com um sorriso torto no rosto. Ele se inclina sobre mim, cobrindo meus lábios com os seus. Em uma fração de segundo, todos os pensamentos são varridos da cabeça e eu perco o chão. Felipe tem o poder de me fazer alcançar as nuvens...

Ao se afastar, com os lábios ligeiramente inchados, percebo seus olhos obscurecidos e só então me dou conta de que ele se encontra com as roupas de academia. Malhar assim tão tarde não é algo que ele faça habitualmente, a menos que esteja se sentindo mal.

— Não gosto que você fique andando sozinha assim tão tarde — diz ele, repousando a mão na minha coxa.

— Eu fiz isso por três anos. — Encolho os ombros. — Tá tudo bem, realmente não me importo.

— Mas eu sim.

— E é por isso que vem me buscar no ponto, não? — Sorrio.

— De fato. Mas ficaria mais feliz se você fosse menos teimosa e usasse o carro para ir até a faculdade.

— De jeito nenhum!

— Madu... — Ele me olha com uma expressão rígida, porém noto a sombra de um sorriso pincelando os lábios. Sustentamos o olhar pelo tempo necessário até eu cair na risada e ele me acompanhar.

Enquanto esperamos o portão abrir, seus dedos longos apertam minha perna, subindo pela coxa e me fazendo estremecer. Contudo, antes de alcançar a virilha, Felipe afasta a mão, a fim de estacionar o carro.

— Você precisa de dois ônibus para ir e mais dois para voltar... — recomeça, ao passo em que caminhamos para dentro de sua casa sombria. — Indo de carro, economizaria bastante tempo.

Que você poderia usar estudando... ou simplesmente ficando comigo.

— Hum... assim a oferta fica mais interessante!

— Estou falando sério! — afirma ele, no entanto está sorrindo. — Por que escolher o caminho difícil se você pode optar pelo mais fácil?

— Você sabe que eu tenho medo!

— Medo por quê?

— É uma *Mercedes*, Fê! — graso, perplexa por ele não entender a gravidade da situação.

— E daí? Você fala como se fosse um animal selvagem.

Gargalho, dando um tapinha contra o seu peito. Ao chegar à cozinha, atiro a mochila contra o balcão de mármore, sentando-me em uma das banquetas da ilha central em seguida.

— Eu vejo dessa forma — admito.

— É só um carro, o máximo que pode acontecer é eu precisar mandar ao conserto... Não é como se isso fosse um grande problema pra mim.

— Seu metido! — brinco e ele deixa um beijo no topo da minha cabeça. — O problema é qu...

— Não aceitarei um não — Felipe me interrompe, segurando a minha cintura com as duas mãos. — Eu me preocupo com você, jamais ofereceria o carro se, de alguma forma, isso me incomodasse.

— Fê...

— Por favor.

— Você joga baixo!

— E isso faz de mim um ótimo advogado! — diz e pisca o olho, derretendo-me inteira.



Saio do banho com uma nuvem de fumaça e encontro Felipe sentado na cama, tão rígido quanto uma escultura talhada em mármore. Está vestindo apenas uma boxer preta, apesar do frio. “*Homens e o seu calor excessivo...*”, penso divertida, lembrando-me do meu pai.

Com os braços esticados ao lado do corpo, os olhos miram para lugar nenhum, enquanto os pensamentos parecem vagar para longe daqui. Embora tenha tentado disfarçar o estado de espírito soturno desde quando cheguei, eu o conheço bem o suficiente para notar.

Vê-lo assim me deixa péssima. Quero dizer, é possível observar um padrão acontecendo aqui: recaída, crise e breve melhora. Continuamente e sempre de maneira cíclica, sua doença o está mantendo como refém. Eu não posso permitir isso. Então me recordo do artigo dando dicas

sobre como lidar com um bipolar: *“Saia da rotina: Ao menos nos fins de semana, tente quebrar o ciclo, marcando programas diferentes”*.

Tão logo o pensamento invade a cabeça, um sorriso enorme rasga os meus lábios. É isso! Precisamos mudar o ciclo natural das coisas, Felipe não pode esquecer ser o dono de sua mente. É ele quem manda e não o transtorno.

Aproveitando o fato de ainda não ter sido notada pelo meu *advogado*, desço furtivamente, vencendo o medo deste casarão sinistro. Percorro a cozinha até a adega, onde escolho (mesmo sem entender nada) um vinho. A ideia de passar madrugada adentro acordada com Felipe, no meio da semana, parece promissora. Perambulo para todos os lados, abrindo os armários em busca de comidas que combinem com um piquenique noturno. O sorriso permanece no rosto e, por isso, quando a voz de Felipe invade a cozinha e eu me viro em sua direção, ele percebe que estou tramando algo.

— Não vi que já tinha saído do banho. — Suas íris percorrem a quantidade considerável de lanchinhos espalhados pela ilha central. — Acabamos de jantar... Está com fome?

— Ainda não. Mas vamos ficar. — Encolho os ombros, divertida com a confusão em sua feição. — Onde encontro uma toalha?

— Toalha?

— Melhor ainda se for xadrez, porque, você sabe, está no manual do piquenique que é preciso ter uma toalha xadrez!

Unindo as sobrancelhas, Felipe se adianta em minha direção, sem conseguir dominar um sorriso.

— E faremos esse piquenique *agora*?

— Bom, eu não tenho nenhum compromisso. Você tem?

Ele balança a cabeça em negativa, rindo como um bobo. Suas mãos seguram o meu rosto dos dois lados e fecho os olhos no mesmo instante, esperando ele me beijar. Ao invés disso, ouço sua voz rouca penetrar os tímpanos.

— Não sei o que fazer com você...

Fico na ponta dos pés, alcançando os lábios pelos quais sou viciada.

— Pode começar me beijando! — falo contra eles.

Felipe atende ao desejo e, no segundo seguinte, sinto os braços fortes me prendendo contra o seu corpo de maneira protetora.



MADU — TERRAÇO

Estaciono, lutando contra o tremor se espelhando pelo corpo. Santo Deus, preciso vencer esse medo de dirigir o carro de Felipe, caso contrário jamais conseguirei ir e voltar da faculdade todos os dias.

Observo Felipe pelo canto dos olhos e percebo que ele está se segurando para não rir de mim. “Você me paga!”, penso comigo mesma.

— Esqueceu alguma coisa? — ele me pergunta, ao notar o fato de termos parado em frente ao prédio onde moro.

— Não, aqui é onde faremos o piquenique!

Explico e ele assente, deixando transparecer uma nesga de desapontamento. “Bobinho... ele acha que será no meu apartamento”.

Depois de nos vestirmos de maneira adequada para o frio rigoroso desta noite e juntarmos toda a sorte de comidas para passar a madrugada, Felipe me perguntou se eu tinha pensado em um lugar seguro onde poderíamos ficar tranquilamente. Porém, contrariando a sua constante

necessidade de controlar a situação, arranquei a chave do carro de seus dedos, com um sorriso maroto no rosto. Em parte porque realmente queria deixá-lo curioso, mas também porque seria bom praticar um pouco no volante com ele por perto.

— É surpresa! — eu disse, arrancando um sorriso safado de Felipe, seguido pela impagável expressão de cachorro sem dono.

Estou certa de que ele deve ter imaginado mil possibilidades pelo caminho e, por isso, está com essa cara engraçada neste momento. No entanto, a verdade é: eu tive a ideia do lugar antes mesmo de pensar no piquenique.

Pulo para fora do carro, sendo recebida pelo frio e estremecendo com a sensação térmica semelhante a estar no polo norte. Droga, esse inverno parece interminável! Eu simplesmente não aguento mais.

Contorno o carro, encontrando Felipe com uma cesta de vime grandalhona, onde nossos preparativos se encontram amontoados. Ele estende a mão livre para mim e entrelaça os dedos gelados nos dele. Agora começou a me passar pela cabeça que um piquenique seria bem melhor no verão, mas tudo bem. O importante é ficarmos juntos. Teremos a noite toda só nossa.

Tão logo adentramos o elevador, segundos depois, um arrepio percorre a minha espinha como um raio e, ao notar que me enrijeci, Felipe gargalha, puxando-me contra si.

— Lembrou-se de alguma coisa? — pergunta ele, sorrindo cinicamente para mim.

— Jamais verei qualquer elevador com os mesmos olhos...

— Nem eu! — Ele me puxa para um beijo e eu suspiro ao sentir os braços fortes me apertando contra o seu corpo. Não existe nada no mundo inteiro que eu goste mais do que estar aconchegada nele.

É somente quando o elevador para que ele percebe o fato de a viagem ter demorado além do habitual. Então os olhos de safira me procuram cheios de dúvida, enquanto eu caminho para fora.

— Em qual andar estamos?

— No último — explico, sorrindo genuinamente. —, onde fica o terraço. — Estendo o molho de chaves, chacoalhando-o no ar como se isso respondesse qualquer questão.

Ele arqueia as sobrancelhas e os lábios se entortam para o lado, em um sorriso. A mão livre vem de encontro a minha cintura ao que giro de costas para ele, concentrada em destrancar a porta. Somos recebidos por um espaço enorme a céu-aberto, onde estive uma única vez com os meus pais, logo que me mudei, há pouco mais de três anos. Tranco-nos para fora, ganhando um olhar divertido de Felipe.

— É permitido vir aqui?

— Sim. Todos têm a chave.

— Então podemos ser pegos a qualquer momento?

Nossas risadas ecoam pelo ar, parecendo ainda mais altas no silêncio imaculado daqui de cima. Retomo os passos em direção às muretas de proteção, sendo acompanhada por ele.

— Eu não acho que alguém levantaria no meio da madrugada, com um frio desses, para vir até aqui. Até porque, não há muito para fazer.

— Preciso discordar, Madu. Existem tantas possibilidades para um lugar como este...

Ele pisca o olho esquerdo, inclinando ligeiramente a cabeça para o lado. Demoro alguns segundos para entender a implicação por trás destas palavras e, quando isso acontece, é impossível dominar uma gargalhada. Felipe tem um fraco para transar em lugares nada convencionais, principalmente se existe a mais remota possibilidade de sermos pegos. *“Um homem da lei que gosta de quebrar as regras”*, penso comigo mesma, mordendo o lábio inferior com força.

Felipe deixa a cesta no chão, percorrendo o trajeto até a parede em miniatura, a qual nos protege de uma queda assustadora. O vento lambe nossos rostos com veemência, jogando nossos cabelos para todos os lados. Acima de nós, o céu, tão negro quanto Ônix, encontra-se repleto de estrelas, como se infinitos cristais *Swarovski* houvessem sido espalhados por ele. A lua cheia nos banha com uma pálida luz azulada, brilhando sobre nossas cabeças de maneira imponente. À nossa frente, um mar de edifícios de tamanhos e formas variadas nos recebe com luzes parecendo vagalumes voando pela noite.

Prendo a respiração diante de tamanha beleza e percebo Felipe tão boquiaberto quanto eu. Ele suspira, repousando o pesado braço sobre os meus ombros e me puxando contra si. Inspiro profundamente, sorvendo seu perfume delicioso. Estou enfeitiçada pelo momento como um todo.

— Ótima escolha... — sussurra, deixando um beijo no topo da minha cabeça.

— Não tinha como ser diferente com você do meu lado!

— Isso não está certo! — ele protesta de maneira teatral. — Se existe alguém que precisa ser mimado aqui, esse alguém é você e não eu.

— Agora eu precisarei discordar, doutor Antunes! — digo, levando as mãos ao seu rosto. — Essa noite é para você não esquecer...

— Ah, é? — indaga. — Não me esquecer do quê?

— Que eu te amo — falo baixinho contra o seu ouvido, deixando os lábios roçarem em sua pele. — Que minha vida não tem sentido se você não estiver nela... que eu não vou desistir de tentar te fazer feliz, porque nós dois só funcionamos juntos!

Ouçó um gemido baixinho vindo dele e estremeço com o som delicioso.

— Você me deixa louco, Madu!

— Mais? — brinco, fazendo-o gargalhar gostosamente.

— Bem observado... acho que você me deixa são, então.

Seus dedos se enterram nos meus cabelos pela nuca e, no mesmo instante, perco a força nos joelhos. Santo Deus, esse homem só sabe jogar baixo!

— Estou brincando, eu gosto da loucura — sussurro contra a orelha dele, na tentativa de deixá-lo arrepiado.

Não sei se funciona, mas ao menos ganho outro gemido alucinante.

— Até a minha?

— Principalmente.

Seus braços se fecham ao meu redor em um abraço apertado, o qual rouba o ar dos pulmões. Sinto sua respiração ricochetear contra o meu próprio ouvido e sou eu a ficar inteira arrepiada.

— Ah, Madu! — Suspira Felipe. — Você é perfeita para mim! Percebe o quanto sou afortunado por tê-la?

— Shhh! — colo nossos lábios. — Se você continuar, serei obrigada a tirar a minha roupa... e está frio demais para isso!

Felipe gargalha, balançando a cabeça em negativa.

— Parece que o vinho veio a calhar.

Entrego-me à risada e mostro a língua para ele, encaminhando-me até a cesta e alcançando a toalha de mesa. Infelizmente, Felipe não tinha uma de trama xadrez, como pede o guia oficial do Piquenique. Por isso, contentamo-nos com a de tema natalino que, segundo ele, foi dada por sua mãe logo quando ele se mudou para a própria casa, contudo, jamais fora usada.

Depois de brigar contra o vento para conseguir estender o tecido no chão, procuro pela garrafa de vinho e o abridor, oferecendo-os para ele em seguida. Acomodo-me no chão e então caço as taças, enquanto ele se ocupa em abrir a garrafa. Ouço um estalo abafado da rolha sendo liberada e, logo depois, Felipe se senta ao meu lado, servindo-nos.

— Precisamos brindar!

Ele ergue a própria taça com um sorriso de canto pincelando os lábios. Levo algum tempo pensando, no qual seus olhos não desgrudam de mim nem por um único segundo.

— Um brinde à vaga de emprego responsável por mudar as nossas vidas!

Tão logo as palavras saem da minha boca, nós dois rimos como duas crianças antes de conseguir tomar o vinho tinto. Ele é tão saboroso que me pego lambendo os beijos.

— Assim você me faz querer tirar a sua roupa, sem me importar com o quão frio está aqui em cima...

— Você vai precisar de mais vinho para isso, Fê.

— Isso não é um problema, visto que temos uma garrafa inteira — ele provoca, sem parar de sorrir por um único segundo.

“Assim é bem melhor”, mentalizo, feliz com a leveza nos rondando. Beberico um pouco mais, observando-o buscar algo para mastigar dentro da enorme cesta de vime.

— Foi bom você ter falado em emprego. Precisarei viajar na próxima semana.

— Sério? — Aprumo-me no lugar.

— Tenho reunião na filial de Porto Alegre... Eu te chamaria para ir comigo, mas suas aulas voltaram agora, sei que vai recusar.

— Certamente, sim — assumo. — Você ficará muito tempo fora?

— Coisa de uns quatro dias. Nem vai dar tempo de sentir saudades! — Ele sorri, enterrando o rosto na taça.

Encolho os ombros, pensando nas últimas palavras. Felipe não poderia estar mais errado... Só de ir para a faculdade e voltar eu já sinto saudades, imagine então a eternidade de quatro longos dias!

Sem me deixar protestar, no entanto, ele quebra o silêncio novamente:

— Assim que eu voltar de viagem, conseguirei procurar com calma uma nova assistente pessoal e você estará livre de mim. Ao menos parcialmente.

— Ai, droga! Você e esse papo de *uma nova* assistente. *Uma!!!* Por que não *um novo*? — pergunto e ele ri, parecendo deliciado com o meu repentino mau humor.

— Você fica ainda mais linda irritada, sabia?

— Estou falando sério! — tento parecer brava, mas sou traída pelo sorriso. É impossível não ser contagiada pelo olhar carente feito para mim neste exato momento! Cretino, sabe direitinho como me deixar louca! — Não estou gostando di...

— Venha cá! — ele me interrompe, segurando o meu rosto com força para me beijar e me consumindo com todo o seu desejo ardente.

Quando se afasta ligeiramente de mim, sou derretida pelo brilho malicioso em suas gemas azuis cristalinas. Antes que eu possa ter uma reação, porém, sinto-o pressionar meu corpo para trás, empurrando-me para me fazer deitar no chão.



MADU — QUEBRA DE CICLO

As mãos habilidosas de Felipe sobem a minha saia até a calcinha ficar à mostra por baixo da meia calça. Com um sorriso safado tomando os lábios, ele desliza ambos pelas minhas pernas, deixando-me nua da cintura para baixo.

Apesar do coração imitando a bateria de uma escola de samba, não arrisco nenhum movimento para impedi-lo. No fundo acho que Felipe está me contagiando com o seu gosto por lugares exóticos. Deitada onde estou, tenho a visão do céu, o qual parece infinito. Não poderia ser mais perfeito.

Seus dedos passeiam pelas minhas canelas, subindo sem pressa e contribuindo para o arrepio crescente. Inspiro profundamente, conforme as unhas dele se fundam na minha carne, em uma massagem selvagem e lasciva.

— É impossível resistir a você, minha menina.

Não existe mais o frio. Embora a brisa continue roçando a minha pele em intervalos ritmados, sinto-me como se todos os membros estivessem em brasa. Felipe é um combustível para todo o

desejo preso dentro de mim. Somente ele é capaz de me deixar em combustão.

Quando seus lábios vão de encontro a parte interna da minha coxa, deixo um gritinho de surpresa escapar, ecoando por todo o terraço. O contato morno deles é delicioso o bastante para eu desejar experimentar no corpo inteiro. Minha nossa, nada que Felipe fizer jamais será o bastante para mim. Eu sempre precisarei de mais e mais... quero ter uma overdose deste homem delicioso.

Intercalando beijos suaves com mordidinhas na ponta dos dentes, ele avança para o meio das minhas pernas e me contorço inteira. O tesão corre pelas veias em uma velocidade surpreendente, de modo que o anseio por Felipe aumenta de maneira desenfreada.

Ele raspa a ponta do nariz pelo meu sexo em movimentos provocativos e deliciosos. Sua barba por fazer roça a minha coxa, causando um misto de cosquinha e formigamento.

Oh, Céus...

Meus músculos estremecem, pedindo por mais e, como se lendo a minha mente, os dedos longos sobem pelo meu tronco, em busca dos seios. Sinto o seu toque desesperado e compreendo que o seu desejo é na mesma medida que o meu. Excitada, fecho os olhos, embalada pelo cheiro delicioso de Felipe que parece ainda mais intenso. Ou talvez eu que esteja com os sentidos aguçados...

Então ele me abocanha, com uma fome insaciável. Sua língua passeia pelo meu corpo com vontade, provando-me inteira. Felipe muda os movimentos, a pressão e a velocidade de acordo com as minhas reações. Quanto mais a minha respiração se torna curta e rápida, mais ele parece satisfeito consigo mesmo e, aos poucos, seus gemidos baixos passam a acompanhar os meus gritos frenéticos. No entanto, ele não parece se importar com o barulho. Abro os olhos para espiá-lo, encontrando-o com uma expressão deliciada. As sobrancelhas unidas formam sulcos na testa e os lábios entreabertos o deixam ainda mais sexy.

Tão logo nossos olhares se cruzam, Felipe decide ser o momento certo para me enlouquecer, pois, ao mesmo tempo em que um sorrisinho torto rasga sua boca, um dos dedos me penetra devagarzinho. Envergo a lombar e o tiro do campo de visão. Mas isso pouco importa, afinal o desejo acaba de me cegar. Santo Deus, isso é tão bom...

Coordenando os movimentos da língua com as investidas do dedo, ele me faz esquecer de tudo. Só existe essa profusão de sensações maravilhosas que Felipe sabe provocar com maestria. As minhas extremidades começam a tremelicar suavemente e os músculos do ventre se contraem em espasmos.

Ciente disto, Felipe coloca outro dedo dentro de mim e se concentra em sugar o meu clitóris cheio de apetite. Agarro seus cabelos curtos na medida do possível, sentindo uma irrefreável onda

elétrica se espalhar pelo corpo inteiro.

— Fê! — grito de maneira desentoadada, sentando-me, ao atingir o ápice do prazer.

Com o peito subindo e descendo e os olhos fechados à medida em que luto para restabelecer o autocontrole, assusto-me ao sentir a boca de Felipe contra a minha. Cedo ao beijo, sentindo o meu sabor misturado à sua saliva. Apertando-me com os braços protetores, ele me esmaga com todo o seu amor, lembrando-me de que toda a luta vale a pena, afinal, a recompensa é tê-lo para mim.



Observo seus bíceps se contraindo enquanto Felipe gira o volante para a esquerda. Apesar de ter guiado o carro até o prédio, não achei que seria uma boa ideia voltar no volante tendo em vista o fato de não conseguir nem ao menos me equilibrar sobre as pernas. Ele tinha razão, o álcool viera a calhar.

Espio as horas no painel para descobrir ser pouco mais de quatro da manhã. “*Estamos tão ferrados!*”, penso comigo mesma, sem conseguir dominar o sorriso. Apesar de saber que ficarei exausta amanhã, estou certa de ter valido a pena. Ver Felipe tão leve e bem humorado é a maior recompensa. Essa noite não foi apenas um momento especial partilhado por nós, mas também um marco, simbolizando esperança.

Nesta noite, eu decidi que poderíamos reverter a situação e ele agarrou a ideia comigo.

Hoje nós quebramos o ciclo.

Felipe aperta a minha coxa suavemente durante o tempo em que esperamos o portão de sua casa abrir. Encaro suas íris translúcidas e sinto um calor irradiar dentro de mim. Apesar de toda a maré ruim, parece que finalmente estamos aprendendo a remar nesta relação tão intensa.

— Eu ameii a nossa noite — sussurro, soltando o cinto de segurança.

Uma parte de mim está louca para tomar outro banho quentinho e se jogar embaixo das inúmeras camadas de edredons da cama *King Size* de Felipe, no entanto, a outra metade não quer abrir a porta do carro e encarar o fim do passeio. Por que os melhores momentos de nossa vida precisam passar em um piscar de olhos?

Como se partilhasse os mesmos sentimentos, Felipe enrosca os dedos nos meus cabelos, acariciando-me de maneira cuidadosa. Fecho os olhos, desejando fervorosamente que este instante não termine nunca.

— Obrigado por permanecer aqui... por ser tão persistente, tão teimosa comigo. É exatamente disso que preciso. Da sua paciência, do seu cuidado — ele enuncia as palavras sem

pressa, sua voz rouca causando arrepios constantes em mim. —, e da forma elétrica como você leva a vida. Você me tirou de um buraco muito fundo essa noite, assim como continua fazendo dia após dia, sem nem ao menos perceber.

— Droga, Fê! Você está querendo me despir outra vez, né?

A gargalhada dele irrompe no ar no segundo seguinte. Eu adoro vê-lo rindo, amo a forma como seus olhos formam pés de galinha e as bochechas ficam avermelhadas. Se existe uma forma de Felipe ficar ainda mais bonito do que já é, certamente é quando está rindo tão gostosamente, como agora.

— Você não toma jeito! — afirma ele, puxando-me com os braços fortes contra si.

Enterro a cabeça na curva do seu pescoço, sorvendo o perfume maravilhoso encontrado ali, pelo qual sou viciada. Então permanecemos unidos pelo que parecem horas, incapazes de colocar um ponto-final nesta noite maravilhosa.

Tão logo nos desvencilhamos, encontro-o com uma expressão pensativa e não posso deixar de perguntar:

— O que foi?

Felipe me tortura com o silêncio enquanto pulamos para fora do carro e percorremos o caminho até a entrada. Ele só responde ao estarmos protegidos do frio, no hall.

— Seu aniversário está chegando, não?

— Olha só, você se lembra! — Sorrio.

— Pode parecer que não, mas apesar de você ser uma tagarela, eu presto atenção em tudo.

A risada escapa dos meus pulmões, rondando-nos. Mostro a língua para ele e, em seguida, falo de maneira teatral.

— Felipe Antunes, você está insinuando que eu falo demais?

— Receio que sim. — Ele pisca um dos olhos, mordendo o lábio inferior.

Seu braço direito me envolve pela cintura ao passo em que subimos o lance de escada em direção ao quarto. Nossas risadas parecem intermináveis.

— Não acredito! Está afirmando na cara dura! Então eu te canso com toda a minha falação?

— Jamais me cansaria de você, Madu — responde ele, deixando uma mordidinha no meu maxilar. Sinto uma corrente elétrica percorrer a espinha, eriçando todos os pelos encontrados no caminho.

— Dane-se — falo, deslizando a saia pelas pernas. — Não vamos dormir essa noite!



MADU — BRIGADEIRO

O cheiro delicioso de chocolate penetra as minhas narinas, deixando-me momentaneamente desnorreada. Endireito a coluna, tirando o caderno do colo e, em passos ligeiros, caminho até a cozinha, encontrando Vanessa chupando o dedo indicador com vontade.

— Caraca... esse brigadeiro ficou maravilhoso! Eu me superei!

— Sei! — brinco, pegando uma colher no escorredor e avançando até o fogão. — Só acredito vendo. Ou melhor, provando!

Rimos feito crianças enquanto me ocupo em raspar uma quantidade razoável do doce. Tão logo o saboreio, não consigo evitar um longo gemido de satisfação, responsável por arrancar um sorriso vitorioso de Vanessa. Nós duas sabemos muito bem o quanto ela é disparadamente melhor na cozinha do que eu.

— E então? — Ela provoca e, como resposta, jogo um guardanapo contra o seu rosto.

— Nessa, você é tão insuportável!

— Pode até ser... mas isso não muda o fato de eu ser um arraso com brigadeiro de colher!

— Sim. E essa é uma das razões para eu te amar tanto!

Inclino-me sobre a panela a fim de pegar mais um pouco de brigadeiro, mas então ela me dá um tapinha ardido na mão, unindo as sobrancelhas em uma expressão séria.

— Só depois de pronto!

Reviro os olhos de maneira teatral e jogo a colher dentro da pia, arrancando mais risadas dela. Então abandono a cozinha a procura do meu celular.

Hoje completam três dias que Felipe viajou para Porto Alegre. Três dias os quais se parecem com uma torturante eternidade. Eu já imaginava que sentiria muita saudade dele, o que eu não sabia é que seria tão estranho não vê-lo na maior parte do dia. Quase como se uma parte de mim estivesse constantemente em falta — e, no fundo, está mesmo.

Sua viagem foi a razão principal para eu ter voltado ao meu apartamento. Isso e o fato de Vanessa nem sonhar que eu estou morando com ele temporariamente. No entanto, eu não poderia ficar lá sozinha. Não quando cada centímetro daquele lugar me causa arrepios. É como se eu pudesse sentir toda a angústia acumulada por anos a fio, e ela pulsa ininterruptamente, com uma força esmagadora. Toda a dor, todo o ódio, toda a melancolia permanecem lá e talvez sejam um agravante na doença de Felipe. Uma energia negativa que considero pesada demais para suportar sem ele.

Por um lado, sinto-me aliviada em estar no meu lar que, embora pequeno demais, é aconchegante na medida certa. Por outro, a culpa em deixar Leonor para trás naquela casa macabra incomoda tanto quanto uma farpa espetada no dedo. Porém, isso é algo com que precisarei lidar.

De toda forma, Felipe sabe da minha vinda para cá. Expliquei para ele o quanto seria desgastante ficar lá sozinha por quase uma semana e ele foi compreensivo. Sorriu torto antes de me falar com um tom desconcertantemente sexy:

— De fato, seria realmente insuportável permanecer em *qualquer lugar* sem a minha presença. Quem aguentaria?

Sorrio com a lembrança, fiscando o lábio inferior. Eu amo vê-lo bem-humorado, adoro quando faz suas piadinhas. É simplesmente irresistível contemplar o sorriso safado nascendo nos lábios, seguido pela expressão de cachorro sem dono, tão dele. Céus, sou fissurada neste homem!

Sou desperta dos pensamentos por Vanessa e o aroma delicioso de brigadeiro a acompanhando. Giro nos calcanhares, ficando de frente para ela e suspiro ao me dar conta de toda a matéria que ainda precisaremos estudar madrugada adentro.

— Estamos ferradas — gemo, atirando-me no sofá.

— Ferrada é pouco. Não chegamos nem na metade do conteúdo! E eu já estou confundindo

genética com microbiologia...

Minha gargalhada a faz pular de susto no lugar para depois me acompanhar na risada.

— Sua boba. Fica falando isso, só que não tira menos de 8!

— Como se você não fosse igual!

— Não somos amigas a toa, né? — digo, cutucando as costelas dela com o indicador só para irritá-la. Nessa me empurra para o lado com o bumbum, como protesto. — Somos iguais... tirando a parte de você ser natureba. Aliás, que milagre foi esse de querer comer brigadeiro?

— Ai, amiga, nós merecemos! Se precisaremos passar a noite inteira no limbo, pelo menos que seja comendo uma coisa bem gostosa!

Vanessa estende uma colher limpa em minha direção, a qual agarro com precisão. Ocupamos em entupir nossas correntes sanguíneas com doce, parecendo duas formigas desesperadas por uma boa quantidade de açúcar. Tirando o som das colheres tilintando contra o metal da panela, só existe uma sucessão interminável de “*hmmm*” e “*que gostoso*”, vindos de ambas.

Então, num rompante, ela se empertiga no sofá, como se tivesse acabado de se lembrar de algo muito importante. Sua expressão é um misto de excitação e incredulidade.

— Madu, sua louca! Quando você pretendia me contar que está indo e voltando da faculdade com uma Mercedes? — pergunta e é impossível não notar a nesga de chateação por eu ter omitido isso dela.

— Desculpa, amiga... ainda não digeri a ideia muito bem. É sempre um pânico pegar no volante daquele carro.

— Pânico? Por que, sua tonta? Eu, por exemplo, estaria no céu.

— Você dirige desde que tirou carteira! — gesticulo, para me fazer entender. — Eu dirigi umas 5 vezes nesse intervalo de tempo. E não era um carro custando mais do que o meu apartamento!

Vanessa joga a cabeça para trás, rindo gostosamente.

— Você não existe! Faz quanto tempo?

— Desde que Felipe viajou. Ele insistiu tanto para eu usar o carro... ficou dizendo que é perigoso e blá, blá, blá.

— Você sabe que é mesmo — ela diz de maneira enfática. — Mas, nossa, então vocês dois estão mesmo ficando sério, hein?

Sinto as bochechas pegarem fogo. Se ela soubesse o quanto... Em momentos assim, é péssimo esconder um passo tão importante das pessoas que mais amo na vida, porém, no meu coração existe a certeza de ser por um bom motivo. Tão logo as coisas se acertarem, Felipe e eu poderemos voltar a ser um casal normal e eu não precisarei esconder mais nada.

— Está na hora de eu conhecer pessoalmente esse *advogado*! — Vanessa afirma, tomando o meu silêncio como vergonha.

— Ai, meu Deus! Você e a minha família só podem ter se unido contra mim! Todo mundo quer conhecer o Felipe!

— É inevitável, amiga! Estamos apenas *curiosos*... E, quanto ao carro, se ele insistiu, não há porque ficar com medo. Ele já deve saber que namora uma barbeira!

— Nessa, é sério, por que eu sou sua amiga mesmo? — pergunto e explodimos em risadas.



Pego uma toalha de banho dentro do guarda-roupa e entrego para Vanessa, que me espera em frente ao banheiro. Ela assente com a cabeça, parecendo cansada demais para responder. Eu compreendo perfeitamente, depois de horas a fio com a cara enfiada nos livros, estou contando os segundos para poder me atirar contra a minha cama e dormir — ainda que por poucas horas. Aproveito a oportunidade para mandar uma última mensagem para Felipe, embora a possibilidade de ele já estar dormindo seja enorme.

Meus olhos recaem para a confusão de anotações, livros e cadernos espalhados pela sala, fazendo-me questionar se em algum dia encontrarei novamente o meu celular nesta bagunça. Quase como se fosse uma resposta divina, ouço-o tocar, a melodia abafada sugerindo estar soterrado por papéis.

Demoro um pouco para encontrá-lo e, por isso, atendo a chamada sem conferir o visor. Porém, exatamente enquanto levo o aparelho à orelha, passa-me pela cabeça a estranheza de uma ligação tarde da noite, no meio da semana. Não tenho tempo de pensar em nada mais, no entanto, pois ouço uma voz conhecida do outro lado da linha responsável por levar o coração à boca. Renato.

— Te acordei?

— O que você quer? — pergunto, interrompendo-o.

— Você já foi mais educada, docinho...

“*Este maldito apelido...*”, penso, sentindo o rosto esquentar de raiva.

— Renato, não estou com paciência! Existe algo que queira me dizer ou já posso encerrar a chamada?

— Ora, ora. Alguém está estressada. O que a falta de um homem não faz, não é?

Tão logo as palavras entram pelos meus tímpanos, perco a força das pernas.

— Calma, o quê? — titubeio.

— Engraçado você não acompanhar o Antunes na viagem, dessa vez. Ele ficou com medo da concorrência?

— Eu... — minha voz morre no ar. Na minha cabeça existe uma confusão de pensamentos se atropelando, com uma única pergunta reverberando sem parar: como? Como ele pode saber disso?

— Mais engraçado ainda foi você ter voltado para o seu apartamento neste intervalo de tempo... eu, por exemplo, preferiria desfrutar dos luxos da casa de Felipe, mas isso vai de cada um. Não posso negar, no entanto, que considero a relação de vocês deveras interessante.

Em um impulso, arranco o celular da orelha desligando-o com os dedos trêmulos. “*Minha nossa senhora!*”, meu subconsciente suspira, tão apavorado quanto eu. Sinto a pressão cair de uma só vez e preciso me sentar para não me estatelar no chão.

Estou apavorada. Não, é mais do que isso. Estou em choque!

Renato me ligar tão tarde da noite para me falar essas coisas não mostra apenas que estou sendo espionada, mas principalmente, que ele *quer* que eu saiba disso.

Jesus, eu só desejo que esse pesadelo acabe!



MADU — CHOQUE DE REALIDADE

Eu tinha acabado de pisar na faculdade quando Felipe me ligou, avisando que já estava em sua casa novamente. Apesar de a viagem ter durado tão pouco, o meu coração disparou no mesmo instante com a notícia e, depois disso, tornou-se impossível prestar atenção na aula. Como Vanessa faltou, as horas demoraram ainda mais para passar e foi uma tortura tentar me concentrar enquanto meu corpo inteiro clamava por Felipe. Senhor, como ele consegue me afetar tanto?

Por isso, neste momento, encontro-me dirigindo como uma louca para o endereço dele, sem me importar muito (pela primeira vez) com o fato de estar guiando uma Mercedes. A cada semáforo encontrado vermelho, tamborilo os dedos nervosamente no volante, louca para estar entre os braços dele, louca para ter seus lábios passeando por mim. Só então me passa pela cabeça que tem poucas roupas minhas lá e o certo seria passar no meu apartamento antes, para providenciar uma nova mala. Pondero a hipótese de desviar a rota, mas logo a descarto. Quero dizer, amanhã é sábado! Quem precisa de roupas com um homem daquele? Eu certamente não!

Sorrindo como uma criança que acaba de ganhar um algodão doce gigante, paro em frente à mansão imponente do meu advogado e até mesmo o tempo levado para o portão abrir por completo me parece angustiante. Estou me sentindo como uma adolescente apaixonada, porém o que posso fazer se Felipe faz isso comigo?

O clima está bem mais ameno comparado à madrugada do nosso piquenique. Neste momento, estou usando apenas uma camiseta de mangas compridas e uma calça jeans — pois é, o que a saudade não faz com uma pessoa, não? — e me sinto completamente confortável. E, para uma pessoa friorenta, isso significa muito.

Aperto o passo e entro na casa sombria de Felipe, estremecendo com o quão sem vida ela parece. Chacoalho a cabeça, a fim de afastar o pensamento. No fundo sei se tratar apenas do meu psicológico, nada aqui é realmente macabro ou melancólico. No entanto, mesmo sabendo disso, é impossível me livrar da sensação de que as paredes me observam. Embora enorme, esta mansão é estranhamente claustrofóbica. Sigo em direção à cozinha, sendo guiada pela luz acesa. O demais cômodos permanecem escuros, contribuindo com o mau agouro cismando em me acompanhar.

Deparo-me com Felipe sentado sobre o balcão da pia, os olhos injetados e trajando roupas de academia. Em uma das mãos, um copo com um líquido castanho-avermelhado pela metade e, ao lado, uma garrafa de *Whisky* recém-aberta. “Ah, droga... isso parece tão nostálgico”.

Antes da viagem nós estávamos tão bem que foi até fácil me esquecer do fato de, na verdade, não poder ser o mais distante disto. Felipe tem uma doença séria. Ele nunca estará realmente bem enquanto lutar para aceitar a própria condição. Nunca terá a redenção sem procurar por ajuda.

Aproximo-me dele e só ganho a sua atenção ao parar na sua frente, com uma expressão apreensiva no rosto. Ele me prometeu nunca mais descontar as frustrações em mim e, embora esteja de fato cumprindo a sua palavra, nunca se sabe. O Transtorno Bipolar tem o poder de transformá-lo em outra pessoa. Uma que é cruel e impaciente com aqueles que o amam.

Sem dizer palavra alguma, Felipe estende os braços, fazendo sua melhor expressão de carência. Abro um sorriso enorme e corro para o abraço, feliz por constatar que ele se sente da mesma maneira como eu. A colisão dos nossos corpos provoca um baque surdo. Deposito nos braços a força correspondente a toda saudade guardada aqui dentro de mim. Espalho uma sucessão interminável de beijinhos pelo rosto dele, arrancando uma risada gostosa.

— Você está proibido de sumir assim de novo!

— É só ir comigo da próxima vez! — Ele sorri. — O hotel tinha piscina aquecida... um verdadeiro desperdício sem você lá.

— Seu safado! — rio, deixando uma mordida no seu pescoço. Felipe estremece, segurando-me pela cintura e me afastando o suficiente para conseguir me encarar.

— Nunca neguei ser um.

Ele pisca para mim, erguendo as mãos para o alto como se pedindo desculpa silenciosamente. Sinto um calor gostoso percorrer os membros, carregando alívio com ele. Apesar de estar visivelmente no meio de uma recaída, consigo perceber que está se esforçando para agir normalmente — e isso já é um grande passo.

— Como foi na prova? — pergunta, deslizando os dedos pela minha cintura carinhosamente.

— Bom, acho que passar a madrugada estudando foi uma escolha sensata, estava difícil! Mas consegui resolver tudo.

Tão logo as palavras pairam pelo ar, a memória da ligação de Renato invade a minha cabeça como um raio. Engulo em seco, coçando a nuca com nervosismo. Começo a ponderar se é uma boa ideia contar isso agora, levando em conta o seu estado de espírito, porém Felipe me conhece bem o suficiente para ler as minhas emoções. Depois de me encarar por alguns segundos, ele pergunta:

— Se foi bem, por que está com essa carinha preocupada?

— Renato me ligou de novo! — falo sem rodeios. — Na noite que a Vanessa dormiu em casa. O celular tocou de madrugada e eu estava com sono, achei que pudesse ser você... acabei atendendo sem olhar. E ele sabia, Fê.

— Sabia o quê? — pergunta, enrijecendo.

— Sabia tudo! Que você estava fora da cidade. Que moramos juntos. Que eu não estava aqui.

— Calma, como é? — Ele leva o punho fechado em frente à boca, parecendo perplexo e furioso. — Aquele bastardo! Eu... eu não acredito. Isso é loucura... Renato perdeu o juízo!

Fisgo o lábio inferior, na tentativa de conter a vontade de chorar. Como não podia contar para mais ninguém, a lembrança esteve reprimida na memória. Eu estava lidando como se isso não tivesse acontecido comigo, mas sim com outra pessoa e eu apenas houvesse presenciado a situação. Agora que desabafei, uma onda de nervoso me engole, arrastando-me para um mar de pânico.

— Eu fiquei com tanto medo... — admito em um sussurro.

Felipe une as sobrancelhas, deixando a testa lotada de vincos. Seus braços voltam a me apertar contra o próprio tronco, de maneira protetora e reconfortante.

— Eu estou aqui agora, minha menina. Nada vai te acontecer. Ele não vai tocar um único dedo em você! Eu prometo!

— Se eu não tivesse dado corda pra ele quando nos conhecemos... — começo, no entanto

sou interrompida por Felipe.

— Isso não é culpa sua, Madu! Está me ouvindo? Tudo bem ele persistir uma ou duas vezes, mas isso já ultrapassou a linha da normalidade há muito tempo. Monteiro está doente. Nada que você pudesse fazer mudaria isso. Apenas...não se torture. Vamos dar um jeito.

— Espero que sim — graso.



Saio do banheiro depois de um tempo considerável e me deparo com o quarto vazio. Como Felipe tomou banho antes de mim, imaginei que estaria me esperando na cama, como de costume. Por isso, é inevitável não estranhar a situação.

Visto o roupão e saio à procura deste homem enigmático, entrando de cômodo em cômodo, apesar de ser uma tortura. Começo a ponderar a possibilidade de Felipe estar novamente na academia, quando percebo a luz fraca vindo do seu escritório.

Uno as sobrancelhas, surpresa. Então, sem pensar duas vezes, encaminho-me até lá, encontrando-o em sua mesa imponente, completamente imerso no artigo que lê no computador. A imagem é estranha aos olhos, já que eu nunca o tinha visto sem terno neste ambiente. Agora, porém, Felipe usa apenas calças de moletom brancas.

Pigarreio a fim de indicar a minha presença, ganhado sua atenção logo em seguida.

— Uau, que tal vir trabalhar assim na segunda-feira? Eu iria gostar! — aponto seu torso nu com o indicador, fazendo-o rir gostosamente.

— Acredite, eu também!

Sento-me na cadeira de frente para ele, cruzando as mãos sobre a superfície de madeira. Felipe mantém os olhos fixos em mim neste intervalo de tempo.

— O que está fazendo?

— Trabalhando.

— Agora?

— Você estava demorando muito... — Ele encolhe os ombros. — Fiquei inquieto e vim para cá.

— E no que está trabalhando?

Felipe esfrega o rosto em um gesto rápido, aparentando desconforto. O que é realmente muito estranho dado o fato de trabalharmos juntos.

— Na tese de defesa da PoliBev — fala por fim, desviando os olhos dos meus.

Permaneço o encarando ao longo de minutos. Devo estar com a maior cara de idiota do

mundo, mas não consigo esconder o meu espanto. Ainda há pouco nós conversamos sobre o comportamento insensato de Renato e sobre o quanto ele me deixou atemorizada e aqui está Felipe, agindo como se nada tivesse acontecido.

Respiro fundo, finalmente conseguindo acordar deste transe temporário e me empertigo no lugar antes de conseguir perguntar:

— Você... você ainda está trabalhando para ele?

— Sim. Por que achou o contrário? — indaga, com o semblante sério.

— Eu não sei. Achei que depois de tudo o que Renato tem feito... as coisas que te contei...

Fisgo os lábios, com o coração apertado.

— Madu... — Felipe começa e, no mesmo instante, percebo qual será a sua resposta.

Argh, que droga! Estou me sentindo estúpida por ter acreditado, mesmo que por um segundo sequer, que ele deixaria esse asqueroso de lado. Concentro toda a atenção nas minhas mãos cruzadas sobre a mesa, sem conseguir disfarçar o quanto essa notícia me deixou abalada.

Felipe segura o meu queixo com delicadeza, erguendo o meu rosto para os nossos olhos se encontrarem novamente.

— Renato é um babaca com o qual precisaremos ficar atentos, mas eu não posso me dar ao luxo de misturar as coisas. Somos adultos, Madu. Estamos falando de honorários milionários, você sabe. — O tom usado por ele me deixa ainda mais infeliz. É como se eu fosse uma criança levando um sermão de forma sutil. — Além do mais, ter uma empresa como a PoliBev no meu currículo é um salto muito significativo na minha carreira. Não posso abrir mão de um cliente tão importante assim... por mais desgastante que seja.

Caramba, que choque de realidade!

Quão ridícula eu não fui por imaginar que ele faria diferente?

— Tudo bem — assinto, levantando-me em um rompante. — Você tem razão, eu confundi tudo. Bom, vou te esperar lá em cima.

Minhas palavras pairam pelo ar enquanto eu saio da sala magoada, sentindo o peso do seu olhar me acompanhando. Por mais imaturo que seja da minha parte, a única coisa que eu consigo pensar da situação é o quanto pareço não ter tanto valor na vida de Felipe, às vezes.



MADU — JOGO BAIXO

Prendo o cabelo em um coque, levantando-me para fazer um café e tentar varrer o sono para longe. Demoro-me escolhendo qual capsula eu quero e, por isso, não ouço Felipe entrar na recepção. Ao girar nos calcanhares, deparo-me com ele a poucos centímetros de distância e praticamente desfaleço.

— Ai, meu Deus, Felipe! Você quer me matar? — pergunto, colocando as mãos sobre o peito.

— Isso está fora de cogitação!

— Aceita um café?

— Obrigado, mas eu passo — diz ele, deslizando as mãos para dentro dos bolsos.

Meus olhos o estudam e eu resisto à tentação de beijá-lo. Preciso ser minimamente profissional. Ao menos, só até ele encontrar outra pessoa para tomar o meu lugar. Depois disso, eu não me responsabilizarei pelos meus atos. Nenhum deles.

Droga, é impossível não me abalar quando ele fica tão irresistível vestido socialmente. Hoje, em especial, está de tirar o fôlego com o terno cinza claro e a gravata *slim fit* combinando.

Percebendo a maneira como eu o estou engolindo com o olhar, Felipe sorri torto, umedecendo os lábios provocativamente.

— Por Deus, Madu, você é insaciável, hum? — Brinca, fazendo-me gargalhar gostosamente.

— Você não colabora!

— Nem você... escolhendo esses vestidos colados para vir trabalhar... — profere, encurtando a distância entre nós de maneira perigosa. É possível sentir sua respiração contra a minha face e isto me deixa de joelhos trêmulos. — Rebolando sobre estes saltos por onde anda...

— Fê... assim fica difícil manter uma postura profissional — murmuro com a voz rouca de desejo e arranco uma risada alta de Felipe.

— Bom, já falhamos uma vez nisso uma vez, não é? — Ele pisca para mim, afastando-se o suficiente para me permitir voltar a respirar com normalidade.

Santo Deus, que homem intenso!

Agarro a caneca com o café recém-saído da cafeteira e caminho até a proteção da minha mesa de trabalho. “*É mais seguro aqui*”, penso comigo mesma, ao me aconchegar na cadeira.

Respiro fundo e pigarreio antes de perguntar:

— Precisa de alguma coisa?

Felipe sorri, fisingando o lábio inferior como se estivesse deliciado com a situação.

— Na verdade, sim. Como está a agenda para depois do almoço?

— Você tem horário com o Sr. Garcia, às 14h30. Me pediu para marcar somente ele, pois, de acordo com suas próprias palavras, é um cliente muito prolixo.

A risada dele me envolve, fazendo subir um calor aconchegante pelos membros do corpo. Sinto-me contagiada a acompanhá-lo.

— Certo. Você pode ligar para ele e marcar essa reunião para outro dia, num futuro próximo, por favor?

— Tudo bem — assinto com a cabeça, a curiosidade acendendo dentro de mim como uma lamparina. — Alguma razão especial para isso?

— Tenho um compromisso importante. Aliás, não almoçarei em casa. Serão apenas você e a Leonor.

Uno as sobrancelhas, louca para extrair mais informações. O fato de Felipe ser tão misterioso pode ser um charme a parte, como também uma característica muito irritante — principalmente para alguém tão curiosa, como eu. Antes que eu possa formular uma pergunta, no entanto, ele prossegue:

— Talvez eu não volte antes de você ter saído para a faculdade... mas estou indo de taxi, para você poder usar o carro, tudo bem?

— Felipe... — começo, porém ele me interrompe, aproximando-se da mesa.

— Não estou perguntando, Madu. Estou avisando! — Sorri torto, arrancando um suspiro de mim. Teimoso deveria ser o seu nome do meio. Mas, pensando bem, o meu também! Somos iguais neste aspecto.

— Ok, senhor mandão, nos vemos a noite, então?

— Contarei os minutos! — responde, inclinando-se para deixar um beijo no canto da minha boca.

Levo alguns minutos para me recompor, ficando com as mãos trêmulas. Cruze, gostaria de saber como ele consegue provocar esse turbilhão de sensações em mim tão facilmente. Depois de me encarar com uma expressão de quem guarda um segredo bom demais, Felipe gira nos calcanhares, deixando-me para trás com um punhado de perguntas na cabeça.



○ dia demora o dobro para passar sem a presença de Felipe. Apesar de assumirmos posturas profissionais aqui dentro, é sempre muito excitante vê-lo na companhia dos clientes. O Felipe profissional — com o cenho constantemente franzido, a expressão concentrada e inúmeros ternos de cortes impecáveis — é irresistível.

A maneira como se sente confortável em sua profissão está presente na postura e também na fala. Ele tem uma confiança notável em cada gesto, em cada movimento premeditado. É como se, silenciosamente, revelasse ser o melhor. Como se sussurrasse em nossos ouvidos “nem o céu é o limite para mim”. Como se, por dentro, sua essência fosse tão resistente quanto aço e não fragmentada como de fato é.

Depois de trancar o escritório e comer três pedaços do bolo de fubá feito por Leonor, subo até o nosso quarto a fim de começar a me arrumar para a aula. Olho para a banheira da suíte e me sinto tentada a me afundar nela. Por isso, sem pensar duas vezes, coloco-a para encher. Quero dizer, agora que não preciso mais ir de ônibus, tenho tempo considerável para isso. Graças ao Felipe, o meu dia ganhou algumas horas!

Com o corpo imerso na água relaxante, meu pensamento é levado até ele e me pergunto onde esteve durante todas estas horas. A curiosidade está me corroendo desde que ele me deu as costas. Eu sei o quanto é importante e cheio de compromissos, mas normalmente são todos planejados com antecedência. Mudar repentinamente os planos não combina muito com Felipe. Além do mais, ele não respondeu nenhuma das minhas mensagens.

Quando estou terminando de me vestir, ouço passos determinados subirem pela escada e,

logo em seguida, Felipe abre a porta de uma vez, com um sorriso maravilhoso indo de orelha a orelha. Ele confere, em um piscar de olhos, as horas no relógio em seu pulso antes de quebrar o silêncio.

— Por pouco não nos desencontramos!

— Eu já estava achando que só nos veríamos depois da faculdade... O que andou fazendo?

— pergunto, incapaz de refrear a língua.

— Vou te mostrar — responde ele, agarrando o meu pulso e praticamente me arrastando para fora.

Percorremos o caminho até o andar de baixo e, tão logo cruzamos a porta principal, entendo completamente o motivo para a sua euforia. Na garagem, parada ao lado da Mercedes Classe C branca, uma reluzente Mercedes S65 preta novinha em folha. Prendo a respiração, estupefata.

— Uaaaaau! É linda! Combina com você... mas... o que vai fazer com o outra? — pergunto inocentemente. Afinal, se ele pretende vender a antiga, eu não posso nem cogitar usar a nova. Está fora de hipótese.

Como não obtenho uma resposta, desvio a atenção para Felipe e o encontro com a mesma expressão animada que fizera nesta manhã, pouco antes de sair. Ele encolhe os ombros, arqueando as sobrancelhas como se a resposta fosse óbvia.

Então a minha fixa cai.

O fato de ele ter insistido tanto para eu usar o seu carro para realizar o trajeto até a faculdade nas últimas semanas não foi em vão. Ela havia comentado sobre o desejo de trocá-lo há algum tempo. E, muito provavelmente, já tinha em mente este plano maligno!

Pai amado... o que faço com este homem?

Encaro Felipe significativamente. O sorriso dele diz com todas as letras “é seu”, para o meu desespero. Mas eu jamais poderia aceitar. Jesus, não!

Empertigo-me no lugar, engolindo em seco. Nós dois destoamos completamente um do outro agora. Enquanto eu estou tensa e a ponto de hiperventilar de nervoso, Felipe se encontra sereno e com uma felicidade contagiante. Ele parece até mesmo se divertir com as minhas reações.

— Não! — falo categoricamente, arrancando uma gargalhada dele.

— Madu... será que você pode não ser teimosa pelo menos uma vez na vida?

— Não, Felipe, você não está entendendo! Isso é demais! É insano! — as palavras saem atropeladas umas nas outras. — Eu não posso! Isso... esse...

Quanto mais eu me atrapalho, mais ele dá risada. É desconcertante.

Estremeço quando ele percorre a distância entre nós, segurando os meus pulsos com firmeza, na tentativa de ganhar a minha atenção. Ele consegue, pois, no mesmo instante me calo, a espera

de sua próxima ação.

— E se colocarmos as coisas dessa forma: não estou *te dando* um presente. Apenas comprei outro carro e não vejo problemas em você usar esse, já que ele ficará sobrando...

— Mas...

— Eu ficaria ofendido se você recusasse. Realmente ofendido.

Respiro fundo, balançando a cabeça em negativa e me entregando a vontade de rir. Será inútil discutir a respeito. Ele já possui a opinião formada.

— Eu já disse o quanto você joga baixo?

— E existe outro jeito de jogar que não esse? — ele brinca, puxando-me para um beijo.



MADU — VIAGEM

Encontro-me ocupada digitando um documento para Felipe no momento em que ele sai da sua sala em passos tranquilos, trazendo seu perfume delicioso consigo. Parando de frente para a mesa, limita-se a me observar com uma expressão de quem está tramando algo. Este homem se torna mais e mais impossível a cada dia! O que, no fim das contas, é uma coisa boa. Afinal, foi por essa personalidade brincalhona e segura de si que me apaixonei. É bom vê-lo retornando aos poucos.

— Você fica linda concentrada, sabia?

— Ah, é? — Sorrio, girando na cadeira para ficar de frente para ele.

— Seu cenho fica franzido e você faz um biquinho engraçado quando está dedicada a alguma coisa importante... Deus sabe o quanto adoro essa careta.

Dou risada enquanto ele puxa uma das cadeiras de espera para posicioná-la mais perto de mim, sentando-se e cruzando as pernas em seguida.

— Sentirei saudade de ter você aqui.

— Sei que sim. — Pisco para ele, arrancando uma risada baixa. — Mas não precisa se preocupar com isso agora... ainda vai demorar para acontecer.

— Eu não quero ser um estraga prazer, mas você não poderia estar mais enganada!

As palavras penetram os meus tímpanos causando uma desordem de pensamentos. Fisgo o lábio inferior, arqueando as sobrancelhas em surpresa.

Calma aí, como é?

Agarro uma caneta do suporte sem nem ao menos me dar conta e, inconscientemente, começo a batucar a ponta contra o tampo de maneira em uma cadência irritante.

— Perdão?

— Bom, vou entrevistar duas estudantes de direito logo depois do expediente. Tive ótimas indicações sobre elas, de um amigo que fez faculdade comigo e agora leciona na PUC. Sendo otimista, talvez eu já encontre a profissional que procuro...

Felipe se inclina para frente, cruzando as mãos sobre a mesa. Tento ignorar o fato de o sorriso dele ter dobrado de tamanho, porém é praticamente impossível. Céus, ele é um cínico! Veio aqui só para me deixar com ciúmes! E o pior é que conseguiu! *“Droga, por que precisa ser alguém do sexo feminino?”*, pergunto-me, subitamente de mau humor e sentindo o rosto pegar fogo.

Quero dizer, Felipe conversará com duas possíveis estagiárias enquanto eu estiver fora. Se não der certo hoje, em algum momento ele acabará contratando uma mulher com quem conviverá diariamente, no lugar onde eu já estive. Vendo esse Deus grego desfilar para cima e para baixo em seus ternos de corte impecáveis, com o seu perfume enlouquecedor e a sua confiança invejável. E se eles precisarem viajar juntos? Foi assim que Felipe e eu nos apaixonamos, aliás. Senhor, não posso pensar muito nisso ou acabarei enlouquecendo! É uma tortura saber que precisarei lidar com isso quando simplesmente não me sinto preparada.

No entanto, apesar de por dentro estar semelhante a um vulcão em erupção, decido não demonstrar para ele nem mesmo uma nesga. Não quero dar muita importância ao assunto, afinal de contas ele quer apenas me provocar. Porque é isso o que fazemos... desafiarmo-nos incansavelmente, neste jogo de conquista delicioso.

Respiro fundo, fazendo cara de desdém antes de responder:

— Legal. Espero que dê tudo certo.

Felipe me estuda por alguns segundos e vejo no rosto dele o quanto está se segurando para não rir.

— Você ficou irritada? — pergunta por fim.

— Não.

— Parece.

— Mas não fiquei.

— Acho que ficou *bem* irritada, na verdade...

— Que droga, Felipe, eu já falei que não! — respondo, com uma careta azeda.

— Sei... — Ele ri, parecendo muito satisfeito com a minha explosão. Então estica o braço direito e acaricia o meu maxilar, mandando uma onda de adrenalina para o corpo inteiro. — Se existe uma careta que eu adoro ainda mais do que a de concentrada, certamente é a de irritada.

— Felipe, você é um insuportável! — finalmente cedo, rindo com ele. — Cristo, por que eu te amo, no fim das contas, hein?

— Partilhamos da mesma duvida!

O som estridente do telefone ressoa, deixando-me sobressaltada. Por um segundo eu me esqueci de onde estávamos. Endireito-me na cadeira e atendo a chamada, enrubescendo com a maneira atenta com a qual ele me observa executar o trabalho. Contudo, tão logo a pessoa do outro lado da linha responde, sinto o sangue se esvair do rosto.

— Renato! — minha voz falha, fazendo-o rir suavemente.

— Com saudades, docinho?

— O que voc... — começo a perguntar, porém sou interrompida por ele.

— Dessa vez não estou ligando para falar com você, sinto muito te desapontar. O Antunes está?

Ergo os olhos, encontrando Felipe com uma expressão de curiosidade tomando os traços perfeitos. Renato tem o poder de me deixar atordoada ao extremo... depois de tanto tempo tentando me esquivar do seu comportamento doentio, é um choque me lembrar de que ele é um cliente de Felipe. Um cliente importante, aliás, como ele me lembrou na noite em que voltou de viagem. Suspiro com desânimo, com o coração do tamanho de um grão de mostarda.

— Sim, só um momento, por favor.

— Ah, gosto muito mais deste tom — ele cantarola, para me provocar. Nojento! Não existe ninguém, no mundo inteiro, que eu odeie mais do que o Renato.

— É para você! — murmuro, estendendo o telefone em direção ao Felipe.

Ele assente, sério, pegando o aparelho da minha mão e se levantando em um rompante, para se dirigir até a sua sala.



Desço os degraus de dois em dois, já com a mochila nas costas, querendo comer alguma coisa na cozinha antes de sair para a aula. Ao alcançar o térreo, deparo-me com Felipe vindo a

minha procura. Está sem o paletó, e as mangas da camisa se encontram dobradas desajeitadamente na altura dos cotovelos, da maneira como adoro. Fica despretensiosamente sexy.

— Estava te procurando! — diz, segurando-me pela cintura a poucos centímetros de distância. — Vou precisar viajar de novo.

— Não acredito! Não faz nem um mês que você voltou da última!

— Dessa vez é bate-volta... vou para São Paulo depois de amanhã cedo e volto no último voo.

— São Paulo? — indago, recordando da ligação de horas atrás.

— Sim... tenho uma reunião com Renato. Ele me pediu para ir hoje, mas está muito em cima da hora. Precisamos reorganizar meus clientes de amanhã. Você quer ir comigo?

— Não posso, tenho a apresentação de um seminário que vale muita nota. E esse professor é meio chatinho... jamais me deixaria apresentar depois.

— Tem certeza? — pergunta ele, munindo-se da irresistível expressão de cachorro sem dono.

Esfrego o rosto com as duas mãos, confusa. Por um lado, seria ótimo acompanhá-lo. Da última vez que foi para São Paulo sozinho, Renato o envenenou com mentiras e isso resultou no pior. No entanto, eu realmente não posso sacrificar a faculdade. Além do mais, trata-se apenas de um dia. Não há como isso dar errado, certo?

Encaro-o significativamente, concordando com a cabeça.

— Se fosse para ficar mais de um dia eu até pensaria a respeito... mas acho que consigo suportar a saudade!

— Bom, eu não posso dizer o mesmo.

— Sei... aposto que hoje, quando estiver conversando com as *alunas de direito*, nem vai se lembrar de mim! — faço o meu melhor tom manhoso, arrancando uma gargalhada contagiante dele.

— Ahhh, então você *ficou* com ciúmes! — provoca, colando o corpo no meu e me prendendo com os braços fortes.

— Claro que não.

— Nem um pouquinho?

— Não.

— Mesmo se elas forem bonitas? — ele pergunta contra a minha orelha, pouco mais alto que um sussurro e preciso me segurar para não escorregar direto para o chão.

— Não me importo.

— E se alguma delas der em cima de mim?

— Ai, meu Deus, Felipe! — grasno, lançando-o um olhar ameaçador e arrancando outra

risada. — Você está querendo morrer, é?

— Pensei que não se importasse! — provoca.

— Você está impossível hoje! — rio, virando o rosto para roubar um beijo. Porém, ele se inclina para trás de maneira sutil, encarando-me com intensidade.

— Eu só tenho olhos para você, Madu! — diz, assumindo um tom sério. — Principalmente quando está assim, nervosinha.

— É, né? — fico na ponta dos pés a fim de conseguir colar os nossos lábios. — Então me aguarde, porque quando eu voltar, vou me vingar de toda essa provocação!

— Contarei os minutos para isso!



MADU — COZINHA

Dobro o último vestido, colocando-o dentro da mala e fechando o zíper em seguida. Seria muito mais fácil trazer a maior quantidade de roupas possíveis para a casa de Felipe, assim eu não precisaria refazer a mala de tempos em tempos. Mas o fato é que, desta forma, mantenho a consciência limpa. Pois a necessidade de fazer um rodízio de roupas eventualmente é como um lembrete de que não moro aqui. Não permanentemente. Sou mais como uma visitante e, apesar de amar Felipe, o meu lugar não é aqui. Em breve precisarei voltar para o meu lar e retomar o controle da minha vida.

Ao entrar no nosso quarto, encontro-o deitado confortavelmente na cama, ocupado em ler um livro sobre Direito. Os pés estão cruzados e o livro jaz em seu colo, o conjunto é tão harmônico que ele mais se parece com uma escultura renascentista. Céus, como posso ser tão caidinha por ele?

Arrasto a bagagem para dentro, a fim de não me esquecer dela amanhã pela manhã. Embora Felipe vá passar apenas um dia viajando, eu não posso nem cogitar a hipótese de ficar aqui, sem a companhia dele. Soa infantil e mimado ao extremo a maneira como eu venho me

sentindo em relação a esta casa, eu sei, mas simplesmente não consigo ficar confortável aqui dentro. É grande demais, vazia demais e, principalmente, deprimente demais. Prefiro a comodidade do meu apartamento pequenino.

O barulho causado por mim chama a atenção de Felipe, fazendo-o fechar o livro e repousá-lo sobre o criado-mudo ao lado da cama. Seus olhos me estudam com atenção antes de ele cruzar os braços sobre o peito.

— Não vai ficar?

Meneio a cabeça em sinal de negativa, fazendo-o franzir o cenho.

— Mas é só um dia! — ele insiste.

— Não consigo, sinto muito. Não me sinto a vontade aqui quando não estou com você. Pareço uma intrusa...

— Você sabe que não é — diz, batendo a ponta dos dedos na superfície do colchão, indicando para que eu me sente ao seu lado.

Sem pensar duas vezes, jogo-me na cama, deitando a cabeça no seu colo, onde o livro estivera há pouco. Uma mão vem ao meu cabelo no mesmo instante, acariciando-o em uma cadência suave.

Tateio os bolsos, a procura da cópia das chaves do meu lar e, tão logo pesco o molho, entrego-o. A princípio, Felipe não parece entender, porém, passados alguns segundos, um sorriso pincela os lábios dele.

— Para o caso de chegar antes do previsto, já sabe onde me encontrar.

— Vai *mesmo* voltar para o seu apartamento? — pergunta, com incredulidade.

Fito as íris azuis e demoro algum tempo para perceber a razão para estar insistindo no assunto. *“Ele está com medo que eu já esteja indo embora de vez”*, penso comigo mesma, sem conseguir dominar um sorriso.

— Vou. Mas eu volto!

Felipe suaviza a expressão e inclina o tronco para baixo, deixando um beijo no topo da minha cabeça.

— É claro que você vai voltar! — brinca, piscando para mim. — Eu disse que não te deixaria mais sair de perto e não estava brincando!

Em um rompante, ele eleva o meu tronco e desliza para fora da cama. Antes que eu possa protestar, no entanto, Felipe se inclina sobre mim, erguendo a minha camiseta para deixar uma sucessão de mordidas na barriga. Rio histericamente enquanto ele me tortura e, quando finalmente termina, estou sem fôlego para conseguir falar.

— Estou descendo. Vou preparar algo para jantarmos... você tem 10 minutos para estar lá

em baixo de banho tomado. Caso contrário, as consequências serão severas! — fala, olhando-me de cima com um sorriso deliciosamente safado no rosto.



Apesar de não achar má ideia ser “castigada” por Felipe, resolvo seguir as instruções dadas por ele. Estive ocupada com a mala depois de ter chegado da faculdade e, como ele viajará amanhã cedinho, não teremos muito tempo para nos curtirmos nesta noite. Por isso quero aproveitar todos os segundos. Sei que amanhã ficarei morrendo de saudade. Embora se trate de apenas um dia, a verdade é que depois de tantas semanas morando e trabalhando juntos, estou muito acostumada com a companhia dele em cada pedacinho da minha rotina.

Tão logo atravesso a porta da cozinha, deparo-me com a cena mais desconcertantemente sexy já presenciada, desde que conheci Felipe (e isso quer dizer bastante). Vestindo apenas uma calça de moletom, ele se encontra concentrado em frente ao cooktop, misturando com determinação algo que cheira muito bem. Deus, o fato de ele cozinhar já é um golpe baixo o suficiente. Sem camisa então... nossa!

Pigarreio, ganhando a atenção dele. Olhando-me por cima do ombro, Felipe fiska o lábio inferior, percorrendo-me com os olhos famintos e provocando um calor alucinante em todos os membros.

— Pode fechar a porta, por favor? — pede, desligando a chama sob a panela.

Assinto e o obedeco, desconcertada. Com um sorriso bobo no rosto, percorro a distância entre nós, querendo descobrir o que ele está preparando. Porém, não consigo chegar perto do fogão, pois, ao passar por Felipe, ele agarra o meu pulso e me puxa contra si.

— Onde pensa que vai?

— Descobrir o que é isso. Está com um perfume maravilhoso!

— E quem disse que eu deixei? — provoca, com um sorriso malicioso.

Deixo os olhos passearem pelo seu rosto, na tentativa de memorizar cada pedacinho dele. A barba dourada, o rosto avermelhado pelo calor da cozinha, a expressão cheia de excitação... Felipe é como um maravilhoso pedaço de chocolate, o qual quanto mais se prova mais se deseja.

Para a minha surpresa, ele segura o meu rosto com as duas mãos, aproximando-se o suficiente para eu sentir o ar saindo das suas narinas roçar contra a minha pele. Ao colar nossos corpos, percebo sua ereção contra o meu baixo ventre e arfo em surpresa, arrancando uma risadinha baixa dele.

Felipe adianta-se em colar os nossos lábios, invadindo a minha boca com a língua e guiando-

me em uma dança apaixonada, apesar de suave. As minhas mãos passeiam pelos músculos dos seus braços, apalpando-os eventualmente. Eu preciso tocá-lo a todo o momento, é quase um vício.

Apertando o quadril contra mim, Felipe me mostra o quanto me deseja. Gemo baixinho e, ao fazê-lo, lembro-me de que estamos na cozinha! Após recobrar a consciência, empurro-o levemente com a ponta dos dedos, percebendo estarmos levemente arfantes.

— Você não tem juízo!

— Nem um pouco! — ele concorda, sem parar de sorrir.

Então, com uma expressão malandra, ele alcança a colher de pau com a qual estivera preparando a receita e a tira de dentro da panela. Depois de assoprar um pouco o molho cujo perfume está me deixando morta de fome, Felipe me surpreende ao afastar o cabelo do meu pescoço e untá-lo com o molho. O contato é morno e agradável e a sensação é excitante. Prendo a respiração, incapaz de reagir. Isso é novidade para mim.

Felipe está com cara de quem me devorará a qualquer momento, fitando-me com um olhar lascivo, enquanto as mãos enormes se fecham ao redor dos meus braços para me manterem no lugar. Seu rosto vem de encontro ao pescoço e, no segundo seguinte, sua língua percorre toda a extensão melada da minha epiderme.

Santo Deus! Jamais, em toda a minha vida, vivenciei um momento tão sensual assim! Quero dizer, é excitante de uma maneira selvagem. Senti-lo me provando dessa maneira faz meu corpo reagir de maneira sedenta. Estou encharcada e, mais que isso, desesperada por ele.

— Gosta disso? — a voz rouca invade meus tímpanos, despertando-me do transe. Abro os olhos (os quais nem havia reparado ter fechado) e o encontro com uma expressão arrebatadora de tesão.

Respondo a pergunta com um gemido de protesto, pelo fato de seus lábios não estarem mais em mim. Com um sorriso satisfeito, ele volta a me enlouquecer e, a medida que desce em direção aos seios, faminto, meus sons aumentam a intensidade.

Ocupo-me em despi-lo o mais depressa possível. Se há poucos minutos estive nervosa por nos encontrarmos no meio da cozinha, agora o pensamento nem ao menos passa pela cabeça. Dane-se, eu preciso de Felipe neste instante! Preciso tê-lo em mim, preciso que ele me queime com todo o seu desejo ardente.

Raspo as unhas pelos músculos das suas costas, arrancando suspiros dele. Nossas respirações formam, juntas, um arranjo inconstante, frenético. Sem hesitar, Felipe me ergue do chão, sentando-me sobre a bancada de mármore. Arquejo em surpresa, erguendo os braços para ajudá-lo a arrancar a minha camisola.

— Você é deliciosa... — ele sussurra contra a minha pele, deixando-me arrepiada. — Minha

gostosa!

— Sua! Completamente sua!

Quando seu polegar vai de encontro ao clitóris, esfregando-o sem pudor, alcanço sua ereção, deslizando a mão para frente e para trás em um ritmo suave. Felipe geme, fechando as pálpebras e deixando em evidência os cílios dourados. Suspiro, constatando que não consigo durar mais um segundo sequer. Contorço os quadris, deixando mordidas pelo contorno do seu maxilar até chegar à orelha, onde peço:

— Não aguento mais, Fê! — minha voz falha, tamanho é o tesão. — Quero você... preciso te sentir em mim...

Ele concorda com a cabeça, taciturno. Encaixa-se entre as minhas pernas e, no segundo seguinte, preenche-me com o seu comprimento.

— Humm... que gostoso! — gemo.

Felipe segura o meu queixo com força, erguendo o meu rosto para me beijar com intensidade. Sua língua percorre a minha boca com urgência, roubando-me todo o ar dos pulmões. A outra mão segura os meus cabelos com tanta força que chego a lacrimejar. Apesar disso, não ousa protestar. Sua dominância é deliciosa. Eu amo ser possuída por ele. Amo que ele seja tão experiente e saiba exatamente o que é necessário para me satisfazer.

Sugando a minha língua de maneira erótica, Felipe estoca em mim com a mesma necessidade com a qual me beija. Meus gemidos são abafados por sua boca, mas isso não impede que eu o arranhe com força, liberando toda a energia percorrendo o meu corpo.

— Gosta que eu te coma assim?

Incapaz de responder, apenas assinto e, por isso, ele puxa ainda mais os meus cabelos, fazendo o meu coração martelar contra a caixa torácica. — Hein, safada?

— G-gosto!

— Eu quero ouvir você falar... — Ele aumenta ainda mais a força na mão, forçando-me a erguer o rosto para encontrar seus olhos em chamas.

— Eu adoro! Adoro dar pra você!

Surpreendo-me quando ele sai de dentro de mim e força o tronco contra o meu, para eu me deitar sobre o mármore. Antes que eu possa compreender a situação, Felipe toma impulso e sobe no balcão também. Apoio as pernas nos seus ombros, arrancando um gemido inebriante dele. Sustentando-se com os cotovelos ao meu redor, ele encaixa a ereção na minha entrada novamente e, embora eu anseie o mesmo ritmo frenético de segundos atrás, ele permanece imóvel. Ao notar o sorriso torto nascendo, percebo que está me provocando.

— Quer mais?

— Sim! Por favor! — imploro, rebolando em busca de mais contato. Como resposta, ganho um ardido tapa no rosto. Separo os lábios, surpresa, arrancando uma risadinha divertida dele.

— Você vai ficar quietinha, ouviu? — sussurra de maneira tão sexy que, inconscientemente, rebolo outra vez. Sou recebida com outro tapa, responsável por deixar a face ardendo.

Meu peito sobe e desce desenfreadamente, mostrando a maneira como a respiração se tornou ainda mais inconstante.

“Senhor, isso é uma tortura!”, penso, atônita.

— Felipe...

Outro tapa.

Caramba, se ele continuar, acabarei gozando!

— Eu falei quietinha!

Concordo com a cabeça, encarando suas íris azuis. Elas brilham em perversidade. Vejo, então, que ele está como eu: a ponto de explodir. No entanto, o prazer em me inflamar parece ser maior.

— Pelos sete infernos, você fica deliciosa quando está com tanto tesão! — sussurra ele, resvalando a mão pela minha barriga até alcançar os seios. Fecho os olhos, ouvindo o som de nossas respirações pesadas se fundirem. Felipe belisca o meu mamilo impiedosamente, num misto de dor e prazer e, por isso, contorço-me inteira.

O tapa vem do outro lado do rosto agora, deixando a pele quente. Tão logo torno a abrir as pálpebras, encontro-o com um sorriso enorme, os dentes perfeitamente alinhados a mostra.

— Adoro o quanto te afeto, Madu. Adoro saber que te deixo assim... a ponto de perder o controle. Tal como você faz comigo!

No momento em que menos espero, Felipe estoca até o talo, arrancando-me um gritinho. Sua mão cobre a minha boca, a fim de abafar os sons. Ele sai de dentro de mim outra vez e, num ímpeto de descontrole, desfiro um tapa contra o seu rosto, provocando um estalo alto. Ele geme, estreitando os olhos com se dissesse “você está ferrada”. Que bom, porque é exatamente o que eu quero!

— Eu sou uma menina má, Felipe! Seja cruel comigo! Me castiga sem dó! Quero gozar com você dentro de mim!

As palavras servem como estopim. Parecendo um cão raivoso, Felipe tira minhas pernas dos seus ombros e me puxa pelos braços para que eu me sente no seu colo. Depois disso, é impossível não gritar como uma louca. Os lábios no pescoço alternam entre beijos e chupões enquanto os dedos cravam na carne das minhas coxas. Ele atende ao meu pedido, imprimindo todo o desejo em cada movimento. Tudo é intenso, tudo me consome. Não demora para, juntos, alcançarmos o ápice.

Nossos sons se fundindo, o suor em nossas peles, as respirações sincronizadas. Dois corpos sendo um só.



MADU — UMA VISITA

Meu celular começa a tocar exatamente quando desço do carro, no estacionamento do prédio. Ligo o alarme e só então me ocupo em encontrar o telefone na desordenada imensidão da minha bolsa. Depois de alguns minutos vasculhando entre maquiagens, papéis e toda a sorte de porcaria que pode ser encontrada na bolsa de uma mulher, alcanço o aparelho estridente.

A foto de Felipe me faz estremecer. Ao longo do dia, fui acompanhada por um pressentimento estranho, como se algo errado estivesse prestes a acontecer com ele, a qualquer momento. Engulo em seco, atendendo a chamada. Tão logo sua voz soa do outro lado da linha, um sorriso rasga o meu rosto. É engraçado o quanto já estou com saudade, apenas em algumas horas de ausência. É tão certo estarmos junto que mesmo pequenos intervalos de tempo se parecem com uma eternidade.

— Você sempre usa esse tom super sexy para falar ao telefone? — indago, arrancando uma risada dele.

— Principalmente com os clientes. É um diferencial e tanto.

— Agora entendo o seu sucesso profissional!

— Como está sendo o seu dia? — pergunta ele, com um tom que sugere ter um sorriso no rosto.

— Estranho... acho que não consigo mais desgrudar de você. Temos um sério problema!

— Eu te chamei para me acompanhar!

— E eu aprendi a lição! Na próxima você não terá escolha além de me arrastar junto! — falo, torcendo uma mexa de cabelo. — Como foi a reunião com o *queridíssimo* Renato?

— Ainda não me encontrei com ele. Estive na filial e agora vim para o hotel descansar e comer alguma coisa até dar a hora da nossa reunião.

— Que é...?

— Combinamos às seis e meia, mas se tratando de Renato, não posso contar com a pontualidade. Ele é imprevisível.

— Boa sorte!

— Vou mesmo precisar... — lamenta-se. — Bom, tenho que desligar.

— Tudo bem. Estarei no meu apartamento te esperando... bom trabalho!

Respiro fundo depois de desligar o celular e jogá-lo bolsa adentro, aproveitando para pescar o molho de chaves. A angústia percorrendo as minhas veias parece cada vez mais aguda e, apesar de eu tentar me convencer não ser nada demais, sei que raramente me engano ao sentir algo tão intensamente, como agora.

Eu apenas espero que Felipe fique bem. Quero dizer, é o primeiro encontro deles pessoalmente em meses — nos quais Renato fez uma lista interminável de absurdos.

Esfrego o rosto e aperto o botão do elevador, ignorando a maneira como as minhas entranhas parecem se contorcer. *“Céus, Madu, controle-se. É apenas saudade e nada mais!”*, mentalizo, com o coração agitado.

No entanto, a medida em que me aproximo do meu andar, maior se torna a pressão no peito. O pensamento de ligar novamente para Felipe invade a minha cabeça para ser descartado logo em seguida. *“Ele está trabalhando! Não o interrompa por besteira”*, meu subconsciente fala categoricamente e sou obrigada a concordar.

Chego ao nono andar com um suave solavanco. Inspiro profundamente, percebendo um perfume delicioso e nostálgico no ar e, antes que possa sequer tentar descobrir de onde vem, noto a pessoa em frente à minha porta.

O tempo congela.

Meus olhos captam fragmentos de um todo. O terno risca de giz, os cabelos escuros alinhados com gel, a barba por fazer, o sorrisinho mordaz. Em uma das mãos, uma garrafa de

vinho e, na outra, um buquê de orquídeas vermelhas, tais como as dada por ele há alguns meses.

Renato Monteiro.

Em Curitiba.

Quando deveria estar em São Paulo, conversando com Felipe.

Assisto-o depositar as flores e a bebida no chão sem desgrudar os olhos ardentes de mim. Já fazia tanto tempo que não o via que alguns detalhes haviam sido apagados da memória. Quero dizer, antes eu o achava bonito, charmoso, galante. Agora, porém, tem algo muito errado com a sua expressão.

Então, como se eu tivesse acabado de despertar de um transe, ligo os pontos.

O tempo volta a correr.

“*Meu Deus do céu!*”, penso atônita, tão logo o entendimento me toma de supetão. Giro nos calcanhares o mais depressa que posso e corro em direção ao elevador. Para o meu azar, não está mais neste andar. Contudo, não consigo arriscar um único passo em direção à escada de emergência. Com uma tranquilidade desconcertante, Renato agarra o meu braço direito e me puxa contra si. Nossos corpos se colidem e ele me enlaça pela cintura.

Antevendo uma sucessão de gritos histéricos, ele cobre a minha boca com a mão livre. Não agressivamente, mas sim de uma maneira branda, quase carinhosa.

Meu coração martela violentamente, parece prestes a escapar pela boca. É a única parte do corpo funcionando direito, de toda forma. O restante ficou paralisado, em choque. Principalmente a mente. Não consigo nem ao menos processar o que está acontecendo. Soa como um pesadelo assustador. Uma brincadeira de muito mau gosto pregada pela minha cabeça.

— Não faça isso... só vai piorar as coisas — ele diz, o tom de voz calmo destoa completamente do meu pânico. — Aliás, é uma falta de educação sem tamanho não convidar uma visita para entrar... sobretudo quando ela veio de tão longe, unicamente por sua causa.

Assinto, com a garganta seca. As únicas palavras ecoando dentro de mim são “só vai piorar as coisas”, responsáveis pelo temor correndo nas minhas veias. Minhas mãos tremem com tamanha intensidade que a simples tarefa de socar a chave na fechadura se torna um empecilho e tanto. Sinto os olhos lacrimejarem enquanto atravesso a porta, como um condenado indo em direção à sentença de morte.

Eu jamais vivi algo parecido. Nunca tive os músculos amortecidos pelo medo, tampouco esse sentimento de impotência. É terrível! O que devo fazer? E se eu gritar e ele estiver armado? O que ele pretende...?

“*Deus, me ajude!*”, peço silenciosamente e noto que Renato ainda não me alcançou. Ao olhar para trás, vejo-o com as flores e o vinho novamente nos braços. Não é preciso muito para

entender a razão do seu atraso.

É então que, em um ímpeto de coragem, abro a bolsa a procura do celular e, ao encontrá-lo, corro para o quarto, a fim de ganhar algum tempo e conseguir ligar para a polícia.

No momento em que estou prestes a alcançar o trinco da porta, no entanto, sou puxada para trás com violência. Renato pega o telefone da minha mão e me empurra contra a parede do corredor com força, fazendo-me bater a cabeça e deslizar para o chão, ligeiramente tonta.

— Ah, minha querida, você *não quer* piorar as coisas. Não quando eu sei tanto sobre a sua família!

Ao olhar para cima, encontro olhos injetados e um sorriso demente, que reforçam a insanidade do homem parado de frente para mim.



MADU — O IMINENTE

— Você me enfeitiçou, docinho — a voz insossa de Renato penetra os meus tímpanos, arrancando-me do transe.

Ele roça o polegar na minha bochecha com delicadeza, porém o contato causa asco. É como se tivesse uma lesma no meu rosto. Segurando a vontade de chorar, tento colocar a mente para trabalhar, buscando uma alternativa, buscando uma saída, fantasiando mil formas de isso acabar bem, mesmo desconfiando, intimamente, não existir como.

Eu quero reagir, mas o medo pode ser realmente cruel. Ele é paralisante. Estou incapacitada, neste momento. Embora entenda que algo horrível está prestes a acontecer, a pior parte é a constatação de não poder fazer nada. Quero dizer, como poderia, quando esse sádico tem tanto poder nas mãos? Eu jamais me perdoaria se algo acontecesse aos meus pais, ou mesmo ao Felipe, por minha causa. O fato de Renato saber disso me deixa deprimida. Ele brinca com os meus sentimentos. Para ele é divertido exercer seu poder, exercer sua maldade, sua arrogância. Gostaria de dizer que o ódio, no entanto vai muito além disso. Eu sinto repugnância por este

homem asqueroso.

Em um movimento rápido, de quem tem muitos anos de prática, ele arranca a gravata do pescoço, desfazendo o nó de uma só vez. Fecho os olhos no momento em que Renato para atrás de mim, segurando os meus pulsos com força.

— Cruze os dedos! — sussurra ele, colando a boca na minha orelha e sussurrando de maneira odiosa.

Obedeço-o e, no segundo seguinte, tenho as mãos imobilizadas e amarradas com uma gravata. *“Deus, por que eu não fiquei na casa de Felipe?”*, penso sem parar, odiando-me por todas as decisões tomadas até aqui. Como isso foi acontecer? Como chegamos a este ponto?

Segurando os meus braços suavemente, Renato me guia até o sofá, onde me sento. Ele se agacha de frente para mim, erguendo o meu queixo para me obrigar a encará-lo.

— Não sei como fez isso comigo, mas estou louco... alucinado. Não tiro você dos pensamentos, Madu!

Seu hálito adocicado pelo vinho vem de encontro ao meu rosto, conforme as palavras são jogadas ao ar, e concluo que já estava bebendo muito antes de me encontrar. Isso explica o comportamento agitado, beirando a insanidade. Nas outras vezes em que estive com Renato ele sempre foi mais contido, apesar de muito incisivo. Agora, porém, é o oposto disso. As máscaras caíram, restou apenas o monstro habitando logo abaixo do cavalheirismo forçado.

Sem mais nem menos, minha garganta arranha e eu caio no choro. A negação vai embora e percebo a gravidade da situação. Entendo o quão ferrada estou e percebo justamente quais são suas intenções comigo. As lágrimas escorrem em abundância pelo rosto enquanto eu lamento por pensamentos, imaginando todas as maneiras como eu gostaria que isso fosse diferente.

Renato sorri de canto — um gesto o qual adoro em Felipe, mas que, nele, é simplesmente assustador — colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha antes de se levantar, decidido. Ele caminha com tranquilidade até a mesa, onde os dois presentes jazem. Abrindo a garrafa de vinho, com um abridor tirado de dentro do bolso, ele leva a garrafa à boca, bebendo uma quantidade considerável em um só gole.

Depois de limpar o rosto com as costas da mão, Renato volta ao lugar onde estava — agachado na minha frente.

— Você está precisando beber um pouco, docinho. Está muito tensa.

Faço um “não” com a cabeça, mas acreditar que ele respeitaria a minha vontade foi muito inocente da minha parte.

— Preciso insistir que beba! — diz com um tom mordaz e segura a minha cabeça com força, cravando os dedos no queixo sem o menor cuidado para então pressionar a garrafa contra os

lábios. Logo o sabor do vinho preenche a minha boca e eu preciso engolir para não engasgar. Ele me força a tomar uma grande quantidade e depois se ocupa em beber um pouco mais.

— Sabe, eu realmente não compreendo o que o Antunes tem que eu não tenha também... — fala Renato, com um ar arrogante. — Não há nada que ele possa te oferecer que eu também não possa, Madu. Eu estou doente por você, não entende isso?

Inclino o rosto para o lado, usando o ombro para limpar as lágrimas ininterruptas. “*Esse homem é louco*”, penso, mordendo o lábio inferior para tentar conter o choro, mas falho miseravelmente. Seus olhos me estudam com atenção e, logo em seguida, sou obrigada a beber mais vinho. A bebida desce pela garganta aquecendo todo o caminho.

— Por que está triste, docinho? Eu até te trouxe flores. As que você gosta! — Diz ele, piscando.

O gesto serve como estopim para um choro desentoadado. Fico sem fôlego, expressando toda a angústia me assolando neste momento. O que eu faço? Se eu gritar, posso até conseguir ajuda, mas colocarei a vida das pessoas que amo em risco. Eu o conheço, agora entendo o tamanho da sua insanidade. Sei do quanto ele seria capaz, apenas para me mostrar que pode, apenas para provar conseguir tudo o que quer.

Santo Deus, ele se vingará de todo tempo perdido, de todas as recusas. Eu vejo na chama em suas íris o quanto ele quer me humilhar, o quanto ele não liga a mínima para o meu sofrimento. Pelo contrário, quanto mais eu choro, mais ele parece ficar divertido com a situação.

A melodia do meu celular ressoa pelo ambiente, despertando-me do transe. Meu coração perde uma batida. Quanto tempo já se passou desde que eu entrei para esse inferno?

Felipe já descobriu que Renato não está em São Paulo?

Tão logo o pensamento invade a mente, no entanto, uma onda de desânimo e terror me domina. Deus sabe o que pode acontecer até ele voltar para Curitiba, a noite. Talvez ele aproveite para resolver assuntos profissionais, talvez ele nem ao menos estranhe o fato de eu não estar respondendo as mensagens. “*Será que estarei viva?*”, pergunto-me e, no segundo seguinte, um choro histérico escapa pela minha garganta, preenchendo o minúsculo apartamento.

Com um sorriso debochado no rosto, Renato tateia os bolsos em busca do aparelho. Ele o confere ligeiramente e dá de ombros, estendendo o telefone em frente ao meu rosto para me mostrar a foto de Felipe na tela. A chamada chega ao fim, mas, em uma fração de segundo, começa novamente.

Ele quer mesmo conversar comigo.

— Por falar no Antunes... — Suspira, tomando impulso para se levantar.

Observo-o caminhar até a janela, abrindo-a despreocupadamente. Depois de olhar para

baixo por algum tempo, Renato lança o celular para fora, girando nos calcanhares para ficar novamente de frente para mim.

— Bom, ele pode esperar um pouco. Afinal, eu já esperei bastante. Tenho o direito de te querer só para mim.

— Renato... — peço, com a voz trêmula. — Por favor, não.

Socando as mãos no bolso, ele percorre a distância entre nós, com as sobrancelhas arqueadas em uma careta surpresa. Ao estacar na minha frente, dessa vez permanecendo em pé, Renato passa os nós dos dedos pela minha bochecha, deslizando para o pescoço e contornando levemente a curva dos seios. Embora o movimento tenha sido rápido, ter suas mãos em mim reacendeu o pavor paralisante. Estremeço e fecho os olhos, rezando silenciosamente para esse tormento acabar e um milagre acontecer. Eu não suportarei o iminente.

— Madu... — ele fala com um ar divertido. — Você deveria saber melhor que ninguém o quanto considero a palavra “não” instigante.



MADU — TERROR

Renato força a garrafa contra a minha boca novamente. Eu até perdi a conta de quantas vezes ele já fez isso. Sinto o refluxo pela grande quantidade de álcool ingerida em tão pouco tempo, eu não sou exatamente do tipo que bebe.

Renato toma o restinho do vinho, deixando o vidro vazio sobre a mesa. Minha cabeça pesa, os olhos pestanejam e eu percebo, atônita, a maneira como tudo ao redor parece rodar sutilmente. Não posso fazer movimentos bruscos, porque eles deixam a visão turva e me sinto ainda mais enojada.

Se antes já estava difícil ordenar os pensamentos, agora é praticamente impossível. As lágrimas até secaram, de tanto que eu chorei neste intervalo de tempo — tempo o qual não tenho a menor noção de quanto seja, diga-se de passagem.

É por isso que, ao perceber Renato desbotoando a camisa pacientemente, não consigo nem mesmo esboçar uma reação. O choque é tão grande que me limito a ficar conformada com a situação e calma, a fim de sofrer menos. Não consigo pensar em nada, não consigo sentir nada,

todo o medo de outrora já me abandonou. Sobrou apenas um casco vazio, pois minha mente entrou no modo automático. A bebida foi uma aliada, no fim das contas. Pelo menos estarei aérea, quem sabe se eu fechar os olhos e fingir que nada disso está de fato acontecendo, seja mais fácil de suportar o terror.

Ele joga a peça de roupa no chão, tirando os calçados logo em seguida. Balanço a cabeça negativamente, ignorando a ânsia de vômito me dominando. Isso não pode estar acontecendo. Não pode ter chegado a hora.

Penso então em Felipe — pela primeira vez desde que o celular tocou. Lembro-me de ontem à noite, penso na maneira carinhosa como ele sempre cuida de mim, como ele faz com que eu me sinta amada. Aparenta ter sido há muito tempo que eu o encontrei cozinhando e nos despedimos. Parece pertencer a tempos remotos de uma vida passada. Engulo em seco, com o coração do tamanho de uma ervilha.

O pensamento vaga dele para os meus pais em uma velocidade alarmante. Memórias desconexas chegam aos poucos: papai assistindo ao futebol com uma cerveja de companhia, mamãe ocupada em algum tapete de crochê. Olho para fora da janela e constato, surpresa, já ter anoitecido. Eu deveria estar na aula, apresentando um trabalho importante. Será que Vanessa tentou me ligar? Será que ela imagina que algo errado tenha acontecido?

— Não existe não para um homem como eu, docinho — diz Renato, agarrando os meus braços para me forçar a levantar. — É tudo uma questão de perspectiva... eu os tomo como desafios, como estímulos. E provo para mim mesmo que consigo o que quero.

Renato me guia para trás até as minhas costas tocarem a parede suavemente e apoia os braços ao meu redor, aprisionando-me com o próprio corpo de uma maneira claustrofóbica. Ele dá um passo à frente, roçando a ereção contra mim. Engulo em seco, perdendo a força das pernas. O baque é tão grande que, por um segundo, acho que vou desmaiar. Infelizmente, continuo bem consciente.

— Alguns desafios são mais trabalhosos. Como você, Madu. Mas, no fim das contas, eu venço todos!

Com uma das mãos, ele sobe a minha saia com agilidade, apertando a minha coxa de uma maneira repugnante. Seus dedos massageiam a pele, subindo em direção à virilha. Meu organismo libera uma nova descarga de adrenalina. Todos os poros do corpo resolvem suar simultaneamente, o coração vai para a boca e a respiração se torna entrecortada.

Tudo está rodando.

Eu apenas quero que isso acabe.

— Além do mais, eu sei como vocês, mulheres, funcionam... Anseiam ser conquistadas,

precisam se sentir especiais. — Renato prossegue, indiferente ao fato de eu estar prestes a desmaiar. — Vocês nunca querem, realmente, dizer não. Não para um homem como eu, sei disso.

Nossos olhares se encontram e eu vejo a arrogância presente em cada centímetro do rosto que, um dia, achei bonito. Ele pisca, abrindo um sorriso largo e cheio de si.

— Eu tenho tudo para te oferecer... todo o luxo que você deseja e muito mais. Com esse rostinho inocente e esse corpo delicioso, você arranca o que quiser de mim, Madu. Qualquer coisa. Merda, eu estou doente por você, docinho. Não sei o que fez comigo! Sonhei tanto com você gritando para mim! Desejei tanto contemplar seu corpo sem nenhum pano cobrindo-o...

Tão logo as palavras penetram os meus tímpanos, Renato puxa a minha saia para baixo em um movimento brusco, deixando-me apenas de calcinha. Então, em um rompante, ele me beija. Sua língua invade a minha boca, como um lembrete da terrível realidade. Tento, inutilmente, soltar as mãos do nó feito com a gravata e, como não consigo, sinto as lágrimas tornarem a irromper dos olhos, enquanto o gosto da sua saliva fica impregnado em mim. Suas mãos seguram o meu rosto com tanta força que machuca. Ele suga os meus lábios de maneira vulgar, movimentando os quadris para frente e para trás, violando-me, dando-me uma amostra do que ainda está por vir.

Seus dedos avançam em direção aos meus cabelos e, quanto mais eu tento me esquivar da sua boca, mais ele os puxa, como forma de punição. Em dado momento, apenas paro de lutar, com o coró cabeludo dolorido, a dignidade abalada e o torpor do vinho ameaçando tomar a minha consciência.

— Como posso não me meter em problemas? Tenho um fraco por mulheres gostosas, Madu. E você, com certeza, é uma. Não consigo me aguentar... a cabeça de baixo sempre fala mais alto! Mas que culpa eu tenho? Deus sabia, quando criou vocês, que seriam a perdição dos homens — Sua gargalhada demente ressoa pela sala, alta e escandalosa demais. — Além do mais, você estava pedindo. Você quer tanto quanto eu, sei disso! Estava penas me provocando, me atijando. Você será a minha ruína, docinho. Não importa... O troféu vale a pena!

Renato volta a enfiar a língua na minha boca de maneira agressiva, movendo-a sem pudor algum. Uma das mãos me solta. Logo depois, ouço o barulho característico de um zíper sendo aberto. O som desperta o pânico, até então anestesiado. Movida pelo medo e sem pensar muito, finalmente consigo reagir. Fisgo o seu lábio inferior com os dentes, mordendo-o com toda a força que consigo.

Depois disso, tudo acontece muito rápido.

Renato lança o próprio corpo para trás, desvencilhando-se de mim. Sinto o nauseante gosto metálico de sangue na boca e sorrio. Uma linha vermelha viva escorre da boca dele, em direção ao queixo. Renato leva a ponta dos dedos ao ferimento, manchando-os de carmim. Vejo suas mãos

tremem suavemente ao passo em que ele observa o sangue nos dedos, com uma expressão assassina no rosto.

Seus olhos se voltam para mim, brilhando de ódio.

— Desgraçada! — rosna ele, avançando como um animal e desferindo um tapa com as costas da mão contra o meu rosto.

No mesmo momento, o sangue se espalha pela boca e meus olhos lacrimejam. Suas duas mãos vêm de encontro ao meu pescoço, apertando-o com força para me sufocar. A visão fica embaçada enquanto eu luto por um pouco de ar. A satisfação no rosto dele me deixa nauseada.

Muito embora esteja me debatendo na tentativa de me livrar de suas garras, aos poucos sinto os músculos amolecendo e eu sei que meu fim está próximo. Estou a ponto de perder a consciência quando o barulho da porta abrindo nos surpreende.

Renato me solta, sobressaltado, a tempo de assistir Felipe atravessando a entrada como um raio em nossa direção, com uma expressão sanguinária enrijecendo os músculos do rosto.



FELIPE — CÓLERA

Vejo tudo vermelho, o mundo parece em chamas.

Cada músculo do meu corpo treme, exprimindo o ódio correndo pelas veias. Faço uma varredura com os olhos, captando todos os detalhes que precisam ser absorvidos. O estado no qual Madu se encontra, o sorriso debochado no rosto de Renato Monteiro, a perspectiva do que poderia ter acontecido se eu tivesse chegado alguns minutos mais tarde. Toda a profusão de pensamentos não leva mais que um segundo, porém.

Dominado pelo ódio transcendente em seu estado mais puro, a única coisa que consigo *realmente* enxergar é ele. Pelos sete infernos, eu vou matar esse bastardo! Deus sabe que sim!

Antes de eu alcançá-lo, Renato ergue as mãos, em sinal de rendição. Ele abre a boca para falar, mas eu não o dou a oportunidade. Choco o punho fechado contra o seu rosto, no entanto não existe espaço para a dor, não existe espaço para mais nada. Nada além da raiva envenenando a alma.

Pelo canto dos olhos, percebo com pesar o estado de choque de Madu. Ela nem ao menos se

mexeu desde a minha chegada. A única mudança significativa foi que agora está chorando desenfreadamente, com puxadas de ar sonoras e cheias de desespero.

— Filho da puta! — rosno, prestes a acertá-lo uma segunda vez. Contudo, sou surpreendido ao ouvir sua gargalhada histérica ressoar pelo ambiente. Fico tão perplexo a ponto de refrear o golpe. O meu braço permanece parado no ar.

— Quem diria, hein, Antunes? Nós dois, homens adultos, brigando por uma vagabunda! Comer ela é tão bom assim?

Minha mão o acerta um pouco acima dos olhos desta vez, cortando o supercílio e arrancando mais uma risada, a qual não condiz em nada com a situação. Puxo-o pelos ombros, a fim de nos afastarmos de Madu.

Dominado pela cólera, despejo em golpes intermináveis toda a ira acumulada desde quando percebi que tinha algo muito errado acontecendo nesta tarde. A angústia por não conseguir me comunicar com a minha menina, o temor causado por todas as alternativas assombrando os meus pensamentos. A certeza da insanidade deste cretino.

A raiva parece nunca ter fim. Embora Renato tente se defender, eu tenho a vantagem de estar sóbrio. Além do mais, existe adrenalina de sobra no meu organismo.

Prendo-o contra a parede oposta a que Madu se encontra, tal como ele estivera fazendo com ela. Só de imaginar... só de pensar no que ele pode ter praticado até eu chegar... Inferno, eu vou matar esse desgraçado!

Não interrompo os golpes, apesar de, cada vez mais, minha mão ficar manchada com o meu sangue e o dele. Foda-se, eu não me importo! Apenas não posso conceber a ideia de que ele colocou as mãos nela. Eu não posso aceitar que ela está machucada. Não posso sequer conjecturar a hipótese de que ele simplesmente achou que poderia...

— Seu... bastardo... — murmuro entredentes, acertando-o mais uma vez.

Desta vez, porém, as risadas cessam. Renato geme, cedendo ao peso das pernas e deslizando para o chão. Estou com a perna no ar para chutá-lo quando a voz de Madu penetra os meus tímpanos, buscando-me do transe.

— Felipe, não! — Olho por cima do ombro, encontrando seu olhar desamparado. — Já basta! Você... e-ele está muito machucado, não faça uma besteira, por favor! Eu, eu não... — as últimas palavras se embolam e ela cai no choro.

Olho para os nós dos meus dedos, abertos e sangrando. Logo em seguida, estudo o rosto de Renato, sentindo a garganta arranhar ao ver o estado no qual o deixei. Mais um pouco e eu poderia arruinar tudo.

Respiro fundo, girando nos calcanhares para alcançá-la. A imagem é tão comovente que me

sinto um idiota por quase perder o controle. Não posso conceber o medo sentido por ela, deve ter sido horrível. Por Deus, presenciá-la neste estado alimenta a necessidade de machucar Renato, sem me importar com as consequências. Envolver-a com os braços, depois de soltar suas mãos do apertado nó feito com a gravata.

— Shhh, eu já estou aqui — tento confortá-la, com os olhos grudados nele. — Está tudo bem agora.

Suas lágrimas deixam o tecido sobre o meu peito ensopado, grudando na pele. Passeio as mãos pelas suas costas, deixando um beijo no topo de sua cabeça.

— Nada mais vai acontecer.

Tão logo as palavras são lançados no ar, a risada fria de Renato vem como um golpe, deixando-me novamente ensandecido. Faço o possível e o impossível para me manter onde estou, apesar da vontade de socá-lo até ele parar de respirar. Seu riso se torna cada vez mais descontrolado, transformando-se em uma tosse estridente.

— Você... — Renato limpa a garganta, apontando o indicador para mim em seguida. — É igualzinho a mim! No fim das contas, somos farinhas do mesmo saco, não?

— Você está enganado, Monteiro. Não poderíamos ser mais diferentes!

— Ah, é? — Ele solta um gemido de dor. — Você só se importa com o dinheiro, meu caro. Tal como eu. Depois de tudo o que aconteceu, ainda vai me defender no tribunal. Desde que eu o pague um pouco mais, pelo inconveniente.

— O quê?

Balanço a cabeça em negativa, atordoado, depositando mais força no abraço. A voz de Leonor invade a minha mente, tão clara como se ela tivesse acabado de sussurrar no meu ouvido: *“cedo ou tarde vai perceber que não devemos dar tanta importância ao dinheiro... pode nos custar caro, querido”*.

Engulo em seco, finalmente compreendendo o peso das palavras. Permanecer nesta causa, mesmo depois de todos os inconvenientes vindos da parte dele... tudo pelos honorários milionários. Não percebi o quanto poderia afetar Madu e eu, o quanto poderia nos desestabilizar, sobretudo o quanto poderia valer esta decisão. Agora vejo como custou caro. Muito além de carros importados, ou viagens em jatinhos particulares. Custou o que tenho de mais precioso.

— Quanto você quer? Quanto custa o seu esquecimento?

Deixo outro beijo no topo da cabeça de Madu antes de me desvencilhar dela, tateando os bolsos na calça a procura do celular. Ela me olha significativamente, os lábios tremendo. Sorrio, segurando a vontade de me entregar às lágrimas. Embora eu esteja em frangalhos por dentro, não demonstrarei. Preciso fazer isso por ela.

Caminho novamente até Renato, parando na frente dele. Seus olhos procuram os meus, debochados. Consigo notar o quão seguro de si ele está a respeito do meu posicionamento. Está certo de que eu serei comprado com alguma quantia obscena de dinheiro.

É por isso que, ao ligar para a polícia e dar detalhes claros sobre o fato de tê-lo pego em flagrante em uma tentativa de estupro, Renato engasga, num misto de surpresa e incredulidade. Tão logo encerro a chamada, com a promessa de que uma viatura estará aqui o mais breve possível, sua voz vem de encontro aos meus ouvidos, cheia de sarcasmo.

— Você não pode ser tão idiota!

— Estou abrindo mão da defesa da PoliBev, Renato. Eu desisto dos processos.

— Vai manchar a sua carreira! — afirma ele, com as íris brilhando.

“Foda-se a carreira”, penso, mas limito-me a sorrir, dando nos ombros.

— Bom... Posso garantir que não mais que você!



MADU — MODO AUTOMÁTICO

Já é dia quando atravessamos a porta de entrada da casa de Felipe. Com o braço sobre o meu ombro de maneira protetora, ele me guia até a nossa suíte, fazendo-me sentar na cama enquanto se ocupa em encher a banheira.

Respiro fundo ao me encontrar sozinha novamente e um calafrio percorre a espinha. Ainda não ousei a reviver os acontecimentos recentes na memória. Estou tentando não pensar muito nisso. Não sei se tenho forças para encarar de frente todo o terror passado com Renato. Horas que mais se pareceram com semanas. A certeza de que, a qualquer momento, algo terrível aconteceria.

A dor de cabeça é lancinante. Sinto como se alguém estivesse batendo com um martelo nas têmporas, impiedosamente. Deve ser de tanto chorar. No entanto, nem mesmo isso impede as lágrimas de avançarem pelas bochechas, tão logo o sentimento esmagador volta a me dominar.

Eu não me lembro de mais nada depois da chegada de Felipe, colocando um fim ao sofrimento. Quero dizer, até me lembro, mas tudo soa artificial. Não parece de verdade. Fiquei anestesiada pelo choque, o corpo permaneceu funcionando no modo automático.

Os policiais chegando, as horas passadas na delegacia, prestando depoimento, abrindo um Boletim de Ocorrência. As mãos de Felipe em mim a todo momento, como um lembrete de que eu não estava mais sozinha. O engraçado é que, embora eu saiba ter contado tudo o que deveria ser dito, talvez mais de uma vez até, eu não me lembro disso. Meu cérebro bloqueou a memória, apesar de tão recente, como uma maneira de me proteger. Uma forma de me poupar. E, mesmo assim, ainda é terrível.

Santo Deus, é como assistir a um filme de horror tão repugnante, tão indigesto que é impossível manter os olhos abertos em algumas cenas. Eu me sinto assim. Exatamente assim. O nó na garganta se mantém presente, o coração não suavizou o ritmo, a respiração parece que jamais voltará a abrandar. Eu jamais serei a mesma.

Então, sem a minha permissão, um *flash* invade os pensamentos. Renato se esfregando em mim, as mãos nojentas me apalpando, sua boca colada na minha. Tal como se eu fosse um objeto, o qual ele pudesse usar sempre quando quisesse. O choro calmo se torna um rugido lastimável, responsável por chacoalhar o corpo inteiro.

Felipe irrompe o quarto com os olhos preocupados e não demora mais que segundos para me alcançar, envolvendo-me com o seu corpo quente e acolhedor. Não sei dizer quanto tempo passamos abraçados, mas as lágrimas continuam jorrando incessantemente. Elas me lavam de dentro para fora.

Ele deixa um beijo terno na minha testa antes de sussurrar baixinho:

— Você precisa descansar, meu amor. Foi uma longa noite.

— S-se você... se você não tivesse chegado... — engasgo-me com o choro, fazendo-o me abraçar com mais força.

— Shhh, já passou! E o pior não aconteceu, graças a Deus! — Ele me oferece um sorriso triste, raspando suavemente o polegar sobre a ferida nos meus lábios. — Eu estou aqui. Nunca mais, não importa o que você disser, vou te deixar sozinha. Nem mesmo para tomar banho.

Pego-me sorrindo também, apesar dos olhos continuarem úmidos. O vazio dentro de mim parece crescer a cada segundo e eu me pergunto quanto tempo levará para parar de machucar. Quanto tempo ainda sonharei com esse homem maldito? Quanto tempo carregarei o trauma comigo?

— Como você descobriu?

Felipe faz uma expressão de sofrimento e sei que ele entendeu a pergunta, mesmo com as informações escassas. Ele suspira pesadamente, acariciando o meu braço com suavidade.

— Já tinha passado uns vinte minutos do horário combinado. Mas eu estava inquieto, como se tivesse sido horas e horas esperando. E, de repente, você parou de mandar mensagens... ficou tudo

tão silencioso que eu tive a ideia de ligar no escritório dele e perguntar se já havia saído para se encontrar comigo. Dai descobri que ele nem ao menos estava na cidade. — Suas pálpebras se fecham como se ele estivesse revivendo a lembrança. — Eu soube na hora que havia algo errado. Te liguei para avisar que ele possivelmente estaria por perto. Nas duas primeiras vezes tocou até cair e depois começou a dar desligado. Então eu peguei o primeiro voo e vim o mais depressa possível.

— Ele ameaçou a minha família. Eu queria ter gritado, me defendido... queria ter feito alguma coisa! Fui tão impotente, ele poderia ter feito o que quisesse comigo... Mas na hora, na hora nada funcionava dentro de mim. Eu tive tanto medo... — minha voz morre no ar.

— Eu não posso nem imaginar o que você passou, Madu. Sinto muito que tudo isso tenha acontecido. Porra, como sinto! — Ele encosta a testa na minha e percebo as lágrimas escapando dos olhos ainda fechados. — Passei toda a viagem imaginando o que aquele bastardo estava fazendo e... inferno! Deus sabe que eu faria uma loucura se ele... se ele tivesse...

Felipe enterra a cabeça na curva do meu pescoço, chorando como uma criança. Seus braços estão firmes ao meu redor, como se ele mal pudesse acreditar no fato de eu me encontrar aqui. Bom, nem mesmo eu acredito. Depois de algum tempo, cheguei a desistir de mim mesma. Eu não via mais saída.

— Felipe... — chamo-o e instantaneamente as íris azuis se revelam para mim.

As palavras somem. Percebo não saber como expressar o que está me afligindo neste momento. Como fazê-lo entender? No entanto, como se fosse capaz de ler a minha mente, Felipe se empertiga, assumindo uma careta pensativa.

— Você está segura. Ele foi pego em flagrante, por isso foi detido. É provável que o futuro advogado dele faça um pedido de *Habeas Corpus* para Renato responder o processo em liberdade. Mas, dado o histórico dele, estou certo de que esteja realmente encrencado.

Respiro aliviada, com o coração reconfortado. A informação tirou um peso enorme dos meus ombros, correspondente ao medo do depois. Medo de que Renato fosse se vingar de mim, medo de que tê-lo denunciado servisse como combustível para a sua loucura. Uma porção de “e se” foi simplesmente apagada.

— E o fato de você ter aberto mão do processo não vai te prejudicar? — Tomo impulso para me sentar, sendo seguida por ele.

— Sério mesmo? — ele indaga, cheio de incredulidade. — Depois de tudo o que aconteceu, você está preocupada com a minha carreira?

Olho-o significativamente, emudecida. Eu me importo com Felipe. Além disso, nada poderia ter sido diferente, desde que Renato me conheceu. Ele é maluco e perigoso.

Algo na minha expressão arranca uma risadinha baixa dele. Balançando a cabeça em negativa, responde:

— Todo advogado pode desistir de um processo, Madu. Desde que com um bom motivo. E, bem, nós certamente temos um. — Felipe esfrega o rosto nervosamente. — Não posso defender um cliente que fez... isso com você... — ele é traído pela voz. — Preciso preparar uma notificação a fim de passar o processo nas mãos do advogado que Renato porventura escolher. Depois disso, não será mais um problema meu.

Assinto com a cabeça, deixando os olhos recaírem para as mãos feridas dele e sentindo o estômago embrulhar.

— Você tem razão. Precisamos descansar. Acho que talvez um *Dramin* caia bem, para ajudar a dormir.

— Eu passo o *Dramin*... — Felipe encolhe os ombros, com a expressão de carência que tanto amo. — Mas aceito um banho na hidromassagem com você. Bem demorado.

Sorrio, sentindo-me um pouco melhor do que quando chegamos.



MADU — PONTO FINAL

Acordo de sobressalto, com a respiração entrecortada. Sento-me na cama, colocando as mãos sobre o peito para sentir o coração batucar contra a caixa torácica.

Renato.

Ele estava no meu sonho, com as mãos de garras, a postura ameaçadora, o olhar insano estampado no rosto e o sorriso debochado de sempre.

Olho em volta, constatando, com um pouco de decepção, o fato de Felipe não se encontrar aqui na cama, comigo. Alcanço o celular na escrivaninha, descobrindo ser pouco mais de quatro da tarde. Depois de um longo suspiro, salto para fora da cama, lançando pé ante pé, sem muito ânimo.

De alguma forma eu sei onde encontrá-lo. Imagino exatamente onde estará e a razão para isso. Não por intuição, mas por já conhecê-lo tão bem. Felipe é um homem com um passado difícil. Duas tragédias enormes ocorreram na vida dele, das quais ele se culpa muito, apesar de já contarem tantos anos, desde então. Este é um sentimento compreensível, no fim das contas. Eu

realmente consigo entendê-lo e não sei como agiria se estivesse no seu lugar. Talvez eu não conseguisse ter a mesma força que ele teve para seguir adiante, mesmo com a doença complicando tudo.

Ele acredita ser um problema. Um incorrigível e repugnante problema. Na cabeça dele, existe a convicção de que todos os contratempos são sua culpa. E isso nem sempre é verdade. Principalmente se tratando de fatalidades. Afinal, como ele poderia ter evitado o acidente com Amanda, ou impedido Bianca de tirar a própria vida? Além do mais, Renato teria, sim, feito alguma loucura, independente de Felipe estar ou não defendendo ele.

Eu sei, tão certo quanto o ar entrando em meus pulmões, que ele está se condenando pelos acontecimentos recentes. Mais do que nunca, Felipe se odeia.

Ao atravessar a porta da academia, não é uma surpresa encontrá-lo correndo alucinadamente na esteira. O som do seu choro soa como um uivo desentoado e carregado de sofrimento. Eu me sinto exatamente assim. Porém, a ironia disso tudo é que aqui foi onde descobri sobre o Transtorno Bipolar. Exatamente aqui, uma nesga do passado problemático dele me foi revelada. Agora vejo o quanto este dia foi um marco na nossa relação.

Aproximo-me cautelosamente, os olhos correndo pelo suor cintilando na pele nua do seu torso. Os músculos se contraindo, os braços sacudindo no ar. Então eu entendo o quanto não aguento mais isso. A constatação vem como um soco na boca do estômago.

Talvez eu ainda esteja apática por causa dos traumas. Mas ninguém pode me culpar, de toda forma. Ainda é muito recente. E, no fim das contas, é sobre mim que isso se trata. De todos os dias nos quais ele poderia ter uma crise, hoje, absolutamente, não é um deles. Hoje eu não tenho ânimo para confortá-lo. Hoje eu não conseguirei assisti-lo erguer uma muralha ao em volta de si para poder se torturar por algo que não tem o menor cabimento. Ele me salvou. Só Deus sabe o que teria acontecido caso ele não tivesse agido depressa.

É por isso que pressiono, com um pouco de urgência, o enorme botão vermelho, forçando a parada da esteira. Parecendo acordar de um transe, Felipe me encara com os olhos surpresos. Observo-o descer no aparelho, esfregando o rosto como sempre faz quando está nervoso.

— Você prometeu que não ia me deixar sozinha nem para tomar banho! — protesto, não conseguindo esconder o ar irritado.

Ele estaca, segurando a minha cintura e me buscando para perto de si. As lágrimas continuam rolando pelo seu rosto, unindo-se com o suor. Ele está lamentável.

— Me desculpa! Não consegui pregar os olhos e como estava muito inquieto, fiquei com medo de te atrapalhar. Você merecia umas boas horas de sono — ele fala sem nem ao menos respirar, as palavras se atropelando umas nas outras.

Fisgo o lábio inferior, não sabendo como agir. Sinto-me tão cansada, tão esgotada. Hoje, meu único desejo era poder sumir. Desaparecer da vida de todos. Poder ficar sozinha até tudo isso acabar.

As safiras dele percorrem o meu rosto, demorando-se na boca. Antes de me deitar, ela estava bastante inchada e com um corte de tamanho considerável começando no lábio superior e terminando no inferior. Temo que o inchaço tenha pirado ainda mais neste intervalo de tempo.

— Merda, olha só pra isso... — sussurra ele, a cadência do choro aumentando no mesmo instante. — Eu sou amaldiçoado! Todos ao meu redor estão fadados ao sofrimento!

— Fê, por favor... preciso tanto de você! Não siga por esse caminho.

Ele repousa as mãos no meu rosto, como costuma fazer ao me beijar. Agora, no entanto, apenas permanece me olhando com intensidade. Os olhos continuam transbordando. Embora eu entenda que a doença o faz se sentir desta maneira, não consigo ter empatia. Não consigo consolá-lo. Por Deus, eu só quero esquecer tudo. Eu só quero que possamos, juntos, superar este incidente. Eu só quero que ele volte a ser o homem de antes.

Só me dou conta de que também estou chorando quando ele limpa algumas lágrimas com os polegares.

— Eu te prometi que ele jamais encostaria um dedo em você, Madu. Em meio a todos os abusos dele, pensei que conseguiria te proteger, dado o fato de você estar aqui comigo. Mas eu me enganei! E eu jamais vou conseguir me redimir por isso...

— Você mesmo me falou que ele era doente, meu amor! Nesse mesmo dia. Não foi culpa de ninguém. — Respiro fundo. — Você me *ajudou*! Você não entende o que teria acontecido se não tivesse agido rápido e vindo ao meu socorro?

— Você não precisaria se defender se eu não tivesse te deixado sozinha, em primeiro lugar!

— Felipe! — eu praticamente grito. — Pare de se acusar! Pare de atribuir a si mesmo todas essas culpas! Elas não lhe pertencem! Pelo amor de Deus, eu estou em frangalhos! Você pode estar presente uma única vez? Será que você ainda consegue controlar a sua própria mente ou essa doença maldita já te consumiu?

As palavras o deixam atônito. Toda a cor é drenada para fora do rosto em segundos. Ele assente, soturno, mas permanece calado. Não tenho tempo de me arrepender pelas palavras duras. Estou farta, essa é a verdade. Não aguento mais vê-lo se destruir, tal como seus pais também não. Machuca muito amar tanto uma pessoa e não poder fazer nada por ela. Ele deveria saber disso melhor que ninguém.

Seguro suas mãos e as afasto do meu rosto, satisfeita por nós dois termos parado de chorar. “*Bom, isso já é um começo*”, penso comigo mesma, arriscando um passo para trás.

— Passou da hora de reagir, Felipe.

Seus olhos se estreitam, mostrando a dúvida o assolando. Limpo a garganta antes de continuar:

— Amanda e Bianca precisam ficar no passado, esse é o lugar delas. Você merece seguir em frente. E todos que te prezam também merecem isso. — Fecho as pálpebras, a fim de evitar o seu olhar perdido. — Vou me trocar. Nós vamos sair para colocar um ponto final nisso.

— O-o quê? — pergunta ele, em um sussurro. — Colocar... um ponto final?

— Sim. Nós vamos ao cemitério onde elas foram enterradas.



MADU — CEMITÉRIO

Felipe e eu andamos silenciosos pela grama verdinha do cemitério, um ao lado do outro. Ele traz um punhado de Gérberas amarelas consigo, as quais comprou na floricultura logo na entrada, tão logo chegamos. Sinto a força com a qual ele esmaga os meus dedos em um aperto forte e cheio de desespero, mas não protesto. É bom vê-lo experimentando os sentimentos. Permanecer anestesiado por tanto tempo não trouxe nenhum bem a ele. Pelo contrário, ele apenas postergou o inevitável. Não há outro jeito de se livrar da dor, além de vivenciá-la. Ele não estava preparado para isso. Nós nunca estamos prontos para sair da zona de conforto, essa é a verdade.

Sendo guiada por ele, vamos diminuindo a velocidade até finalmente estacar, em frente a uma singela lápide, igual a todas as outras. Este é um lugar no qual eu gostaria de ser enterrada, quando morrer um dia. Nem mesmo se parece com um cemitério, mas sim com um jardim enorme e bonito.

Felipe gira o rosto em minha direção, os olhos injetados me perguntando silenciosamente o que fazer agora. Fisgo o lábio inferior, esfregando o seu braço direito de uma maneira

encorajadora.

— Coloque para fora todos esses tormentos... se livre dessas correntes e se permita ser feliz!

— sussurro, oferecendo-o um sorriso.

Ele concorda com a cabeça e se aproxima um pouco mais do túmulo, parecendo desolado. Arrisco um ou dois passos para trás, no entanto é impossível desviar os meus olhos dele. Felipe é o homem cujos sentimentos são impenetráveis. Ao olhar para trás e ver a nossa caminhada até aqui, percebo o quão longa foi. Por isso, reconheço o quanto deve ser difícil, para ele, dar este imenso passo. Isso é de se admirar.

Depois de passar alguns minutos com a mão livre socada no bolso da calça, evitando encarar o iminente de frente, ele se dá por vencido. Num rompante, Felipe se agacha, deixando as flores no colo e cruzando as mãos em frente à boca.

— Amanda... — começa ele e, no mesmo instante, a minha garganta arranha. — Eu te amo tanto! Não há um dia em que eu não pense em você. Às vezes sinto o seu cheirinho de bebê e sorrio ao me lembrar das dobras do seu pescoço brancas, cheias de talco... É tão forte que me deixa com a sensação de que você está por perto. E, bem, quero acreditar que sim, está. Eu... eu apenas... me perdoa! Eu sinto tanto por ter tomado a sua vida. Falhei como irmão e não existe nada capaz de reparar esse buraco enorme que ficou em mim. Você teria sido uma mulher impressionante, sei disso. Espero que esteja feliz e...

A voz dele falha e assisto com pesar sua cabeça tombando para frente. Em um ímpeto de coragem, percorro a distância entre nós e me ajoelho ao seu lado, enlaçando-o com os braços. Felipe repousa o rosto na curva do meu pescoço e não demora para eu sentir as lágrimas escorrendo por ali.

Conforme os minutos caminham, o choro suaviza, até finalmente cessar. Ele seca os olhos com as costas das mãos, deixando algumas flores sobre a lápide antes de se levantar, decidido.

— Tá tudo bem?

— Não. Mas vai ficar — afirma, estendendo a mão no ar para mim. Eu a agarro com força, indicando que estou aqui. Ele não está sozinho.

Andamos sem pressa pelo imenso campo verdejante, cruzando com algumas pessoas pelo caminho. Todas possuem o mesmo olhar vazio de Felipe, a mesma postura curvada, triste. A morte tem esse efeito sobre nós: lembra-nos de quão frágeis somos. Mostra-nos que, em um segundo, tudo pode mudar para sempre. Irreversivelmente. Por mais inconcebível que seja.

Ao pararmos em frente ao túmulo de Bianca, noto a postura dele mudar quase imperceptivelmente. Felipe enrijece, raspando as unhas na barba por fazer. Arrisco dar um passo para trás, porém sua mão vem de encontro ao meu pulso, segurando-me com suavidade.

Para Bia, é necessário mais tempo. Ele aparenta desconcerto, é como se não tivesse a menor ideia de como colocar para fora as questões o atormentando. Quando menos espero, Felipe se abaixa, da mesma maneira como fizera na sepultura de Amanda. Então, surpreendendo-me, ele tira de dentro do bolso da calça um papel dobrado com uma foto presa em um clipe e reconheço no mesmo instante. Meu coração fica do tamanho de uma ervilha enquanto assisto Felipe colocá-lo sobre a grama, com as flores em cima.

— Você foi muito importante para mim, pretinha — sussurra, com a voz trêmula. — Por isso foi tão difícil de entender. Me desculpa por levar tanto tempo para conseguir... Mas eu te perdoo. Espero que tenha encontrado a sua paz!



— Você precisa começar o tratamento, Felipe! — Atiro-me contra a cama, inclinando o tronco para abrir o zíper da bota. — Há meses, você me pediu para confiar em você quando decidiu parar, por conta própria, com os remédios. E eu confiei! Mas isso foi muito irresponsável! Olha só a bola de neve sem fim que virou a nossa relação!

— Depois de tudo o que aconteceu, eu entendo que você esteja nervosa, Madu. Podemos discutir isso depois.

— Não! Não tem depois. Eu cansei de deixar pra mais tarde! Cansei de acreditar que tudo vai ficar bem a qualquer momento... por que não vai, Felipe. Você não enxerga? Não existe milagre. Existe o que precisa ser feito e você está em negação!

Ele sorri para mim, batendo as mãos nas pernas, incrédulo.

— Não quero brigar com você. Sei que ainda está digerindo os eventos traumáticos. Eu tenho total controle dos meus sentimentos e...

— Isso não precisa ser uma briga! — interrompo-o, irritada. — Você é adulto, sabe muito bem das suas responsabilidades. Você tem Transtorno Bipolar desde os 15 anos de idade e jura para mim que não há a menor chance de esse medo dos medicamentos não ser um sintoma da doença?

— Por que está fazendo isso? — pergunta, deixando escapar na voz uma nesga do descontrole que está por vir.

Meus olhos fazem um apanhado nos sinais: os dedos trêmulos, o maxilar travado, a ira nascendo nas íris.

— Atingi o limite. Não dá mais!

— Não dá mais...? O quê? — Uma gargalhada escapa dos seus lábios e estremeço,

lembrando-me de Renato.

Vê-lo assim é terrível. Eu queria poder abraçá-lo, confortá-lo, garantir que tudo ficará bem. No entanto é uma mentira lavada. Nada ficará bem a menos que essa seja a vontade dele. Nada ficará bem enquanto ele tentar fugir da verdade. E a verdade é que ele está enfermo e precisa dos remédios, como em qualquer outra doença.

Felipe começa a andar em círculos, enterrando os dedos nos cabelos dourados. Ele está prestes a estourar, sei disso. Mas, mesmo assim, não posso esconder o choque no momento em que ele agarra o abajur sobre o criado-mudo e o atira contra a parede. Dou um pulo, cobrindo a boca com a mão e tentando não ceder ao peso do corpo.

— Merda, Madu! — ele rosna, raivoso. — Já não basta tudo o que faço por você? Tudo o que tenho feito? Você acha que é fácil para mim?

— Eu não disse isso.

— Eu fui na porra do cemitério hoje, eu abri essas feridas enormes!

— Eu sei. E te admiro por isso!

Ele respira fundo, passando as mãos no rosto. A ponta do seu pé direito sobe e desce, em um tique nervoso.

— Atingiu o limite? — insiste ele, como se fosse incapaz de digerir a informação.

Respiro fundo, sem desviar os olhos.

— Sim, Felipe. Chegamos a um impasse! — aponto o indicador para ele. — Eu estou doando a minha vida por você e quando peço uma coisa em troca você atira abajures e grita como um animal raivoso! Se você me ama como diz, nós vamos marcar um horário no psiquiatra o mais depressa possível e você vai voltar para os remédios e a terapia. Caso contrário, esse é fim da linha para nós dois.

Ele encolhe os ombros, balançando suavemente a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não preciso disso, Madu. De nada disso. Basta ter paciência comigo! Eu vou melhorar, vai ficar tudo bem — ele praticamente implora. É lamentável.

— Não, Fê. Não vai. Sinto muito. Eu te amo demais... não vou assistir você destruir a própria vida. Se você quer fazer isso consigo mesmo, precisamos terminar, porque eu não vou compactuar com a sua destruição!

Os lábios dele se separam de surpresa. Então eu sou tomada pela nostalgia ao recordar de quando pedi demissão, meses atrás. Olha só onde viemos parar...

Inclino-me para frente novamente, tornando a calçar os sapatos os quais acabei de tirar. Felipe não estoura, não grita, tampouco esboça uma reação. Permanece me encarando, chocado demais para fazer qualquer coisa. Levanto-me, despedaçada, e o encaro no mais profundo de sua

alma antes de falar as últimas palavras que gostaria:

— Estou indo embora, Felipe.



MADU — RECOMEÇO

Esfrego as palmas das mãos na saia, tentando me livrar do suor. Observo pelo canto dos olhos a última candidata abandonar o escritório, agradecendo à secretária antes de se dirigir em direção à saída. Respiro fundo, sabendo ser a próxima. Ajeito a alça da bolsa no ombro e, quando a entrevistadora aparece na porta para me receber, quase desfaleço.

Ela é uma mulher baixinha e tem cabelos castanhos em corte Chanel. Seu aperto de mão é tão sem vontade que me sinto segurando uma alface. Sorrio amarelo ao me apresentar e então começamos a entrevista.

Foi Vanessa quem me indicou para essa vaga, na biblioteca da UFPR, e por isso estou aqui. Não conta como estágio obrigatório, pois o meu curso não tem a menor relação. Mas posso usar para eliminar algumas das horas de atividades complementares da faculdade, e isso é muito bom. Além do mais, o emprego oferece uma pequena remuneração condizente com as escassas horas de trabalho. A única parte ruim será precisar novamente da ajuda financeira dos meus pais, pelo menos até conseguir completar o estágio na minha área. Porém, não me queixarei disso. Não

adianta querer colocar a carroça na frente dos burros... é preciso dar um passo de cada vez.

A parte boa, por outro lado, é que finalmente consegui me desvincular por completo de Felipe. Ao contrário da primeira vez em que nós terminamos, não me sinto tão infeliz. Estou com a cabeça tranquila porque sei ter feito tudo o que podia por ele. Por nós. Se no passado nos separamos por falta de diálogo e um pouco de teimosia por parte de ambos, agora eu estou certa de ter me doado tanto quanto foi possível. Céus, eu até mesmo me mudei para a casa dele! Mas como é possível ajudar alguém se recusando a ser ajudado? Qual o propósito de lutar por uma causa perdida?

Por essa razão, aqui estou: tentando retomar a minha vida. Lutando para colocar os trilhos nos eixos outra vez. Por maior que seja o meu amor por Felipe, não posso me esquecer de me colocar em primeiro lugar. Só é justo lutar por uma relação quando você não é a única parte fazendo isso.

Tomei essa decisão, pois não podia mais permanecer de braços cruzados enquanto ele piorava sem admitir para si mesmo o que é evidente para todo mundo. Droga, olhe só para a família dele! O quanto eles sofrem... o medo que nunca vai embora de que todo dia seja o último para Felipe. De que, em um ímpeto de coragem desmedida, movida pela doença, ele acabe com a própria vida.

Não posso mais fingir que aguento. Isaque tinha razão, eu não tinha a menor ideia de onde estava me metendo! É demais para mim! Acreditei ser capaz de ajudá-lo, afinal, se foi tão fácil abandonar o tratamento, deveria ser igualmente fácil retornar, não é? No entanto é dolorido demais assistir ao Felipe tentando, de todas as formas, sabotar a si mesmo.

Isso não significa, porém, que eu não tenha saudade. Porque eu tenho muita! Cruzes, é como se faltasse algo crucial na minha vida. E, de fato, falta. Todo dia, do amanhecer ao anoitecer, sou acolhida pela sensação de vazio. Algo dentro de mim já não é mais como antes. Eu preciso ficar repassando na cabeça a razão para persistir na escolha, a fim de não sucumbir à vontade de pegar o primeiro ônibus até o endereço de Felipe e acabar logo com isso. Não posso voltar atrás. Seria como dizer “está tudo bem você se destruir aos poucos”, e não poderia ser o mais distante disso.

Logo depois do incidente com Renato, precisei comprar um novo celular, visto que ele arremessou o antigo pela janela. Menti para todos que fui assaltada e assim segui os meus dias. Eu não tenho mais o número de Felipe e nem ele tem o meu. Nossas vidas, outrora tão entrelaçadas, agora não possuem mais nenhum vínculo em comum. Mesmo assim, ele nunca me procurou, desde então. Jamais foi atrás de mim, embora saiba onde eu moro. Talvez já tenha seguido em frente.

Eu, por outro lado, só consigo me perguntar quando vou conseguir esquecê-lo por completo e

se realmente vou.



Vanessa corre na minha direção com um sorriso enorme no rosto e os braços bem abertos, sem se importar com o fato de estarmos no meio do shopping. Cedo à vontade de rir e abraço em meio a gargalhadas. Dane-se se parecemos duas loucas! Hoje é um dia especial. Finalmente tive uma notícia boa depois de uma maré ruim!

— Amiga, parabéns!!! Eu sabia que você ia conseguir essa vaga!

— Obrigada, Nessa! Se não fosse por você...

— Ai, fica quieta! — Ela desfere um tapinha contra o meu braço. — Vamos, precisamos fazer um brinde para comemorar! Tem um restaurante que está com promoção de Chopp.

— O quê? — pergunto, forçando um tom teatral. — A maior natureba de todas querendo beber no meio da tarde de uma terça-feira? Ai, meu Deus! Quem é você e o que fez com a minha melhor amiga?

— Tonta! É só em ocasiões especiais, não se acostume!

Enganchando o braço no meu, ela me guia em direção à escada rolante, com o inabalável bom humor de sempre. Vanessa está vestindo o uniforme da boutique onde trabalha e isso nos deixa severamente destoantes. Enquanto eu uso um vestido branco com a cintura marcada e sapatilhas, aproveitando o clima consideravelmente agradável desta semana; ela está tão arrumada com seu conjunto social preto que poderíamos muito bem sair daqui direto para um barzinho.

Pedimos dois Choppes e escolhemos uma mesa afastada das demais, na praça de alimentação. Pela primeira vez em dias eu me sinto leve como uma pluma flutuando ao vento. Consigo até mesmo ver um lampejo de esperança lá na frente. “As coisas vão melhorar”, penso comigo mesma, deixando a bolsa sobre a cadeira vazia.

— Chegando em casa, preciso ligar para os meus pais para dar a notícia... Eles vão ficar super felizes!

Vanessa sorri para mim, erguendo a caneca no ar. Empertigo-me, imitando o movimento, com um sorriso enorme no rosto.

— Um brinde ao arco-íris depois da tempestade!

— Até que enfim, né? — brinco, arrancando risadas dela.

Encosto o copo no dela, antes de levá-lo até os lábios. A bebida desce refrescante pela garganta, combinando com o clima mais ameno do começo da primavera.

— Dá para acreditar que ano que vem já é o nosso TCC? — pergunta Vanessa, com os olhos distantes.

— Nem me fale! Você já começou a pensar em algum tema?

— Ainda não tenho a menor ideia! E você?

Beberico um pouco mais do *Chopp*, pensando nisso pela primeira vez, de fato.

— Um dos motivos para eu ter escolhido o curso foi porque, no ensino médio, eu achava tudo tão bonito... nossas células, os tecidos... são tão complexos. Eu adorava os desenhos que os professores faziam...

— Eu também! — Vanessa concorda com a cabeça, sorrindo.

— Deve ser um desafio ensinar biologia para uma criança com deficiência visual, né? Acho que quero algo relacionado a esse tema, não sei...

— É por isso que eu te amo, Madu! — brinca. — Você é foda!

Então, em meio a risadas constantes e várias rodadas de *Chopp*, a conversa flui por assuntos diversos. Desde faculdade até nossas cidades natais e as melhores séries na *Netflix*, do momento. Eu não posso deixar de constatar, em determinada altura, o quanto é bom experimentar a leveza novamente.



FELIPE — DECISÃO

Desligo o notebook, afastando a cadeira da mesa o mais silenciosamente possível. Fechando os olhos para fugir da tontura que me acertou em cheio, respiro fundo e levo os dedos trêmulos ao nó da gravata, afrouxando-o. Logo em seguida, subo as mangas da camisa, desesperado por tentar me livrar do calor exacerbado subindo pelos meus órgãos internos. Diminuo a temperatura do ar condicionado e apoio os cotovelos sobre a superfície da mesa, enquanto espero o mal-estar me abandonar.

Não é a primeira vez no dia e estou certo de estar longe de ser a última. No entanto, nem mesmo isso é capaz de abalar a minha determinação. “São apenas alguns obstáculos”, penso comigo, concentrando-me para não vomitar aqui mesmo.

Os segundos correm tranquilamente, ao passo em que eu permaneço à mercê do meu corpo. Aguardando uma melhora, juntando a segurança necessária para me levantar sem correr o risco de ser arrastado para o chão. Eu tenho uma parcela de culpa nisso tudo, afinal, não estou conseguindo colocar comida alguma para dentro. Embora eu tenha consciência sobre a

necessidade de me forçar a comer, não o faço a menos que esteja trêmulo de fraqueza, como agora.

Constato animado que o mundo parou de girar e, com isso, levanto-me com uma nova dose de confiança. Pé ante pé, caminho até a porta, recostando-me no batente e cruzando os braços sobre o peito. Não posso refrear a nesga de decepção a me dominar tão logo meus olhos recaem sobre Jéssica, dando-me um choque de realidade. Já conta um tempo relevante desde que Madu deixou de fazer parte da minha vida e mesmo assim é difícil abandonar a sensação de que ela estará sentada na escrivaninha, concentrada no trabalho, os cabelos loiros presos no alto da cabeça de maneira desconcertantemente sexy. Ao invés disso, existe a minha nova estagiária, uma garota dedicada e talvez muito tímida, que estremece sempre quando eu me aproximo demais de sua mesa de trabalho.

Balanço a cabeça em negativa, deixando escapar um suspiro audível, o qual a indica a minha presença. Aprumando-se na cadeira com uma expressão de pavor estampando os traços harmônicos, Jéssica pigarreia antes de me perguntar titubeante:

— P-precisa de algo, senhor Antunes?

— Não, obrigado. — Sorrio para confortá-la. — Vim apenas avisar que já deu o horário.

— E-eu só vou terminar de redigir esse documento e já vou — sua voz falha no final.

Confiro as horas no relógio em meu pulso e arrisco alguns passos em direção a ela. No mesmo instante, Jéssica desvia o olhar, visivelmente nervosa. *“Por Deus, eu fiz algo para deixá-la assim?”*, pergunto-me, desconcertado com a forma como a afeto. Repousando os dedos sobre a mesa, procuro o seu olhar, deixando-a ainda mais perplexa.

— Pode terminar amanhã, tudo bem. Já fez o bastante por hoje. Além do mais, vai acabar perdendo o ônibus.

Jéssica assente, com a cor se esvaindo do rosto, parecendo completamente focada em encarar as próprias mãos. Desistindo de tentar manter um diálogo natural entre nós dois, meneio a cabeça, girando nos calcanhares para sair daqui.

— Ah, sim, você consegue trancar tudo sozinha, por favor? — pergunto, estacando no caminho. — Tenho um compromisso agora, não vou poder te esperar.

— C-claro, senhor Antunes.

— Qualquer coisa pode chamar a Leonor, tudo bem?

— Ok.

Sorrio, acenando brevemente com a cabeça em despedida e então saio em passos apressados.



Fecho a porta atrás de mim, sentindo o cansaço recair sobre os ombros. Foi um dia estressante ao extremo, mas finalmente poderei descansar. Encontro o vazio do meu lar e sinto uma pontada no peito, sabendo exatamente *quem* está faltando aqui. Com um pesado suspiro, começo a subir o lance de escadas e, conforme me aproximo do terceiro andar, as risadas de Leonor se tornam mais altas.

Quando chego à sala de televisão, onde a encontro, o sorriso já ocupa todo o meu rosto, indo de orelha a orelha. Eu não teria a menor chance sem essa segunda mãe dada pela vida, estou certo disso.

Tiro a camisa de dentro da calça e percorro a distância até o sofá, jogando-me contra ele ao seu lado para só então perceber no fato de se encontrar ocupada com as agulhas de crochê. Deus sabe que todos os tapetes que já tive na vida foram feitos por Leonor. E aí de mim se eu porventura comprasse algum na rua.

Pausando o filme de comédia ao qual estava assistindo, ela me encara cheia de expectativa.

— Quero saber tudinho! — afirma, arrancando-me uma risada. — Como foi a terapia?

Recosto a cabeça sobre o seu ombro, surpreso por ter gostado tanto. Quero dizer, eu realmente precisava colocar para fora toda a angústia me assolando. E foi ótimo ter alguém disposto a ouvir. Mais do que isso, alguém disposto a ajudar. Tento buscar na memória se alguma vez na vida já me senti tão bem com algum terapeuta e descubro que não, jamais havia experimentado a maravilhosa sensação de estar em paz comigo mesmo. A cabeça silenciosa, sem os sons aterrorizantes de um passado que já deveria ter ficado há muito tempo para trás.

Conto para Leonor, sem deixar escapar nenhum detalhe, a forma maravilhosa como estou me sentindo agora e o quanto a sessão me ajudou. Sua animação em ouvir a sabatina me contagia e, com isso, vem a certeza de estar fazendo a coisa certa. Ou melhor, vem a reafirmação necessária para me manter firme e forte nesta complicada etapa de me adaptar ao tratamento.

— E os remédios, ainda tão dando enjoó?

— Um pouco... — admito, sem me deixar abalar, porém. — Estive sonolento durante todo o dia e passei mal um punhado de vezes, mas seria desonesto da minha parte fingir que não está me fazendo nenhum bem.

— Você já percebeu alguma mudança?

— Algumas, acho. — Uno as sobrancelhas, pensativo. — As vozes na minha cabeça finalmente silenciaram... me sinto mais bem disposto... menos explosivo... e, com certeza, mais otimista! E você, reparou em algo?

— Menino, e como! — brinca ela, gesticulando. — O verdadeiro Felipe finalmente voltou! Deus me livre, parecem duas pessoas diferentes, sabia? Até a sua postura muda, sua expressão... dá pra ver nos seus olhos que está mais leve, mais tranquilo.

— Que bom. É um alívio saber que estou melhorando.

— Você está fazendo a coisa certa, meu bem!

Deixo um beijo na bochecha de Leonor e tomo um impulso para me levantar.

— Vou te deixar assistir ao filme em paz. — Pisco para ela, sorrindo. — Boa noite!

— Tudo bem, querido. Durma bem!

Apesar de não passar das oito, não menti sobre estar prestes a me deitar. O meu corpo ainda não se habituou à medicação. Desde que retomei o tratamento, não tenho mais energia para me exercitar durante a semana. O trabalho tem me consumido além do normal. Além do mais, ainda tem Jéssica e a polidez necessária para lidar com ela sem abrir margem para deixá-la ainda mais contida em minha presença.

Atravesso o quarto, desabotoando a camisa o mais depressa possível. Instintivamente, caminho até o criado-mudo, atraído pelo mais novo componente da decoração. Sobre ele, um porta-retratos jaz solitário, chamando atenção em sua moldura feita com rolhas de vinho. Tão logo meus olhos estudam a foto, é impossível dominar um sorriso.

Nela, Madu e eu nos encontramos no restaurante Sapé. Essa é a nossa primeira e única foto juntos. Minha cabeça está repousada sobre o ombro dela, como eu fizera há pouco com Leonor. Ela está bonita de um jeito radiante, os olhos esverdeados arregalados da forma como mais adoro. Nossos sorrisos, no entanto, são o que, de fato, chamam atenção. Parecemos tão felizes, tão completos, tão afortunados. Uma fígada no peito me deixa momentaneamente desnortado e preciso me sentar na cama.

Agarro o porta-retratos com as duas mãos, trazendo-o para mais perto de mim. Resvalo o polegar sobre a imagem dela, na tentativa vã de conter a saudade esmagadora aqui dentro. Pelos sete infernos, existem os dias em que quase não consigo aguentar. Contudo, uso estes momentos de dor extrema como combustível para me manter firme na minha recuperação. Quero dizer, a situação toda só chegou aqui por uma razão: a minha inconsequência.

Maria Eduarda me disse algo que reverberou nos meus tímpanos por dias depois de ela ter ido embora: não existe outro caminho além desse. Não há como fugir. Apesar de ter sido praticamente engolido pela amargura, o choque de não tê-la mais presente foi necessário para me mostrar o quanto eu ainda poderia perder, caso continuasse em negação. Afinal, qual era probabilidade de todos ao meu redor estarem equivocados e eu não? Quando percebi isso, entendi que precisava desesperadamente de ajuda.

Admitir é o passo mais doloroso, no entanto, uma vez que você o faz, fica fácil partir para a etapa seguinte. Dirigi até a casa dos meus pais e, pela primeira vez em muito tempo, ofereci abertura para que eles pudessem verdadeiramente se aproximar de mim e me oferecer suporte. Ao contar a minha decisão, o alívio ficou estampado no rosto dos dois. Eles foram comigo na primeira consulta, como forma de apoio.

Leonor também foi fundamental na caminhada. As reações adversas acarretadas pelos remédios foram cruéis já desde o primeiro dia. Mas ela permaneceu aqui, dia após dia, disposta a sentar e conversar, como sempre esteve. Não me deixou vacilar, mesmo diante das adversidades.

Porém, não é apenas por eles que estou fazendo isso, tampouco por mim mesmo. É *também*, mas a verdadeira força-motriz por trás desta importante decisão é Maria Eduarda. Ela é a razão principal para eu levantar da cama diariamente e vencer todos os infortúnios. Ela é a motivação, mesmo quando estou a um fio de desistir.

Madu fez muito por mim e eu nem estou me referindo ao fato de ter vindo morar aqui. Ah, não! Vai muito além disso. Se hoje eu não mais pereço na escuridão do passado, é graças ao seu amor infindável. Sua entrega sempre foi sincera e completa. Eu devo isso a ela, por trazer vida onde só existiam ruínas. Por ter me despertado de uma longa hibernação.

É por Madu. Por ela eu vou melhorar. Serei tudo o que ela merece e nada menos que isso.



MADU — ANIVERSÁRIO

Pigarreio, desconcertada, segurando a sombrinha nervosamente sobre a cabeça para me proteger da chuva. Os meus pés e pernas se encontram encharcados depois de minutos a fio passados nesta mesma posição, mas sinto-me incapaz de sair daqui. À frente, a mansão onde tenho um punhado de recordações se projeta de maneira imponente, como se me desafiando a entrar. Respiro fundo, alternando as pernas a sustentarem o peso do corpo.

Contrariando todos os conselhos dados pelo meu subconsciente, saí de casa decidida a conversar com Felipe para tentar convencê-lo a retomar o tratamento. Quero dizer, quão idiotas somos por jogar a nossa história no lixo assim tão fácil? Céus, eu o amo demais e, embora os dias tenham se transformado em semanas e as semanas em meses, desde que sai daqui, o sentimento não diminuiu. Pelo contrário, a angústia tem crescido exponencialmente.

Então por que é tão difícil percorrer o caminho até o escritório e encarar os penetrantes olhos de safira? Talvez eu simplesmente não esteja preparada para lidar com a intensidade deles. Ou quem sabe eu esteja com medo de Felipe ter seguido em frente.

Por Deus, que tortura sem fim! Hoje é a droga do meu aniversário e nada está como eu imaginei! Todos os planos maravilhosos feitos para esse dia envolviam Felipe. Todas as possibilidades foram por água abaixo.

Movida pelo amargor, avanço pelo trajeto percorrido tantas outras vezes. Atravesso o ornamentado portão e sigo pelo caminho no jardim impecável, ladeado por pedregulhos brancos. Abandono o guarda-chuva do lado de fora da porta e, prendendo a respiração, entro para a recepção.

Meus olhos são instantaneamente atraídos para a nova secretária. *“Será que ela é uma estudante de direito?”*, penso comigo mesma, sem compreender a razão para isso me chatear tanto. Seus cabelos castanhos caem em cascatas pelas costas, em ondas tão perfeitas quanto se tivesse acabado de sair de um salão de beleza. As maçãs do rosto são acentuadas e os lábios têm o formato de um coração. Engulo em seco, ignorando o fato de ela ser realmente bonita e tentando me convencer que isso não significa nada.

Fitando-me por trás dos óculos, ela me recebe com um sorriso tímido responsável por revirar o meu estômago. Ela bem poderia seguir carreira de modelo, tenho certeza disso. *“Céus, Madu! Isso não significa nada. Ela apenas trabalha aqui!”*, tento me tranquilizar, porém o meu subconsciente completa: *“tal como você, um dia”*.

— Eu... — minha voz morre no ar e eu preciso limpar a garganta para buscá-la novamente em algum lugar dentro de mim. — Eu estou procurando por Felipe.

— Ah, sim. Você tinha um horário marcado?

— Não. Apenas estava passando por aqui e resolvi... hum... somos conhecidos. Na verdade eu trabalhava aqui, assim como você! — mordo o lado de dentro da bochecha, para refrear a língua. Inferno, por que eu falei tudo isso para ela?

A secretária faz uma expressão confusa, assentindo com a cabeça. Ela parece hesitante.

— É que o senhor Antunes não está na cidade hoje... ele viajou a trabalho. Posso deixar o recado, se você quis...

— Não! — interrompo-a. — Não será preciso. Obrigada! — Dou uma risadinha nervosa, sentindo-me uma maluca. Depois disso, com a certeza de ter atingido a cota de estranhezas do dia, dou alguns passos para trás, querendo acabar logo com isso. — Bom, já vou indo. Obrigada outra vez!

Sem dar a oportunidade de ela responder, praticamente corro para fora, agarrando a sombrinha e desejando me afastar o mais rápido possível daqui. Depois de aproximadamente duas quadras, cedo ao peso das pernas e sento no meio-fio, arrasada. As lágrimas pululam dos olhos, com a mesma intensidade com a qual as gotas da chuva caem do céu.

Por alguma razão misteriosa até mesmo para mim, ter vindo ao Batel despertou os piores sentimentos possíveis. Onde eu estava com a cabeça? Quero dizer, não é obvio que ele não me quer mais? Caso contrário já teria arrumado um jeito de me procurar. Ele preferiu seguir em frente, como eu já deveria ter feito há muito tempo.

A cadência da precipitação diminui consideravelmente enquanto permaneço deprimida, no meio de uma rua estranha. Então tenho um choque de realidade ao refletir sobre o quão patética devo estar neste momento. Molhada, perdida, desolada. Por isso, em um rompante, levanto-me, pronta para retornar ao conforto do meu lar.

Essa é a deixa para o fim. Usarei este dia como o marco. O término de um ciclo importante na minha vida. Eu amei Felipe intensamente e fiz tudo o que estive ao meu alcance. E, apesar de ainda nutrir os mesmos sentimentos puros aqui dentro, preciso reconhecer que é chegada a hora de prosseguir. Afinal de contas, depois de um ponto final tem sempre um novo parágrafo apenas aguardando para nos mostrar todas as oportunidades existentes.



Desligo o celular, após falar por alguns minutos com os meus pais. Alcanço o notebook na mesa e me dirijo ao sofá, vestindo o meu pijama mais confortável e com a toalha ainda enrolada na cabeça.

Diferente dos nossos eventuais telefonemas, desta vez eles pareciam aéreos. Tanto mamãe quanto papai desejaram felicitações típicas de aniversário, como “que você seja muito feliz” ou “espero que viva muitos anos e tenha muita saúde”, entre outra infinidade de palavras as quais pareciam decoradas. No entanto, o que mais me incomodou foi o fato de ambos terem encerrado o diálogo o mais brevemente possível. Até mesmo o meu pai, que costuma ser mais prolixo. Quase como se não quisessem verdadeiramente conversar comigo e estivessem ocupados demais para isso.

Eu sei, parece dramático afirmar algo assim, mas hoje está sendo um dia de cão e queria apenas um pouco de atenção. Somente assim conseguiria me afastar desse buraco onde, por conta própria, estou me enfiando. É exatamente por isso que, antes de ligar o computador, alcanço o celular e abro no *WhatsApp*, clicando na foto de Vanessa para digitar em seguida: “Nessa, o que vamos fazer essa noite?”.

Alguns segundos depois, a resposta chega como um balde de água fria. “*Madu, sinto muito! Uma vendedora do turno da noite faltou e como hoje é fechamento de meta, vou precisar cobrir a falta*”.

Permaneço encarando o visor do celular por algum tempo, sem me conformar com a minha falta de sorte. Nós havíamos combinado de matar aula na faculdade para comemorarmos o meu aniversário e ela ficou de vir aqui quando saísse do trabalho. Santo Deus, está bem que é o meu inferno astral, mas precisava dar tudo errado de uma só vez?

“Ai, não fala isso, por favor! Esse é o pior aniversário de todos! Ser adulto é uma droga!”, mando, tentando pensar em uma alternativa para o resto do dia que seja diferente de me entupir de porcarias enquanto choro assistindo a algum filme na *Netflix*. Meu celular vibra e, desanimada, leio a última mensagem dela: *“Espero que fique bem!”*.

Bufo, abrindo o notebook para ligá-lo. Raspo os dedos nas teclas, com a mente inquieta. Será que Felipe ao menos se lembra de que hoje é o meu aniversário? Será que, mesmo por um segundo, ele pensou em mim hoje? Se ele soubesse o quanto o meu dia está uma droga, ele me procuraria apenas para eu me sentir melhor?

“Não seja ridícula, Madu”, meu subconsciente zomba e sou obrigada a concordar. Como se ele Felipe se importasse com alguém...

Ao abrir o navegador, deparo-me com a notícia em destaque, responsável por roubar todo o fôlego dos pulmões. Enrijeço no lugar, lutando para acalmar o coração batendo desenfreadamente.

EX-DIRETOR EXECUTIVO DA POLIBEV PERMANECE PRESO APÓS SER OUVIDO EM AUDIÊNCIA

Empresário da maior cervejaria da América Latina é acusado de tentativa de estupro e agressão

Fisgo o lábio inferior, sentindo os olhos umedecerem. Abro a matéria completa e, conforme leio o conteúdo, sou tomada por um misto de alegria e alívio. Felizmente, a minha identidade foi preservada, mas, além de mim, existem mais duas denúncias contra Renato Monteiro. Ao pensar que Felipe o estava defendendo contra outras mulheres que foram vítimas, assim como eu, um arrepio desce pela espinha. Ainda bem que ele caiu em si, ou acabaria cometendo uma injustiça sem tamanho.

Eu entendo, essa é o trabalho dele. Porém, no fim das contas, o que vale mais? O status de ser bem sucedido profissionalmente, ou ter a consciência limpa e poder dormir com tranquilidade à noite, por não ter ajudado a manter um homem como Renato a solta?

Balanço a cabeça em negativa, resistindo à tentação de procurar mais informações sobre o caso. Eu prometi para mim mesma, há algum tempo, afastar-me o máximo possível das notícias, a fim de evitar o sofrimento. O que passou deve ficar para trás, pois não existe lugar mais

adequado. Nada jamais mudará o terror causado por Renato. O melhor para fazer a respeito é esquecer, afinal, é como dizem: a vida precisa seguir.

Só então me dou conta do quanto a notícia teve um reflexo positivo sobre mim. A justiça está sendo feita! Saber disso é revigorante e serve como uma nova injeção de ânimos. Mesmo momentaneamente, consigo me esquecer dos detalhes ruins de hoje e me agarrar à esperança. Ainda tenho a noite toda para reverter a perspectiva deste aniversário.

Navego pelo *Facebook* por muito tempo, distraíndo-me com toda a sorte de conteúdos inúteis e me pego até mesmo rindo com algumas imagens. Leio e respondo todas as congratulações no meu mural, sem conseguir me livrar da decepção por não encontrar nenhum parabéns sequer de Felipe. “*Mas por que ele faria isso, afinal de contas? Não temos mais nada...*”, penso comigo mesma, exatamente quando recebo uma nova notificação.

Com um longo bocejo, abro a caixa de mensagens sem esperar muita coisa e qual não é a minha surpresa ao descobrir que a mensagem veio justamente dele?

Ai, meu Deus!

Felipe: Eu preciso concordar com você, essa casa causa arrepios. Morar aqui jamais foi tão solitário...

Esfrego os olhos, apenas para me certificar de que não foi uma peça pregada pela minha mente devastada pela saudade.

Endireito-me no sofá, ajustando o notebook no colo. Um sorriso aparece no meu rosto e eu nem tenho tempo de ralar comigo mesma por jogar o orgulho no lixo.

Madu: Ao menos concordamos em algo.

Felipe: Muito mais do que você imagina... como foi o seu dia?

Madu: Nada extraordinário. Gostava mais de fazer aniversário na época em que as festas eram temáticas.

Felipe: hahahah

Felipe: Se isso te consola, o meu dia também foi horrível.

Madu: Na verdade consola, sim. Obrigada!

Felipe: Sempre muito doce...

Madu: Estou brincando!

Madu: Ou não...

Madu: Por que teve um dia ruim?

Felipe: Bom, ironicamente hoje faz dois meses que te perdi outra vez.

Felipe: Não é exatamente a minha data favorita no mundo.

Começo a digitar umas três vezes e estaco, afogada em um mar de sensações contraditórias. Só percebo estar roendo as unhas quando acabo deixando uma delas muito curta. Fecho os olhos, contando até dez para me acalmar. Mas o fato é que eu não consigo. Meu corpo todo anseia desesperadamente por Felipe, desde o dia em que coloquei um fim em tudo. E isso foge do meu controle.

No entanto, eu simplesmente não sei o que responder. Afinal, dois meses já se passaram! Droga, por que ele precisou esperar tanto para dar o primeiro sinal de vida? Qual a droga do problema dele?

Felipe: Quero muito conversar com você!

Felipe: Te devo algumas explicações...

Madu: Humm...

Felipe: Não estou pedindo para me perdoar, nem para voltar comigo. Apenas... me ouvir.

Felipe: É muito audacioso da minha parte querer levar a minha ex-namorada para jantar no aniversário dela?

Madu: Depende.

Madu: Se estiver pensando em um lugar como aquele Sapé, até podemos negociar...

Madu: Caso contrário, sem chance nenhuma!

Felipe: Sério que a comida é mais importante que a minha companhia?

Madu: Você me conhece o suficiente para saber que... SIM!

Felipe: hahaha

Felipe: Bom, já é alguma coisa!

Felipe: Te busco às oito?

Madu: Oito está ótimo para mim.



MADU — FELICIDADE

Estou colocando os brincos quando o som da campainha me faz saltar no lugar, de susto. Fecho os olhos e conto até dez na tentativa de diminuir o ritmo frenético com o qual o coração bombeia sangue para o corpo. Céus, minhas mãos estão soando tanto!

Respiro fundo e caminho sobre os *scarpins* Valentino dados por Felipe na época em que nós ainda tentávamos nos enganar, fingindo não termos interesse um no outro. Confiro pelo olho mágico, apenas por desencargo de consciência. Depois do evento traumático com Renato, eu adquiri uma paranoia imensa, da qual não consigo me livrar de maneira alguma.

É impossível dominar um sorriso ao contemplar Felipe parado ao lado de fora, parecendo tão nervoso quanto eu — ou talvez até mais. Abro a porta de uma vez e meu estômago revira de excitação ao sentir o perfume dele vindo de encontro ao meu rosto. Fico momentaneamente desnorreada.

Um sorriso enorme rasga os lábios de Felipe, revelando os dentes bem alinhados. Ele veste um terno italiano azul marinho de corte impecável, com a camisa de trama xadrez por baixo da

gravata *slim* bordô. Percebo suas duas mãos para trás, como se estivesse trazendo algo consigo.

— Por Deus, você está deslumbrante! — sussurra ele, despertando-me do transe.

Pensei em usar um dos meus vestidos mais formais, mas, ao invés disso, aproveitei o fato de morar perto do *shopping Mueller* para correr em busca de algo capaz de surpreendê-lo. Escolhi um macacão branco com detalhes no decote em *guipir* azul marinho que aparenta ser feito sob medida para mim. E, bem, deu certo! Vejo a surpresa nos seus olhos e isso faz as borboletas no estômago voarem em todas as direções.

— Você também!

— Posso entrar?

— Er, é claro que sim! — fisgo o lábio inferior, sem conseguir compreender a razão para estar tão tímida com ele. Sinto-me como uma adolescente indo ao primeiro encontro.

Dou alguns passos para trás, saindo do caminho. Felipe entra, fechando a porta atrás de si e, no segundo seguinte, estende um imenso buquê de lírios brancos para mim. Arfo em surpresa, tomando-o nas mãos e afundando o rosto nele, a fim de sorver o perfume leve e adocicado. É a primeira vez que ele me dá flores! Felipe não faz exatamente o tipo romântico, eu sei, por isso é impossível me livrar do sorriso idiota. Amo quando ele se esforça para me deixar feliz... faz eu me sentir importante na sua vida e não apenas uma coadjuvante.

— São lindas! Obrigada!

— Sabe o significado delas? — pergunta ele, com um maravilhoso sorriso torto. Balanço a cabeça em negativa, magnetizada por sua presença. — Você vai saber... mas não agora. — diz, piscando para mim.

Meu coração perde uma batida e, tentando me esconder dos olhos desconcertantemente intensos, ocupo-me em encontrar um bom recipiente para o buquê.

Felipe se recosta contra a parede, colocando as mãos nos bolsos. A cada passo dado no minúsculo apartamento, sinto o peso do seu olhar me acompanhando. A sensação é a mesma de quando ainda estávamos nos conhecendo. É tudo engraçado e nostálgico e, embora eu tente manter firme na minha cabeça que a única condição para rearmos depende apenas dele, o meu coração parece já tê-lo recebido de bom grado. “*Droga, por que sou assim tão vulnerável ao efeito de Felipe?*”, pergunto-me, sem jamais descobrir a resposta.

Finalmente percorro a distância entre nós, parando em sua frente e Felipe oferece o braço em um gesto cavalheiro.

— Obrigado por aceitar o convite! — diz ele, ao sairmos do apartamento.

— Obrigada por me convidar.



○ restaurante escolhido por Felipe para passarmos o meu aniversário é quase um ponto turístico da capital paranaense, segundo ele. Chama-se *Terrazza 40* e fica no quadragésimo andar de um prédio, oferecendo uma linda vista panorâmica da cidade.

Ele reservou uma mesa em um ambiente mais privado do salão, ao lado das amplas janelas cuja visão arranca o fôlego. Lá fora, Curitiba é charmosamente iluminada por milhares de luzes. Não poderia existir um lugar mais perfeito para esta noite!

Felipe arrasta a cadeira para mim, sendo bem sucedido em me manter com um sorriso bobo-alegre no rosto. Então, quando está prestes a se sentar, ele tateia os bolsos. As sobrancelhas unidas indicam existir algo errado.

— Droga, esqueci a carteira no carro! Volto em um segundo! Que tal ir dando uma olhada no cardápio enquanto isso?

— T-tudo bem — murmuro, estranhando o fato de Felipe Antunes ter se esquecido de algo. Busco na memória se em alguma outra vez ele já fez algo parecido e constato que não, isso não condiz muito com a sua personalidade. Assisto-o girar nos calcanhares e fisgo o lábio inferior, sem conseguir entender a razão para o meu coração estar tão acelerado assim.

Embora eu prefira esperá-lo voltar para decidirmos o nosso pedido, faço o que ele sugeriu, apenas para me distrair deste nervosismo bobo me dominando desde que Felipe entrou em contato comigo, hoje à tarde.

Ao abrir o cardápio, encontro um bilhete escrito à mão, com a caligrafia dele. “É tudo por você!”, leio, embora a minha visão já esteja embaçada pelas lágrimas. Pigarreio, espalmando uma das mãos sobre o coração. Com a outra, pesco o papel timbrado dobrado ao meio, logo atrás do bilhete. Trata-se de um laudo médico. Sei disso pela assinatura acompanhada do CRM, no final. Conforme absorvo as palavras, descubro que Felipe retomou os medicamentos para o Transtorno Bipolar, não há uma, nem duas semanas; mas sim há um mês e meio. E que, de acordo com o psiquiatra, ele já se encontra estabilizado e com a dose de lítio nivelada. Além do mais, já conta quinze dias desde o último episódio de mania. Os intervalos tendem a ser cada vez maiores, até que praticamente cessem.

A esta altura, as lágrimas correndo pelas minhas bochechas são tantas que eu tenho certeza de estar com a maquiagem arruinada e os olhos parecidos com os de um urso panda. Pego o segundo papel timbrado, desta vez da terapeuta. Com a respiração entrecortada, leio sobre o quanto ele está dedicado ao tratamento dele. É uma grata surpresa digerir todo o conteúdo à minha frente.

Quero dizer, não é como se Felipe estivesse me oferecendo promessas vazias; mas sim as provas concretas de que ele se agarrou a minha condição para ficarmos juntos. Conforme sou tomada pelo entendimento, mais os membros do corpo tremem. Estes dois meses nos quais não me procurou não foi por estar seguindo em frente, como eu imaginava. Ele jamais deixou de pensar em mim! Santo Deus, acho que vou enfartar!

O meu celular começa a tocar, buscando-me para a realidade novamente. “O que está acontecendo?”, penso comigo mesma, olhando ao redor para ver se ele já está chegando. Resignada, atendo a chamada para descobrir ser a voz dele do outro lado da linha. Antes que eu consiga parar para pensar que ele não deveria ter o meu número novo, pego-me perguntando com a voz falha:

— Fê, c-cadê você? Eu... o que está acontecendo?

— Meu amor, preciso que você olhe pela janela, lá em baixo... — pede ele, com a ligação cortando, e desliga em seguida.

Tremendo dos pés à cabeça, levanto-me e percebo que minhas pernas estão com consistência de geleia de mocotó. Prendo a respiração ao me aproximar do vidro e, ao olhar para fora e encontrar o que Felipe queria me mostrar, o mundo inteiro parece parar.

Sou tomada pela emoção no estado máximo e não sei escolher se rio ou se choro, por isso acabo fazendo os dois. Lá em baixo, um enorme letreiro luminoso pisca ininterruptamente com os dizeres: casa comigo?

Meu coração martela furiosamente dentro da caixa torácica, chega a doer. “Minha nossa, minha nossa, minha nossa!”, são as únicas coisas que consigo pensar, incapaz de esboçar a menor das reações.

Ouçoo um suave pigarrear atrás de mim, responsável por uma nova onda de adrenalina. Agora não somente as pernas estão moles, como todos os membros. Estou entrando em fusão. Giro nos calcanhares, encontrando Felipe com o sorriso mais lindo do mundo.

Ele avança até ficar bem pertinho e, quando se ajoelha na minha frente, não posso evitar levar as mãos à boca.

— Eu fui um idiota por não perceber antes o quanto estava doente... e, com isso, quase joguei fora o que tenho de mais valioso. Maria Eduarda, você salvou a minha vida! Eu estive perdido por muito tempo, rumando sem direção... mas, agora, tudo passou a fazer sentido. Você enxergou algo bom em mim e me deu um motivo para lutar por uma batalha que eu já tomava como perdida. Eu quero ser uma pessoa melhor! — Ele enfia a mão direita dentro do bolso do paletó e, ao tirá-la de lá de dentro, está com uma caixinha preta de veludo segura nos dedos. — Se eu conheço a felicidade hoje, é graças a você, Madu! É tudo por você, minha menina!

Ele toma impulso para se levantar e só então percebo que também está chorando — não na mesma intensidade que eu, é claro, mas, definitivamente chorando. Usando as costas da mão para secar as maçãs do rosto, ele avança mais um passo, parando bem próximo de mim. Posso até sentir sua respiração ricochetear contra o rosto.

— Me deixa te fazer feliz do mesmo jeito que você me faz! — sussurra, com o sorriso ainda firme no rosto e, logo em seguida, abre a caixinha, revelando um delicado e maravilhoso anel de diamante.

Tento responder, porém me encontro estupefata. É como se um gato tivesse comido a minha língua. Por isso, tudo o que faço é puxá-lo para um abraço. No mesmo momento, seus braços se fecham ao redor da minha cintura, com força. Busco seus lábios, sedenta de saudade. Felipe corresponde ao beijo com ternura, fazendo-me esquecer de tudo em volta.

— Eu aceito! — assopro contra sua boca, finalmente encontrando a voz.

— Eu te amo!

— Eu também te amo!

Seu sorriso se alarga um pouco mais, se é que existia como. Felipe toma a minha mão entre as dele, deslizando a joia pelo dedo anelar. É então que uma salva de palmas irrompe ao nosso redor, deixando-me mortificada. Meus olhos desviam dele — pela primeira vez desde que chegamos — para a segunda explosão de sentimentos da noite. A poucos metros de distância vejo os pais dele, Leonor, e...

Ah, minha nossa, são... os meus... *pais ali?* E... Vanessa?

Voltando a chorar como uma louca, atiro-me contra os braços de mamãe, cujos olhos aparentam estar tão inchados quanto os meus, sem conseguir processar mais nenhuma informação sequer.

— Foi maravilhoso, filha! Você merece!

Papai completa o abraço e assim permanecemos, por minutos a fio. Logo em seguida sou arrastada para os braços da minha melhor amiga, também de olhos injetados.

— Ai, meu Deus, Madu! Parecia cena de filme! — diz ela, contra o meu ouvido.

— Eu sei! Ainda estou com medo de tudo isso ser um sonho e eu acordar na minha casa a qualquer momento!

Vanessa me belisca com força, fazendo-me soltar um gritinho de dor.

— Não é um sonho! É a coisa mais linda que eu já vi na vida. — Ela suspira, com os olhos sonhadores.

E, mesmo depois de cumprimentar Leonor e os pais de Felipe, minha cabeça permanece aérea, digerindo o fato de todos terem sido cúmplices do melhor dia da minha vida! Meus pais

estiveram estranhos ao telefone, Vanessa mentiu sobre o trabalho... Felipe esteve por trás de tudo!

Ao procurar suas íris de safira, encontro-o me fitando significativamente e entendo: a felicidade está apenas começando.



MADU — PRESENTE

Felipe estaciona o carro em frente ao hotel onde os meus pais estão hospedados e descubro, estupefata, que eles já estavam em Curitiba quando conversamos pelo telefone, ainda hoje! Despedimo-nos deles, combinando de almoçar todos juntos amanhã, embora ainda não saibamos exatamente onde.

Observo-os sumir para dentro das enormes portas de vidro e, no mesmo instante, Felipe avança sobre mim e me beija. Ele segura o meu rosto com as duas mãos, provocando um arrepio gostoso em mim.

— Está feliz? — sussurra contra os meus lábios.

— Como nunca estive!

— Eu também! — Sua mão direita se enterra nos meus cabelos, indo em direção à nuca. —

Sou o homem mais sortudo do mundo por ter você, sabia?

— Você não me contou sobre o significado das flores! — lembro-me, dando um tapinha contra o seu peito.

— Você ainda não adivinhou? — ele força um tom ofendido e, ao que nego com a cabeça, prossegue. — Lírios brancos significam matrimônio. Ou, pelo menos, foi o que me falaram na floricultura!

Minha gargalhada preenche o carro, exprimindo exatamente o como me sinto.

— Você não existe!

— Existo, sim. Graças a você!

“*Meu senhor...*”, penso, sendo inundada por um calorão. O coração acelera como em um passe de mágica.

— O que foi? — ele pergunta, com um sorrisinho maroto.

— Eu tinha me esquecido do seu efeito intenso sobre mim...

— Mas já? — Felipe se inclina para frente, roçando os lábios na curva do meu pescoço em um movimento alucinante. — Dois míseros meses e já estava se esquecendo de mim. É isso mesmo?

— Hmmm.... — gemo quando ele dá uma mordidinha na pele sensível.

Para a minha surpresa, Felipe deixa um selinho na minha boca, voltando para o seu lugar. O movimento como um todo é tão rápido que levo alguns segundos para entender. Vendo a decepção no meu rosto, ele sorri e repousa a mão sobre a minha coxa.

— Acredite, quero isso tanto quanto você. Mas ainda preciso te mostrar o seu presente!

— O meu... o quê?! — meus lábios se separam em surpresa. — Felipe!

— Parece até que não me conhece... — diz, revirando os olhos.

Nossas risadas se fundem enquanto suas mãos vão até a gravata, desfazendo o nó em uma fração de segundo. Ele volta a se inclinar sobre mim, dessa vez para me vendar. Fico ligeiramente sobressaltada com a lembrança remetida por este simples gesto. Percebendo a minha reação, ele libera os meus olhos e noto que a cor foi drenada do seu rosto.

— Me desculpa. E-eu não...

— Shhhhh! — Sorrio. — Eu confio em você! Estou curiosa para saber o que preparou para mim!

— Tem certeza?

— Fê... — chamo, com voz de manha e arranco outro sorriso.

Dessa vez ele me venda para valer. Perco o ar dos pulmões quando Felipe passa a ponta da língua pelos meus lábios. Contorço-me inteira, sendo tomada pela excitação do momento, porém noto, sobressaltada, que ele já retornou ao banco de motorista.

O carro é ligado e, com um pequeno solavanco, começamos a nos locomover. Em meio a curvas que embaralham a mente, o meu pensamento vaga para as infinitas possibilidades do nosso destino. Mas a verdade é que se tratando de Felipe, ele sempre consegue fugir do óbvio.

— Ainda não caiu a ficha de que você reuniu as pessoas que mais amo essa noite... É sério, não poderia ter sido mais perfeito!

— Falei com a Vanessa primeiro... ela foi uma cúmplice e tanto, a propósito! Me ajudou a coletar informações para conseguir contatar os seus pais!

— Ela... Não acredito!

— Acredite. Depois liguei para a sua mãe e perguntei se poderia viajar até Cianorte para conversar com eles dois...

— Ai. Meu. Deus!

— Temi pela minha vida, para ser honesto... — diz ele, fazendo-me rir como uma criança. — Mas eles foram muito receptivos.

— Você está me dizendo que viajou pouco mais de 500 quilômetros para pedir a permissão deles?

— Isso é *exatamente* o que estou dizendo! Expliquei como eu queria fazer o pedido e disse que seria muito importante tê-los aqui. Devo salientar, inclusive, que seus pais não pensaram duas vezes!

— Era por isso que estava viajando... Passei no seu escritório hoje.

— Passou, é? — Seu tom curioso me arranca um sorriso. — Posso saber por quê?

— Porque estava doente de saudade de certo advogado...

— Então conheceu a Jéssica?

— Conheci. Aliás, foi muito bom tocar no assunto, Felipe! Como assim você contratou uma pessoa que, claramente, poderia estar nas passarelas?

Sua risada divertida me derrete por completo.

— Eu já disse que só tenho olhos para você, meu amor! E, mesmo se eu fosse um homem solteiro e estivesse interessado, nada aconteceria entre nós. Ela fica completamente apavorada quando estou por perto!

Perco o fôlego de tanto dar risada com a maneira ofendida com a qual ele proferiu as últimas palavras. Eu posso entender sua nova secretária, de toda forma. Eu também me sentia intimidada pela beleza desconcertante de Felipe. No entanto, fico aliviada em saber que não preciso me preocupar com ela.

O trajeto não leva mais de vinte minutos. Ouço a porta dele ser aberta e, no momento em que estou prestes a afastar a gravata dos olhos, sinto os dedos de Felipe se fecharem ao redor do meu pulso, para me impedirem de continuar.

— Ainda não...

Ele me segura pela cintura, guiando-me pelo caminho, o qual preciso fazer às cegas. Durante

o percurso, fico atenta aos sons, tentando descobrir o que exatamente está acontecendo. Sinto a pressão característica de um elevador e logo em seguida o som de uma porta sendo aberta.

Felipe empurra o meu corpo para frente com o seu e, pouco antes de tirar a venda dos meus olhos, sua respiração vem contra a minha orelha, arrepiando todos os cabelos da nuca deliciosamente.

— Feliz aniversário!

Minha primeira constatação é que se trata de um apartamento imenso. Contemplo o amplo hall de entrada, responsável por conectar as espaçosas salas de TV e de jantar. Com o coração quase saindo pela boca, caminho pelo piso de porcelanato, descobrindo detalhes que saltam aos olhos, como as luminárias de cristal ou os luxuosos papéis de parede decorando os cômodos.

Noto a escadaria levando ao andar superior, mas sou atraída para a imensa sacada, onde descubro, estupefata, estarmos na cobertura deste prédio. A vista é tão esplêndida quanto do restaurante onde estávamos — ou talvez até mais. Inspiro profundamente o ar fresco na noite, seguindo o caminho até me deparar com a varanda, cuja piscina reflete a luz da lua em ondulações suaves.

Embora eu já possua uma vaga ideia do que esteja acontecendo neste exato momento, não posso acreditar. Novamente, a situação parece boa demais para existir. Sinto-me como em um sonho maravilhoso do qual não quero acordar nunca mais. Giro nos calcanhares, encontrando Felipe a alguns centímetros de distância, com a expressão de cachorro sem dono que me deixa completamente louca.

— O que isso significa? — indago com a voz desafinada e percebo estar a ponto de chorar.

— Como assim?

— Por que você me trouxe aqui?

Ele sorri, segurando o meu rosto com a mão direita de maneira carinhosa. Seu polegar faz o contorno do lábio inferior delicadamente, como se o simples gesto fosse um enorme deleite para ele.

— Porque quero que conheça nosso lar.

— Eu... é o *quê*? — pergunto, já com lágrimas nos olhos.

— Você não gostava da minha casa... e nem eu, para ser honesto. Como vamos começar nossa vida juntos, nada mais justo que seja do zero. Queria que fosse uma surpresa, por isso escolhi sozinho. Mas vamos poder decorar com calma, do jeito que você preferir e...

— Puta que pariu, Felipe! — interrompo-o, chorando como uma criança e arrancando uma gargalhada deliciada dele.

— Venha, quero te mostrar o resto!

Apesar do estado catatônico, assinto com a cabeça, curiosa para explorar cada centímetro do cenário onde protagonizaremos a felicidade.

No andar superior, o primeiro cômodo apresentado por ele é o escritório. Felipe me explica que não atenderá ninguém em casa, mas gostaria de ter um lugar específico onde possa estudar os seus processos quando não estiver no expediente. Gosto da maneira como ele se mostra preocupado em ter o meu consentimento, pedindo a minha opinião sobre cada detalhe. Sinto um calor aconchegante subir pelo peito enquanto exploramos cada pedacinho do *nosso lar*.

Ele me mostra o closet, a pequena academia e cada uma das quatro suítes — uma delas destinada à Leonor — terminando pela suíte máster, com uma pequena sala acoplada e uma hidromassagem gigante no banheiro.

Passo os dedos pelo mármore da pia, boquiaberta. Céus, eu ainda nem me recuperei do pedido de casamento mais lindo de todos... Somente imaginar como será morar aqui com ele já me deixa com as pernas fracas. Mordo o lábio inferior, para tentar conter as novas lágrimas querendo escapar. Talvez eu tenha chorado mais hoje do que no ano inteiro, no entanto foi puramente de prazer!

Mesmo em frente a todas as dificuldades e pedras no caminho, eu olho para trás e fico feliz em saber aonde chegamos. E, se chegamos aqui, significa que o nosso sentimento foi grande o bastante para suportar todas as adversidades.

— O que achou? — a voz dele me busca para a realidade novamente.

Suas mãos sobem pelas minhas coxas, passando pela cintura e chegando aos seios, onde ele se mantém focado. Fecho os olhos, ao passo em que seus dedos afundam na minha carne, em movimentos que, aos poucos, incendeiam-me por dentro.

— Hein? — insiste e noto uma nesga de provocação em sua voz.

— Eu ame! Eu... estou sem palavras.

— Gosto assim...

Ele aperta o quadril contra o meu corpo, a fim de me mostrar sua ereção. Apoio as mãos no mármore, dobrando o tronco para frente e empinando o bumbum. “*Também sei as regras do jogo, meu amor*”, penso comigo mesma. Felipe solta um gemidinho baixo, deslizando o extenso zíper do meu macacão sem muita pressa.

Puxando o tecido com as mãos, ele me despe em uma fração de segundo, pegando-me no colo e, em seguida, deixando-me sobre a pia. Distribuindo beijos pelo meu pescoço, Felipe tira as próprias roupas com a mesma urgência que uma pessoa em estado de inanição teria ao ver um prato de comida. Seu desejo é ávido, insaciável. Quando ele se encaixa entre as minhas pernas, silencia o restante do mundo. Nada mais existe além de nós dois. Felipe tem o poder de aflorar as

melhores sensações em mim.

— Ah, Madu... eu te amo tanto!

Quero dizer que eu também. Quero dizer o quanto ele me completa e mais uma porção de coisas, porém limito-me a beijá-lo, entregando-me de corpo e alma para o homem capaz de dar um sentido à minha vida. Depois de tantas surpresas em uma única noite, permaneço emudecida. Não existem palavras para expressar essa felicidade esmagadora dentro de mim, não com a fidelidade merecida.



Inclino-me sobre as grades de vidro da sacada, inspirando uma boa lufada de ar. Observo o céu particularmente estrelado desta noite, enquanto tento me recuperar de tudo o que vivenciei. Foi *muito*. Felipe sempre foi intenso demais, em vários aspectos. E sua forma amar é apenas um deles.

Quanto mais eu penso sobre o fato de nossas vidas — díspares em tantos sentidos — terem se cruzado em dado momento, mais eu entendo a palavra que Felipe sempre usa quando se refere a nós dois. Afortunados. É exatamente o que somos.

Pelo canto dos olhos, vejo-o se aproximar devagarinho, novamente vestido. As íris translúcidas parecem em brasa ao me estudarem, com um sorriso torto nascendo no rosto.

— No que está pensando?

— Em tudo o que passamos até chegar aqui... — surpreendo-me ao ouvir as palavras pairando pelo ar.

Felipe se posiciona atrás de mim, apoiando uma mão de cada lado no vidro e repousando o queixo sobre o meu ombro.

— Eu sabia que estava encrencado quando te conheci... me lembro certinho, estava com um vestido azul um pouco indecente demais para uma entrevista de emprego, não?

Minha gargalhada ecoa ao nosso redor. Dou uma leve cotovelada contra as suas costelas, fazendo-o rir comigo.

— Seu tonto!

— E depois ainda veio com aquele papinho de “posso levar um biquíni?”, quando estávamos prestes a viajar... Porra, Madu, você me deixou louco naquele dia!

Solto um pouco do peso do corpo contra ele, aconchegando-me em seu tronco. Ela fecha os braços ao meu redor, na altura da barriga, mantendo-me segura.

— Que bom que a minha presença era tão importante naquela viagem... — suspiro, com um

sorriso no rosto. — Ela mudou tudo.

— Na verdade não era! Pelo menos não profissionalmente. — ele diz com tranquilidade ao passo em que eu permaneço com os lábios abertos em surpresa.

— O quê...? Mentira!

— Sério que você caiu mesmo nisso, Madu?

— Felipe, fala sério!

— Estou falando, ué. Eu ainda não tinha admitido para mim mesmo, mas apenas te queria por perto.

Permaneço emudecida, sem conseguir me livrar do sorrisinho idiota na cara. *“Ai, meu Deus! Jamais deixarei de ficar boquiaberta perto deste homem”*, penso, ainda incrédula.

Então Felipe aproxima um pouco mais o rosto da minha orelha. Estremeço ao sentir sua respiração na minha pele e fecho os olhos, extasiada.

— Obrigado — ele sussurra, com a voz rouca. — Obrigado por nunca desistir de mim.

— Na verdade, eu d...

— Shhhh — Felipe me interrompe. — Você é insuportavelmente tagarela, sabia? Eu estava prestes a me declarar! — Rio, descansando as mãos sobre as suas e ele toma a deixa para prosseguir. — Não foi isso o que aconteceu. Você cansou, com razão. E, se não tivesse me assustado indo embora de casa, talvez eu estivesse até agora me recusando a enxergar a realidade.

Felipe jamais foi ou será perfeito, assim como eu também não. Somos humanos, cometemos erros. Nem sempre é fácil fazer a escolha certa. E isso é *exatamente* o que torna tudo tão bonito: a escolha diária implícita em amar alguém. O fato de esquecermos nossos defeitos para focarmos apenas nos motivos que nos tornaram apaixonados. A força motriz nos guiando em direção um ao outro.

— Bom, agora é a minha vez! Obrigada por não desistir de mim, também. Por não ter ficado na zona de conforto, apesar de lá ser mais fácil.

A força nos braços dele aumenta consideravelmente e então eu sei: a felicidade terá sempre o seu perfume forte e marcante, seu estado de espírito brincalhão ou o seu toque ardente que me consome.

Certa vez ele me disse que era muito certo estarmos juntos e agora isso faz mais sentido do que jamais fizera.

Felipe Antunes não é apenas importante na minha vida.

Ele é a minha vida.



FELIPE — EPÍLOGO

2 ANOS DEPOIS

Pé ante pé, aproximo-me da sacada, tentando não ser descoberto. O vento vindo lá de fora agita as cortinas e avança pela sala, alcançando o meu rosto e me ajudando a despertar. Bocejo, esfregando os olhos a fim de afastar a sonolência.

Apesar de o sol sequer ter nascido, Madu já se encontra acordada. Não é a primeira vez essa semana, aliás. Tão logo percebi estar sozinho na cama, soube na hora onde encontrá-la. A sacada é como o seu esconderijo secreto. Ela sempre vem aqui quando precisa organizar os pensamentos, espairecer ou simplesmente não ser incomodada. O fato é que, tratando-se do último item, isso raramente acontece. Não consigo deixá-la em paz nem por um único segundo.

Ela permanece inclinada para a frente, imersa em devaneios. Os cabelos, recentemente tingidos de castanho escuro, estão presos em um coque no alto da cabeça, como estão desde o dia quando ela “fez essa enorme besteira”, de acordo com suas próprias palavras. Para mim, Madu

ficaria linda até mesmo careca. Mas a minha opinião não tem sido exatamente bem-vinda nos últimos dias, então ela apenas ignorou todas as tentativas de elogio.

Observo seu ombro nu, onde o robe escorregou um pouco além do esperado. A visão é surpreendentemente convidativa, embora igualmente inocente. Arrisco um ou dois passos à frente, atraído pela serenidade pairando ao redor dela.

No momento em que estou prestes a tocá-la, no entanto, Madu olha por cima do ombro, como se pressentindo a minha presença. Ela dá um pulinho de susto com os lábios ligeiramente separados e entendo no mesmo momento que está irada comigo. O motivo me escapa, porém não deixo de recuar, de qualquer maneira.

— Que droga, Felipe! Eu já falei pra você não vir de mansinho desse jeito!

— Eu não queria ter te assustado, eu...

— Mas assustou! — rosna, franzindo o cenho.

— Acordei sozinho e vim te procurar — completo a frase, embora ela já não esteja mais ouvindo.

— Não sei o que está acontecendo! Preciso corrigir cerca de quarenta provas, preparar as minhas aulas; tenho um milhão de coisas para fazer e não consigo pregar a merda dos olhos nem por um segundo! — suas palavras se atropelam umas nas outras. — Estou exausta!

Fisgo o lábio inferior, aproveitando que ela aparenta ter abaixado a guarda para me aproximar novamente. Tomo-a nos braços, buscando o seu rosto contra o meu peito. Ela aceita, aconchegando-se em mim.

— Por que não está conseguindo dormir?

— Pra começar, porque você não para de se mexer um segundo sequer! Parece que tem uma pulga andando em você, pelo amor de Deus! Depois que, em todo o espaço disponível naquela cama enorme, você sente a necessidade de ficar em cima de mim!

Não consigo segurar a risada e isso a enfurece ainda mais.

— Qual é a maldita graça?

— Desculpa, você fica linda irritadinha. Eu não tenho culpa se sinto a necessidade de estar perto de você a cada segundo do dia.

— Isso não é hora de brincadeira, Felipe! Você não me leva a sério, né?

Respiro fundo, assentindo com a cabeça. Estamos em uma daqueles momentos difíceis, cada vez mais recorrentes. Seguro o queixo dela, forçando-a a olhar nos meus olhos.

— Alguma outra queixa nesta pacata manhã de quinta-feira? — sussurro, com um sorriso no rosto.

— Nenhuma.

— Bom, eu só queria dizer que me usar como saco de pancadas não vai fazer eu me afastar. Pelo contrário... — digo, roçando os polegares nas suas bochechas mornas. — Vou ficar no seu pé até entender o que está acontecendo.

Madu morde o lábio inferior, fechando as pálpebras em seguida, como se estivesse contando até 10 mentalmente. Tentando se manter firme em não perder o controle. Como se o simples fato de eu estar aqui a irritasse profundamente. Eu só consigo me perguntar o que, de tão errado, andei fazendo ao longo desta semana para deixá-la tão brava comigo.

Quando as íris esverdeadas são reveladas novamente, percebo que a tensão a abandonou. Assim, em uma questão de segundos. Como se o espírito ruim tivesse tirado uma pausa para o almoço.

— Droga, estou agindo como uma idiota, não? — ela me pergunta, com o tom muito mais leve.

— Bom, no nosso casamento eu disse que aceitava o pacote completo, então não posso me queixar.

As palavras finalmente acarretam uma reação positiva sobre ela. Madu ri gostosamente e sua expressão suaviza a medida que os minutos avançam.

— Sinto muito. Eu realmente não entendo o que há de errado comigo! É como se eu tivesse chumbo nos ossos... estou morrendo de cansaço a maior parte do dia e quando deito a cabeça no travesseiro o sono simplesmente desaparece. Dai tem esses momentos de raiva extrema, nos quais eu quero te esganar!

— E ainda dizem que eu sou o bipolar! — brinco e recebo um tapinha no braço. — Você está sobrecarregada, é normal. Ainda não se habituou ao ritmo de dar aula... está estressada. Eu também já passei por isso.

— Até parece! — Madu me provoca, piscando para mim.

Desfiro um tapa contra sua bunda deliciosa, enterrando o rosto na curva do seu pescoço para sussurrar:

— Venha, vamos tomar um café antes que eu acabe te castigando por toda essa insolência!

Caminhamos de mãos dadas até a cozinha, onde me ocupo com a cafeteira expressa ao passo em que ela arrasta uma banqueta, sentando-se para me observar. Escolho o *blend* mais forte para ela e a cozinha é invadida pelo aroma característico do café, em seguida. Entrego-lhe a xícara fumegante e, logo depois de Madu bebericar o conteúdo da xícara, sua expressão muda drasticamente. Uno as sobrancelhas, vendo-a levar as mãos à boca, como se estivesse prestes a vomitar.

— Tá tudo bem?

— Não, o café me deixou enjo... — sua voz morre no ar, ao mesmo tempo em que os olhos ficam redondos como *burquinhas*.

— O que foi? — avanço em direção a ela.

— Ai, meu Deus, Felipe! Eu estou grávida!!

As palavras penetram os meus tímpanos me fazendo estacar no chão, como se os meus pés estivessem colados.

— V-você... você está...

— Grávida!

— C-como pode ter tanta certeza? — pergunto, atordoado demais para conseguir parar de balbuciar.

Madu larga a xícara, saltando para fora da banqueta a fim de percorrer a distância entre nós. Só então percebo o quanto estou trêmulo.

— Eu... não tenho. Só acho que faz... faz sentido, não? O cansaço, a irritabilidade, e... Céus, eu *estou* grávida! Você sabe o quanto eu gosto de café e hoje só o cheiro já me deixou de estômago embrulhado!

Abro e fecho a boca para falar, pelo menos quatro vezes, no entanto as palavras não saem. “O *quê?*”, é a única coisa se passando pela minha cabeça. Quero dizer, em um único segundo toda a perspectiva da minha vida está se alterando. Como isso é possível? Ainda há pouco ela estava irritada comigo na sacada e agora está dizendo...

— Mas como? Se-eus remédios...?

— Eu... — Madu hesita, mordendo o lábio inferior nervosamente. — Posso ter me esquecido de tomar em alguns dias... talvez mais do que era seguro...

— Minha nossa! — esfrego o rosto, caminhando de um lado para o outro. Minhas pernas parecem ter vida própria. Sem ao menos me dar conta, lágrimas começam a jorrar dos meus olhos enquanto eu luto para dar conta desta enorme profusão de pensamentos me bombardeando. — Precisamos te levar em um médico imediatamente. E depois avisar nossos pais. E precisamos começar a montar o qua...

— Fê! — ela me chama, com um sorriso no rosto. — Tá tudo bem. Fica calmo!

Forço as pernas a pararem e coloco as mãos na cintura. Encaro-a com a visão embaçada, tentando controlar a respiração entrecortada.

— Podemos fazer isso depois... só me diga, como está se sentindo? — ela volta a se aproximar, em passos lentos, como se esperasse que, a qualquer momento, eu pudesse sair correndo.

— Eu... você... — engasgo, sem conseguir reprimir as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Madu para na minha frente, pegando as minhas mãos com delicadeza e colocando-as sobre a própria barriga. — Um bebê?

— Nosso bebê!

Assinto com a cabeça, começando a reencontrar a lucidez.

— Um bebê, sim? — pergunto novamente, só para garantir ter ouvido direito.

Ela gargalha, deixando escapar uma lágrima.

— Isso mesmo! Um bebê!

— Tudo bem! Posso lidar com isso! Eles são... inofensivos. — Finjo um tom *blasé*, fazendo-a rir novamente. — Só me deixe ter certeza de que não estou enfartando primeiro!

Puxo-a para os meus braços e, ao abraçá-la, ergo-a do chão alguns centímetros. Enterro o rosto em seus cabelos, estupefato com a notícia. É como se vários neurônios tivessem queimado simultaneamente. A verdade é que estou me sentindo um garotinho assustado.

— Eu te amo! Eu... Minha nossa!

— Está feliz?

— Estou! Mas aterrorizado, ao mesmo tempo. Isso é normal?

— Acho que sim, porque eu também estou!

A risada de Maria Eduarda tem um efeito calmante sobre mim. Sorvo o perfume suave dos seus cabelos, apertando a força nos braços, incapaz de me desvencilhar dela.



9 MESES DEPOIS

Acordo com a luz nos olhos e, ao abri-los, encontro Madu com o celular na mão, olhando fixamente para o cronômetro. Não precisamos trocar nenhuma palavra sequer para eu entender o que está acontecendo.

— Contrações? — ouço-me perguntando.

— Já estão bem regulares... — ela responde com uma tranquilidade de dar inveja. — De seis em seis minutos.

Inclino o tronco para beijá-la antes de girar o corpo para fora da cama. Como se alguém tivesse apertado um botão, o meu coração começa batucar com violência contra a caixa torácica, em uma questão de segundos. Alcanço o relógio no criado mudo e descubro ser pouco mais de quatro horas da manhã. “*Vamos lá*”, penso comigo mesmo, ainda sem acreditar.

Ao longo destes nove meses passados em um piscar de olhos, eu experimentei as mais

diversas — e intensas — sensações. Na maior parte do tempo, a excitação predominava. Eu me pegava refletindo sobre o futuro próximo e percebia que nunca realmente me preparei para a paternidade. Deve ser porque, na minha cabeça, eu já havia me condicionado à solidão. Então, uma vez que Madu mudou completamente o rumo da minha vida, tudo o que eu passei a vivenciar com ela foi uma grande novidade. Principalmente sua gestação.

Não me orgulho em dizer, no entanto, que nem sempre estive completamente otimista. A perspectiva de ter um bebê nas nossas vidas me deixava aterrorizado em alguns momentos. Precisei dobrar as visitas à minha terapeuta até enfiar na cabeça que o fato de ter acontecido uma tragédia imensa no passado não significava que eu estaria fadado a sofrer eternamente.

O que, aliás, foi uma questão recorrente durante todo esse tempo. Apesar de me sentir abençoado, dentro de mim uma sementinha de pânico ia geminando com o passar dos dias, expandindo-se e dominando tudo o que encontrava pelo caminho. A dura verdade é que, depois da minha irmã, eu nunca mais toquei em um bebê. Sequer cheguei perto. Eu não podia me arriscar a... *estragar tudo* outra vez. Por isso a preocupação crescia cada vez mais. Como eu poderia confiar em mim mesmo se já havia falhado tanto com outro ser humano?

Apesar de eu ter tentado esconder os meus anseios de Madu para não preocupá-la, já deveria imaginar o quanto ela me conhece. Ela consegue decifrar os meus pensamentos com a mesma facilidade com a qual pode ler uma revista. Então, enquanto acompanhávamos todas as etapas de uma gravidez comum, ainda precisávamos lidar com a minha doença ameaçando se manifestar.

— Você será um ótimo pai! — ela me garantia, cada vez que me via sucumbir ao medo.

Tive algumas crises nestes meses, mas felizmente tanto tempo de medicamento me deixaram mais estabilizado — mesmo nos momentos de recaída. Além do mais, a terapia me ajudou a lidar com os sintomas do Transtorno Bipolar. Quando eu reconhecia que estava começando a me sentir mal, já sabia exatamente como reagir.

O fato de eu ter me casado com a mulher mais incrível do mundo inteiro também foi decisivo nesta caminhada de autodescobrimento. Madu esteve firme ao meu lado, embora ela precisasse carregar um fardo muito maior — como, por exemplo, lidar com o corpo mudando constantemente e enfrentar as preocupações contidas em ser uma mãe de primeira viagem. Acho que, no fim das contas, a maternidade chega para as mulheres muito antes do que a paternidade para nós.

Inclusive, foi dela a ideia de deixarmos para descobrir o sexo da criança apenas no nascimento. Segundo ela, o fato de não sabermos antes da hora seria uma ótima forma de evitar a pressão da família e fugir de um enxoval inteiro rosa ou inteiro azul; além de ser uma enorme surpresa e um momento único para nós dois. Apesar de a maioria dos nossos conhecidos terem

desaprovado, para mim, a proposta caiu como uma luva. Aproveitando a deixa, sugeri que não definíssemos nenhum nome antes de ver o rosto do nosso bebê. Só escolheríamos depois de conhecer a carinha... seria o nome que tivesse a ver com ele, ou ela.

— É por isso que eu te amo, sabia? — disse Madu, na ocasião. — Você me completa!



Enquanto ela arruma o que ainda falta na mala para levar ao hospital, ocupo-me em pegar as lembrancinhas e ligar para nossas famílias, avisando que nosso bebê está a caminho. Como hoje é sábado e Leonor não está aqui, envio uma mensagem no *WhatsApp* dela, não querendo acordá-la no meio da madrugada.

— Como está a dor? — pergunto para Madu, tão logo ela chega à sala.

Meus olhos percorrem a imensa barriga e não posso conter um sorriso. Ainda é um deleite sem tamanho vê-la assim, sobretudo levando em consideração o quanto ela curtiu cada momento.

— Está ficando mais forte e mais longa... os intervalos cada vez menores. — Ela me surpreende quando um sorriso radiante nasce em seu rosto, contagiando-me. — Ansioso para descobrir o sexo?

— Um pouco — confesso, pegando a mala para sairmos. — Mas, independente de qual for, sei que vou amar mais do que a mim mesmo! Você tem algum palpite?

— Sim, mas não vou contar antes!

— E como vou saber se você estava mesmo certa, ou apenas blefando?

— Não vai! — ela pisca, fazendo-me rir para logo depois sairmos.



As horas se arrastam de uma maneira odiosamente lenta. Andando de um lado para o outro, experimento toda a sorte de sensações contraditórias. Desde o medo à felicidade, passando pela excitação, o nervosismo e a impotência em presenciar Maria Eduarda passando dor e não poder fazer nada.

Meu pai tenta me tranquilizar, embora eu mal consiga prestar atenção no que diz. Cada vez que ela contorce o rosto, eu perco a força das pernas. Merda, se eu permanecer vivo até o final do parto já terá sido um lucro e tanto!

Mamãe, por sua vez, perambula tranquilamente pelo quarto com a filmadora, decidida a

registrar cada mísero segundo.

— Meu primeiro netinho, dá pra acreditar? — diz ela, para qualquer um disposto a ouvir.

Então, exatamente às onze da manhã, Madu é levada à sala de parto. Visto as estranhas roupas do hospital, coloco as camisinhas sobre os calçados, assim como a touca, e entro logo atrás dela, tremendo de uma maneira preocupante e já sentindo os olhos ficarem úmidos.



Meu coração congela no instante em que o som do choro penetra os meus tímpanos. Limpo as lágrimas do rosto com o ombro e aperto a mão de Madu com força, notando que ela está sorrindo para mim.

— Eu amo você! — sussurro.

— Eu também te amo!

A enfermeira entrega nosso filho nos braços de Madu, que a segura com confiança e eu sei que jamais esquecerei este momento. A maneira cheia de encanto com a qual ela está olhando para o minúsculo bebê seguro em suas mãos, as lágrimas escorrendo pelo rosto e o sorriso mais lindo do mundo, indo de orelha a orelha.

— É uma menininha! — sua voz falha de emoção. — Nossa filha, Fê! — e se inclina, para que eu a pegue.

Embora eu queira isso mais do que tudo, enrijeço no lugar, com um enorme nó na garganta. Percebendo a minha hesitação, Madu sussurra para mim:

— Nós confiamos em você!

Assinto com a cabeça, emudecido, e a tomo para mim, um pouco sem jeito. A primeira coisa que percebo é o calor emanando do corpinho minúsculo — tão pequeno que dá até medo de segurá-la no colo. Contemplo cada detalhe com calma... o narizinho arrebitado de Madu; os ralos cabelinhos loiros claríssimos desaparecendo contra a pele, ainda meio arroxeadada. Ela é linda! Mais que isso, ela é a perfeição!

Roço o polegar pela bochechinha macia como veludo sem me importar com o quanto estou soluçando. Porra, quem dá a mínima? Eu sou pai! Essa menininha nos meus braços é parte de mim! Essa experiência única, essa emoção jamais vivida... sinto como se eu estivesse sonhando! Agora sei o que, de fato, é o amor em sua mais pura essência.

Entregá-la para a enfermeira é uma tortura. Eu poderia passar o resto da existência observando esse rostinho. Porém ela me explica que há exames os quais precisam ser feitos e, por isso, será levada para a enfermaria por algum tempo.

Com o coração parecendo grande demais para caber dentro de mim, sento na beirada da cama onde Madu está deitada e visivelmente baqueada pelo cansaço.

— Como você está se sentindo? — pergunto, deixando um beijo no topo de cabeça dela.

— Como a pessoa mais sortuda do universo!

— Isso não é possível, já que eu, claramente, sou essa pessoa!

Ela repousa a mão sobre a minha, de maneira carinhosa.

— Pensei em um nome enquanto te vi segurando ela no colo...

— Ah, é?

— Sim — Madu entrelaça os dedos nos meus. — Amanda.

Meu coração perde uma batida. Busco seus olhos e a encontro com um sorriso genuíno no rosto. Sua expressão de cumplicidade me diz muito e, em um ímpeto de emoção, seguro seu rosto com as mãos, cobrindo-o com beijinhos. Nenhuma palavra que eu ousasse dizer neste momento poderia expressar a maneira como eu me sinto. Nem ao menos chegaria perto!

Amanda, um nome que, outrora, foi um dos principais motivos para a minha ruína, será, a partir de agora, a personificação de toda a felicidade jamais imaginada. Madu, com o seu amor incondicional, salvou a minha vida. Ela foi a única capaz de curar as profundas feridas do passado, com sua paciência e dedicação. Por isso eu devo muito a ela.

Eu devo tudo.

E compensarei, retribuindo ao longo de nossas vidas.

Lembrando-a diariamente o quanto é amada e o quanto sou grato por ter me dado o melhor presente que uma pessoa poderia conceder a alguém: uma família.

FIM



NOTAS DA AUTORA

Muitas pessoas me perguntaram a razão para o nome deste livro ser *O Acusado*. Desde que eu divulguei a capa, houve muita especulação a respeito de quem o título estava se referindo e por qual motivo.

De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra **acusar** apresenta as seguintes definições: **1-** *Imputar falha, culpa ou crime a alguém ou a si mesmo; culpar(-se), incriminar(-se).* **2-** *Apresentar-se como culpado; denunciar-se.* **3-** *Expressar um julgamento em relação a alguém ou a si mesmo; culpar(-se), censurar(-se).*

A palavra **culpa**, por sua vez, significa: *Responsabilidade por algo, condenável ou danoso, causado a outrem.*

Certa vez eu li que a culpa é a pior das dores, pois não existe perdão no mundo capaz de aliviá-la se nós mesmos não nos perdoarmos primeiro. E foi exatamente isso que eu quis abordar na série *Leis da Atração*.

Muito além de um romance intenso, essa é uma história sobre o quanto uma pessoa pode ser

sua própria inimiga e tentar, de todas as maneiras, se sabotar. Trata-se de uma longa caminhada de autoconhecimento e, principalmente, de conseguir perdoar a si mesmo pelos erros do passado.

Felipe possuía traumas enormes os quais, por força das circunstâncias, ele se responsabilizava. Não obstante, a situação era agravada pelo fato de ele ser portador do Transtorno Bipolar de Personalidade e permanecer sem os medicamentos.

De acordo com a Associação Brasileira de Transtorno Bipolar (ABTB), o distúrbio atinge cerca de 4% da população brasileira. Apesar disso, ainda existem muitas dúvidas e até mesmo prejulgamentos equivocados acerca do assunto.

Recebi muitos comentários no Wattpad questionando o motivo para a Madu continuar persistindo na relação quando o próprio Felipe não se esforçava ou então afirmando o quanto ele era dramático e difícil, entre outros comentários do tipo.

Assim como qualquer doença, o Transtorno Bipolar necessita de tratamento e, mais importante ainda, de respeito, carinho e paciência. Se a Madu tivesse simplesmente desistido de Felipe, talvez ele jamais conseguisse enxergar a própria condição e, desta forma, não teria procurado por ajuda.

Esse foi um dos principais motivos para eu ter decidido abordar o tema. Convivi por muitos anos com uma pessoa bipolar e sei o quanto o amor e a compreensão são necessários na vida de um enfermo. Talvez eles não sejam a cura por si só, mas ajudam muito na caminhada.

Espero, de alguma forma, ter tocado o coração de vocês e trazido um pouco mais de informação.

Com carinho,

Lola.



AGRADECIMENTOS

Walt Disney disse certa vez que *“se podemos sonhar, também podemos tornar nossos sonhos realidade”*. Jamais uma frase fez tanto sentido para mim.

Este tem sido um ano de incríveis descobertas e realizações, no entanto, eu jamais poderia ter chegado até aqui sozinha.

Em primeiro lugar, MUITO OBRIGADA. Sério, MUITO OBRIGADA MESMO, leitores queridos, por me acompanharem com tanto carinho! Se o Felipe e a Madu (#MaLipe) chegaram até aqui, foi graças ao incentivo de vocês. Como diria o Fê: é tudo por vocês!

Ao meu marido, Charles, muito obrigada por acreditar em mim e levar o meu trabalho tão a sério. Você é a minha maior inspiração!

Ruby Lace, minha irmã gêmea dada pela vida, muito obrigada pela cumplicidade, apoio e, sobretudo, a amizade. Obrigada por ouvir os meus surtos e por me aguentar manhã após manhã. O que seria de mim sem você?

Por fim, quero agradecer imensamente à Maria Rosa, que acreditou nessa história desde o

começo. Sem você eu não teria informações cruciais para o enredo deste livro. Obrigada por tudo!

Família, amigos, leitores... todos vocês são como peças de uma engrenagem que, aos poucos, vão se encaixando, fazendo tudo girar. Por isso, obrigada demais. Eu nunca conseguirei agradecer à altura.



SOBRE A AUTORA

Lola Salgado é o pseudônimo de uma autora paranaense de 23 anos que acredita fervorosamente no fato de o sushi ser, talvez, a melhor invenção da humanidade.

Gosta dos dias mais frescos, de café amargo e de histórias que mexem com os seus sentimentos. Está em relacionamento sério com os livros desde quando se considera gente e escreve desde os 10 anos de idade, porque alguém certa vez lhe disse ser assim que se fazia magia. Desde então, levou isso como lema de vida.

Seu livro de estreia, **O Advogado**, conquistou 1 milhão de leituras no Wattpad e figurou por mais de uma semana o primeiro lugar na lista de E-books Mais Vendidos da revista Veja, ficando entre os 10 mais vendidos da Amazon por um mês. A continuação, **O Acusado**, ganhou o prêmio internacional Wattys, no Wattpad, concorrendo com mais de 100 mil obras participantes.

Você pode acompanhar o trabalho dela pelo **Facebook** (<https://www.facebook.com/autorlolasalgado/>), ou **Wattpad** (<https://www.wattpad.com/user/LolaSalgado>).



Não se esqueça de deixar uma avaliação, ela é muito importante para mim!